UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA HUMANA

DIEGO ELIAS SANTANA DUARTE

Sarau do Binho VIVE!

Identidades alteradas e o sarau como processo de identificação periférica

(Versão corrigida)

SÃO PAULO
2016

DIEGO ELIAS SANTANA DUARTE

Sarau do Binho VIVE!

Identidades alteradas e o sarau como processo de identificação periférica

(Versão corrigida)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Geografia Humana do Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, como requisito para Obtenção do Título de Mestre em Geografia Humana.

Orientador: Francisco Capuano Scarlato

São Paulo

2016

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catalogação na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

D812s

Duarte, Diego Elias Santana
Sarau do Binho VIVE! Identidades alteradas e o sarau como processo de identificação periférica / Diego Elias Santana Duarte ; orientador Francisco Capuano Scarlato. - São Paulo, 2015.
237 f.

Dissertação (Mestrado)- Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Departamento de Geografia. Área de concentração: Geografia Humana.

1. Identidade Cultural . 2. Sarau do Binho . 3. Cultura Periférica. 4. Movimentos Culturais. 5. Territorialidade. I. Scarlato, Francisco Capuano, orient. II. Título.

DIEGO ELIAS SANTANA DUARTE

Sarau do Binho VIVE!

Identidades alteradas e o sarau como processo de identificação periférica

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Geografia Humana do Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, como requisito para Obtenção do Título de Mestre em Geografia Humana.

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof.º Dr. Francisco Capuano Scarlato (Orientador) Universidade de São Paulo

Julgamento:_____Assinatura: _____

Profª Drª. Amália Inês Geraiges Lemos Universidade de São Paulo

Julgamento:_____Assinatura: _____

Prof.º Dr. Nécio Turra Neto UNESP – Presidente Prudente

Julgamento:_____Assinatura: _____

APROVADO EM: _____

Ao meu filho Aruanã T. Duarte

Agradecimentos

Chegar ao término de um curso de Mestrado em Geografia é o privilégio no qual sou o primeiro dos meus familiares a conseguir, assim como o primeiro a estudar em universidade pública, a viajar pelo Brasil, a ir para o Paraguai, Bolívia e Argentina, sinto-me orgulhoso, todavia, sei que sendo negro, filho de nordestino, morador da periferia e que sempre tive que aproveitar as “brechas” dos órgãos públicos para extrair o melhor e ao fato de não deixar de sonhar.... sonhar que um mundo novo é possível, sonhar que devemos e podemos aprender a viver e conviver em sociedade, acreditar que é possível incluir na história a luta de nossos antepassados e dos guerreiros e guerreiras atuais.

Para que estas perspectivas fossem possíveis tenho que colocar os meus agradecimentos as pessoas que fizeram a diferença na minha vida.

A minha mãe, Doralice Santana Duarte, assassinada na rua de casa, deixou um filho forte, se não fosse ela vindo de carona da Bahia, em uma Kombi, eu não estaria aqui....

A Vó Nora e ao Vô Tonho que na sobrevivência das terras áridas e interioranas da Bahia, vendendo verdura na feira, ensinaram dignidade a família.

Ao Amor e carinho da minha “madrinha”, Tia Áurea que, mesmo longe, amolece meu coração.

Ao meu Pai, José Elias Duarte, forte e guerreiro, a quem devo tudo o que sei, a maneira de pensar, agir, compartilhar, compreender, a valorizar a terra, a natureza, o bairro, a família.

Ao Vô Geraldo, que aos 88 anos mostra que a vida deve ser vivida, aproveitada e sentida com saúde, a Vó Zilda com o seu jeito “minerinho”, me enche de amor.... e a ambos que nas serras de Inhapim (MG) guardaram o verdadeiro conhecimento de um povo.

A Carolina, minha companheira, guerreira, que me completa nos rumos “geográficos” da vida.

Ao meu filho Aruanã Teles Duarte, que ao primeiro olhar na maternidade, penetrou o meu coração e me faz querer um mundo melhor.

As minhas sobrinhas Mayara e Sofia, tão queridas...

A todos os meus familiares....

As ruas, becos, vielas e bares do Campo Limpo e do Capão Redondo que me fizeram ser quem sou...

Ao anfitrião Binho e a Suzi, Tio Binho e Mãe Suzi, que me acolheram tão carinhosamente nesses três anos, as conversas, a solidariedade, a paciência, as “refeições”, as viagens, os livros... as minhas verdadeiras aulas.

A toda família Padial, a todos (as) do Sarau do Binho, a verdadeira escola e especialmente a Tula Pilar, mãe guerreira, ao Pedro Lucas um crescente artista, ao Luan Luando, linha de frente, ao nas “nuvens” Marquinhos, Guinão Oliveria, artista-professor, Martinha Soares, querida, Naloana Lima, compreensiva, Geraldo Magela, o guardião de tradições, a Dêssa, por seu jeito simples e a todos que ao concederem seus depoimentos, formal e informalmente, possibilitaram os caminhos dessa pesquisa.

Ao CNPQ, pela concessão da bolsa, pois sem a mesma, não seria possível a “sustância” final deste trabalho e as viagens durante a pesquisa.

Ao Francisco Capuano Scarlato, o “CHICO”, onde em todas as oportunidades nas quais estivemos presentes, passou sua sabedoria.

A meus alunos, fonte de inspiração constante, ao me fazerem acreditar que é possível construir conhecimento no ensino fundamental e médio.

As pessoas que tanto me auxiliaram neste processo, Dora Nascimento e Rogério Gonzaga, pelas informações, Mara Esteves, pela “camaradagem”, Olga Paz pelos auxílios cartográficos, Bia Figueiredo, pelas força nas transcrições, Eduardo Quarenta, Melmoara, Luís Rodrigues, Edilene e o guerreiro Akin, pelos encontros.

A Dona Eda e comunidade CIEJA Campo Limpo, lugar de aprendizado na construção de uma escola a frente de nosso tempo.

Ao pessoal do Centro Esportivo de Capoeira Angola – João Pequeno de Pastinha, da linhagem do Mestre Pé de Chumbo, que entenderam minha ausência.

Mil perdões para aqueles que não citei, mas que saibam que os considero muito.

E a todos aqueles que lutam no espaço urbano periférico cotidianamente para condições melhores em nossa “QUEBRADA”.

O dia que conheci a zona sul

Quando a vi pela primeira vez
Quase não pude abrir os olhos
Enxergava vultos a minha frente
Sentia um cheiro de terra natal
Algo que ia crescendo com os centímetros por segundo
Fui aproximando das suas entranhas
Quentes úmidas, passando pelas ancas baianas
Escorregando pelas serras mineiras
de terra sofrida, com tantas luas cheias
Fui desbravando o conforto aconchego
Ia batendo o desespero
Carregado de choro e medo
Ia ser levado a um sossego
Passando a ponte, ouvi meus primeiros barulhos,
cheiros e cores
de gente, o suor do trabalho que causa tanto cansaço
estreei as suas ruas de fusquinha 1967
com sorrisos familiares
repleto pelos ares
rasguei o morro do S
e presenciei...
Rosanas, Macedônias, Campos Limpos de campos redondos
para cair nos parcos traços da Eledy
ainda em ruas de terra
para uma nova era presenciar...
a tomada periférica!!!
(o dia do meu nascimento...)
Diego Elias

Peço licença
ao Deus supremo,
a todas as entidades,
e povos de Aruanda,
que regeram,
regem e regerão meus caminhos....

“Uma andorinha só não faz verão,
mas pode acordar o bando todo!”
(Binho)

Resumo

Este projeto pretende analisar os impactos socioespaciais do movimento da cultura periférica no distrito de Campo Limpo e Capão Redondo no município de São Paulo, através de iniciativas do Sarau do Binho. O Sarau do Binho é um movimento cultural desenvolvido na região desde 1993 de forma dispersa, mas, em 2004 passou a ser sistematizado, com a prática do sarau semanalmente. Também será analisado o fortalecimento da discussão de cultura periférica como forma de reconhecimento e pertencimento territorial. Em 2012 passa a ser praticado em especial no Espaço Clariô de Teatro, todavia ser itinerante pela cidade. Serão proposta análises nas relações cotidianas de grupos e pessoas que fazem parte e acompanham o Sarau do Binho. Considerando-se tal panorama, propomos interpretar a realidade e singularidades do movimento cultural, impactando diretamente na constituição e ressignificação da territorialidade dos frequentadores por meio dos conceitos de segregação socioespacial, territorialidade, lugar e do cotidiano, auxiliados por entrevista sob a ótica da pesquisa participante.

Palavras-chave: cultura periférica, saraus, sarau do binho, territorialidade, geografia.

ABSTRACT

This project aims to analyze OS socio-spatial impacts of the Peripheral Culture Movement no Campo Limpo district and Capão Redondo any city of São Paulo, through initiatives that Sarau the Binho. The Sarau the Binho and a cultural movement developed in the region since 1993 in a dispersed form, but in 2004 passed a systematized be with a soiree From Practice weekly. It will also analyze the strengthening DISCUSSION Peripheral culture As a way of recognition and territorial belonging. In 2012 it passes to be practiced especially in the Theatre Space Clario nevertheless be traveling by the City. Proposal will be analyzes NAS everyday relations groups and people who are part and follow the Sarau the Binho. Considering panorama such, we propose to play a Reality and singularities of cultural movement, impacting directly on the Constitution and redefinition of territoriality of the regulars through the socio-spatial segregation Concepts, territoriality, place and do everyday, aided by interview sobbing the perspective of participant Search.

Keywords: Peripherical culture movement, Sarau (cultural gathering), territoriality and geography.

Lista de abreviaturas

BBinho: Bar do Binho.
CITA: Cantinho Integrado de Todas as artes.
CL: Campo Limpo.
Cooperifa: Cooperativa Cultural da Periferia
DRE: Diretoria Regional de Educação.
Enem: Exame Nacional do Ensino Médio.
Fatec: Faculdade de Tecnologia de São Paulo
Felizs: Feira Literária da Zona Sul.
ProAc: Progama de Ação Cultural.
PT: Partido dos Trabalhadores.
Sisu: Sistema de Seleção Unificada.
UNIFESP: Universidade Federal de São Paulo.
USP: Universidade de São Paulo.
VAI: Programa de Valorização as Iniciativas Culturais.

Sumário

Introdução 16
Lembranças: parte um 16
Lembranças: parte dois 18
Lembranças: parte três 19
Lembranças: parte quatro 20
Explicações 22

Capítulo 01. "Caminhos Acadêmicos" 25

Capítulo 02. Do movimento dos saraus ao Sarau do Binho 52
2.1 Sarau do Binho 69
2.1.1 1ª fase - As portas se abrindo…..... 71
2.1.2 2ª fase - O "BBinho… Donde miras?..... 82
2.1.3 3ª fase - O Sarau do Binho VIVE! A itinerância da palavra..... 117
2.1.3.1. A Viagem do Sábado 121
2.1.3.2. A função política da leitura 127
2.1.3.3. A força das águas..... 142
2.1.3.4 A brincadeira da palavra... "Brechoteca" – livros, histórias e brincadeiras como ..construção popular. 149
2.1.3.5 Plantando e colhendo ideais - A disseminação de ideias através de palestras, eventos e projetos..... 157

Capítulo 03. Tecendo fios: desdobramentos em rede..... 172
3.1. Palavras periféricas em "suelo argentino"..... 172
3.2 Rede de apoio: Grupo Clariô de Teatro 193
3.3. Rede de apoio: Candearte 196
3.4 Rede de apoio: CITA 199

Capítulo 04. Territorialidades alteradas pela palavra, vivências e experiências vivas do sarau..... 202
4.1. Luan Luando... "o Bestseller da periferia"..... 203
4.2. Marquinhos "o performático"..... 208
4.3. Tula Pilar... "eu sou Carolina, Carolina Maria de Jesus 212
4.4 Pedro Lucas... "eu conheço ele!"..... 217

Capítulo 05. A arte do encontro na festa da palavra: para além dos saraus..... 222

Referências 230

Introdução

Lembranças: parte um

Era noite, pessoas cansadas do trabalho, clima de paquera, fones no ouvido, conversas jogadas fora, baralhos escondidos... O tempo era de inverno, meio garoa, a sensação de frio aumentava, devido às situações do prédio, tijolos, cimento queimado, muito espaço para circulação do vento, a quantidade de pessoas não intimidava suas rajadas... Mais um dia... Na entrada, aglomeração, carros, motos, bicicletas, homens, mulheres, ou melhor, meninos-homens, meninas-mulheres... futuros, passados, todos juntos, agasalhados, toucas, luvas, muitas vezes com duas calças para aguentar até o final do dia, que para uns começava cedo devido ao trabalho, para outros com esperança para mudar de vida e ainda para aqueles que simplesmente vagavam pelo presente.

O objetivo do encontro também dependia das opções, ou imposições que motivaram o início do dia, mudança de vida, ganhar dinheiro, melhorar de emprego... simplesmente ter para onde ir, conhecer pessoas, cumprir funções, ir pela vontade da família... (nunca entendi muito bem... como há variação de opiniões sobre esse assunto, mas enfim).

Fico entretido com o barulho do escapamento de um diplomata branco, quatro portas, sonho de consumo da minha maioridade... Mais alguns passos e reparo que o carro parou para estacionar e desceram cinco homens. Olho para o lado e fico preocupado, será que mais uma vez alguém cometeu o crime de mexer com a namorada alheia, ou desrespeitou outra regra das leis de conduta? Não fico esperando para ver e tento sair rápido dali.

Trago na lembrança o ano de 2001, barulho de ferro sendo arrastado pelo chão, cadeiras, agitação, correria... Todo mundo com cadeira na mão... Será briga, confusão, ou simplesmente haverá mudança na rotina monótona? Espero o barulho e a gritaria, mas eles não vêm, saio do meu lugar, olho para as pessoas ao meu redor, eles retribuem o olhar... e o que percebo é o movimento orquestrado de todos do prédio levando cadeiras para o pátio, mesmo com esse barulho considerável, além de alguns gritos, percebo que as ordens são repetidas inúmeras vezes de maneira enfática para arrumarmos as

cadeiras em fileiras, sentarmos e aguardamos as recomendações seguintes... Fico imaginando como uma quantidade considerável de pessoas juntas, de idade parecida, desperta curiosidade em quem olha...

Depois da redução do barulho, percebo que as cadeiras estavam voltadas para um palco improvisado, com cinco elementos sentados, mal-encarados, de boné, calças big[1], "jacos"[2] chegando ao joelho, eram eles... o pessoal do diplomata... todos observando a multidão se ajeitando de maneira minuciosa... Um homem de aproximadamente 40 anos, com roupa social, barbudo, de óculos, coloca as mãos para trás, passa o olhar vagarosamente por todos os cantos e rostos do lugar, o barulho foi diminuindo constantemente, as pessoas foram se olhando curiosas... até que ele profere as seguintes palavras: a Escola Estadual Comendador Miguel Maluhy tem o prazer de apresentar o Escritor Ferréz, autor do livro "Capão Pecado", relato verídico das mazelas da população pobre do Capão Redondo, uma salva de palmas.

A escola fica localizada na Estrada do Campo Limpo, próximo ao, hoje, piscinão da Sharp, e ao largo do Município do Taboão da Serra. Naquela época, atendia alunos do Jd. Rebouças, Jd. Umarizal, Jd. das Palmas, assim como de diversas comunidades da região do Campo Limpo, devido à sua posição estratégica em relação à volta do trabalho dessa população.

Essa palestra fez parte das aulas de história do Professor Walter e do Professor Rubens, de Geografia, através da qual mostraram aos seus alunos o primeiro exemplar da Edição especial "Literatura Marginal", da Revista Caros Amigos, assim como dessa recente vertente da literatura preocupada em demonstrar o cotidiano da população residente na periferia a partir de relatos de moradores desses locais.

Nesse dia, Ferréz explicou o contexto de seu romance, seus amigos e personagens vivos dessa história, os moradores e vizinhos do Capão Redondo e a sua empreitada em divulgar de escola em escola sua caminhada como trabalhador, poeta e o seu projeto como escritor, já que nas livrarias seus escritos não tinham função e não eram vendidos.

---

[1] Calças largas bastante utilizadas pelos adeptos do movimento hip-hop.
[2] Blusas longas e grossas.

Lembranças: parte dois

Em meio às placas de “Compra-se Ouro”, empregos e outras ofertas do centro de São Paulo, os pensamentos são levados a uma cidade de outrora, de boemia, pensamentos que tentavam remontar o largo de São Bento e todas as pessoas que percorriam as cidades do centro durante o dia, voltando às suas residências distantes à noite, ideias que buscavam a compreensão de uma época, de outras, ou até mesmo da minha... Realmente, ficar desempregado alimenta a imaginação de qualquer pessoa, mesmo daquelas sem muitas opções.

A música “A Vida é Desafio[3]”, dos Racionais MC’s, e as minhas incansáveis tentativas de reproduzi-la com imagens cotidianas, as injustiças, relatos verídicos, força de vontade mesmo que aos 19 anos, sem muitos planos, principalmente após no ano anterior ter “rachado” de estudar em vão para o vestibular da USP.

Comecei a vagar lembrando-me dos tempos em que pegava a bicicleta e me aventurava pelas margens do rio Pirajuçara, divisa entre a cidade de Taboão da Serra e São Paulo, por seus caminhos sinuosos, pelas favelas ao redor, casas de amigos, colegas, parentes, tudo para tentar achar um objetivo para voltar a estudar e tentar passar em alguma universidade pública.

Com esse objetivo, passei a frequentar assiduamente uma das únicas bibliotecas públicas perto de casa, a Helena Silveira. A Praça do Campo Limpo, onde a biblioteca fica, foi meu destino durante um tempo. Jornais, revistas, dicas de teatro, olhava as prateleiras, pegava livros comentados por colegas e professores, e em uma dessas olhadas fui à sessão de revistas e passei, em minha jornada diária, a ler a “Caros Amigos” (por algum ato benevolente, ou projeto da editora, a biblioteca tinha em seu acervo sempre o exemplar do mês e dos meses anteriores) e, quando percebi a edição especial da “Literatura Marginal”, observei a capa diferente, com um livro aberto no chão de madeira, em cima a palavra “literatura” riscada no assoalho e embaixo “marginal” em formato de recorte de jornal, dentro uma série de grafites, contos sobre a

[3] Cd. “Nada como um dia após o outro dia” (2002) – Unimar Music.

favela, a realidade vivenciada pela comunidade periférica, principalmente da zona sul paulista; quem assinava a edição como organizador era o Ferréz, lembrei da palestra e do conteúdo comentado pelo autor... Fiquei pensando como aquela forma de escrita chamava atenção, como era interessante o meio de denúncia, o envolvimento daquelas pessoas com a cultura periférica e como o meu dia a dia, assim como das pessoas que conhecia, estavam representados naquela visão de mundo.

Lembranças: parte três

Já na universidade, fazendo o curso de Geografia no campus Presidente Prudente, em 2004, ainda contente com o fato de estar em uma instituição pública, tendo em vista a pouca quantidade de colegas e o fato de nenhum familiar conseguir essa façanha, me envolvi profundamente em defesa da qualidade da universidade nas manifestações por contratação de professores e melhoria na estrutura do campus, já que o mesmo passava a ter a quantidade de cursos dobrada sem as devidas mudanças no prédio, contratação de professores e verbas disponibilizadas para essa empreitada.

Conheci o Núcleo Negro de Pesquisa e Extensão da UNESP (NUPE), presente efetivamente em três campus da referida universidade, o núcleo auxiliava os estudantes em pesquisas relacionadas à temática étnico-racial, assim como com o auxílio de bolsas para extensão; neste intuito, participei do trabalho de extensão intitulado “De jovens para jovens afro-brasileiros”, nos anos de 2006 e 2007, na Universidade Estadual Paulista, campus de Presidente Prudente[4], momento no qual tive a oportunidade de contato com a periferia de uma cidade média e de relacioná-la com o cotidiano da periferia paulistana e os questionamentos que embasaram o surgimento da pesquisa atual.

[4] O resultado do projeto citado foi apresentado em congresso pelo autor desta pesquisa, sob o título “A questão racial e a inserção do aluno negro no ensino superior”, no **V Congresso de pesquisadores(as) negros(as) (COPENE).** Pensamento negro e antirracismo: Diferenciações e percursos 2008. O trabalho de extensão consistia no estabelecimento de cooperação acadêmica entre alunos negros da graduação e alunos negros do ensino médio de uma escola pública situada em uma região carente, atendida precariamente pelos diversos serviços públicos no Município de Presidente Prudente.

Lembranças: parte quatro

Entrei na sala correndo, escrevi na lousa, saí para beber água, a escola continuava a mesma da primeira quermesse de minha vida (fui escondido...), isso em 1997, portas, piso, inclusive as pessoas responsáveis, as diferenças estavam nas suas cores. Os alunos ficaram me olhando, professor alto, de dreadlocks, chamava a atenção. Passei pelo pátio, fui beber água, mesmo com o meu pai muito doente devido a um câncer de pulmão, estava contente, cumpria um dos meus sonhos dos últimos quatro anos: lecionar em uma escola próxima de casa, para filhos de colegas, vizinhos, parentes, conhecidos. Nessa escola, minha tia e meu pai tinham acabado de terminar os estudos na modalidade da educação de jovens e adultos (EJA), ambos contentes, pois voltaram a estudar depois de quarenta e poucos anos longe dos cadernos.

A cada palavra proferida, conceito exposto, para crianças e adolescentes no ensino fundamental II e no ensino médio, assim como adultos na educação de jovens e adultos, a partir da realidade próxima, envolver aqueles que prestavam atenção nas músicas, nos exemplos, nas gírias, até nas parábolas bíblicas utilizadas de maneira engraçada para que todos pudessem perceber o quanto sabiam, o quanto suas vivências, experiências e valores eram importantes para a sociedade.

Desde 2008, na Escola Estadual Hugo Lacorte Vitale, situada na divisa dos bairros Jd. Maria Sampaio e Jd. Mitsutani, minhas aulas de geografia eram pautadas em movimentos sociais, manipulação midiática, realidade social, quilombo dos palmares, cangaço, literatura, músicas, teatros, filmes e documentários e fizeram parte das diversas tentativas de aperfeiçoamento metodológico de ensino, até na recuperação tentava fazer com que os alunos não realizassem repetições do conteúdo, buscava trabalhos alternativos, pesquisas sobre a vida e a importância do Bob Marley, Martin Luther King, Malcon X, Ghandi, ou informações sobre movimentos sociais como o MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra), monografias simples sobre o bairro e o córrego Pirajuçara, ou mesmo diversos eventos de final de semana.

Com a turbulência de aulas como distração, passei a frequentar algumas vezes (depois de ministrar aulas a noite tornou-se raridade) o sarau do Binho[5] e o Sarau da Cooperifa, aquele em 2006 e este a partir de 2009, fazendo desses espaços momentos de aprendizagem, "como" uma escola.

A cada apresentação, ficava boquiaberto com a qualidade de síntese e arte nas músicas, poemas, ou mesmo das ideias como a "Expedición Donde Miras: caminhada cultural pela América Latina", quando anunciada no palco, em 2009, no Sarau do Binho, demonstrou como as pessoas estavam investindo na cultura periférica, mas nunca imaginei acompanhá-los ou mesmo tentar me aproximar dos poetas, sempre fui tímido, era de pegar a cerveja e ficar na mesa no fundo do bar, ou do lado de fora, prestigiando as apresentações. A cada projeto, a cada fotografia, ou notícia, ficava acompanhando de longe, principalmente pela minha raridade nos saraus, devido ao trabalho. Como o ambiente de sarau proporcionava aprendizado coletivo a professores, pedreiros, mecânicos, pintores, motorista, domésticas, secretárias, universitários, todos aprendiam e entendiam as mensagens, não importando o grau de complexidade da informação.

Nesse intuito, de transformar a realidade vivenciada na periferia como conteúdo de aulas, no ano de 2010, conjuntamente com a Professora Solânea, de Sociologia, organizei um evento no mês de novembro intitulado "Mostra Cultural: Minha Comunidade Minha Vida", em parceria com a União Popular de Mulheres do Campo Limpo e Adjacências, solicitando aos alunos do ensino médio pesquisas sobre a história do bairro, movimentos sociais na zona sul, grandes obras (como o rodoanel), história das escolas, entrevistas com pessoas antigas no local, informações sobre a "1dasul[6]" e entrevista com um dos seus idealizadores, saraus, poemas de poetas periféricos, aliados com informações do continente africano com a mesma perspectiva, desde poemas, curiosidades e informações não transmitidas pela mídia brasileira, com o

[5] A primeira vez que fui no Sarau do Binho foi em 2006, a convite do Rafael Pereira, colega de escola e que na época estava cursando Filosofia na USP, frequentei algumas vezes em 2006 e 2007, mas em 2008 a partir do término da faculdade, quando aumentei o número de visitas.

[6] ***"A "1DASUL" foi fundada em 1º de Abril de 1999 e tem como ideia ser uma marca voltada para a periferia, sendo desenvolvida por talentos urbanos, criando assim uma identidade autêntica com essas partes da cidade",*** **agrega selo de gravadora, editora, roupas, bonés dentre outros produtos com o intuito de ser confeccionada na periferia, por moradores do bairro e ser vendida também na periferia.** ***Consultado in:*** Consultado em http://ferrez.blogspot.com/2005/06/o-que-1dasul.html. Acesso 20/01/2014.

objetivo de unir o resultado em uma exposição “Do Campo Limpo ao Continente Africano”, somando as apresentações musicais com bandas dos alunos, oficinas de Break, exposição e troca de ideias sobre economia solidária ao longo do dia.

Dentro da programação, havíamos convidado o Binho como um dos palestrantes, para demonstração do crescimento do fenômeno dos saraus na periferia, já que o Sarau do Binho tornara-se referência nas redondezas do distrito do Campo Limpo. Como ele era uma pessoa muito ocupada, não pensávamos que apareceria, mas, para nossa surpresa, Robinson Padial, o Binho, não somente apareceu, mas, depois de provar a feijoada oferecida no dia, passou um documentário sobre o seu sarau, explicou a dinâmica, detalhes sobre a simplicidade dos poetas e o poder da literatura, conquistando a todos os presentes com o seu linguajar simples, sua humildade e sua poesia sobre a região.

Nesse dia, entendi que a proposta do sarau era diferente, principalmente no Sarau do Binho, ela não é somente poesia contemplativa, mas uma literatura engajada, preocupada com a disseminação da história não contada, não escrita, não registrada nos livros oficiais, de extrema importância, pois a mesma compreende a história próxima, a nossa história, sofrida, suada, trabalhada, chorada, parida nos sofrimentos, nas vertente e encostas da periferia paulistana.

Explicações

Baseamos esta certa plasticidade da escrita na introdução, no fato de acreditarmos que relatos são formas de apreender os meandros do discurso e nos aproximarmos das pessoas pesquisadas, identificando um passado comum, permitindo a troca de experiências e a tentativa de demonstrar empiricamente uma das facetas do conteúdo abordado neste trabalho, a cultura periférica, o Sarau do Binho e suas implicações.

O caminho de explicitar a maneira de escrita, com o vocabulário informal, na maioria das vezes, em formato de relatos de pessoas da periferia, expondo os meandros e “lombadas” vivenciados no dia a dia, fazendo com que

o leitor crie involuntariamente um cenário imaginativo do ambiente exposto, é extremamente relevante para demonstrar a composição de uma série de crônicas, saraus, poemas e peças de teatro produzidos nos últimos anos, nas periferias da cidade de São Paulo e em outras capitais brasileiras.

Tais aspectos somados ao questionamento da formação da subjetividade, tanto do bairro onde mora quanto da perspectiva da cidade a partir de seu cotidiano, nos fizeram escolher o “Sarau do Binho”, desde a fundação do primeiro bar, em 1993, até o ano de 2015, quando ele completou 22 anos de atuação, sua história, seus projetos e suas ações, assim como de seus participantes e frequentadores, como forma de compreensão em qual seria o papel do sarau e da cultura periférica e seus respectivos impactos nas populações atingidas.

Neste trabalho, a preocupação é demonstrar o processo de enriquecimento e valorização cultural dos saraus, assim como do seu papel de disseminador da recente intitulada cultura da periferia e seu impacto nos frequentadores e participantes, em especial da zona sul de São Paulo.

Para tal, no primeiro capítulo fizemos um resgate teórico-metodológico, envolvendo as principais referências da geografia sobre a cidade de São Paulo, o crescimento da zona sul, os conceitos de segregação, lugar, territorialidade, cultura, literatura periférica e cultura periférica. No segundo capítulo, contextualizamos a trajetória dos saraus em São Paulo, o surgimento, projetos e atuações do Sarau do Binho, assim como suas repercussões em outros movimentos culturais no distrito de Campo Limpo postas no capítulo três. No capítulo quatro, propomos, a partir do Sarau do Binho, a análise da história de vida de alguns participantes considerados pelos frequentadores do sarau, dos seus projetos, assim como do próprio Binho, relevantes em todas as suas fases. Por fim, colocamos no capítulo cinco considerações que conectam o movimento de sarau no geral, e em específico o Sarau do Binho, como preponderantes na luta pela cultura periférica e no auxílio dos movimentos sociais.

Tendo em vista o objetivo deste estudo, bem como a concepção de prática metodológica, constituímos nossa metodologia a partir de revisão bibliográfica; levantamento de dados e mapas; observação e visitas ao espaço

de convivência do movimento; entrevistas informais e formais junto aos participantes.

Para fazer a análise destes processos, ou melhor, momentos, averiguamos tanto a atuação quanto a participação dos frequentadores, em cada fase fiz entrevista com participantes que foram ligados temporariamente de forma incisiva ao sarau, ou mesmo de outros movimentos/saraus mas que participam do Sarau do Binho, entrevistas com o idealizador, Binho, a observação participante em diversas atuações do movimento, tanto ligadas ao sarau quanto a distribuição de livros ou a participação em palestras, com o objetivo de apreender as alterações das concepções territoriais dos participantes, antes e após o contato com o movimento, as suas inserções nos conteúdos culturais periféricos e urbanos, para no fim identificar as potencialidades do sarau como um agregador tanto de movimentos culturais urbanos, quanto um catalisador de movimentos sociais periféricos.

Como nota explicativa, adentramos o curso de pós-graduação em geografia com o projeto “**Novas territorialidades: o impacto da ‘1dasul’ na constituição de identidades”,** optamos por mudar o curso da pesquisa por compreender a riqueza na análise geográfica em um objeto de pesquisa inovador, não estudado profundamente por nenhum campo científico, além de sua riqueza na atuação em toda a região sul paulistana que possibilitasse identificar as diversas faces da efervescente cena cultural periférica dos últimos anos.

Capítulo 01- “Caminhos acadêmicos”

Nas últimas décadas, o ambiente urbano foi e é foco de discussões sobre os problemas sociais de moradia, enchentes, segregação, dentre outros, vivenciados pelos desprivilegiados, sejam eles imigrantes, migrantes, negros ou nordestinos, tornando-se objeto de estudos de várias ramificações das ciências humanas, ora pela arquitetura e a sociologia, ora pela antropologia e geografia.

Concordamos com Souza (2003, p. 28), quando salienta o papel da cidade afirmando que esta:

> Não é apenas um local em que se produzem bens e onde esses bens são comercializados e consumidos, e onde pessoas trabalham, uma cidade é um local onde pessoas se organizam e interagem com base em interesses e valores os mais diversos, formando grupos de afinidade e de interesse, menos ou mais bem definidos territorialmente com base na identificação entre certos recursos cobiçados e o espaço, ou na base de identidades territoriais que os indivíduos buscam manter e preservar.

A cidade de São Paulo destaca-se pelo emaranhado de conflitos sociais, econômicos, territoriais e o seu adensamento populacional, simultaneamente mostra sua força e fragilidade sendo a maior cidade da América do Sul e uma das maiores do mundo, no contexto internacional e nacional, consolida-se como polo industrial e de negócios, atraindo investimentos e pessoas dos mais variados lugares do globo.

A partir do final do século XIX, com a expansão da economia cafeeira devido à famosa “terra roxa”, e consequente formação de uma classe alta emergente e com os lucros oriundos da cafeicultura, passou-se ao investimento em infraestrutura urbana e logo na atração de migrantes.

São Paulo, uma cidade antes relevante para o descanso das tropas, com destinos para o sul, ou para o norte do país, destacou-se no cenário nacional pela comercialização e exportação do café, além de um acentuado crescimento populacional.

Dentro desta série de acontecimentos, o cotidiano na cidade passa a ficar mais complexo e o crescimento populacional, acelerado com a falta de estrutura, proporciona um dos marcos da cidade: a segregação.

Sobre a cidade no final do século XIX e início do XX, Rolnik (2003, p. 28) destaca:

> A explosão demográfica do período, fruto principalmente da imigração estrangeira, por si só não explica a transformação da cidade: mais do que crescer e aumentar a complexidade de sua administração, São Paulo se redefiniu territorialmente. A emergência da segregação como elemento estruturador da cidade foi uma das principais mudanças que ocorreram no período. A partir daí, a segregação urbana seria determinante para a fixação de valores no mercado imobiliário e para a expressão político da disputa do espaço pelos grupos sociais.

Para a compreensão da complexidade da segregação urbana e suas origens, Caldeira (2000) destaca três padrões de segregação espacial na cidade, sendo que o primeiro, “do final do século XIX até os anos 1940 produziu uma cidade concentrada em que os diferentes grupos sociais se comprimiam numa área urbana pequena e estavam segregados por tipos de moradia”. Os ricos em casas unifamiliares, enquanto os pobres, principalmente os negros, em cortiços, em casas com vários cômodos alugados a diversas famílias (CALDEIRA, 2000, p. 211). Devido à impossibilidade de deslocamento para áreas distantes de forma rápida, os barões de café, ex-escravizados e trabalhadores de rua andavam lado a lado e moravam perto uns dos outros.

O segundo padrão compreende os anos de 1940 até 1980, caracterizados pelo binômio centro-periferia, no qual os grupos sociais estavam separados por grandes distâncias, ricos ficando nos bairros centrais com boa infraestrutura e a periferia delegada aos pobres.

Um dos motivos balizadores que resultou nessa fase foi o plano de avenidas, elaborado por Francisco Prestes Maia e Ulhoa Cintra, nas décadas de 1920 e 1930, em que grandes avenidas foram construídas a partir do centro e definiram a estrutura das principais vias da cidade para décadas posteriores, favorecendo a especulação imobiliária, aumentando o preço das terras, originando um movimento cíclico de expulsão dos pobres do centro, levando-os às terras acessíveis economicamente, ou seja, na periferia, onde não havia

infraestrutura, somente algumas linhas de ônibus que possibilitavam o transporte dos trabalhadores ao centro.

O terceiro padrão consolidou-se após os anos 1980, com uma configuração sobreposta aos demais, grandes espaços privados fechados, circunvizinhos de bolsões de miséria, "separados por muros e tecnologias de segurança, e tendem a não circular ou interagir em áreas comuns" (CALDEIRA, 2000 p. 211). Aqueles espaços, denominados "enclaves fortificados", serviam de lazer e trabalho, justificando-se através do discurso do medo e da segurança.

Todos esses elementos acrescidos da forte atração migratória e do crescimento populacional acelerado resultaram na constituição e crescimento das famosas "habitações coletivas", fazendo com que o centro passasse a fazer parte de um processo de valorização territorial crescente. Por isso, os desejos dos privilegiados economicamente foram direcionados pelos especuladores imobiliários a voltarem-se para as transformações necessárias que agregassem valor e exclusividade ao perímetro central, dentre os quais: o alargamento das principais vias e asfaltamento acompanhado da "expulsão" da pobreza do centro, instituindo uma separação espacial entre ricos e pobres.

No início do século XX foi à referência legal contra os cortiços, contida nos "Planos de Melhoramentos da Capital[7]", proibindo sua construção na capital a não ser que se cumprissem determinadas medidas estabelecidas pelo poder público. Tais fatos contribuíram para a proibição genérica dos pobres no centro da cidade e para a formação de uma "*nova imagem pública para a cidade, aquela de um cenário limpo e ordenado que correspondia à respeitabilidade burguesa com a qual a elite do café se identificava*" (ROLNIK, 2003, p. 35).

[7] "As primeira referências legais ao cortiço apareceram em 1886, no Código de Posturas do Município, o de São Paulo de 6 de outubro, e o outro no Padrão Municipal de 11 de Agosto... Já no Padrão Municipal os cortiços inauguraram um capítulo à parte,intitulado 'Cortiços, casas de operários e cubículos" (ROLNIK, 2003 p. 35). Neste último, os cortiços foram abolidos da região Central.

Para exemplificar esses tipos de formulações, Caldeira (2000, p. 214) salienta:

> Numa cidade concentrada como era São Paulo que havia crescido e mudado rapidamente, as preocupações com a discriminação, classificação e controle da população eram intensas no começo do século. Como também foi típico nas cidades Européias no início da industrialização essas preocupações eram frequentemente expressas em termos de saúde e higiene sempre associadas à moralidade. Questões sobre como abrigar os pobres e como organizar o espaço urbano, numa sociedade que se industrializava estavam ligadas ao saneamento. Em conjunto, elas se tornaram o tema central das preocupações da elite e das políticas públicas durante as primeiras décadas do século XX.

A chamada "expulsão" do centro acompanhou o crescimento da cidade num movimento centrífugo dotado de planos e diretrizes sanitaristas e embelezadores da cidade, embasados no processo de zoneamento, delimitando a zona central, urbana, suburbana e rural para "regularizar e assegurar um crescimento urbano 'racional' visto que os verdadeiros compromissos do poder local com a comunidade ou com grupos específicos do setor privado podem ser identificados em alguns trechos do referido código" (SOUZA, 1994, p. 77)[8].

As práticas reguladoras para a ocupação dos limites da zona urbana:

> Ao mesmo tempo em que a lei alinhavou os territórios da riqueza, delimitou também aqueles onde deveria se instalar a pobreza [...] Diga-se de passagem que a lógica de destinar as lonjuras para os pobres, assim como a de proteger os bairros exclusivos dos ricos, atravessou, incólume, nosso século (ROLNIK, 2003, p. 47).

Os administradores públicos, a partir de então, passam a especificar onde caberiam os investimentos públicos em infraestrutura e onde seria exercido maior controle fiscal para o cumprimento do planejamento no caso das zonas Central e Urbana, reguladas e ditas legais, uma vez que tais zonas

---

[8] Souza (1994) em seu livro Identidade da Metrópole, faz um série de análises sobre as leis que originaram a especulação imobiliária e que contribuíram para o processo de verticalização do centro da Cidade de São Paulo, inclusive fazendo menção a Lei 3.427, de 19/11/1929; (Prefeito J. Pires do Rio) quando passa a adotar a Lei Estadual Nº 1.956, de 29/12/1917 a respeito do zoneamento da cidade (1ª. Zona ou Central, 2ª. Zona ou Urbana, 3ª. Zona ou Suburbana; e 4ª. Zona ou Rural) e as medidas de altura e espaçamento das edificações dentro das respectivas zonas.

aparecem com valorização constante, formando uma dualidade de legalidade-ilegalidade na qual o extralegal,

> consistia em erigir construções em terrenos cujo desenho não havia sido aprovado pelos engenheiros municipais, ou em partilhar os lotes ou casas com habitações coletivas, gerando um espaço de alta densidade demográfica. Assim, bairros inteiros existiam sem, no entanto, ser reconhecidos como parte da cidade oficial, e a alta densidade do território popular causava repugnância e preocupação às elites, que se defendiam construindo bairros exclusivos e propondo favores fiscais e liberalidade construtivas para os empreendedores que desejassem construir casas populares em zonas precisamente delimitadas para tal, fora do perímetro central (ROLNIK, 2003, p.145).

O caminho para expansão passa então a ser aberto pelos especuladores e administradores da cidade através de várias iniciativas, por exemplo, o plano de avenidas de Prestes Maia, constituindo-se na abertura de grandes avenidas a partir do centro, preparando a cidade para uma "futura expansão paulistana [...] ao sabor de interesses dos capitalistas interessados, sem se inscreverem em nenhum plano conjunto, vindo a causar sérios problemas urbanos futuros" (LANGENBUCH, 1971, p. 137).

Scarlato (1981) destaca a influência do automóvel e especifica que o redimensionamento da cidade foi ordenado principalmente pela entrada constante de novos veículos e construções de autopistas. Evidencia a formação radial-concêntrica da malha urbana pela distribuição de veículos particulares e pelos tipos de linhas de ônibus, onde o maior número encontrava-se ligando não somente bairros à região central, mas municípios vizinhos da capital ao centro, tendo em vista que:

> O crescimento rápido, num espaço de tempo muito curto forçou a cidade a uma adaptação também rápida a entrada contínua de novos automóveis numa cidade cujos serviços públicos sempre se apresentaram profundamente incapazes de acompanhar o ritmo das exigência da população que crescia em número e bens, como o automóvel (SCARLATO, 1981, p. 94).

Scarlato (1981) cita o documento da Companhia de Engenharia de Tráfego (CET) em que a mesma reconhece a imensidão do número de

passageiros transportados na capital em comparação e superação às grandes metrópoles, como Tóquio, Londres e Paris, já na década de 1970.

Com o caminho especulativo aberto nas bordas da cidade, o seu perímetro suburbano e rural passa a abrigar primeiramente os “expulsos” do centro, em seguida, uma série de moradores advindos de todo o território, atraídos para a capital polarizadora de indústrias e mão de obra.

Tal fato levou à anexação de municípios vizinhos, a exemplo de Santo Amaro, “celeiro” produtor de gêneros agrícolas para a capital, que passa a fazer parte da cidade de São Paulo a partir de 1935.

O município de Santo Amaro nasceu através do processo de aldeamento dos jesuítas em pontos estratégicos nos caminhos de ligação do planalto com o litoral e com os sertões ao longo do século XVI, abrigando a primeira colônia de imigrantes alemães do Estado de São Paulo, no ano de 1829, mas ocupada de maneira relevante com relação aos caminhos e aos fluxos determinados pelo crescimento da cafeicultura (ZENHA, 1977).

A partir da construção da Ferrovia de São Paulo a Santo Amaro”, as duas cidades aceleram a comunicação de pessoas, gênero alimentício e de outros produtos, despertando interesse da especulação imobiliária e da administração pública paulista.

A empresa foi leiloada em 1900 e comprada pela “The São Paulo Railway Light and Power Co.”. A Cia Light, foi responsável, num processo conflituoso, pela construção “das represas do Guarapiranga (1906-1908) e Billings (1925-1926), pelas obras de retificação dos canais dos rios Jurubatuba, também conhecido como rio Grande, e do rio Pinheiros formado, pela junção do Jurubatuba com o rio Guarapiranga” (OLIVEIRA, 1996, p. 62).

Um dos principais impactos da estrada de ferro foi a possibilidade de expansão e crescimento de alguns núcleos circunvizinhos às estações (LANGENBUCH, 1971) e de outras obras em relação ao impacto para São Paulo:

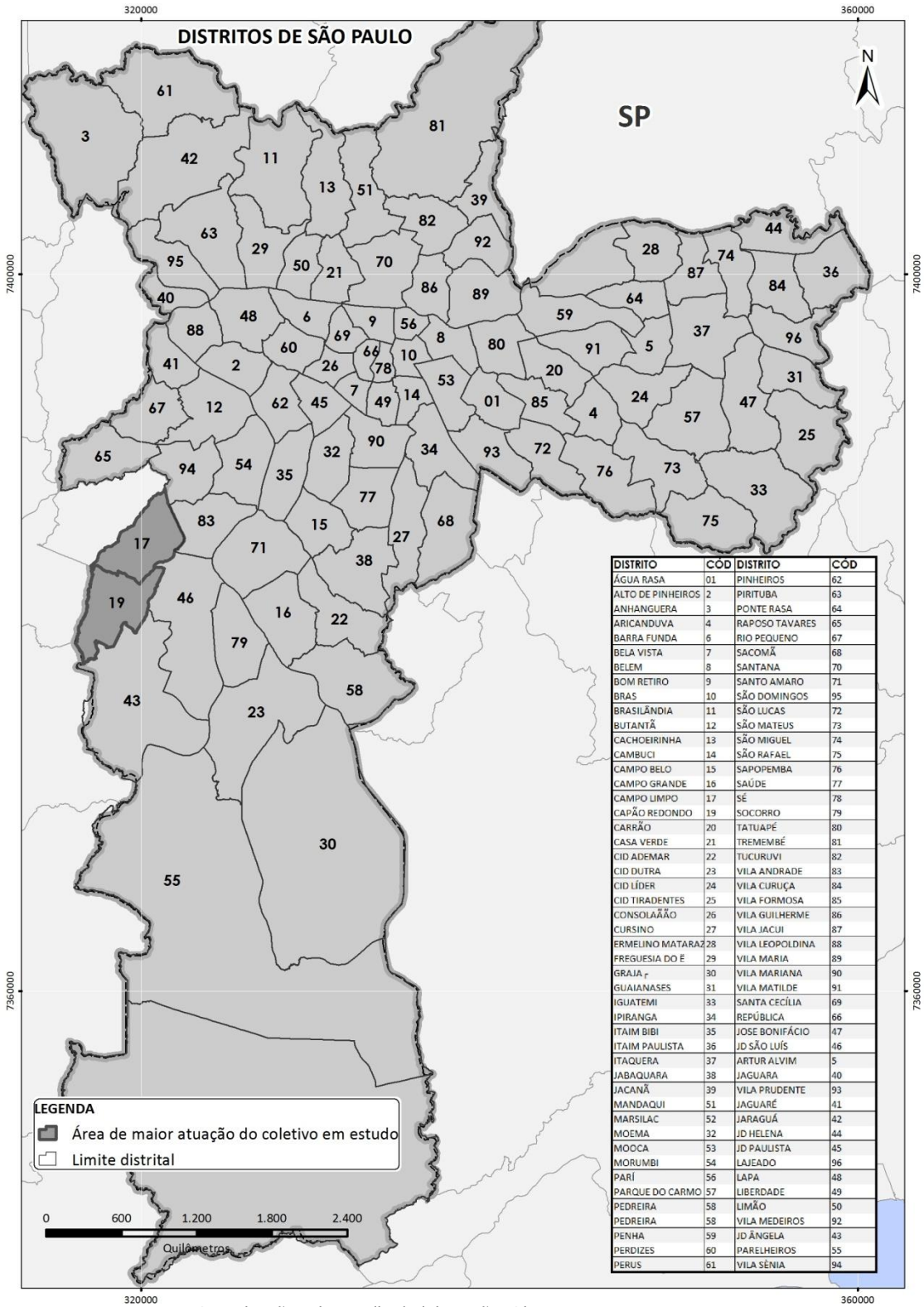
> Ao mesmo tempo em que integrava o circuito de capital produtivo de energia, na sua forma material permaneceriam fixados no espaço da cidade; alterava substancialmente as possibilidades de uso da terra. Redefiniam-se tais possibilidades no sentido de uma adequação às necessidades novas que surgiam do crescimento e modernização da cidade (SEABRA, 1987, p. 168).

Esse conjunto de obras, acrescido da anexação do município de Santo Amaro, dinamizou o crescimento da cidade de São Paulo para o sul, já que, em termos de comparação territorial, o município equivaleria hoje à zona sul, responsável por aproximadamente 45% do território da atual cidade de São Paulo, sendo que "ao sul do município, a periferia na região dos mananciais ou das represas, abriga atualmente mais de um milhão de pessoas, caracterizando uma ocupação massiva que se formou nestas últimas três décadas" (SEABRA, 2004, p. 300).

Neste sentido, outras informações que contribuem para diagnosticar a realidade da periferia, como os trabalhos desenvolvidos por Sposati (1996; 2000), caracterizaram a cidade por meio do "Mapa da Exclusão/inclusão da cidade de São Paulo", apontando suas disparidades, concluindo que, enquanto parcela da sociedade desfruta de hospitais de primeira linha, vive em mansões, usufrui de carros importados, boas escolas, ruas e avenidas otimamente pavimentadas, e um número considerável de delegacias, ou seja, são atendidos de forma eficaz, em relação aos serviços públicos, a outra,

> [...] refugia-se em favelas e cortiços, quando não permanece abandonada nas ruas. É vítima cotidiana da violência e não tem acesso aos direitos e à Justiça. Pendura-se em ônibus e trens super-lotados e, se adoece, encontra precário atendimento. Seus filhos, quando conseguem, frequentam escolas deterioradas, que abandonam muito cedo (SPOSATI, 1996, p. 7).

As análises foram feitas com base nos 96 distritos da cidade e com 331 paróquias que compõem a Arquidiocese de São Paulo e as Dioceses de Campo Limpo, Santo Amaro e São Miguel, por acreditar que a "[...] *abrangência chega a ser mais restrita do que a de um Bairro e estimulam a leitura da exclusão social como um fato próximo ao cotidiano do lugar onde vive o cidadão*" (SPOSATI, 1996, p.11-12).



DISTRITO	CÓD	DISTRITO	CÓD
ÁGUA RASA	01	PINHEIROS	62
ALTO DE PINHEIROS	2	PIRITUBA	63
ANHANGUERA	3	PONTE RASA	64
ARICANDUVA	4	RAPOSO TAVARES	65
BARRA FUNDA	6	RIO PEQUENO	67
BELA VISTA	7	SACOMÃ	68
BELEM	8	SANTANA	70
BOM RETIRO	9	SANTO AMARO	71
BRAS	10	SÃO DOMINGOS	95
BRASILÂNDIA	11	SÃO LUCAS	72
BUTANTÃ	12	SÃO MATEUS	73
CACHOEIRINHA	13	SÃO MIGUEL	74
CAMBUCI	14	SÃO RAFAEL	75
CAMPO BELO	15	SAPOPEMBA	76
CAMPO GRANDE	16	SAÚDE	77
CAMPO LIMPO	17	SÉ	78
CAPÃO REDONDO	19	SOCORRO	79
CARRÃO	20	TATUAPÉ	80
CASA VERDE	21	TREMEMBÉ	81
CID ADEMAR	22	TUCURUVI	82
CID DUTRA	23	VILA ANDRADE	83
CID LÍDER	24	VILA CURUÇA	84
CID TIRADENTES	25	VILA FORMOSA	85
CONSOLAÃÃO	26	VILA GUILHERME	86
CURSINO	27	VILA JACUI	87
ERMELINO MATARAZ	28	VILA LEOPOLDINA	88
FREGUESIA DO Ê	29	VILA MARIA	89
GRAJA F	30	VILA MARIANA	90
GUAIANASES	31	VILA MATILDE	91
IGUATEMI	33	SANTA CECÍLIA	69
IPIRANGA	34	REPÚBLICA	66
ITAIM BIBI	35	JOSE BONIFÁCIO	47
ITAIM PAULISTA	36	JD SÃO LUÍS	46
ITAQUERA	37	ARTUR ALVIM	5
JABAQUARA	38	JAGUARA	40
JACANÃ	39	VILA PRUDENTE	93
MANDAQUI	51	JAGUARÉ	41
MARSILAC	52	JARAGUÁ	42
MOEMA	32	JD HELENA	44
MOOCA	53	JD PAULISTA	45
MORUMBI	54	LAJEADO	96
PARÍ	56	LAPA	48
PARQUE DO CARMO	57	LIBERDADE	49
PEDREIRA	58	LIMÃO	50
PEDREIRA	58	VILA MEDEIROS	92
PENHA	59	JD ÂNGELA	43
PERDIZES	60	PARELHEIROS	55
PERUS	61	VILA SÊNIA	94

Organização: Diego Elias/ Elaboração: Olga Paz

Os distritos de Campo Limpo e, especificamente, Capão Redondo são apontados nesses estudos como uma das áreas mais deficientes em todos os índices analisados em relação à cidade, tais como discrepância, exclusão, autonomia, qualidade de vida, desenvolvimento humano e equidade. Em

destaque no mapa acima, tais distritos apresentam, somados, uma população de 486 mil habitantes concentrada em uma área de apenas 26,4 km² (IBGE, 2010).

Os dois distritos nascem com características rurais, dentro do contexto de expansão da cidade, onde pelos preços baixos das terras, os migrantes e imigrantes se instalavam para enfrentar a vida em São Paulo.

Ambos originam-se por ligações para o sul da cidade, por ligações com os municípios vizinhos e tem duas grandes vias de acesso, a Estrada do Campo Limpo com aproximadamente 7 km de extensão e a Estrada de Itapecerica com 10,5 km, as quais foram, ao longo do tempo sendo direcionadoras do desenvolvimento, ou seja, as vias serviram para conexão e desenvolvimento concomitantemente.

Temos a história do Campo Limpo:

> é antiga, não passa de especulações o ano de sua criação, moradores mais antigos afirmam que o Distrito originou-se da fazenda da Pombinhos, da família Reis Soares em meados do ano de 1937. Segundo os relatos, em Campo Limpo havia várias colônias, como as dos japoneses, italianos e portugueses atraídos pelo baixo custo dos terrenos. Em 1950 havia muitas fazendas, chácaras, olarias, uma capela católica, casas residenciais, além do colégio secundário fundado pelos Adventistas no ano de 1915 em Capão Redondo. O Jóquei Clube de São Paulo mantinham os seus cavalos nos pastos e treinavam no Campo Limpo, esse também é apontado um dos motivos para o surgimento do nome do Distrito. Havia também, três "secos e molhados", uma farmácia, uma barbearia, um grupo escolar de madeira, um mosteiro da igreja católica. O primeiro ônibus a circular data de 1963. A energia chegou em 1958 e o calçamento das primeiras ruas em 1968. Em 1º de março de 1973 foi instalada a Administração Regional do Campo Limpo. As mudanças foram grandes[9]

[9] In: http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/subprefeituras/campo_limpo/historico/index.php?p=131. Acesso em 13/10/2013.

Já as informações sobre Capão Redondo:

> No início era apenas um ponto de encontro de moradores dos bairros mais centrais da cidade de São Paulo. Freqüentemente esses moradores visitavam a região do Capão redondo nos finais de semana atraídos pela facilidade de se caçar, pescar e passar um dia de descanso em um lugar sem poluição, ao lado de córregos com água limpa e tranqüila. O nome Capão redondo surge, segundo antigos moradores de Guavirituba (antigo nome de origem indígena). Os visitantes procuravam um local onde pudessem carpir o mato e levantar acampamento, e isso era sempre em formato arredondado, ao perceberem começaram a chamar o local de capão redondo, como ponto de referência aos que chegassem [...] Em 1930 surgiram as lavouras com plantações de batatas. Em 1968 surgiram os primeiros sinais de progresso com os loteamentos e a chegada da energia elétrica. Em 1977 as primeiras ruas foram asfaltadas[10].

Desde os anos 1960 e 1970, onde tanto o asfalto, quanto as operações das linhas de ônibus começaram a crescer a região passou a intensificar a especulação imobiliária e como consequência, ser destino de contingente considerável de migrantes, ao passo que o planejamento urbano e a fiscalização não conseguiram controlar o crescimento desordenado e inicialmente precário, sem infra-estrutura adequada para abrigar vultuosa população.

A partir das décadas de 1970 e 1980 vários movimentos começaram a surgir na região em busca de escolas, saneamento básico, asfalto, linhas de ônibus, hospital, postos de saúde, já que muitas vezes os moradores construíam suas casas sem contar com o atendimento dos serviços públicos básicos.

Na gestão da prefeita Luiza Erundina (PT) – 1989 a 1992 várias são as modificações realizadas na região, desde a construção de escolas, moradias populares, obras viárias, a aprovação da construção da linha lilás do metrô, a construção do Hospital do Campo Limpo, assim como das mudanças na

[10] In: http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/subprefeituras/campo_limpo/historico/index.php?p=131. Acesso em 16/10/2013.

educação e da legitimação da luta por cultura (PATARRA, 1996), fazendo com que as conquistas fossem aprovadas pela população.

Outro estudo relevante sobre o distrito de Capão Redondo como parte segregada da cidade é de Carril (2003), que analisa a "recriação" da identidade dos rappers num território excluído como estratégia de combate à migração e o forte processo de desterritotialização vivido pelos moradores da periferia, comparando o "quilombo urbano", como denominado pela autora, com a resistência do quilombo no Brasil império[11].

Creditar todas as mazelas às porções localizadas nas bordas da cidade é prática constante dos meios de comunicação, assim como de estudos que visam compreender os conflitos urbanos, já que a periferia das cidades em geral, e a de São Paulo em específico, apresentam em sua morfologia e cotidianidade, características particulares, expressas através das contradições do sistema capitalista. Todavia, uma das metas desse trabalho é apresentar como a cultura tem representado peculiaridades nesses espaços, fazendo com que coletivos sejam criados, mantidos e pensados a partir de uma lógica alternativa.

Neste trabalho, concordamos com Williams (1979) ao contextualizar e analisar o conceito de cultura tirando-o de atividade simplesmente dada, para a ideia de cultivo (séc. XVI), passando por sua ampliação no século XVIII, adquirindo características de erudito a partir das transformações europeias, principalmente com a revolução francesa e sendo questionada em oposição às concepções de civilização, assim como da análise materialista da cultura já que:

> O progresso da palavra cultura depende do progresso das condições materiais para seu desenvolvimento; e, em particular a organização social de qualquer período da história põem limites às possibilidades culturais desse período. Há, ao longo na história, entretanto, uma constante interação entre cultura e organização social. À cultura não é dado, em verdade, ir além

[11] Sobre este assunto, ver Campos (2005), este texto destaca-se por analisar na cidade do Rio de Janeiro em duas temporalidades aparentemente distintas "o quilombo periférico (espaço segregado do Brasil Império) e a favela (espaço de segregação urbana), para entender a questão da chamada violência urbana atual [...] consequência sem dúvida das políticas de exclusão sociopolítico-espacial dos segmentos mais empobrecidos da sociedade: os afrodescendentes" (p. 158).

> do possível; mas a organização social pode atrasar-se, e, na realidade atrasa-se, em relação ao que seria do ponto de vista da cultura, possível e desejável. Há certa continuidade entre as várias formas de organização social e as várias formas de cultura; mas a continuidade da cultura é a mais assinalável, por dois motivos principais: primeiro, porque é mais fácil vislumbrar possibilidades que pô-las em prática; segundo, porque as mudanças e os progressos na sociedade, sofrem resistências da parte daqueles a quem qualquer mudança parece prejudicial, já que se encontram, no momento, no topo da escala social. Nas ocasiões em que a mudança social se impõe, a cultura entra em conflito com os padrões estabelecidos da sociedade, padrões que, por sinal, foram adotados e apropriadamente sustentados pela cultura do passado, mas que se revelam agora inadequados e desestimulantes para um novo avanço, para o futuro (LEWIS, 1937, p. 19-22, *apud* WILLIANS, 1969, p. 281).

Pensando a cultura através de indicadores do processo de ruptura, assim como de especificidades conjunturais em relação aos padrões estabelecidos, é válido considerar a cultura produzida nas bordas da cidade não como algo dado, percebido, mas como leitura possível das transformações e brechas ocorridas pelo acirramento das contradições capitalistas atuais.

Entender a cultura produzida na periferia e denominá-la periférica não é abrir um novo ramo nos estudos culturais, ou mesmo criar uma linha científica da realidade, mas compreender a denominação como fonte de conhecimento e especificidades que possuem denominador comum nos espaços atendidos precariamente pelo poder público, ligados com características em relação a engajamento, movimento negro, empoderamento, diversificação cultural, ressignificação do processo de representação, construção de valores comuns, dentre muitos outros tópicos abordados, divulgados e presenciados pelos meios de comunicação.

Enfatizar a cultura periférica é também denunciar a privatização e a disponibilização de verbas para áreas centrais ou tradicionais da cidade ligadas a esse setor, fazendo com que:

> distritos como Pinheiros, Itaim Bibi, Jardim Paulista, Consolação, Vila Mariana e República sejam os mais representativos , contando cada um com mais de 50 unidade ligadas à cultura. Duas subprefeituras, Pinheiros e sé, concentram cerca de 47% dos estabelecimentos formais privados do segmento (Secretaria Municipal de Planejamento. Série temática: cultura e território, 2008, p. 55).

O processo de ressignificação por parte dos oprimidos há muito tempo é pano de fundo de livros, novelas, poemas, romances, desde a luta operária russa, assim como dos questionamentos brasileiros do realismo, com Lima Barreto, das palavras cortantes de Carolina de Jesus, das insurgências de Abdias do Nascimento e Solano Trindade na luta contra a discriminação racial e a inserção social-artística da comunidade negra à sociedade brasileira, não havia tamanho volume de produção comparado com a atual desenvolvida na periferia, que podemos considerar como algo até então ausente da realidade cultural brasileira, pois a quantidade de produção artística ligada ao cinema, à música, à educação, às artes plásticas e principalmente à literatura, assuntos até então marginalizados da historiografia, ou mesmo analisados friamente como objetos de interesse científico, passam a constar nos livros e cadernos de cultura, revistas passam a noticiá-los, empresas se interessam em financiar, editais abertos especificamente para tais assuntos, destacando sua novidade: a representação da população pobre, de maioria negra e periférica, a partir do seu olhar, da sua vivência, transcritas das linhas da vida, dos sofrimentos citadinos diários, transpostas dignamente para os registros artísticos.

No Brasil, a abordagem sobre a produção cultural feita na periferia e pela periferia tem sido objeto de estudos de diversos pesquisadores, além de importantes grupos de pesquisa sobre a cultura popular, ou de resistência em ambiente urbano, principalmente vinculados as instituições de ensino.

Para exemplificar alguns grupos de pesquisa que trabalham com a temática da cultura periférica citaremos três instituições de ensino, a Universidade de Juiz de Fora (UFJF), a Universidade de São Paulo (USP) e a Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

O grupo de pesquisa “os modos da margem”, com a preocupação de mapeamento de representação da marginalidade na cultura brasileira, coordenado pelo Professor Doutor Alexandre Graça Faria, na Universidade de Juiz de Fora (UFJF), o Núcleo de Antropologia Urbana (NAU) da Universidade de São Paulo (USP), coordenado pelo Professor Doutor Guilherme Cantor Magnani, responsável e parceiro do encontro “Estéticas das Periferias: Arte e

Cultura nas Bordas da Cidade[12]", cujo objetivo é fomentar a discussão na literatura e nas artes visuais a respeito da efervescência cultural desenvolvida nas periferias paulistanas e de outras periferias do Brasil e por último o Programa Avançado de Cultura Contemporânea, Coordenado pela professora Heloisa Buarque de Hollanda e vinculado a Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), somente com o oferecimento de curso de pós-doutorado, o programa visa à troca de experiências entre os grupos de pesquisas nacionais e internacionais a partir da cultura produzida na atualidade nas bordas da cidade[13].

Todos os projetos e grupos de pesquisa acima fomentam a discussão e legitimação da recente intitulada cultura periférica, com publicações periódicas, linhas de pesquisas particulares, debates, palestras, cursos, pós-graduação eventos, além de editoras atentas a este mercado. Mesmo que recente, essa movimentação amadurece as discussões e propicia o suporte desse fenômeno desenvolvido nas periferias das cidades.

As discussões relacionadas às origens, dificuldades e aos rumos da dita cultura periférica não são somente privilégios de centros universitários e espaços elitistas, mas estão presentes em todos os espaços de discussão literária, em livrarias, conversas informais, ou mesmo nos inúmeros eventos na periferia.

Já na década de 1980 e 1990 essas questões além de serem pautadas pelos movimentos sociais, tinham "ouvidos" e auxílios na gestão pública da prefeitura Luiza Erundina, 1989-1992, em constante diálogo, na proposta das culturas populares e na formulação e legitimação da produção cultural local, assim como na proposta de políticas públicas para a cultura, em especial para a periferia.

---

[12] Ver: <http://www.esteticasdasperiferias.org.br/2013/>. Acesso em 20/02/2014.

[13] O grupo possui outros projetos ligados à temática, como o Universidade das Quebradas, projeto de extensão responsável pela troca de experiência entre saberes e práticas, articulando experiências culturais e intelectuais produzidas dentro e fora da academia, principalmente na periferia. Vencedor do Prêmio FAPERJ 30 anos – Melhor Projeto de Extensão Universitária (2010), relacionados a projetos que fizeram a diferença ao serem aprovados pela instituição. In: <http://www.universidadedasquebradas.pacc.ufrj.br/o-projeto/>. Acesso em 20/02/2014.

Na década de 1990, o movimento HIP-HOP aborda, milita e pauta a cultura (ANDRADE 1999), como transformadora da realidade cotidiana, a exemplo as posses que eram formadas por representantes de todos os elementos do HIP-HOP (PIMENTEL, 1997), o graffit, o Break, o DJ e pelo MC, e que promoviam através do RAP, debates com a comunidade (PIMENTEL, 1997).

Na zona sul de São Paulo, em específico, fica reconhecida, além de ser um dos locais mais perigosos da cidade e pela veracidade contata nas letras de RAP do Grupo Racionais MC's, o qual tem papel importante no relato, na denúncia e nas proposições de mudanças a partir de suas músicas, fazendo com que a cultura, através do RAP, na periferia fosse vista como alternativa a criminalidade (D"ANDREA, 2013)

Nos anos 2000 a fundação e as multiplicações dos Saraus tornam-se espaços agregadores de uma infinidade de movimentos culturais e passam a propor conversas, debates e projetos para a transformação da realidade cotidiana.

Recentemente acompanhamos o "Bate-papo: produção de literatura periférica e economia solidária", realizado no futuro centro cultural Espaço I Love Laje (a casa do Marco Pezão[14]), em parceria com a União Popular de Mulheres de Campo Limpo e Adjacências[15], tal evento teve a participação, além do anfitrião, Marco Pezão; do agitador cultural, Luan Luando[16]; dos escritores Augusto Cerqueira e Tico; e do agente de finanças solidárias,

[14] Um dos responsáveis pela propagação da literatura marginal, cofundador do COOPERIFA, lançou em 2013, pela editora Reza Brava, o livro "*Nóis é ponte e atravessa qualquer rio*", idealizador do sarau "A plenos pulmões" que ocorre todo o primeiro sábado de cada mês às 19h30, na Casa das Rosas, um dos redutos culturais da Av. Paulista. Ver: http://www.casadasrosas.org.br/. Acesso em 25/01/2014.

[15] Desde 1987, a entidade sem fins lucrativos, empresários, partidários ou religiosos agrupa homens e mulheres com o objetivo principal da luta pela completa emancipação da mulher e pela igualdade nas relações de gênero, assim como auxiliar a luta de seus participantes pela busca da plenitude de seus direitos sociais, econômicos, políticos, ambientais e culturais, divide-se em diversas frentes que trabalham com crianças, adolescentes, jovens e grupos da terceira idade, desde alfabetização, distribuição de leite, cursos e palestras. Ver: http://www.uniaopopmulheres.org.br/site/. Acesso em: 01/04/2014.

[16] Ver reportagem "A periferia na visão de um poeta", In: http://www.cartacapital.com.br/blogs/speriferia. Acesso em 01/04/2014.

Cleberson Pereira, dentro do projeto “Redes de Empreendimentos Culturais Solidários[17]”.

Luan Luando, poeta, militante dos movimentos de cultura periférica e moradia, autor do livro “Manda busca” (2010); Augusto Cerqueira, poeta cordelista e presença garantida em diversos saraus da cidade de São Paulo, autor do livro “Na década de dez” (2013); e Francisco Dias de Campos Neto, o Tico, poeta, anarquista, coveiro, autor do conto “Uma noite com Neusinha”, publicado em 2004 na revista Caros Amigos, edição especial “Literatura Marginal” e dos livros “Elas etc.” e “As núpcias do escorpião” discursaram sobre os aspectos que envolvem a expressão da literatura periférica, seus rótulos, a dificuldade de sobrevivência da cultura, sobre a concessão de crédito do Banco Comunitário Sampaio[18] para a publicação de seus livros, assim como das suas trajetórias na literatura e o destaque das gerações preocupadas com as mazelas e as possíveis soluções através da cultura para a zona sul de São Paulo.

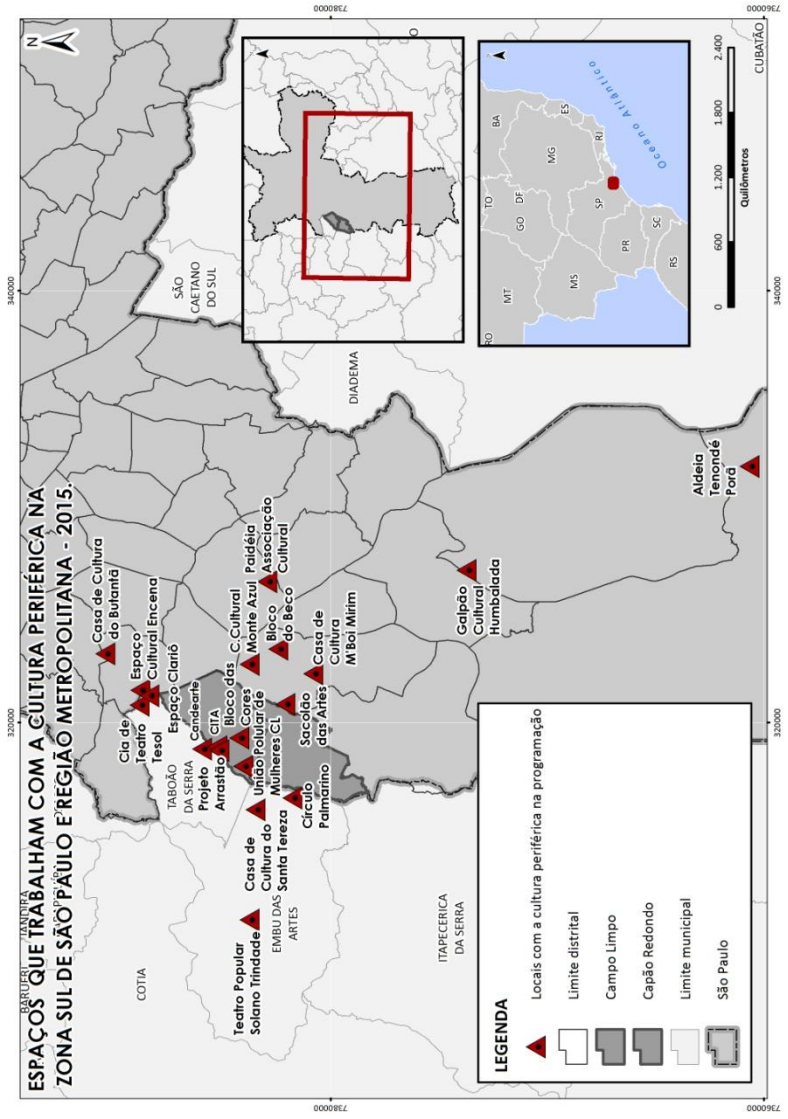
No mapa “Espaços que trabalham com a cultura periférica na Zona Sul de São Paulo e Região Metropolitana – 2015” vislumbramos espaços[19] variados, desde ocupações como o *Cantinho Integrado de Todas as Artes*, não governamentais, como o *Espaço Clariô de Teatro*, até os governamentais como as *Casas de Cultura*, dentre outros, na zona sul de São Paulo preocupados em fomentar reflexões cotidianas ligadas à cultura periférica, seja em sua programação, palestras, espetáculos, exposições, aulas, formações, ou até mesmo em reuniões, concretizando uma verdadeira rede de diálogo com vasta abrangência nas discussões das mazelas da periferia da cidade.Essa efervescência constante faz com que laços sejam criados nas relações entre

[17] Convênio firmado entre a União Popular de Mulheres do Campo Limpo e adjacências com o Ministério do Trabalho e Emprego, através da Secretaria Nacional da Economia Solidária, com a estratégia de fomento às cadeias produtivas populares (cultural, alimentação, moda e artesanato), configurando arranjos econômicos territoriais de produção, comercialização e consumo solidários para a promoção do desenvolvimento juvenil, territorial, sustentável e solidário no âmbito do Plano Brasil. Ver convênio In: http://www.portaltransparencia.gov.br/convenios/DetalhaConvenio.asp?TipoConsulta=5&CodConvenio=778316. Acesso em: 01/04/2014.

[18] Banco ligado à União Popular de Mulheres do Campo Limpo e Adjacências, com o objetivo de, a partir da integração com a produção e o consumo local, elaborar linhas de crédito produtivo e de consumo através da moeda social sem juros, o “UNIÃO SAMPAIO”. Ver: http://bancocomunitariosampaio.blogspot.com.br/. Acesso em: 01/04/2014.

[19] Neste mapa optamos por não colocar locais que já tivessem uma estrutura de financiamento estabelecida em relação aos projetos, como as fábricas de cultura.

indivíduos, intra e inter coletivos, e no geral, como consequência, a rede torna-se consistente nas discussões pautadas a partir da periferia, por meio da cultura periférica e se fortalece junto ao poder público ao exporem as demandas dos coletivos, dos espetáculos, da proposição de atividades, aprovação de projetos, exigindo a liberação de verbas através da abertura de editais, criação de programas, ou mesmo da formulação de políticas públicas que atendam tais demandas.



Organização Diego Elias, Dora Nascimento. Elaboração Olga Paz.

Para exemplificar este cenário temos uma das formas atuais de mobilização de coletivos culturais da periferia para lutar junto ao poder público para o fomento a cultura nas periferias, a proposta da construção de uma lei,

oriunda das discussões de diversos coletivos, a “Lei de Fomento as Periferias[20]”.

Durante o ano de 2013, diversos militantes e articuladores culturais das periferias da cidade de São Paulo[21], formularam debates inicias para a construção da luta pela Lei de Fomento as Periferias[22], na qual, seriam disponibilizados através de editais, prêmios de R$ 100 a 300 mil para coletivos de cultura da periferia e que atuam na periferia, totalizando anualmente a quantia de R$ 20 milhões destinados a fomentar a cultura nas periferias da cidade.

Este prêmio tem como proposta, selecionar através de comissão formada pelo poder público municipal e por representantes dos movimentos culturais, grupos que atuam a pelo menos dois anos, que tenham o histórico de intervenção na periferia e que tenham planos de trabalho finalizados anteriormente. Neste contexto a formulação da proposta da lei tem a possibilidade de se concretizar como uma política pública de continuação dos trabalhos dos coletivos, já que em programas como o Programa de Valorização de Iniciativas Culturais I e II, assim como o “Programa de Ação Cultural” (PROAC)[23], além de serem programas de governo, ou seja, podendo ser retirados a qualquer momento, os valores são menores e tem a proposta de contemplação rodiziada para abranger o maior número de projetos.

A formulação da proposta de “Lei de Fomento as Periferias” tem vários aspectos interessantes, dentre eles o diálogo entre os grupos para fazer frente

[20] Ver proposta na íntegra in: http://forumdeculturadazonaleste.blogspot.com.br/2015/07/lei-de-fomento-periferia-historico-e.html. Acesso em 11/09/2015.

[21] Coletivos espalhados por toda a cidade estão envolvidos na discussão propositiva da distribuição da verba da secretaria de cultura municipal, contemplar também os coletivos de cultura da periferia, já que esta historicamente é carente de aparatos públicos destinados a cultura e lazer e a maior parte da verba destinada a cultura, encontra-se direcionada para os aparatos culturais na região central e adjacências. In: http://orcamento.prefeitura.sp.gov.br/orcamento/. Acesso em 26/07/2015.

[22] No momento do término da pesquisa a Proposta de Lei do Fomento as Periferias estava sendo discutida com o secretário de cultura municipal para ser avaliada, debatida e votada na Câmara Municipal.

[23] Programa de Valorização de Iniciativas Culturais - VAI, através da Lei 13540. Efetivado desde 2004 pela Secretaria de Cultura do Município de São Paulo, o programa visa apoiar financeiramente as produções feitas exclusivamente por jovens. Programa de Ação Cultural (PROAC). Criado através da Lei nº 12.268, em fevereiro de 2006, e implementado pela Secretaria de Cultura do Estado, o programa tem como objetivo apoiar e patrocinar o intercâmbio, a divulgação artística, as pesquisas, a formação e a diversidade cultural, além de preservar e difundir o patrimônio material e imaterial do estado de São Paulo Maiores discussões ver Capítulo 2.

de exigências perante o poder público, as atividades sincronizadas através de grupos de trabalhos espalhados pela cidade, o levantamento das maiores demandas de cada região, a formulação de política pública voltada para um público específico com características territoriais específicas, o estudo do funcionamento da distribuição de verbas, aprovação de projetos, assim como todos os requesitos para a formulação de leis municipais alcançava resultados eficientes de participação popular, fazendo com que em cada audiência pública tivesse representantes de vários movimentos com pauta objetiva de reivindicações.

Sobre este momento Fernando Ferrari, morador da zona sul, fundador do Sarau da Vila Fundão e militante da cultura periférica, aponta:

> A [Zona] Leste já vinha estudando orçamento da Cultura e nós viemos junto nesse movimento. Quem puxou essa história foi o Fórum da ZL, que se estruturava de uma forma bem louca... Eram três recortes, um era essa questão acadêmica, que a gente tinha que ter uma tese nossa, a outra era a Política Pública, que era a Lei de Fomento a Periferia, e outro era uma mostra, que eles fizeram uma mostra cultural na cidade inteira, a gente ajudou também. Essas eram as demandas da ZL [Zona Leste]. A lei surge ali no Fórum da ZL. A gente começou a instrumentalizar com a questão do orçamento, o orçamento era 0,9% em 2013. Estudamos o orçamento de 2013 para 2014, que eles falaram ia ser 1,25% e a gente desmentiu eles, a gente usou a fonte do município e provou para eles que era 0,7%. O Juca Ferreira ficou amarelo, branco. O pessoal da Sempra nos cercou. Ali nós começamos um ciclo de enfrentamento do orçamento mesmo. Quando o orçamento caiu na nossa mão nós descobrimos que o Teatro Municipal recebia 70 milhões ao ano, por exemplo... Esse ano [2015], por exemplo, o Teatro Municipal recebe 104 milhões... [aliás] já não é mais 70, porque tem o Praça das Artes agora, que faz parte do Teatro. O maestro da Orquestra Municipal, ele recebe 100 mil reais por mês... (Entrevista realizada em 22/08/2015).

A formulação de propostas de invenção partiram da união de vários coletivos[24] preocupados com o fomento a cultura na periferia, a exemplo a luta de 16 anos do Fórum de Desenvolvimento da Zona Leste[25] (FDZL), no qual dividi-se em grupos de trabalho e com o seu histórico já conquistou várias reivindicações, dentre elas, a abertura de vagas de ensino superior (USP Zona Leste, UNIFESP e FATEC), ou mesmo obras urbanísticas como a

[24] Ver coletivos in: http://www.brasildefato.com.br/node/32880. Acesso em 20/10/2015.

[25] *Ver:* http://foumparaodesenvolvimentodazonaleste.blogspot.com.br/. Acesso em 11/09/2015.

prolongação da Av. Jacú-Pêssego e a interligação com o rodoanel, ambas para aumentarem a fluidez e atrativos para a instalação de empresas com posterior geração de empregos.

Já na Zona Sul contou com a participação e as preocupações de movimentos envoltos na criação da Rede Popular de Cultura M'Boi – Campo Limpo, na qual várias lideranças de movimentos sociais e culturais se organizam a partir de 2013 e tem como um dos elementos unificadores o fomento a cultura, a garantia da manutenção dos prédios ocupados pelos movimentos culturais, a criação e manutenção das casas de cultura, dentre outras.

A partir das unificações de pautas e a formulação de grupos de trabalhos dentro da criação de fóruns temáticos para discutir os problemas vivenciados pelos moradores da periferia, assim como das reflexões permanentes, a construção de debates e uma agenda de reivindicações, fizeram com que atualmente haja a construção do "Movimento Cultural das Periferias" visto como forma necessária de luta perante os grupos culturais estabelecidos na cidade, ou para garantir que as verbas sejam para o fomento a cultura e não pelo manutenção dos grupos estabelecidos.

Tendo em vista as várias faces do tema abordado nos aspectos culturais expomos a necessidade de empreender esforços para a compreensão dos fenômenos apresentados em relação, a partir dos estudos urbanos, para isso utilizaremos a concepção de segregação de Villaça (2001, P. 142), considerando que esta "é um processo, segundo o qual diferentes classes ou camadas sociais tendem a se concentrar cada vez mais em diferentes regiões gerais ou conjunto de bairros da metrópole". Nesse caso, a zona sul representa 45% da extensão territorial do Município Paulista, onde os piores índices aglutinam-se em forma de relatórios que evidenciam o cotidiano, a pobreza, somando-se à dificuldade de usufruir dos serviços públicos devido à sua escassez na periferia.

Dessas considerações, Spósito (1996, p. 76) destaca que,

> a segregação socioespacial é resultado de um processo de diferenciação que se desenvolve ao extremo e que leva, na cidade, ao rompimento da comunicação entre as pessoas, da circulação entre os subespaços, do diálogo entre as diferenças, enfim, conduz à fragmentação do espaço urbano.

Este processo não é desvinculado do passado histórico, nem ao menos do passado territorial, por isso, para Lefebvre (1991) *apud* Castro & Salas (1993), a segregação urbana é um fenômeno social e espacial. Social por ter raízes e formas na organização da própria sociedade e nas relações sociais que os indivíduos estabelecem entre si e na reprodução das condições materiais e subjetivas de existência; e espacial porque essas relações se estabelecem em um território desigualmente ocupado, diferencialmente simbólico e socialmente produzido.

Para esse autor, a produção social do espaço nas sociedades capitalistas é um fato intrinsecamente político e, por isso, contraditório desde a natureza das cidades. Sua sugestão para o estudo dos processos de segregação urbana leva em consideração quatro dimensões básicas: 1) análise da localização espacial das diferentes classes e setores sociais da cidade e seu acesso aos meios de consumo coletivo; 2) as repercussões culturais que se produzem ao conformarem-se espaços urbanos compostos; 3) a valorização que têm sobre seu habitat e sobre si mesmos os grupos urbanos de menor poder aquisitivo, em função das relações sociais que estabelecem durante a vida e também o grau de satisfação de suas necessidades materiais e espirituais; 4) os problemas de sociabilidade que surgem nessas comunidades devido às formas de relação predominantes entre seus membros e as limitações que impõem o meio ambiente em que estão localizadas.

Depois de destacada, torna-se necessária a reflexão e o aprofundamento dessa parte segregada, questionando: O que as pessoas segregadas fazem diante de tal fato? Como buscam tais “comunicações” com o restante da cidade? Como reagem à problemática da deficitária estrutura urbana vivenciada cotidianamente? Como se reconhecem como moradores de

uma parcela da cidade? Ou, ainda, como constroem a identidade como moradores da periferia?

Tendo em vista tais questionamentos, destacamos como necessária a análise do conceito de território, que, segundo Raffestin (1993, p. 144), é,

> um espaço onde se projetou um trabalho, seja energia e informação, e que, por conseqüência, revela relações marcadas pelo poder. [...] o território se apoia no espaço, mas não é o espaço. É uma produção a partir do espaço. Ora, a produção, por causa de todas as relações que envolve, se inscreve num campo de poder.

O autor destaca o território com ênfase político-administrativa, ou seja, o território nacional, um espaço físico delimitado por fronteiras e regido por uma ordem jurídica e política. Ao se apropriar do espaço, concreta ou abstratamente, o ator territorializa o espaço, tornando-o fruto das relações de poder exercido por pessoas ou grupos sem o qual não se define o território.

A partir de tal perspectiva, acrescentamos os apontamentos de Haesbaert (1997), que delimita três abordagens de território: 1- jurídico-administrativa, no qual o território representa o poder estatal; 2- cultural (lista), o território como dimensão simbólica e subjetiva do imaginário e identidade social; 3- econômica, o território a partir da desterritorialização originada pelo embate das relações sociais e da relação capital-trabalho.

Para alcançar nosso objetivo, cabe destacar a função do poder em que o território é gerado, porém destacamos a problemática de que o embate oriundo desse processo ocorre, também, de uma maneira simbólica e identitária dos grupos que o constitui (HAESBAERT, 1997)

Sobre essa manifestação simbólica, apontamos como essencial a análise da territorialidade para o seu possível entendimento, tornando-se relevante por ser “uma ‘abstração’ também no sentido ontológico de que, enquanto ‘imagem’ ou símbolo de um território, existe e pode inserir-se eficazmente como uma estratégia político-cultural” Haesbaert (2005, p. 10).

Sobre a territorialidade e sentido simbólico-cultural apontados por Haesbaert (1997; 2004; 2005), enfatizamos Sack (1986)[26] *apud* Haesbaert (2004, p. 3), que afirma:

> A territorialidade, como um componente do poder, não é apenas um meio para criar e manter a ordem, mas é uma estratégia para criar e manter grande parte do contexto geográfico através do qual nós experimentamos o mundo e o dotamos de significados.

Nessa perspectiva, como destacado pelos autores acima, o território exerce ao mesmo tempo e em diversas e diferentes combinações a prática de ser funcional e simbólico, tanto para realizar "funções" quanto para produzir "significados" (HAESBAERT, 2005).

Na produção do espaço urbano, Castells (2000) acrescenta um componente ao tratar do processo e relações espaço-símbolo, a ideologia, sendo constituída de diversas formas, principalmente de forma generalizadora por meio de códigos, em que a comunicação dá-se por meio do reconhecimento entre os indivíduos e de reconhecimento de um mesmo código.

No processo de reconhecimento de um mesmo código pelos indivíduos em relação ao espaço-símbolo, o território torna-se:

> suporte e produto de formação de identidades individuais e coletivas, despertando sentimentos, de pertencimento e de especificidade. As representações sociais, imagens, símbolos e mitos projetam-se e materializam-se no espaço, transformando-se em símbolos geográficos, fornecendo referências e modelos comuns nos atores sociais e cristalizando uma identidade territorial (ALBAGLI, 2004, p. 39-40).

A partir da importância do estudo da parte segregada da cidade, da possível avaliação na perspectiva do território enquanto espaço de poder - com seus símbolos e identidades - apontamos a necessidade da abordagem por meio da ótica da identidade, analisando como tais identidades são formadas dentro do processo complexo da vida urbana por uma população segregada.

---

[26] SACK, Robert David. **Human Territoriality:** its theory and history. Cambridge: Cambridge University Press, 1986.

Seabra (2003), a partir de Gottdiener, Pierre George, Castells e principalmente de Lefebvre, demonstra a relevância da análise da problemática urbana através de uma área menor que o distrito, a do bairro, onde:

> Tanto a cidade como o bairro expressam os termos concretos da urbanização e sempre guardaram pertencimentos profundos. É por isso que cada cidade produz seus poetas e sua poesia mostra-a como lugar apropriado. Analogamente, o bairro produz também seus pertencimentos, os produz a partir de práticas simples, comuns e cotidianas, como se verá. Nesse sentido, ambos, a cidade e o bairro, como *lugares apropriados*, realizam-se como história que converge na forma da metrópole (SEABRA, 2003, p. 09).

Acrescenta contribuições significativas, nas quais:

> O bairro, na sua generalidade, mostrou-se como uma modalidade de vida social, mas, sobretudo, como uma circunstância temporal da urbanização que traduz as diferentes espacializações da vida social, em função de como se integram no cotidiano, o próximo e o distante, sob o predomínio de relações imediatas, diretas. Por isso, a história urbana guarda de cada bairro, um perfil sociocultural, resultado de uma construção histórica e social, em princípio, singular (SEABRA, 2003, p. 30).

Entender o bairro como peça fundamental na análise da realidade é aproximar a leitura do cotidiano com base do morador da cidade e apreender como ele consegue construir ideias e a própria identidade ligada ao pertencimento sobre o seu entorno interagindo com o restante da cidade.

Tal movimento torna necessárias as contribuições do lugar, o qual foi potencializado e destacado como preponderante na análise do urbano, numa correspondência local-global, onde a força do lugar no local destaca-se pela interação em diferentes níveis com outros lugares a nível global, por Carlos (1996; 2001), Harvey (2004), Santos (1994; 2008) e Damiani (2001), dentre os quais Santos (2008. p. 328) destaca ser o lugar "*que oferece ao movimento do mundo a possibilidade de sua realização mais eficaz. Para se tornar espaço, o Mundo depende das virtualidades do lugar*" e no lugar reside a resistência da população pobre, pois:

> Por serem "diferentes", os pobres abrem um debate novo, inédito, às vezes silencioso, às vezes ruidoso, com as populações e as coisas já presentes. É assim que eles

> reavaliam a tecnoesfera e a psicoesfera, encontrando novos usos e finalidades para objetivos e técnicas e também novas articulações práticas e novas normas, da vida social e afetiva [...] é na esfera comunicacional que eles, diferentemente das classes ditas superiores, são fortemente ativos (SANTOS, 2008, p. 326).

As contribuições da análise cotidianas vinculadas ao lugar são discutidas no trabalho de Damiani (2001), sua importância dá-se "... *com o lugar no mundo se produz o lugar do cotidiano: nivelamento das necessidades, alinhamento dos desejos uns sobre os outros, cotidianidades análogas, senão idênticas*" (2001, p. 165-166), onde o cotidiano "aproxima-se" do lugar e no embate com os outros lugares regidos pelo desenvolvimento desigual global.

Após termos elencado uma diversidade de aspectos da formação da cidade de São Paulo, sua constituição como metrópole, particularidades da Zona Sul, assim como de vicissitudes do próprio Capão Redondo, acreditamos ser a análise da atuação do movimento cultural, ao longo de sua formação, o seu relacionamento assim como inserido no próprio cotidiano do jovem periférico à luz do referencial abordado, temas, sugestões, perspectivas e caminhos preciosos no auxílio da trabalhosa empreitada de explicitar, e até mesmo denunciar, as exclusões e segregações oriundas do jogo valorização-desvalorização do solo urbano.

Salientamos a contribuição da abordagem cultural na análise urbana a partir dos apontamentos de Corrêa (2003), em que explicita três pontos de ligação entre a geografia cultural e o urbano, são eles: a) toponímia e identidade se destacam por terem um forte poder identitário, por meio da marca cultural expressa na apropriação do espaço; b) a cidade e a produção de formas simbólicas, as formas simbólicas como uma forte transformação cultural através de relações de poder; c) a paisagem urbana e seus significados, a leitura da paisagem urbana por meio de múltiplos contextos histórico-culturais.

Sobre geografia cultural, destacamos a concepção de Claval (1997, p. 89):

> A geografia cultural é associada à experiência que os homens têm da Terra, da natureza e do ambiente, estuda a maneira pela qual eles os modelam para responder às suas necessidades, seus gostos e suas

> aspirações e procura compreender a maneira como eles aprendem a se definir, a construir sua identidade e a se realizar.

Claval (2011) faz um balanço da geografia cultural, com as contribuições acima, e estabelece a diferença não como um ramo da geografia e sim como uma perspectiva de análise, uma contribuição aos esforços para apreender as mudanças em nossa sociedade a partir de múltiplos olhares, sendo que a vertente cultural possibilita aproximar-se de temas diversos, como religião, festas, templos, turismo, dentre outros, como analisar a dinâmica de uma sociedade e de uma época através da literatura, como é o caso do trabalho de Monteiro (2002) intitulado “O mapa e a trama”, no qual o autor procurou analisar seis romances de consagrados escritores brasileiros para demonstrar uma interpretação geográfica de textos literários.

Como análise de uma época, Corrêa e Rosendahl (2005, p.99) salientam:

> parcialmente influenciada pelas traduções, mas dotada de forte criatividade, a produção brasileira em geografia cultural tem crescido muito a partir da década de 1990. Paisagem cultural, percepção e significados, religião como uma construção cultural, espaço geográfico e literatura, cinema e espaço de festas populares, tanto o carnaval do Rio de Janeiro como festas de origem rural, território, imaginário e identidade, são alguns dos temas abordados e publicados...

Na efetivação do olhar cultural como possibilidade na investigação de análises geográficas, percebemos que, nos últimos anos, a cidade de São Paulo, e outras grandes cidades brasileiras, têm experimentado uma série de manifestações culturais populares brotarem de suas bordas, em regiões de pobreza, exclusão, segregação, movimentos que fazem, incentivam e lutam pela cultura popular e a sua propagação.

Tais movimentos têm como palco espaços improvisados de saraus, mesas de bares, praças, centros culturais, antigos sacolões municipais, espaços geridos pela comunidade, onde cotidianamente é realizado um processo de discussões, projetos, associações, parcerias, alimentando os mais

variados estilos nos múltiplos ramos da arte, seja na criação de selos de gravadora, editoras, companhias de teatro, blogs, sites, artes plásticas, culinária, grupos de dança, bandas, grupos de canto, escolas de samba, grupos circenses, luta por moradia e melhorias no bairro em geral.

Na perspectiva materialista histórico-dialética salientamos as contribuições de Cosgrove (2003, p. 103), na qual “produção e reprodução da vida material são necessariamente uma arte coletiva, mediada na consciência e sustentada através de códigos de comunicação. Esta última é produção simbólica”, apontando como tarefa da geografia cultural apreender a dimensão da interação humana com a natureza e seu papel na ordenação do espaço.

Neste trabalho consideramos os princípios da pesquisa participante que entende:

> A relação de participação da prática científica no trabalho político das classes populares desafia o pesquisador a ver e compreender tais classes, seus sujeitos e seus mundos, tanto através de suas pessoas nominadas, quanto a partir de um trabalho social e político de classe que constituindo a razão da prática constitui igualmente a razão da pesquisa. (BRANDÃO, 1999, p. 13).

Tendo em vista as construções de pesquisa participante na geografia, a definição dos participantes da pesquisa como sujeitos e não mais como objetos de pesquisa, a construção desse caminho por ser aquele que permite chegar próximo da realidade do sarau e das tramas e entrelaçamento da rede dos sujeitos periféricos.

Capítulo 2. Do movimento dos Saraus ao Sarau do Binho

Com características particulares, a cidade de São Paulo, além de ter notoriedade nos quesitos econômicos e nas contradições da pobreza e violência, aparece no cenário nacional como polo do movimento de saraus na periferia, devido à temática retratada, ligada a contestações sociais, recitada por moradores da periferia, pessoas simples, que não necessariamente terminaram os estudos, e o local onde são realizados tais encontros, bares, escolas e associações culturais nas franjas da cidade, destacam-se por representarem um vultuoso número de apresentações semanais, publicações e eventos de alta qualidade direcionados para os moradores da periferia, atendidos precariamente pelos aparatos públicos, seja de lazer, cultura, educação ou saúde.

Diferentemente dos saraus literários do início do século XX, ligados a uma burguesia artística, com fortes laços com a cultura estrangeira e propulsora das iniciativas que culminaram na semana de 1922 (SILVA, 2004) na cidade de São Paulo, o movimento de saraus na atualidade é carregado de engajamento, participação coletiva, principalmente ligado ao movimento de escrita, as artes plásticas, ao audiovisual e com relações estreitas com movimentos sociais, essencialmente da periferia, que reivindicam acesso à moradia, cultura e lazer de qualidade.

As reivindicações por melhores condições de inserção na sociedade através da cultura diferenciam o momento atual em detrimento a outros momentos históricos relacionados às transformações a partir da cultura, como o modernismo, com a semana de 1922, em diversas áreas, essencialmente com a música na Bossa Nova (1950), no Tropicalismo (1960), ou mesmo com a poesia marginal (1970), desenvolvida em resposta ao regime militar pela geração mimeógrafo (HOLLANDA, 2007).

Os movimentos citados foram para a cultura brasileira no século XX momentos de forte contato com os acontecimentos internacionais, proporcionando reflexão e contestações da cultura brasileira.

O modernismo foi pensando e desenvolvido por uma elite brasileira, rompendo com os laços agrários, proporcionando a modernização da perspectiva cultural da recente nação republicana. Pensamentos sobre o ser brasileiro, nas transformações ocorridas no início do século, fizeram com que tantos os artistas quanto as obras literárias, plásticas e musicais fossem dirigidas, diferentemente da pura contemplação, de maneira a observar os elementos a definir a sociedade.

O movimento intitulado de Bossa Nova, idealizado por artistas da cidade do Rio de Janeiro, como Tom Jobim, Vinícius de Moraes e João Gilberto, fez com que o samba carioca, até então difamado e relegado à população negra residente nos morros cariocas, ao misturarem com o Jazz, fosse visto com qualidade musical surpreendente e fosse aceito pela elite brasileira da época, assim como o Tropicalismo, através de nomes como Caetano Veloso, Gilberto Gil, Tom Zé e Mutantes, utilizando a afirmação do seu papel relevante em relação à modernização da música brasileira, através de influências internacionais, como o rock e o pop, ao misturarem ao samba, forró e baião[27], objetivavam conectar a música popular brasileira à cultura juvenil mundial.

Com relações essenciais com a literatura, a poesia marginal desenvolvida pela geração mimeógrafo destacou-se por ser feita por professores, estudantes universitários, artista e poetas, no geral brancos da classe média, com o propósito de contestação e oposição à ditadura. Essa geração colocou a poesia como forma de contestação das situações repressoras proporcionadas pela ditadura em folhas mimeografadas, divulgando seus escritos de forma paralela, marginal ao mercado editorial convencional, já que a censura proibia qualquer tipo de manifestação oposta ao regime militar.

Todos esses movimentos ou foram feitos através de grupos universitários de classe média, com conhecimento e vivência na cultura europeia, ou foram pensados por artistas, muitos também de classe média, de

[27] Música popular no nordeste brasileiro, tocada a partir de acordeom (sanfona), viola caipira, flauta doce e o triângulo.

maioria branca, de diversos ramos, colocando em destaque a mudança da cultura popular brasileira a partir das influências internacionais.

REYES (2011), ao estudar a literatura periférica a partir do papel do escritor periférico como mediador cultural, salienta a importância, o caráter particular do movimento da cultura periférica, através dos apontamentos:

> A diferença, agora é que essas representações são feitas pelos próprios protagonistas: uma auto-narrativa dos próprios sujeitos, com a implícita ou, às vezes, explícita pressuposição de que só através dessas vozes é possível transformar esses produtos culturais em fiéis veículos para a compreensão dessa alteridade (REYES, 2013, p. 07).

O referido autor de origem mexicana, escritor e militante, viveu alguns anos na cidade de Salvador (BA), observando a realidade de crianças, jovens e adultos moradores de rua, prostitutas, além de todas as pessoas de vida sofrida na cidade baiana. Tal convivência resultou em dois livros: "*A rainha do Cine Roma"* e "*Vidas de Ruas*[28]", relatando de forma veemente as experiências encaradas cotidianamente.

Ao entrar em contato com a cultura produzida na capital paulista, vislumbrou a potencialidade do movimento através dos textos engajados, das temáticas abordadas, assim como os autores do texto, ao analisá-lo, expõem:

> [...] trata-se de uma literatura urbana, à diferença do que seria, por exemplo, uma literatura indígena camponesa – oriunda, também de espaços subalternos. Em particular, no caso do Brasil, é uma literatura produzida por escritos oriundos de favelas, periferias urbanas e prisões (REYES, 2013, p. 13).

Outra pesquisadora argentina, ao ficar uma temporada na cidade de São Paulo, para observar a cultura periférica, a partir da literatura produzida e vivenciada por esses moradores, salienta o papel dos saraus:

> Participar de este "sarau" genera sentidos de pertenencia, se construye um "nosotros periférico" sustentado sobre um andamiaje estricto que reafirma em cada momento La forma de "ser" propuesto. Y es esse andamiaje estricto El que permite que lós participantes distingan, reconozcan y Le otorguen um valor y um conjunto de categorias de percepcíon a la "periferia" y al "sarau" (TENINNA, 2011, p.37).

[28] REYES, Alejandro R. **A rainha do Cine Roma**. São Paulo: Leya, 2010. REYES, Alejandro. **Vidas de Rua**. Salvador: Fundação Jorge Amado. 1997.

Ingrid Hapke, pesquisadora alemã e organizadora do evento sobre literatura marginal na cidade de Berlim, com a presença de alguns participantes dos saraus paulistanos, suscitou o debate na universidade e a exposição do fenômeno literário recente, que em sua opinião, destaca:

> Para mim, a cena cultural que está acontecendo nas periferias é uma das coisas mais interessantes da atualidade. É uma literatura feita por autores que antes foram excluídos do campo cultural e que agora escrevem e publicam, sem mediação, sobre temáticas que antes pouco interessavam [...] Não entendo a literatura marginal/periférica como literatura de testemunho porque ela é muito singular e disputa espaço e reconhecimento no campo literário. Procuro estabelecer relações entre as noções de literatura de testemunho e marginal/periférica para perceber as inovações e atualizações estéticas. Acredito que a literatura, de modo geral, não pode ser analisada sem os autores, os meios e as mediações que produzem um texto[29].

Iniciar o assunto sobre saraus e a sua relevância a partir da cultura periférica em si, assim como o movimento da sua repercussão nos meios acadêmicos de universidade internacionais, propicia a visualização e alcance do movimento ao divulgarem os seus textos mesmo sem apoio de nenhuma grande editora no circuito comercial de livros, ao contrário, a cultura feita na periferia em sua maioria é pensada e "consumida" por vizinhos, parentes, amigos, colegas, ou mesmo por pessoas desconhecidas, mas que "partilham" tais vivências diariamente.

As pesquisas citadas acima representam, além da constatação do alcance e da qualidade dos coletivos artísticos nas bordas da cidade, um importante entre centros universitários internacionais (Universidade da Califórnia – EUA; Universidade de Buenos Aires – Argentina; Universidade de Berlim – Alemanha) com os recentes artistas periféricos, fazendo com que a efervescência cultural vivenciada nas bordas de São Paulo ganhasse espaço e fosse visualizada através dos relatos tensos e "cruéis" da pura realidade da população marginalizada.

Tais pesquisadores estabeleceram não somente laços de interesse para pesquisa, mas representam em seus países um contato direto para o

[29] Ver entrevista "Evento na Alemanha promove a Literatura Marginal Brasileira", In: http://conexoesitaucultural.org.br/noticias/evento-na-alemanha-promove-a-literatura-marginal-brasileira/. Acesso em 20/02/2014.

fornecimento de livros e traduções desses escritos, a exemplo de diversos exemplares traduzidos para o espanhol pela pesquisadora e tradutora Lucía Teninna[30], eventos e participação dos autores em seu país como a alemã Ingrid Hapke, ou a recente aprovação de tradução do livro Manual Prático do Ódio, do Ferréz, no México, através do pesquisador Alejandro Reys.

Todavia, ao passar de mão em mão os seus escritos, ao recitarem a poesia e trocarem sentidos, ao se verem em vários saraus diferentes, impulsionam os artista marginais a pensarem em formas de distribuição rápida e alternativa, mantendo blogs, grupos de amigos nas redes sociais na internet, e a publicação de seus livros por editoras, fora do eixo comercial, dão o toque especial de resistência e contestação dos valores culturais compartilhados entre os frequentadores dos saraus e leitores dessa gama de novos artistas.

Para observar a importância dos saraus e sua relevância para o impacto em seus frequentadores e a sua abrangência como movimento social e cultural, faz-se necessária a sua contextualização.

O movimento de saraus da atualidade foi precedido por iniciativas individualizadas de poetas na periferia de São Paulo, seja nas "*Noites da Vela*[31]" (1995/1996), do Movimento de "*Postesia*[32]" (1996/97) e do livro independente "*Postesia*" (1999), todas idealizadas por Robinson Padial, o Binho; nas publicações independentes de Sergio Vaz, como "*Subindo a ladeira mora a noite*" (1988), "*A margem do vento*" (1991), "*Pensamentos Vadios*" (1994) e do escritor Ferrez[33] de maneira independente em "*Fortaleza da desilusão*"(1997).

---

[30] A repercussão na Argentina, principalmente na cidade de Bueno Aires, foi grandiosa, pois a prefeitura local, em parceria com a Biblioteca Mario de Andrade da cidade de São Paulo, patrocinou a ida de 80 artistas periféricos, representantes dos principais saraus da cidade, para serem convidados especiais da Feira do livro de Buenos Aires, em abril de 2014. Ver reportagem "Uma ponte de versos entre a periferia de São Paulo e a terra de Gardel", In: http://oglobo.globo.com/blogs/prosa/posts/2014/01/04/uma-ponte-de-versos-entre-periferia-de-sao-paulo-a-terra-de-gardel-519818.asp. Acesso em 15/02/2014.

[31] Noites em que os frequentadores do seu bar ouviam músicas de autores desconhecidos e entre um disco e outro recitavam poesia (Maiores informações na parte 4.2.1).

[32] Movimento de divulgação das suas poesias atrás de placas de políticos espalhadas pela cidade. (Maiores informações na parte 4.2.1).

[33] Ferréz, nome literário de Reginaldo Ferreira da Silva, híbrido de Virgulino Ferreira (Ferre) e Zumbi dos Palmares (Z), é uma homenagem a heróis populares brasileiros. Dados disponíveis em <http//www.ferrez.com.br>. Acesso: 23/12/2013.

Representam iniciativas ligadas a uma proposta de literatura diferenciada, engajada, preocupada em denunciar situações vivenciadas em seus bairros, todavia, os autores não tinham oportunidades que viabilizassem os seus projetos, pois Binho, o Sérgio Vaz, trabalhando em uma fábrica no município de Taboão da Serra e Ferréz, arquivista de uma empresa, conseguiam destinar pouco tempo, na época, para a literatura e consequentemente não conseguiam viver inteiramente do resultado destas ações.

No ano de 1999, o escritor Ferréz, conjuntamente com colegas baseados nas posses do movimento hip-hop[34], funda um movimento preocupado na valorização das pessoas e do bairro do Capão Redondo como um todo, destacando-se nas redondezas por fazer parte de um movimento de resgate cultural e de valorização da cultura da periferia. Um de seus idealizadores define:

> **A "1DASUL" foi fundada em 1º de Abril de 1999 e tem como ideia ser uma marca voltada para a periferia, sendo desenvolvida por talentos urbanos, criando assim uma identidade autêntica com essas partes da cidade. O nome vem da ideia de todos sermos 1, na mesma luta, no mesmo ideal, por isso somos todos 1 pela dignidade das periferias. A marca com o tempo se tornou uma resposta do Capão Redondo e outras áreas para toda violência que nele é creditada, fazendo os moradores terem orgulho de onde moram e lutarem para um lugar melhor, com menos violência e mais esperança. Nós, brasileiros descendentes de escravos e índios nunca tivemos um símbolo sobre nossa linhagem, o logotipo da "1DASUL" em forma de fênix e com o número 1 em destaque é uma forma de termos nosso próprio brasão, e ele tem esse sentido de juntar a periferia [35].**

[34] Movimento surgido no final do ano1970 e início de 1980, quando África Bambaataa nomeou a cultura surgida no bairro de maioria negra, o Bronx, na cidade de Nova Iorque, com características inovadoras ligadas à dança, o Break, ao canto, o MC com o RAP, no comando do som, o DJ, a expressão artística visual, o Graffiti e considerado na atualidade como o quinto elemento, o conhecimento. Sobre a história do movimento HIP-HOP ver PIMENTEL (1997), sobre a importância do movimento hip-hop como processo de valorização identitária do jovem urbano ver: MAGRO (2002); SILVA & SILVA (2008) e ANDRADE (1999).

[35] Consultado em http://ferrez.blogspot.com/2005/06/o-que-1dasul.html. Acesso 20/01/2014.

Desde a sua fundação, o movimento[36] cultural divide-se em selo de gravadora, no fomento e divulgação de grupos de rap, organização de shows e atividades culturais, bibliotecas, movimento literário, panfletagem com temas próprios, fábrica de confecção de bonés, toucas, camisetas, moletons e meias com o símbolo do movimento.

Considerada pelos organizadores como a primeira marca exclusiva elaborada, confeccionada e vendida pelos moradores do Capão Redondo, visando como o público o próprio morador da periferia em geral, o movimento cultural "1daSul" torna-se relevante pela proposta de formulação de valores subjetivos positivos no cotidiano e na autoestima do morador da periferia, pela marca, por livros, shows, fazendo com que o jovem possa refletir sobre o seu cotidiano, suas práticas e sua intervenção dentro deste processo do ponto de vista espacial, considerando aquela parte da cidade o seu "lugar" de luta, resistência, etc.

No ano 2000, Ferréz, lança pelo selo Editorial Labortexto o seu livro de maior destaque, "Capão Pecado", aclamado pela crítica literária e traduzido para mais de uma dezena de países, ganha notoriedade pelo fato do enredo ter os moradores do bairro do Capão Redondo e suas experiências com crimes, medos, frustrações e outros sentimentos creditados pela população da cidade, mas passados diariamente pelos moradores. Damiani (2008, p. 61) faz algumas considerações sobre o livro:

> ... chama a atenção à intensidade dramática dos seus personagens: eles revelam a segregação social, a cisão vivida em relação às áreas enriquecidas da cidade; recodificam suas práticas, assumindo como identidade esse distanciamento social, incluindo uma gramática própria do lugar; o Capão não aparece como um todo homogêneo, tem fronteiras invisíveis, áreas interditadas e livres, diferentes ambiências, que jamais uma pessoa externa a essas circunstâncias poderia contemplar em profundidade [...] a rotina de um sujeito que vive a mesmice do trabalho parco e da sobrevivência rasa e a destruição do mínimo de normalidade pelas mortes, assassinatos e tantas outras dores; num mesmo personagem revela-se essa dramaticidade e o balanceio entre a persona do trabalhador e a da bandidagem; do amor delicado e do sexo rude.

[36] A autodenominação de movimento cultural foi talhada cotidianamente pelos envolvidos no projeto ao expressarem as atividades do grupo.

Com a repercussão do seu livro, Ferréz é convidado a participar do conselho editorial da Revista Caros Amigos. Gerida pela Editora Casa Amarela, a publicação, desde 1997, o ano de seu lançamento, alinha-se à crítica ao neoliberalismo e ao capitalismo perverso. Com a chegada do autor à editora, surge a proposta de lançamento de uma edição especial, a Literatura Marginal[37], divulgando uma série de autores com textos e grafites ligados à temática periférica.

Tal edição da revista Caros Amigos ganhou destaque e repercussão nacional devido à contribuição significativa do interesse nacional e internacional de milhares de pessoas nas realidades vivenciadas nas periferias brasileiras, proporcionado, naquela época, pelo filme "Cidade de Deus". Lançado em 1997 pela editora Companhia das Letras, o livro "Cidade de Deus", de Paulo Lins, foi adaptado por Bráulio Mantovani para o cinema em 2002, com direção de Fernando Meirelles, chegando a alcançar patamares até então impensáveis em território nacional, aclamado pela crítica, pelo roteiro simples, recursos escassos, todavia em um envolvente enredo, mostrando a história de uma comunidade no Rio de Janeiro, através do seu desenvolvimento histórico. ARAÚJO & BRANCO (2009) realçam essa importância:

> O lançamento do filme de Fernando Meirelles levou mais de três milhões de pessoas às salas de cinema. É preciso dar crédito a esse fenômeno que em geral ficava restrito aos filmes nacionais voltados às crianças e ao cinema estrangeiro [...] A periferia foi incitada a discutir sua própria representação nas telas, as cenas de violência excessiva foram questionadas e, principalmente, a adesão do público suscitou muitos debates. De qualquer forma é possível considerar Cidade de Deus como um marco em que a indústria cinematográfica nacional passa a tratar o tema da violência com considerável sucesso. (ARAÚJO & BRANCO, 2009, p.60-61.)

Em um dos estudos pioneiros sobre o recente fenômeno literário, Nascimento (2006) analisa o universo da Literatura Marginal[38], a partir das publicações especiais da Revista Caros Amigos (2001, 2002 e 2004), onde

---

[37] Segundo Ferréz: "*Literatura marginal é aquela feita por marginais mesmo, até por cara que já roubou, aqueles que derivam de partes da sociedade que não têm espaço. Mas adverte: "Quando a gente consegue alguma coisa por meio da arte, não quer dizer que a vamos sossegar. Temos é que organizar o nosso ódio, direcioná-lo para quem está nos prejudicando. Tudo o que o sistema não dá, temos que tomar". In: http://www.heloisabuarquedehollanda.com.br/literatura-marginal/. Acesso em 20/01/2014.*

[38] Diferenciando-a em relação aos poetas na década de 1960, acolhidos no rótulo de poesia marginal, pois estes estavam sobre a égide da oposição a ditadura militar, em sua maioria estudantes de classe média/alta, em atos de liberdade contra o sistema, com a escrita coloquial, em pequenos fragmentos, tons de ironia e com palavrões, constituintes do universo da contracultura (Nascimento, 2006, 2009b, 2011.)

averigua a junção de diversos autores com características textuais diferentes unidos pela proposta de relatar as mazelas sofridas pela população nas periferias brasileiras, tendo a escrita não formal, com gírias e neologismos, e o principal fato, o de serem moradores de tal território, como elementos que os destacassem no cenário nacional, pois seus textos foram divulgados como relatos da verdade, vivenciados pela janela da realidade, despertando interesse da crítica literária pelo teor de veracidade-denúncia das injustiças e segregações enfrentadas cotidianamente por populações nas bordas das metrópoles brasileiras.

Outro aspecto importante da pesquisa[39] foi a análise de três autores literários em específico: Ferréz, Sérgio Vaz[40] e Sacolinha[41], com seus respectivos projetos, "1daSul" (Capão Redondo), Cooperifa[42] (Chácara Santana) e Literatura no Brasil (Suzano), sendo os dois primeiros desenvolvidos na zona sul da cidade de São Paulo e o último no município de Suzano, todos ligados ao ativismo cultural de exaltação de autores em consonância com o engajamento, a denúncia e a divulgação das mazelas vivenciadas pelos moradores da periferia através da escrita, evidenciando a criação de pontos de trocas e fortalecimento desses escritos, os chamados saraus periféricos.

A título de ilustração do surgimento e propagação de tais encontros na cidade de São Paulo, é necessária a caracterização de um dos grupos que

---

[39] No ano de 2008, a dissertação intitulada "Literatura Marginal: os escritores da periferia entram em cena" é publicada em formato de livro, "Vozes Marginais na Literatura", pela editora carioca Aeroplano e, no ano de 2011, a pesquisadora conclui a sua tese de doutorado com o título "É tudo nosso: Produção cultural na periferia paulistana" (Nascimento, 2011) , com a preocupação de analisar a manifestação e produção da periferia de São Paulo a partir das mostras culturais e ações desenvolvidas pelo COOPERIFA.

[40] Sérgio Vaz, um dos fundadores do COOPERIFA, além das obras citadas anteriormente, publicou de maneira independente "A poesia dos deuses inferiores" (2005), "COOPERIFA – Antropologia Periférica, pela Global editora lançou os livros "Colecionador de Pedras" (2007) e "Literatura, pão e poesia" (2011), além de ser considerado um dos responsáveis em divulgar a valorização da cultura periférica, por eventos espalhados pela cidade, em outros estados, inclusive fora do país. Ver entrevista "Um mestre na periferia (dez/2007). In: http://diplo.org.br/imprima2071. Acesso em 14/01/2014.

[41] Ademiro Alves de Sousa tem seu primeiro texto publicado na revista Caros Amigos, Edição especial Literatura Marginal (2004), publicou também "Graduado em marginalidade", pela editora Scorteci (2005), "85 letras e um disparo" (Ed: Global, 2007), "Estação Terminal" (Ed: Nankim, 2010), "Peripécias da minha infância" (Ed: Nankim, 2010) e "Manteiga de Cacau" (Ed: Ilustra, 2012), além de desenvolver diversos projetos relacionados à literatura marginal na cidade de Suzano. Ver: http://sacolagraduado.blogspot.com.br/ Acesso em 13/01/2014.

[42] Cooperativa Cultural da Periferia teve sua gênese na cidade de Taboão da Serra no ano de 2001 com eventos culturais que juntavam uma série de apresentações, inclusive poesia. Passou pelo bar "Garajão" para fixar-se no bar do Zé Batidão, no bairro Chácara Santana, zona sul de São Paulo, adquirindo força semanal na realização de seus saraus a partir de 2003. Ver Nascimento (2006, p. 132-141), (2011).

fortalece a ideia de sarau e é considerado um dos sistematizadores de tais práticas, o COOPERIFA.

Movimento fundado no ano de 2001, foi resultado da necessidade de pessoas ligadas e interessadas na cultura no geral, todavia com recorte periférico de exaltação da classe trabalhadora, valorização dos escritos daquelas que sofriam na pele a moradia, locomoção e outras mazelas da cidade.

Inicialmente formada por Marcos Pezão[43], Sergio Vaz, o COOPERIFA abarcava manifestações culturais daqueles artistas que não tinham espaço para se apresentarem, formando e atraindo em suas atividades público para compor um ambiente de trocas de experiências e pessoas interessadas em compartilhar cultura popular de forma coletiva.

Detentora de diversas ações para a divulgação da leitura, como o "Natal com Livros", onde realiza a distribuição gratuita de 10 mil livros para as comunidades adjacentes ao bar do Zé Batidão, o COOPERIFA, denominado por seus participantes como "movimento cultural de resistência na periferia", preocupa-se com a organização de eventos ligados à divulgação da cultura periférica, assim como vislumbra a sua discussão pelos envolvidos em tal processos.

Um dos primeiros eventos neste sentido foi o "I Prêmio Cooperifa", no ano de 2005, entregando troféu para artistas frequentadores do sarau e para aqueles que desenvolviam projetos[44] de destaque para a melhoria da comunidade.

Outro evento de relevância foi a "*Semana de arte moderna da periferia*" (2007), em referência à famosa Semana de Arte Moderna de 1922, tal evento tinha como característica a emancipação e divulgação da cultura periférica como importante no cenário cultural paulistano e brasileiro, onde se discutiu a

[43] Um dos responsáveis pela propagação da literatura marginal, cofundador do COOPERIFA, lançou em 2013 pela editora Reza Brava o livro "*Nóis é ponte e atravessa qualquer rio*". Idealizador do sarau "A plenos pulmões", que ocorre todo o primeiro sábado de cada mês às 19h30, na Casa das Rosas, um dos redutos culturais da Av. Paulista. Ver: http://www.casadasrosas.org.br/. Acesso em 25/01/2014.

[44] Ligados à literatura, personalidades importantes, eventos, teatro, música, projetos, jornalismo, fotografia, educação e comunicação. Ver NASCIMENTO, 2006, p. 142.

cultura popular e periférica através de debates, palestras, exposições e shows. Em continuidade à proposta da "Semana de Arte Moderna da Periferia[45]" de 2008 até o ano de 2013 foram realizadas as "Mostras Culturais da COOPERIFA[46]", com o mesmo caráter inicial, entretanto com o aprofundamento de algumas questões, como o negro na mídia, educação popular, protagonismo cultural juvenil, dentre outros.

Todas essas ações serviram para colocar o COOPERIFA em destaque, principalmente para artistas, poetas e estudiosos a nível internacional, possibilitando a troca de informações e experiências. Sergio Vaz, conjuntamente com alguns representantes do COOPERIFA, é chamado para apresentações e debates relacionados à temática cultural periférica, a exemplo temos a ida de três integrantes à Semana da Literatura Marginal, com o título de abertura do evento sendo "Antropofagia periférica: a periferia no centro", nas cidades alemãs de Berlim, Hamburgo e Colônia, em maio de 2013[47], mesmo ano em que o Brasil foi posto como convidado especial na Feira do Livro de Frankfurt.

Essas conexões e contatos estabelecidos fora do país abriram caminho para outros artistas da literatura marginal para lançamento de livros, traduções, e palestras, como a ida de Rodrigo Ciríaco[48] para a Itália, Bélgica e França, através do edital da Fundação Biblioteca Nacional em 2013 para a promoção da literatura brasileira no exterior, possibilitando o estreitamento das relações,

---

[45] Tal evento ganhou repercussão, além da sua programação, pelo documento "**Manifesto Antropofágico Periférico**", cujo conteúdo é a busca da arte engajada, a do artista cidadão, expondo a indignação e posição contrária às mazelas opressoras do povo periférico. *"A Periferia nos une pelo amor, pela dor e pela cor. Dos becos há de vir a voz que grita contra o silêncio que nos pune. Eis que surge das ladeiras um povo lindo e inteligente galopando contra o passado. A favor de um futuro limpo, para todos os brasileiros [...] A Arte que liberta não pode vir da mão que escraviza*". Ver discussão da semana e o manifesto na reportagem "Os novos antropófagos: Artistas da periferia de São Paulo lançam sua própria Semana de Arte Moderna", *In:* http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EDG79089-6014-487,00.htm. Acesso em 25/01/2014.

[46] O último evento foi a 6ª Mostra Cultural da Cooperifa de 20 a 27/10/2013, que contou com a participação de Mano Brown e Edi Rock (Racionais MC's), Chico César, Zeca Baleiro, Izzy Gordon e muitos artistas periféricos, além de atividades circenses, graffiti, distribuição de livros, discussões sobre criança negra e a mídia, continente africano dentre outros, em diversos pontos da zona sul. Ver reportagem "Sérgio Vaz fala sobre a 6ª Mostra Cultural da Cooperifa", *In:* http://www.revistaforum.com.br/blog/2013/10/sergio-vaz-fala-sobre-a-6a-mostra-cultural-da-cooperifa/. Acesso em 25/01/2014.

[47] Ver reportagem "Cooperifa participa da semana de Literatura Marginal em Berlim", In: http://www.revistaforum.com.br/blog/2013/05/cooperifa-participa-de-semana-da-literatura-marginal-em-berlim/. Acesso: 26/01/2014.

[48] Rodrigo Ciríaco é professor de história, ativista cultural, fundador do "Sarau dos Mesquiteiros", na Zona leste de São Paulo, organizado mensalmente na escola onde leciona. Publicou, em 2008, pela Edições Toró, "Te pego lá fora!". Blog do autor: http://www.efeito-colateral.blogspot.com.br/. Acesso em 26/01/2014.

com tradução de alguns textos para o francês e para o italiano, assim como debates em livrarias e universidades sobre a temática periférica[49].

Tal repercussão sobre a literatura periférica fez com que se espalhassem pela cidade de São Paulo, a partir das experiências originárias inicialmente das "Noites da Vela", do Sarau do Binho, assim como do Sarau da COOPERIFA, reuniões de pessoas ligadas ao mundo artístico, mas sem nenhuma possibilidade de sobreviver da cultura, para agregarem-se em coletivos, a fomentarem a discussão sobre a cultura periférica, efetivarem parcerias com ONGs, escolas, bares, dentre outras, concretizando uma rede de relações.

Como materialização e prosseguimento de tal rede, eventos como o "Sarau Elo da Corrente" (2007), em Pirituba – Zona Oeste, "Sarau da Brasa" (2008) - Freguesia do Ó – Zona Norte, "Sarau Vila Fundão" (2009) – Zona Sul, "Sarau Suburbano Convicto" (2010) – Bixiga, Zona Central, "Sarau Perifatividade" (2010) – Ipiranga, Zona Sul, dentre outros, começaram, via de regra, seja em bares, escolas e associações, a fortalecer um circuito de experiências na cidade e a criar público e interesse de autores para publicação de suas obras, conquistando espaços para exibirem suas apresentações e fazerem contatos, aumentando as possibilidades de sobrevivência, ou, pelo menos, compondo auxílio financeiro para o desenvolvimento de suas propostas, como confecções de livros, viagens, gravação de CDs, montagem de documentários, etc.

Como contribuição decisiva a partir de incentivo financeiro, em 2003, na cidade de São Paulo, idealizado pelo vereador Nabil Bonduki, é aprovado o Programa de Valorização de Iniciativas Culturais - VAI, através da Lei 13540. Efetivado desde 2004 pela Secretaria de Cultura do município, o programa visa apoiar financeiramente as produções feitas exclusivamente por jovens[50]

[49] Ver reportagem "Educador da periferia de São Paulo é convidado para debates na Itália, Bélgica e França", *in:* http://www.rapnacional.com.br/portal/escritor-rodrigo-ciriaco-representa-literatura-periferica-na-europa/. Acesso em 28/01/2014.

[50] Inicialmente, o programa contava com o subsídio de até R$ 15.000,00, renováveis por mais um ano, para grupos principalmente compostos por jovens envolvidos na esfera cultural. Já em 2014, a iniciativa contou com duas frentes, a primeira chamada de Vai I, disponibilizando R$ 30.000,00 para coletivos formados por jovens entre 18 e 29 anos, e o Vai II, disponibilizando até R$ 60.000,00 para pessoas físicas

residentes em regiões desprovidas de recursos e aparatos culturais da cidade, como forma de apoio, e a consequente inserção no mercado artístico para aqueles que estavam excluídos do circuito cultural da cidade[51].

A promulgação da lei proporcionou para aqueles que participavam ativamente dos saraus, de projetos não remunerados, subempregados, ou até mesmo desempregados, um horizonte fértil em relação às perspectivas em poder dedicar-se completamente as suas atividades culturais, seja em relação à leitura, ensaios, formulação de livros, parcerias, exposições, construção e participação em novos projetos, ou mesmo como a confecção de editora, a exemplo das Edições Toró, fundada em 2005.

Contemplada com o programa Vai, a Edições Toró nasceu a partir da necessidade de divulgação do livro "Vão" (2005), do autor Allan Santos da Rosa, que, reunido com alguns colegas, decidiu investir no projeto do selo editorial devido à boa receptividade do livro, assim como à necessidade de divulgação dos escritos periféricos, já que há tempos os autores periféricos alegavam a não aceitação das editoras comuns do mercado editorial, ou a não possibilidade de autofinanciamento (NASCIMENTO, 2011), concretizando oportunidades para os escritores divulgarem suas obras.

O selo "Edições Toró"[52] caracteriza-se por, além de divulgação da chamada literatura marginal, ou periférica, confeccionar os seus livros de maneira artesanal. Com a tiragem de 600 cópias de cada projeto, os integrantes do selo, conjuntamente com os autores, elaboram e fazem a impressão majoritariamente em papel reciclado, e enfeitam a capa com búzio, fitas, etc., objetivos traçados para alcançar certa diferenciação de seus livros

---

ou jurídicas, jovens ou adultos. Todavia, as duas modalidades abrangem somente pessoas de baixa renda e moradoras das regiões do município desprovidas de recursos e aparatos culturais. Ver a lei e suas alterações, In: <http://www.radarmunicipal.com.br/legislacao/lei-13540>. Acesso em 20/03/2014. Sobre o Edital Vai 2014, ver <http://programavai.blogspot.com.br/2013/12/programa-vai-lanca-edital-para.html>. Acesso em 20/03/2014.

[51] Sobre a análise do impacto do programa a partir de coletivos juvenis, ver Simões Borelli & Aboboreira (2011), assim como Almeida (2009), (2013).

[52] <http://www.edicoestoro.net/>. Acesso em 20/03/2014.

frente ao mercado editorial comum e ao estímulo do público à leitura[53], já que a maioria do seu público concentra-se na periferia paulistana e o valor de seus livros não ultrapassa R$ 20,00.

Outra ação governamental de peso abrangendo o estado de São Paulo, mas impactando diretamente a cidade de São Paulo e a região metropolitana em relação ao fomento e incentivo aos grupos culturais, foi o "Programa de Ação Cultural" (PROAC). Criado através da Lei nº 12.268, em fevereiro de 2006, e implementado pela Secretaria de Cultura do Estado, o programa tem como objetivo apoiar e patrocinar o intercâmbio, a divulgação artística, as pesquisas, a formação e a diversidade cultural, além de preservar e difundir o patrimônio material e imaterial do estado de São Paulo, dividido entre 21 segmentos, dentre eles: artes plástica, teatro, biblioteca, cultura popular, literatura, hip-hop, etc. Sua arrecadação funciona a partir de incentivos fiscais estaduais para empresas que patrocinarem grupos culturais.

O programa atinge boa repercussão e alcança impactos significativos na vida cultural periférica, pois as instituições e grupos que o recebem ou já foram contemplados, a exemplo do Poiesis - Instituto de Apoio a Cultura, a Língua e a Literatura (Organização Social de Cultura), responsável pela administração da Fábrica de Cultura do Jd. São Luís, Fábrica de Cultura do Capão Redondo, Casa das Rosas; outras instituições, como o Instituto Artemanha de Artes, Cia Humbalada de Teatro, Edições Toró desenvolveram oficinas, saraus, coletâneas, formações, dentre outras intervenções, fazendo com que as pessoas envolvidas em projetos ligados tanto à literatura quanto ao teatro e artes plásticas fossem remuneradas para desenvolverem atividades por um ano.

Diretamente relacionado aos grupos envolvidos com o desenvolvimento de saraus regulares, o edital nº 34/2013[54] do Programa de Ação Cultural lança

---

[53] Ver entrevista "A palavra que está fervendo", *In:* <http://revistaraiz.uol.com.br/politicas/cooperifa.html>. Acesso em 20/03/2014.

[54] No ano de 2012 foi lançado o Edital nº 32/2012 do Programa de Ação Cultural, primeira edição do "Concurso de Apoio a Projetos de Saraus Culturais no Estado de São Paulo" , também com o incentivo de R$ 40.000,00 (quarenta mil reais) para os ganhadores, no entanto, foram contemplados somente dois projetos ligados ao circuito comercial. Já no ano de 2011, houve o edital do ProAC 32/2011 – Concurso

o “Concurso de Apoio a Projetos de Saraus Culturais no Estado de São Paulo”, no qual os contemplados[55] receberão a quantia de R$ 40.000,00 (quarenta mil reais) para desenvolverem, no ano de 2014, atividades ligadas ao fomento e difusão da leitura através de intervenções de saraus, dirigidos através de três perspectivas:

> A. Leituras públicas dirigidas (obras, autores, movimentos literários, etc.).
> B. Atividades que favoreçam o diálogo da Literatura com outros segmentos culturais, tais como: Teatro, Dança, Cinema, Música, Artes Visuais e outros.
> C. Encontros de discussão e/ou debates temáticos (movimentos literários, autores, obras, etc.).[56]

Mesmo com o fomento da cultura através de edital específico para saraus, sendo disponibilizados pelo governo do e para todo o estado de São Paulo, várias foram as iniciativas que compreendessem os grupos ligados à temática periférica na cidade de São Paulo, como o Sarau do Binho e o Sarau do Vinil, assim como da região metropolitana, na cidade de Santo André, com o Sarau na Quebrada.

De maneira específica ao grupo de saraus realizados na periferia da cidade, com o recorte da literatura periférica, no ano de 2010, é lançado pela Prefeitura Municipal de São Paulo, através da Coordenadoria do Sistema Municipal de Bibliotecas, o programa “Literatura Periférica: Veia e Ventanias nas bibliotecas de São Paulo”[57].

Tal programa consiste na parceria entre as bibliotecas e os saraus de destaque na cidade de São Paulo para o desenvolvimento de atividades

---

de Apoio a Projetos de Primeira Publicação de Livro no Estado de São Paulo, tendo 133 autores concorrendo, sendo que 20 foram contemplados com a quantia de R$ 10.000,00.

[55] A lista de contemplados: **Sarau do Binho na Praça do Campo Limpo**, Sala de Visita ao Pé do Coreto, Sarau Literatura Nossa Suzano, Sarau do Povo, Sarau do Vinil – Mentes e Microfones Abertos, Perifatividade nas escolas, Prá,çarau – Sarau em Praça Pública, Sarau da Juventude, Sarau do Fórum – 7 Edições – Maquinário Poético, Sarau Nosso de Cada Dia!, Sarau do Burro. Sarau Cultural de Caieiras, Poesia é da Hora, Sarau na Quebrada, Sarau da Central 5 anos: Intercâmbios, Oralidades e Culturas Tradicionais. In: http://www.cultura.sp.gov.br/StaticFiles/SEC/edital/34_rf13.pdf. Acesso em 05/03/2014.

[56] Ver o processo total In: < http://premiogovernador.sp.gov.br/portal/site/SEC/menuitem.743e24c3aed90ec40fc55410e2308ca0/?vgnextoid=e389da4a12c09310VgnVCM1000008936c80aRCRD&vgnextfmt=default#.Uy9K36hdWSo>. Acesso em 05/03/2014.

[57] Ver http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/cultura/bibliotecas/programas_projetos/index.php?p=10174. Acesso em 20/03/2014.

ligadas à leitura, como contação de histórias, palestras, saraus, leitura de livros, esquetes de teatro, shows acústicos, dentre outros.

Cada edição do programa conta com o período de seis meses, com a verba total de R$ 27.000,00, pagos em seis parcelas iguais de R$ 4.500,00. Os coletivos são livres para "contratarem" outros artistas através de ajuda de custo, medida que disponibiliza alternativa e possibilidades de pessoas contarem com remuneração por serem de tais grupos, outros por serem autores e por participarem de tais atividades.

No ano de 2013, foram convidados os grupos "Sarau do Binho" (Biblioteca Marcos Rey – Zona Sul), "Sarau Arte Maloqueira" (Biblioteca Cora Coralina – Zona Leste), "Sarau Elo da Corrente" (Biblioteca Brito Broca – Zona Oeste), "Sarau da Vila Fundão" (Biblioteca Helena Silveira – Zona Sul), "Sarau da Brasa" (Biblioteca Affonso Schmidt – Zona Norte) e do "Sarau do Cooperifa" (Biblioteca Paulo Duarte – Zona Sul), todos ligados pela denominação de literatura periférica, engajados em diversos projetos não somente ligados à literatura, mas à divulgação, reflexão e fortalecimento da cultura periférica e da democratização da cultura na periferia.

A inovação de tal programa é salientada pelo fato de que as atividades são mensais, fazendo com que haja um intenso diálogo com a comunidade, tanto de divulgação quanto de parcerias, já que é comum em dia de apresentação escolas, ONGs, dentre outras instituições serem convidadas a prestigiarem as atividades, que geralmente têm duração de três horas e contam com novidades a cada edição.

Mesmo com o contraditório tratamento e truculência[58] da gestão Gilberto Kassab (DEM), entre os anos de 2006-2012, fechando diversos saraus por falta de alvará de funcionamento, os destaques dos diversos projetos envolvendo a literatura periférica a partir dos saraus espalhados pela cidade,

[58] Ver: Kassab fecha o cerco sobre saraus da periferia. Disponível em http://www.brasildefato.com.br/node/9808. Acesso em: 05/02/2014. Sobre o fechamento de outros saraus ver: "Por falta de alvará, mais saraus são fechados em SP. Disponível em: < http://www.brasildefato.com.br/node/9810> . Acesso em: 05/02/2014.

foi criado, a partir de 2011, dentro da Virada Cultural[59], mantido nos anos de 2012 e 2013, o palco “Santa Ifigênia – Cultura Periférica”, no qual a maratona de 24 horas de poesia através dos saraus de destaque da cidade de São Paulo e a cultura periférica no geral.

Essas iniciativas apontadas até o momento, desde as publicações espaçadas na década de 1980 e 1990, da Literatura Marginal, da formação e das conexões em rede dos saraus, assim como do papel importante de programas de fomento à cultura, foram para elucidar a relevância do movimento cultural periférico dos últimos anos, demonstrando que o sarau é território de contestação, formação, reflexão, divulgação, dentre todas as palavras que denotam a ideia de ação coletiva, pois tais pessoas, com o seu cotidiano sofrido, valorizam suas práticas, fortalecem suas vivências e trocas de experiências, ressignificam o seu papel na comunidade permitindo que haja nas frestas do ambiente urbano, pelos interstícios da cidade, uma intrigante rede de saraus, em especial na cidade de São Paulo, ultrapassando 40 pontos de realização de encontros periódicos para tal prática, assim como nas cidades do Rio de Janeiro (RJ), Salvador (BA), Brasília (DF), populações que perceberam o caminho da junção coletiva, nas atividades periódicas, na diversificação de projetos culturais e no compartilhamento de espaços públicos, ou até mesmo, na sua maioria, em bares, o uso político da cultura, cravando sua existência e demonstrado sua importância, frente ao mercado cultural elitista comum.

Como ação, reação, estímulo e resultado dessa rede, o “Sarau do Binho”, o mais antigo da cidade de São Paulo, é motivo de destaque na relevância alcançada e conquistada firmemente pela cultura periférica, tanto na cidade de São Paulo quanto no Brasil e internacionalmente, tornou-se, considerado por todos, peça fundamental, exemplo de resistência, afetividade, humildade, coletividade, para a compreensão desse fenômeno urbano recente.

[59] Evento realizado na cidade de São Paulo desde 2005, com duração de 24 horas, diversos pontos da cidade são transformados em palco ao ar livre, assim como espaços e centro culturais são postos a exibirem atividades ligadas ao teatro, cinema, música, literatura, artes plásticas, dentre outras, atraindo milhões de pessoas a capital paulista.

2.1 Sarau do Binho:

Campo Limpo Taboão
Quando nasci tinha seis anos.
No lugar em que nasci,
Sonhava que era tudo nosso.
Tinha os campinhos e os terrenos baldios.
Era meu território.
Já foi interior,
Hoje periferia com as casa cruas.
As vacas com tetas gruas
Não existem mais.
A cerca virou muro. Óbvio.
A cidade cresce.
O muro cresce.
Vieram os prédios, as delegacias, os puteiros
E as Casas Bahia.
Também cresci,
Fiquei grande.
Já não caibo dentro de mim
E de tão solitário
Sou meu próprio vizinho.
E de tão solitário
Sou meu próprio vizinho.
(Binho)

Consagrado, conceituado e respeitado na periferia paulistana, além de divulgado em diversos meios de comunicação nacionais e internacionais, o Sarau do Binho apresenta na atualidade uma mistura de território de contestação, declamações de poemas, apresentações de teatro, diálogos, debates, discussões e a festiva ciranda que encanta os participantes veteranos, anima e aproxima os visitantes recentes, formando um público eclético e assíduo pela qualidade das exibições.

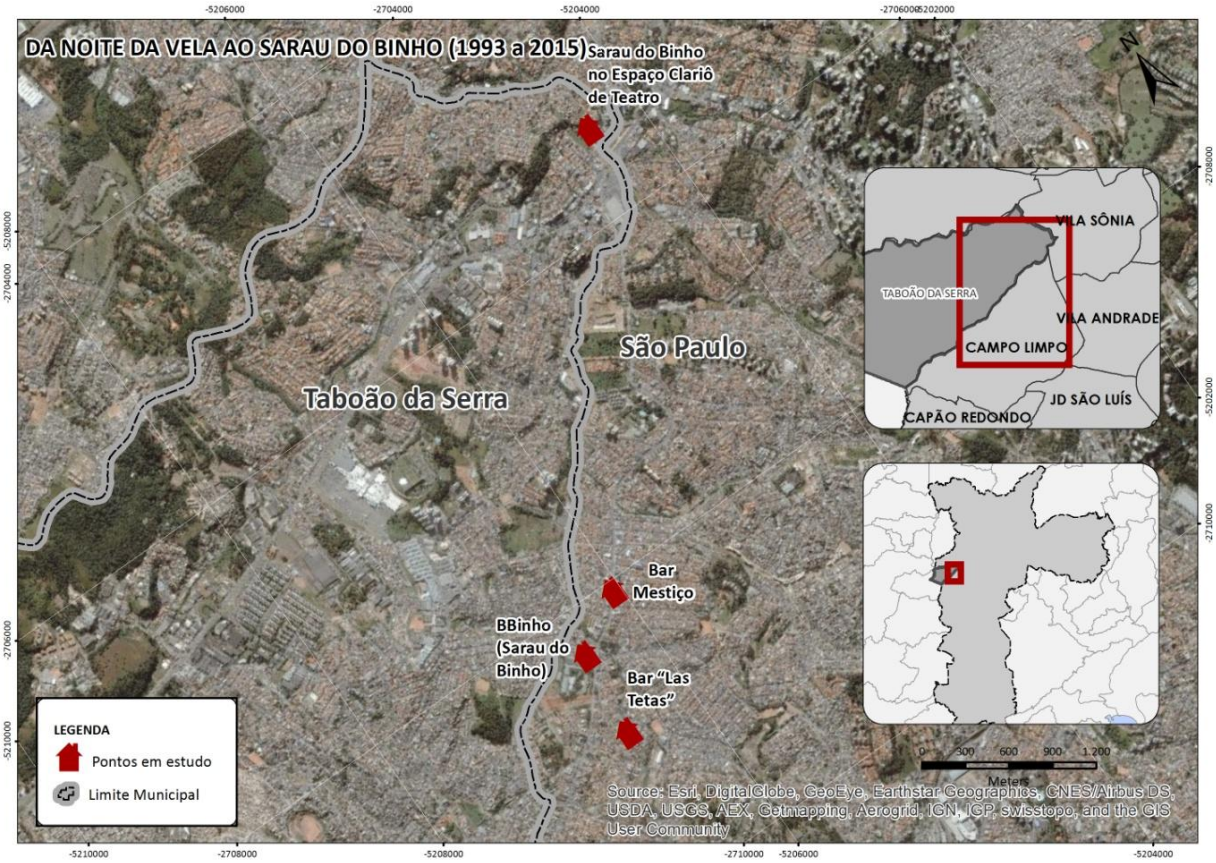
Com um histórico de oito anos de apresentações semanais, dão a fama e efetivaram o espaço de sua realização, o bar, um dos únicos locais públicos da periferia paulistana, com a propaganda de vender o pior pastel e a pior coxinha da cidade, as segundas-feiras regadas à poesia, cultura e cerveja, ganharam destaque nos cadernos de cultura, por, além de ser um bar, ficar na periferia, divulgar e ser palco da cultura periférica.

Movimento nascido na década de 1990, no distrito de Campo Limpo, na cidade de São Paulo, através de uma série de encontros entre amigos para ouvirem músicas e declamarem poesias. O Sarau passou por diversas transformações, teve seu antecessor o primeiro bar “Las Tetas”, o segundo bar

no qual o nome ganhou força, o BBinho, (bar do binho) e um terceiro momento no qual o “BBinho” é fechado e o sarau fica itinerante até mudar-se para o Espaço Clariô de teatro na cidade de Taboão da Serra, divisa com São Paulo.

O seu anfitrião, Robinson de Oliveira Padial (o binho), 50 anos, demonstra o caráter coletivo tanto por suas transformações quanto por suas ações agregadoras, que, dependendo do momento, podem contar com uma infinidade de colaboradores que de alguma forma contribuem para o fortalecimento do Sarau.

Para analisar esse movimento de forma panorâmica e a partir de uma possível leitura geográfica através da sua relevância para a construção das noções territoriais e de participação em movimentos sociais de seus participantes, verificando se o mesmo configura-se um elo entre tais movimentos, precisamos vislumbrá-lo pelo seu contexto histórico, através das diversas fases apresentadas. Na intenção de melhor exposição na pesquisa, explicitarei o movimento em três perspectivas temporais e espaciais distintas, a primeira intitulada “As portas se abrindo (1993-2003)”, a segunda, “BBinho” (2004-2012)”, e a última como “O Sarau do binho vive: a itinerância da palavra 2013- atual).



Organização: Diego Elias. Elaboração Olga Paz.

2.1.1 1ª fase - As portas se abrindo…

Para abordar o Sarau do Binho, faz-se necessário visitar o histórico do casal Robinson de Oliveira Padial e Suzi de Aguiar Soares, assim como o da família Padial, pois fazem parte da história do bairro e nos auxiliam no entendimento das transformações ocorridas nos eventos culturais da região.

O pai do Binho, Joaquim Antônio Padial, nascido em São José do Rio Preto – SP, filho de espanhol com indígena, teve ao total 15 filhos, migrou para o Campo Limpo em 1958, abriu uma farmácia, no salão em frente de sua residência, onde hoje se localizam as Casas Bahia na Estrada do Campo Limpo, foi um dos pioneiros na exploração de terras nas divisas no distrito de campo limpo com a cidade de Taboão da Serra, empreendedor do ramo imobiliário na década de 1950 e dono de uma das primeiras lojas de material de construção do Jd. Maria Sampaio, tinha suas incursões no mundo artístico, gostava de cantar, frequentava assiduamente os bailes de carnaval e criou a

empresa cinematográfica Cayobá, vislumbrando a oportunidade de fazer um filme como protagonista ,“Mestiço, o Zorro Brasileiro”, sendo que *“se perguntar aos moradores antigos, juram que o ‘Mestiço’ saía pela Estrada do Campo Limpo e adjacências em 1970 vestido a caráter”*, afirma Binho, tamanha a sua vontade artística de gravar tal filme.

O “Mestiço”, como gostava de ser conhecido, comprava terrenos e os loteava para vender em sua imobiliária, escolhia alguns e levantava pequenas casas e as vendia um pouco acima do preço em relação aos terrenos vazios. Para aproveitar as negociações e o aumento na margem de lucro, abriu no Jardim Maria Sampaio uma das primeiras lojas de material para construções, as Esquadrias Cayobá.

Por essas relações ficou conhecido na região e onde chegava já chamava a atenção, por seu chapéu de boiadeiro, seu bigode avantajado e por andar sempre de camisa, calça jeans e sua botina, tinha público garantido pelas ruas, ou para uma plateia seleta, principalmente em festas de aniversários, que constantemente se tornavam shows a moda de viola para a família Padial.

Robinson Padial, “*o filho de Robin que na verdade é filho do Joaquim*”, brinca em entrevista, o tranquilo Binho, teve seu apelido estabelecido pela mãe ao chamá-lo infinitas vezes de maneira carinhosa das incansáveis tardes de futebol. Nasceu em 27/11/1964 e foi em uma rua tranquila, um bairro calmo, onde teve sua infância partilhada com seus irmãos e colegas. Saía cedo para as “traquinagens” e voltava a “galope” com os chamados de sua mãe, partilhou das lembranças da vizinhança de quando o Campo Limpo era realmente um campo e tinha a qualidade de ser limpo. Não havia farol, a selva, em vez de ser de “pedras”, era de matas que se alternavam com pequenas construções ao longo da Estrada do Campo Limpo, Avenida Kizaemon Takeuti e da Avenida Carlos Lacerda (nota sobre o fato de essas ruas serem pontos de intersecção importante na pracinha do campo limpo).

Iniciou no período escolar no ano de 1972, na famosa Escola Estadual Presidente Kennedy, quando os alunos ainda eram obrigados a fazer o primeiro ano onde hoje é o terminal Campo Limpo. A partir do segundo ano,

1973, no prédio atual, a escola torna-se modelo na região, por ter um amplo terreno, contar com os serviços integrais de psicólogo e dentista em seu quadro de funcionários e pela escassez de escolas na região. Nesses primeiros anos, Binho estreita laços de amizades importantes para o seu futuro na literatura.

Ajudou o seu pai nas Esquadrias Cayobá, trabalhou nas lojas Pernambucanas, consertou janelas, vendeu banana em cacho, conheceu a sua companheira, Suzi Soares, nos tempos de escola, no entanto foi para a Europa sozinho em busca de oportunidades e para fugir da crise no país. Ficou um tempo na Espanha, Itália, Israel, Egito, mas é quando está na Inglaterra que Suzi o acompanha e por lá ficam por volta de um ano no início dos anos de 1990.

Recém-chegados ao Brasil, após um contato direto com outras culturas e de ter juntado um pouco de dinheiro, decidem abrir seu próprio negócio, algo diferente, único, procuraram o espaço, fizeram os preparativos e inauguraram em 14 de abril de 1993 o "Bar Las Tetas"[60], em frente à Escola Estadual Presidente Kennedy, pois, além de acharem um bom salão para locar, tinham o conhecimento, a partir dos anos de morada na região, os amigos em comum e o público da escola, já que a mesma, à noite, funcionava com alunos mais velhos.

Os amigos começaram a fazer visitas ao bar e logo o mesmo tornou-se conhecido por algumas especificidades, a música tocada distinguia-se em relação aos bares da periferia, pois variava de MPB a samba, rap, forró e reggae. O anfitrião, para servir as mesas, vestia-se com um avental com uma mulher nua e com os seios avantajados, as canecas de cerveja eram em formato de seios.

A aproximação e o vínculo com as amizades estabelecidas ao longo da juventude ampliou-se para um público maior e diversificado, desde pessoas simpáticas ao mundo artístico, seja como espectadores, ou ligadas a bandas, artistas plásticos, músicos, atores, dentre outros, já que a região era atendida

[60] No nome fantasia ficou "La a Tetes", devido às autoridades considerarem o nome chulo e não autorizarem "Las Tetas".

precariamente por aparatos de cultura e lazer. O bar passou a ser ponto de encontro e agregar reuniões de pessoas ligadas à arte da região do Campo Limpo.

O bar ganhou visibilidade durante todos os dias da semana, principalmente aos fins de semana. As noites eram estendidas por conversas ao violão, pela vitrola ao fundo do bar com pedidos infinitos de compositores, intérpretes muitas vezes desconhecidos da maioria, sempre alimentando as trocas de experiências e histórias infindáveis de alegria.

Nesta atmosfera fértil, Binho salienta que qualquer proposta realizada era bem aceita pelo público e, além disso, as pessoas começaram a solicitar atividades internas e externas ao bar que proporcionassem diversão e proximidade entre os frequentadores.

Em 1995, tem contato com a biodança[61], passando a dedicar-se ao equilíbrio interior, à qualidade de vida e à sensibilidade cultural, enfrentando sua rotina de forma diferenciada. Estreita laços com a literatura a partir de rascunhos poéticos solicitados em tais aulas, causando impacto considerável em sua personalidade e tendo, nessa fase de sua vida, uma "abertura" ao mundo poético e da sua expressão enquanto ser humano. Assim, auxiliado pelos "caminhos" que o bar tem levado, investe em outras iniciativas.

As atividades no bar passaram a ser sistematizadas devido à rotina criada e ficaram conhecidas inicialmente como "a noite da vela", na qual se apagavam as luzes, colocava-se uma vela para iluminação e como música utilizavam vinis antigos de autores variados e desconhecidos; esporadicamente, por iniciativa própria dos artistas, alguém assumia o violão em uma espécie de apresentação acústica. As apresentações, ou os vinis, eram intercalados por declamações de poemas, ou reflexões, sem uma inscrição prévia, de acordo com a vontade do público e de forma livre.

"A noite da vela" começou aproximadamente entre 1995 e 1996, e ocorria de forma não regular, no começo para depois ser a partir de 1996, ter

[61] Ligada à autorreflexão, a biodança trabalha com diversos sentidos e perspectivas da ação para que o ser humano possa se autoconhecer e viver em sociedade. Ver: http://www.biodanzabr.com.br/definicao.php. Acesso em: 08/09/2013.

uma frequência maior. Semanalmente era acrescido um público variado, seja em relação ao estilo musical, de faixa etária, por exemplo, já que próximo havia uma escola pública e frequentemente alguns alunos saíam mais cedo, enquanto outros combinavam ao final da aula de ficarem até tarde prestigiando tais noites, ou de pessoas de outros lugares que ouviram sobre a qualidade e a diversidade cultural do local.

Os funcionários e o público ficaram conhecidos por transformarem o bar em um espaço que proporcionava um ambiente alternativo, de estilo cultural variado, propício para trocas de informações, práticas de lazer e encontro com pessoas sensíveis ao mundo artístico.

A frente dessas transformações, Binho, buscava caminhos para de alguma forma reunir e expressar sentimentos a partir das experiências vivenciadas nessas trocas simbólicas cotidianas, dentre elas, surge a "postesia", por volta de 1996/1997:

> A ideia da postesia surgiu numa das noites da vela. O Binho conversava com o amigo Charles e sugeriu: 'a gente poderia colocar poesia nos postes'. A partir daí começou a retirar dos postes as placas dos políticos para depois repintá-las e devolvê-las com poesia. Para isso contou com a ajuda de muita gente, muitos amigos que frequentavam o bar e embarcaram nesta nova maluquice do Binho, especialmente o grande amigo, já falecido, João Jamaica (Suzi Soares em http://postesias.blogspot.com.br/ acesso em 12/10/2013).

Em outro momento, o relato:

> Antes de todo esse movimento de sarau da cidade tinha a noite da vela, no meu bar, muito dessa gente de hoje famosa ia lá, depois teve a postesia, que acabou divulgando, ... diziam: era o cara do campo limpo da poesia em poste... por exemplo o "Pezão" foi o primeiro a registrar, ele ia tirando fotos das poesias nos postes e depois foi mostrar pra mim... era uma loucura (Binho em entrevista, 03/10/2013)

Marco Pezão, um dos grandes nomes da poesia no movimento de saraus, expões sobre a primeira vez que viu a Postesia e que recitou poesia acompanhado de música:

> Eu vinha vindo de Santo Amaro, desci no ponto perto do Bola pra ir pra casa quando eu vejo as *postesias*. Vi que era do Binho, eu conhecia ele da pastelaria. Tirei foto e nem falei nada pra ele, levei pro jornal e depois de publicado levei pra ele. Mas o nosso estreitamento aconteceu quando ele fez a noite da Vela. Ele tinha a pastelaria e cercou tudo de preto. Pra mim foi muito emocionante. Fui lá e tinha um cara tocando saxofone e um outro tocando guitarra e eu declamei Minas da Periferia enquanto eles tocavam. Foi a coisa mais legal do mundo! E esse poema era recente, ninguém conhecia. Foi uma festa. Isso deve ter sido em 96. (Entrevista em 04/08/2015).

Tal prática ganha repercussão e Binho adquire a qualidade de poeta, passando a ser conhecido e reconhecido nos postes espalhados na cidade por suas intervenções e sua maneira diferente de divulgar a sua poesia. Seus escritos e sua maneira inusitada de "agir" na cidade é solicitada em outras ocasiões, seja para falar sobre esta experiência ou, como na vez em que um colega patrocina a ida do poeta a cidade de Campinas, a aproximadamente 100 km da capital paulista, para poder espalhar versos e pensamentos pelos ares, nas alturas dos postes daquela cidade.

Fotos: 1ª Avenida paulista, 2ª ruas do campo limpo, 1996. (Acervo Suzi)

Foto: Binho e sua filha Naiana Padial, 1997. (Acervo Suzi)

Ou em outra ocasião, como na entrevista abaixo:

> Certa vez um cara conversava com um professor de geografia do Kennedy (escola) em um bar em pinheiros, comentou das placas que havia gostado, achado diferente, esse professor comentou que conhecia o cara que fazia isso e que tinha um bar na região do Campo Limpo, no outro dia esse cara, o Levi, baixou no bar e perguntou pra mim se eu autorizava ele colocar as poesias em seus quadros, com certeza eu autorizei... ele expunha e vendia suas obras no Embu das Artes, perdi contato com ele, mas fiquei sabendo que tem quadros deste tipo que foram vendidos e levados até para a Alemanha... (Binho em entrevista 03/10/2013)

O ano de 1998 serviu para que essas iniciativas criativas e alternativas fossem propagadas com mais intensidade, primeiro com a confecção e o lançamento do livro relatando e demonstrando as intervenções da “postesia”, em seguida com as intervenções dos frequentadores a partir de pinturas, no começo em placas, depois foram camisetas, nas paredes, no chão, nas mesas, nos orelhões, onde tivesse espaço naquela atmosfera fértil, esse movimento foi intitulado de “postura” e durou por volta de dois meses ininterruptos, de acordo com a chegada das pessoas ao bar. Em qualquer dia e em qualquer ocasião, os frequentadores poderiam dar a sua contribuição artística a tal movimento.

Com um monte de tintas espalhadas, uma verdadeira bagunça e cada vez mais pessoas querendo participar, chega o momento da exposição em

que, em um domingo no mês de dezembro do mesmo ano, um varal foi montado ao lado de fora e o dia inteiro houve apresentações e demonstrações de tais obras artísticas em um movimento coletivo de alegria, contando com centenas de expectadores para prestigiarem tal ato.

Outras são as formas de comunicação com a arte e com a cidade, depois desses movimentos de "postesia" e "postura", Binho também aproveita para solicitar ajuda para ir a um evento de Biodança na cidade de Salvador – BA. Sem dinheiro, teve a ideia de espalhar placas pela cidade com o seu número de telefone, o motivo da viagem e o pedido de doações. Infelizmente, o mesmo não conseguiu nenhuma doação dessa forma, no entanto os participantes da academia onde frequentava ficaram sabendo do seu esforço e também, ao visualizar tal pedido pela cidade, fizeram uma reunião e subsidiaram a sua ida ao congresso.

Desse caldo cultural que o bar estava proporcionando para os donos, funcionários e também para o público, auxiliado das investidas "experienciais" resultantes da Biodança e das intervenções artísticas na cidade, aquele espaço tornara-se um importante atrativo cultural, ambiente valioso, passou a ser palco de exibições artísticas variadas, agregando valor à sua imagem como plataforma de divulgação para grupos que estavam começando e transformando-se em um catalisador de iniciativas, como exemplo o fato de bandas começarem a encontrar-se para reuniões e pequenas apresentações, representando o "primeiro" palco para aqueles que não tinham oportunidade em outros locais.

De todas as atividades, as que chegaram a reunir o maior número de pessoas foram os Shows de Reggae, que chegavam a contar com mil e quinhentas pessoas na frente do Bar. Sobre isso, Binho relata:

> O pessoal da Banda Varal[62] estava começando a se reunir em um bar no Jd. Pirajussara, no Taboão, quando o meu cunhado me falou deles, eu chamei para que eles se apresentassem no bar, fomos fazendo amizade e daí foram diversas apresentações (Binho em entrevista, 13/02/2014).

[62] Hoje, a banda chama-se "Veja Luz" e faz apresentações em diversos locais da cidade de São Paulo, assim como em diversos festivais pelo Brasil. Ver: http://bandavejaluz.tnb.art.br/. Acesso em 20/12/2013.

Essas apresentações ocorriam geralmente aos domingos, por volta das 16h, e estendiam-se até a noite, com um público diversificado. Pela qualidade das apresentações, sempre era pedido que voltassem em outras exibições. Esses eventos serviram para fortalecer e propagar a fama do bar como espaço alternativo, lembrando que nesta época a região era mais carente do que hoje em relação às apresentações artísticas, em dia de domingo as ruas ao redor chegavam a ser fechadas pelo número de pessoas, e o dono do bar, em entrevista, afirma que chegou a furar o asfalto, colocar uma corrente e improvisar uma cancela, deixando alguém responsável para quando algum morador da proximidade chegasse com carro pudesse abrir espaço no meio da multidão.

Foto: Concentração em frente ao bar em dias de shows de Reggae, 1999. (Acervo Suzi)

Devido ao sucesso, os integrantes da Banda Varal fazem o convite para que Binho fosse uma espécie de agenciador misturado com empresário, já que os Shows de Reggae tornaram-se famosos na região como um todo; além do que, os integrantes percebiam o aumento constante de público para suas apresentações. Assim, Binho aceita o convite e monta uma estratégia: começa a fazer excursões para lugares variados no intuito de divulgar o grupo para outras cidades e estados, tornando-os conhecidos.

Esse projeto contou com cinco viagens para lugares considerados alternativos para que a banda pudesse tocar e as pessoas pudessem se divertir, foram eles: São Tomé das Letras – MG (1 vez), Ilha do mel – PR (3

vezes) e a praia de Maromba – Visconde de Mauá – RJ (1 vez), todas entre os anos de 1999 a 2001.

Essas excursões eram anunciadas com antecedência no bar, os organizadores faziam a cobrança do valor dos assento no ônibus, já incluindo os Shows a serem realizados, no entanto, cada um arcava com as suas despesas em relação à estadia e alimentação. Chegando a tais lugares, Binho procurava bares para a apresentação da banda e negociava o cachê, avisando que traria um público considerável para consumir. Desta época, Suzi relembra:

> Fizemos muitas excursões, na Ilha do Mel... uma vez, chegamos a levar três ônibus lotados... na Ilha cada um ia para o seu canto, algumas pessoas só víamos no dia de ir embora, outros acompanhavam todos os shows, era um barato, todos se divertiam e a nossa filha, mesmo que pequena, aproveitava também... imagina hoje com celular e internet se organizássemos o quanto de gente iria? (Entrevista em 03/10/2013).

Esses anos são lembrados nas conversas informais e nas entrevistas como o grande momento do bar “Las Tetas”. De forma nostálgica, todos que participaram desta época atualizam as informações de pessoas que não moram mais nas proximidades, outras que foram para o exterior, aqueles que seguiram carreira artística, ou mesmo os parceiros que permanecem na ajuda coletiva.

De 1999 a 2003, essas excursões e os Shows no dia de domingo somaram uma quantidade de pessoas considerável que em dias variados voltavam ao bar, fazendo com que na vizinhança despertassem rumores de que o local estava prejudicando o sossego do bairro. Várias vezes foram feitos abaixo-assinados, obrigando o proprietário do bar a buscar alternativas para tentar amenizar o conflito, como: não divulgar quando haveria o show, mudar o dia das apresentações, passar de casa em casa avisando para os vizinhos, ou mesmo cancelar várias vezes as exibições devido à multidão se formando nas ruas adjacentes, ou transferir as apresentações, em dias alternados, para um lava-rápido próximo.

Histórias foram se acumulando nesta tensão, os carros dos vizinhos já não conseguiam chegar até a cancela improvisada, devido ao número de

pessoas extrapolar a marcação inicial, ou mesmo a defesa de uma vizinha em específico, por sua residência ser em cima do bar e apesar de ser uma senhora, pelo bom relacionamento com o casal, não apoiava nenhum abaixo-assinado, nem levava as reclamações à proprietária do imóvel, alegando que o barulho era pontual e todos tinham o direito de se divertir.

Todavia, essa atmosfera, fértil por um lado e tensa por outro, acabou gerando o fim de uma década de cultura. Um incidente que contribuiu para o fim, e necessariamente não tinha ligação direta com o bar, foi uma briga distante da multidão, durante uma apresentação de domingo, na qual um rapaz levou um tiro, ficando posteriormente na cadeira de rodas.

Binho, sobre o fato, pontua:

> Um cara deu um tiro em um menino... ele ficou na cadeira de rodas... foi a 100 metros do bar, o menino jogou sem querer o copo para trás e esbarrou no outro, o cara achou ruim, saiu para buscar o revólver, voltou e deu um tiro direto, a partir disso deu um reboliço, junto com outras reclamações, a dona pediu para nós sairmos (Entrevista 03/10/2013.)

Outro fator que contribuiu, para o acirramento da tensão e culminou com o fechamento era a proprietária requerendo o salão. Suzi comenta sobre a situação:

> A dona não queria que fosse um bar, simplesmente de um dia para o outro disse que não renovaria o contrato, ‘vocês tem que sair’... imagina você trabalhar 10 anos em um emprego... agente saiu sem nada... com uma mão na frente e a outra atrás... (Entrevista 03/10/2013).

2.1.2 _ 2ª fase - BBinho... Donde miras?

Era um bar!

Era um bar que não queria ser um bar, de jeito nenhum!
E que já começava a semana com poesia.
um bar que não tinha cartazes de cerveja pelas paredes,
que não vendia pinga,
que tinha rodas de ciranda e abraços,
que não tinha televisão e que não vendia coca-cola.
Um bar que promoveu a noite da vela (embrião do sarau),
a postesia (poesia nos postes) e a postura (telas nos postes).
um bar que tinha uma bicicleta para entrega,
mas para entrega de livros: a nossa bicicloteca
um bar que acordou muita gente
e não deixou outros dormirem, é verdade!
que discutiu cotas e quotas,
questões indígenas, moradias, glbt, maconha, alcoolismo,
e dava receitas para quem queria parar de beber
Que era ponto de cultura.
Que recebeu o Selo Cultura Viva, do Governo Federal.
Exibiu documentários,
discutiu sobre carne, soja, cana e latifúndio,
nióbio, pré-sal, agricultura orgânica, agrotóxicos, ditadura e
o massacre contra os povos guarani kayowa no ms,
distante daqui.
Pinheirinho também esteve aquie e é aqui.
Que lançou a campanha "Não matarás nenhum brasileiro"
e que chegou a pagar para que seus frequentadores lessem.
Um bar que teve o dia do lava-pés
E que nunca lavou as mãos diante das mazelas da periferia.
Que viu nascer músicos e bandas importantes
na cena da zona sul.
Que teceu e amarrou várias redes e ligou pontes.
Que ainda não aprendeu a tirar o alvará direitinho,
que não quis pagar com moedas nem com votos
e não apoiou muitos oportunistas que apareceram.
(Binho)

Foto: Declamações de poesias em dia de sarau. (Acervo Suzi)

Foto: Apresentações musicais, 21/06/2010. (Acervo Suzi)

Este momento requer uma introdução para situar os fatos que levaram à abertura de um novo espaço, culminando no famoso Sarau do Binho, pois do fechamento do Bar “Las Tetas” para o “BBinho” passaram-se nove longos meses.

Por um lado, o encerramento das atividades demonstrou representar um choque para as pessoas que frequentavam assiduamente as apresentações e tinham cadeira cativa naquele ambiente; por outro, se expressava como um abismo para a família Padial, pois a mesma tinha somente o bar como fonte de renda. Desempregados, sem perspectiva e sem local para trabalhar, buscavam formas alternativas para poder sobreviver.

Suzi elucida tal angústia:

> Quando voltamos da Inglaterra entrei com um processo contra um banco em que havia trabalhado antes da viagem, esse processo demorou nove anos, deu certinho, um ano antes do bar fechar eu recebi a indenização trabalhista, deu para pagar

> condomínio, quitar o apartamento e ter uma reserva... além disso, tentamos vender bolo também... deixávamos em vários lugares para venderem pra gente... mas não dava nada... nem a conta de luz conseguíamos pagar, eles sempre sobravam, à noite tínhamos que comê-los... isso quando não enchia de formiga, como aconteceu com uma amiga que tinha um salão, um dia ela me ligou e pediu para retirar o bolo que o salão estava cheio de formiga... (Entrevista 03/10/2013).

Ter uma rotina estabelecida, talhada pelos hábitos culturais e a percepção do público atingido, deixou os donos do estabelecimento sem muitas opções para poderem enfrentar a dificuldade, procuraram outras atividades sem muito sucesso.

Este período de transição entre os bares serviu para a reflexão das atividades, das formas de intervenção artística e para outros projetos pessoais, como a ideia de visitar um dos seus poetas preferidos ainda vivo, Manoel de Barros[63], em Campo Grande – MS, e é aí que Binho fortalece o seu vínculo com a literatura e busca fonte de inspirações poéticas.

Para tal empreitada, sem dinheiro, sem perspectivas de trabalho, monta uma estratégia de ir de carona até o seu destino, sai no mês de novembro de 2003, demorando 15 dias para percorrer mil quilômetros.

Esses nove meses representaram um amadurecimento em relação aos objetivos quanto ao mundo literário-cultural, Suzi e Binho não sabiam ao certo o que desejavam fazer: voltar para o ramo de bar ou buscar outras formas de subsistência, entretanto vislumbravam trabalhar com o que gostavam, atividades ligadas ao mundo das artes.

A partir dessas dificuldades, do episódio dos bolos e da cobrança dos amigos pelo fato de não terem espaço para se encontrarem na região, o casal tem uma conversa e decidem procurar um salão para fazerem o que de melhor

---

[63] Manoel de Wenceslau Leite de Barros (1916) nasceu em Cuiabá (MT), passou por Corumbá (MS) e alojou-se em Campo Grande, onde permanece. Destaca-se no cenário poético por "ter orgasmos com a palavra" , elucidar de forma bela as coisas simples da vida, morou na Bolívia, Peru e até em Nova York, cursou cinema e pintura, maneira pela qual sua poética ganha entonação visual de tal forma que segundo Millor Fernandes sua obra é "única, inaugural, apogeu do chão". Ganhou diversos prêmios, desde a década de 1960, para hoje aproveitar os anos amontoados de sua vida na tranquilidade da família. Disponível em: <http://www.releituras.com/manoeldebarros_bio.asp acesso em 18/11/2013>. Acesso em 13/08/2013. Sobre o documentário do poeta, ver <http://www.sodez.com.br/o_filme.htm>. Acesso em: 20/08/2013.

fizeram nos últimos dez anos: promover atividades culturais a partir de um lugar em específico.

Encontram dificuldades inicialmente para achar um local que possibilite a reunião de diversas pessoas, no entanto, em uma saída repentina por um local que passavam diariamente, veem uma placa de aluga-se em um ponto de boa localização.

Efetivam a locação, fazem os preparativos e inauguram o novo espaço intitulado “BBinho”, o destacado Bar do Binho, no dia 01/04/2004, com divulgação para os amigos e conhecidos, além dos clientes antigos do outro bar.

A notícia se espalha, inicialmente os donos pretendiam não fazer grandes festas, pois não queriam problemas com a vizinhança, almejavam atingir o público da faculdade, a antiga UNIBAN, pois a mesma ficava a menos de 100 metros do novo espaço, e fazer com que a antiga clientela voltasse a frequentar o recém-inaugurado bar. Um mês após a abertura, Binho decide colocar a segunda-feira como dia do sarau, para relembrar a noite da vela, mas agora com outro nome, o Sarau do Binho.

A partir desta decisão, o sarau ganha outra conotação, passa a ser realizado semanalmente de forma rigorosa, agrega uma sistematização de chamada dos poetas, todavia possibilitando a continuidade daquela atmosfera cultural iniciada em 1995, com a noite da vela, ou seja, apresentações em formato livre, poesias, pequenas esquetes de teatro, músicas, exibições de novas bandas, dentre outros.

Não demorou muito para que os pedidos de apresentações de bandas no domingo à tarde se acumulassem no balcão, solicitando de forma veemente uma alternativa para aquela região, já que todos se lembravam das apresentações dos Shows de Reggae com a banda Varal.

Atendendo aos anseios dos clientes, em 2005, os donos do novo espaço começaram com bandas de Forró universitário e pé de serra, porém diferenciam-se das atividades passadas, montam um plano para não acumular

multidões, não divulgando as atividades e, em relação ao horário, passa a ser aos domingos, na parte da tarde, não se estendendo até a noite.

Mesmo com tal preocupação, ao decorrer das apresentações o número de pessoas aumentava consideravelmente, preocupando os organizadores, que, para solucionarem o problema, locam um novo espaço, próximo ao bar, para dispersar a multidão.

Este novo espaço, distante apenas quinhentos metros do “BBinho”, era no segundo andar no prédio das Casas Bahia, na Estrada do Campo Limpo. Neste local o acesso era restrito pelas escadas, a quantidade de pessoas e o fluxo era melhor controlado e o mesmo abria somente aos domingos, com apresentações majoritariamente de forró intercaladas com exibições de grupos de reggae.

Em homenagem ao seu pai, Binho intitula o espaço de “Mestiço”, e afirma para os conhecidos que tal ambiente destina-se a um desafogamento das atividades do “BBinho”, no entanto, de maneira amena, promove festivais musicais.

Mesmo com o sucesso e aceitação do público, o proprietário afirma que o valor do aluguel era caro, além do excessivo trabalho para administrar dois bares e o compromisso em promover tais festividades, estes foram motivos decisivos para fechá-lo no ano de 2007 e, de maneira intermitente, realizar intervenções artísticas somente no “BBinho”.

Os anos de 2004 a 2007 serviram para firmar o espaço do “BBinho” como polo cultural na cidade de São Paulo, com a efetividade e periodicidade, os saraus transformaram-se em momentos de encontros, troca de informações, parcerias, principalmente fortalecimento de uma cultura dita periférica, devido principalmente à permanente escassez de pontos de cultura, bibliotecas e espaços para shows na região do Campo Limpo.

Torna-se imprescindível conectar essa parte da dissertação ao início do quarto capítulo, pois mesmo o Binho tendo o título de possuir um dos saraus mais antigos da periferia da cidade, outros bares que começam a promover tais eventos, dando uma característica cultural a esses locais, fazendo com que,

em um movimento não pensado a priori, no entanto, estimulado posteriormente, as visitas e o rodízio entre os frequentadores e até mesmo o conjunto de pessoas à frente dessas manifestações, entre todos os espaços que possuíam a ideia do sarau, constituissem uma rede de fortalecimento e reconhecimento dos envolvidos por fazerem a diferença no local onde moram.

Esta rede passa a ser alimentada e a alimentar outros movimentos ligados às manifestações culturais como um todo, desde a formação de grupos de teatros, coletivos artísticos, dança, artes plásticas, iniciam suas atividades de forma efetiva e os já existentes passam a ser fortalecidos e a diversificar o seu campo de atuação.

Em junho de 2007, Binho e Serginho Poeta lançam um livro bilíngue intitulado “Donde Miras: dois poetas e um caminho”, pela Edições Toró[64], com o intuito de se aproximarem de um espírito latino-americano, que, segundo eles, estava esquecido em nossos costumes. A divulgação do livro contribui significativamente para diversas pessoas do sarau aproximarem-se de leituras para a compreensão da cultura latino-americana, como Eduardo Galeano em “As veias abertas da América Latina”, Pablo Neruda em “Canto Geral”, Che Guevara em toda a sua bibliografia, dentre outros que evocam o sentimento de exploração colonial, de revolução e a almejada unificação dos países explorados do continente americano.

No segundo semestre de 2007, em conversa no sarau, Serginho Poeta e Binho levantam a ideia de percorrer a América Latina a pé, declamando poesias, aprendendo e compartilhando costumes, agregando pessoas e vivenciando a cultura. O que seria considerado loucura, ganha corpo nos intervalos do sarau, as pessoas começam a amadurecer e a estruturar a ideia, de forma que possa contar com o maior número de agregados transformando em uma proposta pioneira no ramo literário, mesmo com o recorte periférico.

> A ideia inicial do “Donde Miras” era passar em diversos países da América Latina e conhecer um pouco das línguas locais, de cada país, daí eu fui aprender Guarani... arrumei uma professora que ensinava Guarani lá na lapa, mas era Guarani do Paraguai e realmente era o trajeto, que era fazer o caminho

[64] Editora ligada a publicações sobre a periferia, a chamada Literatura Marginal, surgiu em 2007 e publicou mais de uma centena de livros sobre a temática da periferia.

> ‘Peabiru’, o caminho dos indígenas, dos antigos, teve essa influência... (Binho em entrevista, 22/01/2014).

A proposta de sarau itinerante pela a América Latina, exposta no palco do bar, de maneira firme aos poetas, causa um grande impacto, não só pela ambição do Binho, como também pela maneira como o projeto iria se desenvolver, quem pagaria, como as pessoas fariam, quem iria, dentre muitas outras questões que foram levantadas.

Sarau após sarau, as conversas aumentavam, o desejo prolongava-se, as pessoas pensavam em estratégias de viabilizar tal sonho e, a partir dessa empreitada, Binho declama o poema embrião da caminhada:

IR, IR E IR
Quero ver onde essa
América se desmorena
E se constrói
Onde se diz negra
Onde se diz mestiça
E se desmistifica
Onde se andina
E se desanda
Quero ver
Onde o samba é Gardel
Onde o tango é Noel
Onde a fala é o silêncio dos pampas
A cordilheira, a Mantiqueira
Onde o ferro é o cobre
Onde Itabira é Temuco
Onde Neruda é Drummond
Onde o guarani é oficial
Onde o Morumbi és La Bombonera
Onde o Chile é Allende
Onde nenhum salvador é Pinochet
Quero ver quero ver
Onde o Paraguai venceu
Onde Afonsina se entregou
Onde o Brasil se argentina mais
Onde o Uruguai é mais Galeano
E onde eu sou mais ou menos brasileiro
Quero ver quero ver!

(Do livro: Donde miras: dois poetas e um caminho. São Paulo: Edições Toró, 2007. Disponível em: http://www.edicoestoro.net/nossos-livros/1-poesia/11-donde-miras-binho-a-serginho-poeta.html. Acesso em 20/12/2013)

De maneira organizada, algumas pessoas ficam à frente do projeto e o estruturam de forma que possa ser seguro, prazeroso e único. Consolida-se como objetivo percorrer Brasil, Paraguai, Uruguai, Argentina e Chile, entretanto

monta-se uma estratégia de fragmentá-lo, de forma que a primeira etapa tivesse o percurso da cidade de São Paulo até a cidade de Curitiba – PR.

A logística passa a ser montada, a aventura ganha o nome de "Expedición Donde Miras: caminha cultural pela América Latina" e a cada exposição dos andamentos do planejamento no sarau era motivo de aplausos e entusiasmo no público.

Os participantes, o percurso detalhado e os objetivos ficam expostos no projeto:

> [a caminhada] apresenta um grupo de cerca de 30 pessoas, composto por poetas, atores, músicos, cineastas, dançarinos, artistas plásticos, produtores culturais, pesquisadores, educadores e fotógrafos, comprometidos ativamente com a produção e difusão cultural na cidade de São Paulo, principalmente em suas regiões periféricas, que partirá no dia 05 de janeiro de 2008 no bairro de Campo Limpo (zona sul da capital paulista) rumo à Curitiba. Sem cunho partidário e/ou religioso, o grupo caminhará por aproximadamente 30 dias, percorrendo quatorze municípios do estado de São Paulo (São Paulo, Taboão da Serra, Embu, Itapecerica da Serra, Itaoca e Ribeira) e cinco municípios do estado do Paraná (Adrianópolis, Tunas do Paraná, Bocaiúva do Sul, Campina Grande do Sul e Curitiba). Numa empreitada de troca e manifestações artísticas, os caminhantes pretendem observar conhecer e pesquisar as diversas atividades culturais de cada um dos lugares visitados (lugares esses que incluem comunidades quilombolas, aldeias indígenas, populações ribeirinhas e assentamentos situados no caminho entre os municípios citados). Isto se realizará principalmente através de encontros culturais e saraus, onde acontecerão: exibições de filmes, apresentações de músicas, danças e teatro, performances, exposições, recitais de poesia, lançamentos de livros e possíveis manifestações espontâneas (Disponível em: http://expediciondondemiras.blogspot.com.br/search?updated-min=2007-01-01T00:00:00-02:00&updated-max=2008-01-01T00:00:00-02:00&max-results=13. Acesso em 11/08/2013).

Para efetivar a viagem, os participantes começam a viabilizar as condições, devido aos 400 quilômetros a serem percorridos. O intuito era conhecer alguns lugares no meio do caminho e, em pontos estratégicos, efetivar saraus e divulgação da "Expedición", além do convite para grupos culturais locais trocarem experiências, com conversas e apresentações em conjunto.

Imagem: Um dos logos da Expedición Donde Miras

Mapa do trajeto São Paulo (SP) a Curitiba (PR)[65]

Nas vésperas da partida, em 02/01/2008, em entrevista a Antônio Abujunra, no programa Provocações da TV Cultura, Binho expõe a ideia da

[65] In: http://expediciondondemiras.blogspot.com.br/search?updated-min=2007-01-01T00:00:00-02:00&updated-max=2008-01-01T00:00:00-02:00&max-results=13. Acesso em: 11/08/2013.

caminhada, divulgando o dia 05/01/2008 para saída da cidade de São Paulo a Curitiba, salienta:

Um roteiro para os dois primeiros dias é posto para o grupo, priorizando a concentração no sábado, dia 05 de janeiro de 2008, no “BBinho”, com a realização de um sarau comemorativo e o lançamento da segunda edição do livro “Donde miras: dois poetas e um caminho”, passando pela casa de poetas e pelo Liceu de Artes na cidade de Taboão da Serra para, em uma praça nesta mesma cidade, ter a realização de um sarau.

Já no segundo dia, a caminhada passou pelo Mini Cine Tupi (Zagati) para a exibição do documentário e clip da Banda Varal, à tarde na praça Luiz Gonzaga, também na cidade de Taboão da Serra, show com a banda Preto Soul[66] com a banda Varal. Em continuidade, o cortejo encaminhou-se para a cidade de Embu das Artes para o encontro com a Folia de Reis do bairro de Santa Clara, para a noite aglomerarem-se no teatro Solano Trindade, fechando o dia com um sarau comemorativo com as pessoas daquela cidade e da caminhada.

Um dos poemas que expressam a empreitada, feito pelo Binho e colocado no projeto, alimentou o espírito aventureiro do grupo:

Seguirão arando versos
Fotografando a terra nossa
Cuidando das bolhas nos pés
E se cuidando pra não perder a fé.

Seremos poetas e um caminho,
Seremos muitos e um caminho,
Seremos muitos lugares no caminho,
Seremos nossa gente no caminho,
Seremos nossa quebrada no caminho.

O amanhã esta ansioso pra chegar,
Nossos corações preparando os amores
E os amores aflitos pelos viajantes que vão,
Eles voltarão...

Com mil vezes mil histórias pra contar...
Eles também irão...
Pra não sentar velho numa cadeira e sonhar...

[66] Banda nascida no Sarau do Binho, com letras fortes sobre a periferia, no estilo Soul Music.

(Disponível em: http://expediciondondemiras.blogspot.com.br/search?updated-min=2007-01-01T00:00:00-02:00&updated-max=2008-01-01T00:00:00-02:00&max-results=13. Acesso em 11/08/2013).

A caminhada é destacada pelos participantes como uma das experiências significativas das suas vidas, por estreitarem os laços com a literatura, pois foi uma imersão considerável, de um grupo grande, por longo tempo e por um caminho extenso. Neste percurso foram feitas amizades, parcerias, trocas de experiências, aprendizados e o conhecimento cultural de outras cidades, já que muitos dos seus participantes nunca tinham saído da cidade de São Paulo, ou nunca tinham passado pelas cidades da caminhada, além de momentos de superação:

> Desde o princípio, quando me propus a fazer esta caminhada, sabia que seria difícil e que ficaria a maior parte do tempo no carro de apoio, mas o clima do grupo e o espírito do desafio me levaram a caminhar com os meus próprios pés. Estou surpresa comigo mesma... conviver em grupo não é uma coisa fácil. Minha mãe sempre diz que só começamos a conhecer o outro depois de comer um kilo de sal juntos. Como o grupo é grande em poucos dias se consumiu este kilo e tivemos que aprender a lidar com as diferenças. Antes da caminhada eu ficava imaginando como seria a convivência com cada um, qual deles seria mais difícil ou mais fácil, mas com o tempo algumas máscaras foram caindo e muitas delas revelando pessoas doces, generosas, práticas e amigas... (Suzi Soares em relato da viagem, disponível em: http://expediciondondemiras.blogspot.com.br/2008_01_01_archive.html. Acesso em 22/12/2013).

O cotidiano do grupo era caminhar, conversar, fazer saraus, procurar parcerias que disponibilizassem lugar para se acomodarem, concederem entrevistas para os meios de comunicação locais sobre o projeto e alcançar o objetivo: a troca cultural permanente.

Foto: A conquista da estrada pelos caminhantes. (Acervo Suzi)

Os participantes não andavam em um único grupo e também não eram obrigados a esperarem o restante, a dinâmica, segundo Helio Ramos (Jesus), era a seguinte: *"saíamos juntos no começo, mas o grupo se dispersava, uns paravam no bar, outros para conversar..."* ou, de acordo com Raissa Padial: "e*u gostava de acabar logo o percurso... tinha vez que dava diferença de quatro horas de chegada na cidade de um grupo para outro*"[67].

A permanência na caminhada era relativa, pois alguns a acompanharam do começo ao fim, outros chegavam do meio para o final, havia aqueles com compromissos particulares, por isso partiam antes do término da "Expedición".

Esta primeira etapa durou 30 dias, foram feitas exposições, debates diálogos, inclusive uma proposta de um curta-metragem, e todos serão apreendidos em momento posterior para uma melhor análise, a partir do relato dos entrevistados no quinto capítulo, onde tais contribuições auxiliarão no entendimento do impacto do Sarau, do Bar e da atmosfera cultural na concepção territorial dos seus participantes.

Foto: Exibições de documentários. Iporanga. (Acervo Suzi)

[67] Entrevista concedida em 20/01/2014.

Foto: A caminhada pela BR-116. (Acervo Suzi)

Foto: Sarau em Eldorado. (Acervo Suzi)

A chegada à cidade de São Paulo foi excepcional, enquanto os saraus no “BBinho” ocorriam, as fotos mostradas, as conversas e situações relembradas causavam um grande impacto no público. Somando-se a essa atmosfera aventureira, o seu anfitrião, Binho, foi convidado para dar palestras em Universidades, programas de Rádio, TV, em Jornais e Saraus na periferia paulistana sobre a “Expedición”, servindo como fortalecedor da experiência desse movimento literário nas bordas da cidade.

Foto: Apiaí – Binho e Pilar em entrevista na rádio local.

Não demorou muito para o clima “desbravador” das estradas de forma literária, espalhasse e contagiasse aqueles que não tiveram a oportunidade de ir ao primeiro percurso, engrossando propostas para uma nova expedição, por isso, já no mês de abril, os organizadores da primeira edição, o casal Binho e Suzi Soares, os viajantes veteranos, somados aos frequentadores assíduos do sarau decidem por um novo percurso e começam a viabilizar um novo projeto.

O caminho foi traçado e no sarau foi dada a notícia: “Expedición donde miras: caminhada cultural pela América Latina”, sairá do “BBinho” na cidade de São Paulo, no dia 04/07/2008 e chegará à cidade de Cananéia – SP, no dia 28/07/2008, passando pelas aldeias indígenas Guaranis, Tenondé Porã e Rio Branco, localizadas na região de Paralheiros – SP, descendo até a cidade de Santos pela meio da serra com o auxílio das comunidade indígenas, até São Vicente, Mongaguá, Itanhaém, Peruíbe, Iguape, Ilha Comprida, alcançando o destino final.

Dessa vez, com a experiência anterior, os organizadores elaboram uma espécie de manual para alertar a todos que quisessem participar, com indicações de roupas, remédios, dentre outros itens, compartilhando técnicas apreendidas e precauções para evitarem transtornos no meio do caminho.

Neste trecho, saem com uma programação[68] específica, com roteiro estabelecido, indicando as cidades, os dias e horário das atividades a serem

[68] Esta edição contou com a parceria das Oficinas Culturais do Estado de São Paulo, “espaços culturais do Governo de São Paulo administrados em parceria com a Poiesis – Instituto de Apoio à Cultura, Língua e Literatura, são ferramentas de difusão e formação cultural para todos os municípios paulistas”, *In:*

realizadas, aproveitando e expondo as experiências anteriores, principalmente as ligadas ao amadurecimento literário. Em relação ao número de participantes, esta versão contou com aproximadamente 50 pessoas.

Em conversas informais, Binho relata que estas “vivências” contagiaram a todos por um ideal, a união e a superação dos limites pela poesia, nessa segunda edição, iniciando-se em duas aldeias indígenas, onde houve a possibilidade de partilha entre os participantes do sarau, alcançando outros patamares de conhecimento, como reflexões dos direitos e cotidiano indígena no Brasil, em específico na periferia da cidade de São Paulo, a oportunidade de percorrer antigas trilhas indígenas que ligavam tais aldeias ao litoral, além de terem contato com o conhecimento transmitido através da comunidade quilombola de Ivaporunduva, na cidade de Eldorado, com seus costumes, sua cultura e resistências na atualidade.

Com a dificuldade em levar livros na “Expedición”, Binho compra uma bicicleta pelo valor de R$39,00, na cidade de Mongaguá, coloca uma caixa na parte de trás e passa a pedir doações de livros em algumas casas para poder doar a outras pessoas, fazendo com que a bicicleta ganhasse a função de meio de transporte para os livros e fosse apelidada de “Bicicloteca”, fazendo um verdadeira troca entre as casas e entre as cidades que passavam, a experiência é exposta:

> Em Iguape, saí com a Bicicloteca pela primeira vez, junto com outros Donde Miras. Pude percorrer essa linda cidade histórica doando e arrecadando livros, batendo de porta em porta e conhecendo de perto a população local. Pessoas sem medo de conversar com o outro, longe da paranoia da metrópole, da cultura, da violência – crianças, poetas, escritores, vovós, comerciantes, operários. Pessoas que não temem outras pessoas.
>
> (Binho em relatos da Bicicloteca. Disponível em: http://expediciondondemiras.blogspot.com.br/2008_08_01_archive.html. Acesso em 23/12/2013).

<http://www.oficinasculturais.org.br/institucional/> (acesso em 26/12/2013), onde em cada cidade já havia locais específicos para se apresentarem e realizarem oficinas culturais em determinados dias. Dentre outras cidades, o município de Itanhaém registra a passagem da exposição em <http://www.itanhaem.sp.gov.br/educacao/noticias/noticias_cultura/noticias_anteriores.html> (acesso em 26/12/2013), ou na cidade de Mongaguá na página de um artista local <http://www.radamesdagaita.com/2010/10/expedicion-donde-miras.html> (acesso em 26/12/2013),

A bicicleta passa a ser “símbolo” integrante da “Expedición”, sendo posta em destaque em todos os saraus, levada em exibições pelas cidades como representante da caminhada, em uma espécie de representação viajante na troca cultural desenvolvida.

Foto: A bicicleta de R$39,00 em Iguape

Nessa segunda caminhada, os participantes já estavam experientes em relação à anterior, mesmo que o número de pessoas que foram nas duas caminhas alternarem-se por mais da metade, já que o grupo quase duplicara-se em determinados momentos. As experiências colocadas em prática nas caminhadas fizeram com que a cada parada, ou mesmo na pouca estrutura, fosse viabilizada de forma a encantar o público, pois as paisagens eram novas, mas a prática do sarau e das intervenções eram conhecidas de longa data, reservando espaço para o amadurecimento literário e cultural, a partilha dos dias ao lado de pessoas ricas de conhecimento artístico frutificaram em parcerias e projetos que são observados na atualidade[69].

No decorrer da empreitada, outras pessoas e grupos contribuem em formato de parceria com o projeto, com oficinas, peças teatrais, apresentações musicais ou mesmo com palestra, como o caso do colombiano:

> De Iguape atravessamos a ponte até o centro de Ilha Comprida. Mais um sarau, mais um companheiro – o colombiano Mono (José Miguel), que seguiu caminhada conosco até Vila de Pedrinhas e nos passou um pouco do seu

[69] diversas foram as parcerias que não necessariamente nasceram da caminhada, entretanto foram fortificadas com tal experiência, por exemplo, a formação do Núcleo de comunicação alternativa - NCA, ou o “Art na Periferia”, ambos formados por integrantes que participaram da caminhada e fizeram filmagens durante o projeto, todavia suas histórias convergem com o Sarau do Binho no geral e com os movimentos periféricos em específico, atuando em projetos como o Curta Sarau.

> vasto conhecimento sobre nossa América Latina. 'A revolução latino-americana só acontecerá quando trocarem as armas pelas canetas', disso o ex-guerrilheiro Mono, que atualmente trabalha para o governo venezuelano.
>
> (Binho em relatos da viagem. Disponível em: http://expediciondondemiras.blogspot.com.br/2008_08_01_archive.html. acesso em 26/12/2013).

Com o término do projeto, o envolvimento do número maior de pessoas e do acúmulo das vivências, os organizadores passaram a discussão de complementação da caminhada para que pudessem agregar valor às próximas edições como a sistematização de registros e suas exibições, para tal foi pensado na confecção de um documentário[70] , até hoje inconcluso, sobre a experiência dos participantes e a realização de divulgações da caminhada pela cidade de São Paulo, como exposições de fotos do dia a dia da empreitada em bibliotecas, saraus, blogs, sites e relatos postos em jornais e revistas.

Com essa última experiência como parte de um projeto maior em percorrer diversos países, o projeto "Expedicíon Donde Miras: caminhada cultural pela América Latina – Trecho São Paulo / Cananéia" apresentou uma melhor articulação, tendo parceria com órgão institucional "Oficinas Culturais do Estado de São Paulo", uma sistematização das atividades em cada cidade, o surgimento de oficinas culturais e palestras, diferenciou-se da primeira iniciativa do grupo, destacando-se também em relação à sistematização de relatos, fotos e filmagens no final, formando material para exposições.

Após uma semana do retorno à cidade de São Paulo, o grupo reunira-se na casa do seu anfitrião, Binho, para relembrar os diversos momentos e experiências da caminhada:

> No sábado, dois de agosto, os caminhantes se encontraram na Trópis, em São Paulo, para uma conversa sobre a trajetória São Paulo – Cananéia. Para falar, passou-se o cajado da fala, tradição Ameríndia, idealizado por Ralf e produzido por Thiago. Vieram à tona lembranças de momentos especiais e muitas, muitas risadas (Suzi Soares. Disponível em: < http://expediciondondemiras.blogspot.com.br/2008_08_01_archive.html> Acesso em 27/12/2013).

[70] Confeccionado pelo NCA e pelo Art na periferia.

Assim como esta reunião fez com que os participantes lembrassem momentos inesquecíveis e de ganhos imensuráveis para cada um, tais falas em outros ambientes, como em exposições, palestras, oficinas e principalmente nos saraus semanais no “BBinho”, emocionavam os ouvintes e criavam o sentimento de pertencimento aquela atmosfera artística, em consonância ao sentimento de grupo, levavam aos participantes do sarau como um todo, a alcançarem uma coletividade jamais vista, relembrada a todas as vezes que mencionavam relatos da “Expedicíon”, fortificavam as amizades fazendo com que as pessoas acreditassem em si, principalmente no desenvolvimento de novos talentos ligados a literatura, ou as artes no geral, pois foram vinte e quatro dias em grupos, pensando, escrevendo, compondo, aprendendo, trocando.

Esse ambiente saudosista empolgou os organizadores a voltarem a se reunirem para pensar em um novo roteiro, os encontros eram realizados a partir do mês de setembro do mesmo ano, de forma não regular, mas com o envolvimento do maior número de pessoas na organização em relação às outras empreitadas, a 3ª edição da caminhada foi estipulada com saída da cidade de São Paulo com destino a cidade de Botucatu – SP, com data de partida para o dia 27 de dezembro de 2008 e com o término previsto para o dia 18 de janeiro de 2009.

Após o roteiro estabelecido, as reuniões passaram a ser frequentes colocando as cidades em destaque com relação à prioridade de parada, definindo o traçado do caminho com saída do metrô Campo Limpo (linha 5 lilás), no sábado, prosseguindo de transporte público pela linha 9 esmeralda, em baldeação até a cidade de Barueri, de ônibus ao bairro de Aldeia da Serra, caminhando até então pelas cidades de Santana de Parnaíba, Pirapora do Bom Jesus, Cabreúva, Itu, Porto Feliz, Boituva, Tatuí, Cesário Lange, Porangaba, Bofete, Demétria e por fim, depois de aproximadamente 250 quilômetros vencidos, a cidade de Botucatu.

Mapa. Roteiro da Expedição

Como mensagem de fortalecimento permaneceu o sentimento de trocas culturais e foi reforçado mais uma vez o espírito latino-americano:

> A Expedición Donde Miras tem como objetivos fortalecer a integração entre os povos latino-americanos promovendo a convivência e o intercâmbio entre artistas e a identidade cultural das cidades visitadas... A terceira expedição – São Paulo/Botucatu – representa o primeiro ciclo do Projeto Donde Miras no Brasil, sendo que o segundo ciclo prevê ultrapassar as fronteiras de nosso país, rumo a outros da América Latina como o Paraguai, Uruguai, Argentina e Chile. (Suzi Soares, em projeto da caminhada. Disponível em: < http://expediciondondemiras.blogspot.com.br/2008_12_01_archive.html> Acesso em: 27/12/2013).

Desta vez com a saída oficial do grupo não sendo no “BBinho” e sim na estação de metrô Campo Limpo, o grupo ganha velocidade e distanciamento da cidade em poucos dias, sendo beneficiado na cidade de Barueri com apresentações conjuntas com artistas da cidade do Rio de Janeiro.

Foto: Parada de descanso em Barueri (SP)

Neste novo trajeto, as reuniões de organização durante a caminha eram constantes, os avisos, os alertas e os incentivos para o bom aproveitamento da expedição fizeram com que a experiência tomasse conta do projeto. Logo os caminhantes organizaram-se em comissões que se estendiam desde o carro de apoio, levando instrumentos e materiais pesados, limpeza, comida, organização dos viajantes, ou mesmo da comissão intitulada como "hospedagem da próxima cidade", destinada a encontrar locais para apresentações, como a Casa do Samba[71] no município do Pirapora do Bom Jesus.

Nesta cidade além da peregrinação na estrada dos Romeiros[72], a sua simbologia de caminhada religiosa, envolvida no percurso da cidade de Barueri a Itu, as parcerias constituíram-se de maneira informal, a exemplo da chegada da comissão as cidades e os telefonemas extraoficiais à procura do secretário de cultura, de bibliotecas, centros culturais, ginásios de esportes, da guarda municipal ou mesmo do prefeito local para "parcerias" com o projeto.

Diferentemente das edições anteriores, no trecho São Paulo-Botucatu, o período compreendeu as comemorações de final de ano, ou seja, momentos que geralmente passamos entre familiares, os envolvidos no projeto estavam

---

[71] Reduto histórico no interior paulista, através de textos e imagens descrevem que desde fins do século XIX e início do século XX as comunidades negras, de várias cidades do interior, reuniam-se em festividades para tocaram os diferentes tipos de samba, dando origem e influência as escolas de samba da cidade de São Paulo ver reportagem: "O samba paulista nasceu em Pirapora. In: <http://www.piraporadobomjesus.sp.gov.br/historia/o-samba-paulista-nasceu-em-pirapora>. Acesso em: 28/12/2013.)

[72] A cidade de Pirapora do Bom Jesus, destaca-se no Estado de São Paulo, por localizar-se a menos de 54 km da capital paulista, fazer parte da chamada Estrada dos Romeiros que liga a cidade de Barueri a Itú e atrair mais de duzentos mil visitantes por ano, instigados por ser o berço do samba paulista e por motivos religiosos relacionados a estátua de 1725 do Senhor Bom Jesus. Disponível in: http://www.piraporadobomjesus.sp.gov.br/historia. Acesso em: 28/12/2013.

tendo a experiência de passar ao lado da “Expedicíon”, onde reflexões culturais, morais, espirituais, estavam sendo realizadas e compartilhadas. Passar tal data e iniciar o ano de 2009 na estrada, fez com que o grupo fortalecesse a coletividade e a levasse a outros patamares, superiores a outras experiências alcançadas, as comemorações e pensamentos para um novo começo de ano, tiveram como paisagem a estrada, a poesia, o companheirismo e uma alternativa futura em tais propósitos.

O dia 05 de janeiro de 2009, foi comemorado com afinco pelos caminhantes, por representar o primeiro de existência do projeto. Em nota, Suzi Soares lembra:

> Hoje, 5 de janeiro de 2009 comemoramos 1 ano de Expedicíon Donde Miras. Dia 5 de janeiro de 2008 saímos em direção a Curitiba! Dia 5 de julho de 2008 saímos em direção a Cananéia! Dia 27 de dezembro de 2008 saímos em direção a Botucatu. De lá pra cá já andamos aproximadamente mil quilômetros e passamos por 36 municípios! (Disponível em: http://expediciondondemiras.blogspot.com.br/2009/01/1-ano-de-caminhada.html. Acesso em: 28/12/2013.)

Os saraus que se seguiram, as conversas, as atividades no geral levavam o tom de orgulho em participar de tal projeto, pois pessoas dos mais variados tipos, ligadas à cultura, moradores da periferia paulistana, experimentando uma verdadeira imersão na coletividade artística, provocaram uma série de pensamentos ligados às manifestações culturais no geral, principalmente com as oficinas livres sobre os diferentes tipos de samba com os participantes Manuel e Zinho Trindade[73].

Como novidade desta edição, a atualização do blog *www.expediciondondemiras.blogspot.com.br* passa a ser constante durante a caminhada, com postagens de fotos e relatos, de vários participantes,

[73] Participantes de todas as edições da expedição e colaboradores do Sarau do Binho de longa data, são considerados artistas populares, residentes no município de Embu das Artes, além de serem netos de Raquel Trindade, a Kambinda (1936), fundadora do Teatro Popular Solano Trindade na cidade de Embu das Artes, escritora, artista plástica, coreógrafa uma das maiores guardiãs vivas da cultura de matriz africana, como samba, maracatu, coco, umbigada, militante, compartilham em família a descendência de Solano Trindade (1908-0974), poeta, pintor, teatrólogo, ator, folclorista e militante contra o racismo brasileiro. (Disponível em: http://www.artistasdeembu.com.br/artistas/RaquelTri/Raquel.html. Acesso em 28/12/2013.)

compartilhando emoções com outras pessoas, mesmo aqueles que não foram na caminhada, mandavam mensagem de apoio, visualizavam cada passo da expedição, com uma característica diferente, a colaboração voluntária, de acordo com a vontade de cada caminhante, ou mesmo com o intuito de compartilhar sua "visão" de tal experiência, podendo ser com fotos, relatos, poema, ou a descrição dos acontecimentos como do cantor e compositor Gunnar Vargas[74], com os seus textos intitulados de *"diários de bordo"*, possibilitaram a divulgação virtual do dia a dia detalhado da expedição.

Foto: Sarau realizado na cidade de Bofete (SP) em parceria com a rádio da cidade.

Outras foram as emoções, que, de forma simples, contagiaram o grupo e o público de todas as cidades, entretanto, sempre lembrada pelos caminhantes como uma cidade de incrível receptividade, tanto pelos moradores quanto por agentes públicos locais, o município de Cesário Lange, a 150 quilômetros da capital paulista, teve a Banda Marcial Municipal como representante oficial, esperando e recebendo todos os "Dondemirantes" com músicas e alegria.

[74] Colaborador do Sarau do Binho desde o início do "BBinho", morador da zona sul paulistana, participante de todas as edições da expedição, aprofunda-se na carreira artística após o seu contato com o sarau, destaca-se por ser *"compositor, violinista e intérprete... foi compositor do grupo 'Os Mamelucos', já produziu trilha para os curtas 'O Sonho de Titia' e 'Amanhã Talvez', lança em 2011 o álbum Circo Incandescente.* (Disponível em: *http://www.lastfm.com.br/music/Gunnar+Vargas. Acesso em 28/12/2013).*

> Foi incrível, a banda dessa cidade recebeu cada um que chegada, teve gente que demorou e mesmo assim eles tocavam e festejavam, além do sarau que foi incrível, todo mundo se emocionou da cidade... também teve o fato de um garoto menor, que nós apelidamos de pomarola, gostou tanto, que encheu o saco do pai e dos irmãos mais velhos, Luciano, e da irmã maior, Ângela, para seguir com a gente...eles ficaram encantados com a “donde miras” (Hélio Ramos - Jesus - em entrevista, 20/01/2014.

Foto: Banda Marcial Municipal de Cesário Lange recebendo a caminhada

A “Expedición Donde Miras” chegou ao fim na cidade de Botucatu em um último sarau realizado no ginásio de esportes, com clima de despedida e gosto de mais, os participantes colocaram as emoções e impressões da caminhada de forma particular, para si, para o outro, para as imagens, para toda a oportunidade em pensar que juntos eles podem e conseguem realizar um projeto, ou melhor, qualquer projeto que queiram, essas palavras e pensamentos são relembrados em conversas informais de forma coletiva por quem participou dessa experiência.

O ano de 2009 iniciara-se de forma ímpar, com a vivência da caminhada, que a cada edição tornara-se inesquecível, todavia, de volta a cidade de São Paulo, em seus projetos pessoais, os participantes desfrutavam daquela atmosfera coletiva ao encontrarem-se nos sucessivos saraus pela cidade, principalmente nos semanais no “BBinho”, para voltarem no tempo com poesias, relatos, fotografias, dentre outras formas de transportar o público àquilo que fora de uma grandeza pessoal Fora tais encontros, as vontades eram compartilhadas de maneira isolada, ou virtualmente, no blog foram

postados nos meses seguintes uma infinidade de matérias relacionadas à temática latino-americana, como congressos, notícias, feiras e exposições.

Neste ano, os organizadores decidem não realizar nenhuma expedição no meio do ano, por um motivo simples: terem percorrido em suas férias, nas últimas edições, mais de 36 municípios e passado da marca dos mil quilômetros percorridos, fazendo com que causasse em todos os caminhantes, em específico nos organizadores com suas atividades cotidianas não necessariamente ligadas ao mundo cultural, uma espécie necessidade para recuperarem o fôlego e estimulassem nas conversas e nos objetivos propostos o amadurecimento de novos percursos.

Os resultados da caminhada são exibidos pelos organizadores em outros saraus, também como forma de lembrança, ou mesmo de incentivo para outros coletivos culturais a realizarem projetos diferentes em relação ao mundo literário e às artes no geral. Uma dessas exibições ocorreu no espaço do Sacolão das Artes[75] no mês de agosto, a divulgação foi colocada tendo como proposta de concentração e saída o "BBinho" a pé, percorrendo cinco quilômetros em direção ao espaço de realização do sarau especial "Donde Miras", já que diversas pessoas daquele espaço participaram de alguma edição da caminhada.

Uma ação que merece destaque é sobre a intervenção artística de vários coletivos, inclusive os "Dondemirantes", no local onde era a ocupação Olga Benário[76], logo após o seu violento despejo, 500 famílias ficaram sem onde morar. Essa ação contou com sarau e conversas sobre o cotidiano das famílias despejadas, assim como estratégias de ajuda para tais pessoas.

---

[75] Localizado no bairro Parque Santo Antônio, na zona sul paulistana, o Espaço de um grande galpão, anteriormente utilizado como sacolão municipal, foi ocupado e desde 2007 é organizado e gerido por coletivos culturais e lideranças comunitárias, onde desenvolvem atividades artísticas-culturais em suas dependências. (Disponível em: http://sacolaodasartes.blogspot.com.br/p/o-que-e-o-sacolao-das-artes.html. Acesso em 28/12/2013).

[76] Localizada no Parque do Engenho, no Capão Redondo, na zona sul da capital, tal ocupação ficou famosa por concentrar mais de 2 mil pessoas que foram despejadas de forma violenta, in: Audiência pública ouve moradores desalojados da zona sul da capital. Disponível em: <http://www.al.sp.gov.br/geral/noticia/noticia.jsp?id=270148>. Acesso: 05/01/2014.

Para a diversificação das atividades do sarau, Binho relembra a atitude e a experiência de ter realizado, na segunda edição da caminhada, no roteiro de São Paulo a Cananéia, a bicicloteca, a partir disso faz um convite a algumas pessoas que não estavam trabalhando na época para contribuírem com o seu novo projeto, a primeira experiência da bicicloteca na zona sul de São Paulo.

Depois de algumas reuniões, o idealizador pesquisa preços e compra duas bicicletas de carga, faz algumas modificações estruturais para ambas comportarem um cesto de ferro na parte de trás e outro na parte da frente, além da possibilidade de anexar um guarda-sol, pois a ideia era permanecer em alguns pontos por algumas horas do dia.

A ideia ganha corpo e o projeto é montado, intitulado de *"Bicicloteca: no meio do caminho tinha um livro".* No primeiro momento o trabalho é voluntário, contando com a colaboração de pessoas ligadas ao sarau, mas em um segundo momento o projeto ganha apoio com o programa municipal de Valorização de Iniciativas Culturais – Vai, estabelecendo um percurso específico e pontos fixos de permanência, como os pontos de ônibus da Avenida Carlos Lacerda, nº 678, e da Estrada do Campo Limpo, nº 1.600.

O projeto contou com 600 empréstimos nos seus primeiro 15 dias, com acervo de três mil livros oriundos de doações. Sobre a ação:

> "Nas proximidades dos dois pontos em que foram instaladas as magrelas, perto do CEU e de uma escola pública do bairro – de 191 mil habitantes e duas bibliotecas municipais -, a novidade faz sucesso. Principalmente para quem precisa. Na casa do menino Éderson Santos, de 11 anos, simplesmente não há livros - apenas um único gibi, presente de um vizinho. "Carrego na mochila, para não perder nunca". Estudante da 5ª série, na semana passada pegou o primeiro livro. 'Que capa bonita!', exclamava o garoto, com olhos arregalados. "Vai ser o primeiro de muitos.'"(Hábito chega ao campo limpo de bicicleta. Disponível em: < http://www.estadao.com.br/noticias/impresso,habito-da-leitura-chega-ao-campo-limpo-de-bicicleta,430215,0.htm >. Acesso em 05/01/2014.)

Alcançando repercussão em reportagens internacionais:

> Em La periferia de São Paulo, uma cíudad muy hostil y marcada por La desigualdad social, um grupo de personas tocadas por La lucidez y el optimismo están empeñadas em

> alentar um movimiento cultural desde La base... La bicicloteca va tomando horizontes más ambiciosos, pero sigue funcionando de um modo desburocratizado y hasta familiar. Si bien lós libros son prestados, se ofrecen como um regalo. Sin condiciones, sin papeleos, um intercambio directo. (Una bicicleta com uma cesta llena de libros para repartir cultura. Disponível em: <http://www.publico.es/culturas/330999/s-o-paulo>. Acesso em: 05/01/2014).

Essa popularidade atingida pelo projeto possibilitou, na mesma época, que houvesse um demanda por espaço para a organização do acervo e das constantes doações para o projeto da bicicloteca, fazendo com que Binho pensasse em um novo espaço cultural, efetivando em 2009 o surgimento da Brechoteca[77], localizada na Rua Andrea de Firenze nº1 no Jardim Rebouças, inicialmente para ser abrigo de livros, ganhou força e passou a ter vida própria, uma mistura de brechó, biblioteca e espaço cultural, com apresentações artísticas, oficinas, debates e exposição de filmes, configurando-se como espaço de intervenção política nas comunidades adjacentes a partir da literatura e da arte no geral.

Com o bar a todo vapor em relação aos saraus, as intervenções culturais em outros espaços, os projetos Bicicloteca e Brechoteca encaminhados por colaboradores que faziam parte da rotina do Sarau do Binho, as reuniões e os encontros informais tornaram-se constantes, seja para resolver algum problema relacionado à doação, montar uma programação, prestigiar uma exibição, participar e organizar eventos, dentre outros, fizeram com que a rotina do Binho e das pessoas próximas, familiares e parceiros frequentadores assíduos do "BBinho" tornassem-se comuns, em constantes encontros, estreitando laços, criando e fortalecendo novas parcerias e afinidades entre si.

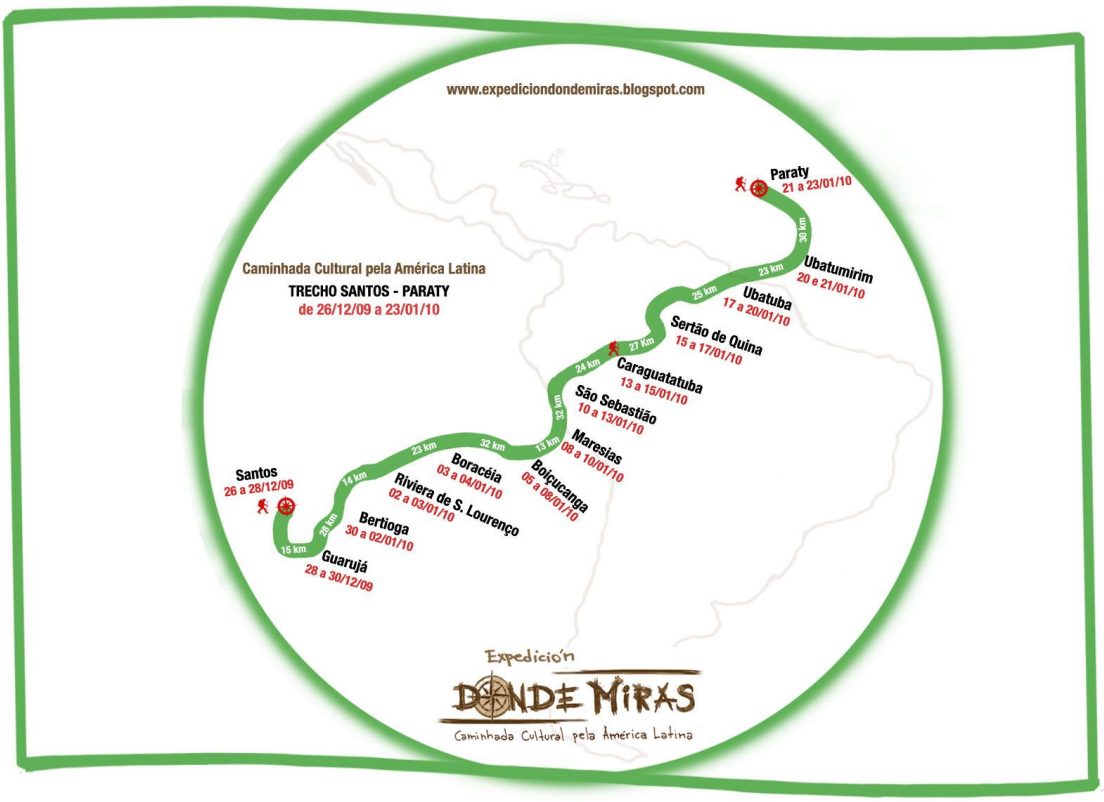
Nesses encontros e nas exibições no Sarau do Binho, foram surgindo ideias de roteiros e datas para uma nova edição da caminhada "Donde Miras", fato que não demorou a acontecer, pois no mês de novembro de 2009 o roteiro fora anunciado no "BBinho": a Expedición Donde Miras: caminhada cultural

[77] Contou no ano de 2013 com o programa municipal de Valorização de Iniciativas Culturais, recebendo diversos grupos artísticos, contadores de histórias, filmes e palestras e firmando-se como polo cultural na região, com forte atuação com crianças. Ver http://brechoteca.blogspot.com.br/. Acesso em 05/01/2014.

pela América Latina sairá do município de Santos – SP, em 26 de dezembro, com chegada ao município de Paraty – RJ, após percorrer mais de 300 quilômetros, no dia 21 de janeiro de 2010.

Imagem. Roteiro da Expedicíon Donde Miras

A cada edição, os organizadores e os participantes no geral, formam



novas estratégias para tentarem facilitar o projeto para que o maior número de pessoas possa participar com toda a segurança possível e com um rendimento artístico aproveitável para o grupo e para o público, sendo que neste roteiro algumas ideias foram pensadas com sistematização, o fato de ter passado quase um ano da edição anterior, possibilitou pensarem em um percurso litorâneo durante as férias com um caráter político.

Em relação à proposta política, além da caminhada ser um grande ato consciente em prol da coletividade e dos esforços da literatura, foi a primeira vez que o Binho e seus colaboradores estavam com projetos financiados pelo

programa municipal de Valorização das Iniciativas Culturais – VAI, possibilitando o percurso inteiro que a bicicloteca pudesse acompanhar a expedição de maneira estruturada, já que diferentemente da bicicleta comprada na cidade de Mongaguá na segunda edição e improvisada para transportar livros, nesta empreitada a bicicleta era de carga e adaptada para levar cerca de 400 livros. As placas do projeto chamavam a atenção anunciando a iniciativa, assim como o guarda-sol e a quantidade de pessoas de diversas idades que paravam e já saíam com o livro, permitindo a doação de diversos livros.

Foto: Bicicloteca na “Expedicíon Donde Miras” (Acervo Suzi)

Foto: Bicicloteca na “Expedicíon Donde Miras” (Acervo Suzi)

Outro ato político concretizou-se por, na época, as discussões envoltas na exploração do pré-sal estarem afloradas na mídia. A expedição realizou em diversas cidades do litoral o debate com moradores locais e com os respectivos sindicatos dos petroleiros do litoral paulista, abrindo a possibilidade de diálogo com a comunidade e as reflexões de uma exploração que visasse não somente a perspectiva lucrativa, mas sim o desenvolvimento das comunidades locais, como forma de contrapartida da ação.

Como experiência edificadora para o grupo, além de outras, a quarta edição contou com a imersão de dois dias na comunidade indígena guarani do Rio Silveiras na praia de Boracéia, divisa entre as cidades de Bertioga e São Sebastião. Essa ação permitiu que os caminhantes vivenciassem uma comunidade indígena na região litorânea, seu cotidiano, suas demandas, suas dificuldade e principalmente contrapor a experiência na aldeia da comunidade guarani Tenondé Porã, em Parelheiros – SP, local de contato do grupo na segunda edição.

Foto: Travessia na balsa

Por ser a segunda edição realizada em um período comemorativo, essa missão diferenciou-se por compreender em seu percurso total o litoral paulista, chegando até a estimular os participantes do Sarau do Binho a fazer parte, já que muitos passam o final de ano e o começo do ano seguinte em praias com

amigos ou familiares. O percurso considerado compreendia o litoral norte, para muitos considerados como detentor das melhores praias do estado.

Esta consideração permitiu uma troca entre os “Dondemirantes” com o público em geral, oportunidades únicas, como diversos turistas do estado de São Paulo com de outros, ou mesmo de outros países, a se interessarem pela caminhada, chegando até a grupos artísticos que se apresentavam em bares, praças ou à beira-mar, aproveitavam e davam sua contribuição a expedição.

Além destes artistas, outras foram as pessoas que conheceram a caminhada em notícias, ou mesmo em contato nas cidades e a acompanharam em algumas cidades do percurso, compartilhando as atividades com a expedição.

Como relevante, a contribuição e o acompanhamento esta edição contou com o artista espanhol Dani Gomes Carbonell, 33, que caminhou com o grupo da cidade de Bertioga – SP a Paraty –RJ. Segundo o próprio, ele é: “*artista, poeta, palhaço e contador de história, sigo meu sonho: viver viajando*”[78]. Ele estava na cidade de Ouro Preto – MG, no final do ano de 2009, hospedado em uma mesma pousada onde Marivone, frequentadora do Sarau do Binho e participante de outras expedições “Donde Miras”, estava. Em conversas fica sabendo da existência do sarau e da caminhada decidindo participar, pois procurava por experiências da cultura brasileira, em entrevista expõe:

> A Marivone que me falou, me deu as informações, fui à página da internet peguei o telefone do Binho e liguei desesperadamente, até conseguir saber o local onde estavam, pedi se podia acompanhá-los, e saí desesperadamente sem conhecer nada e ninguém, saí de Ouro Preto e fui de ônibus para Bertioga no dia 30 de dezembro, chegando dia 31 à noite... foi um sufoco, foram as três melhores semanas, dos seis meses que passei no Brasil... o coração da caminhada era isso, gente a pé... segundo um palhaço viajante espanhol, ‘nos passos da borboleta, na velocidade da borboleta é que podemos conhecer as pessoas verdadeiras daquele local’, da

[78] Entrevista concedida ao pesquisador em 23/02/2014 no Sarau do Binho, na pracinha do Campo Limpo, onde o entrevistador estava pela segunda vez no Brasil finalizando uma viagem de dois anos pelo mundo e fez questão de pontuar “Tinha que voltar, se passaram quatro anos, tinha que ver essas pessoas de novo, por isso vim ficar em São Paulo quatro dias, pra ficar com eles...”. O artista ficou hospedado na casa do Binho e teve a oportunidade de participar de dois eventos, uma intervenção com dinâmicas para crianças do Jd. Rebouças na Brechoteca e no debate, onde o Binho foi convidado para falar sobre o conto “terceira margem do rio” de Guimarães Rosa, realizado na Cia de Teatro Humbalada. (Diálogos Marginais. In: < http://www.ciahumbalada.blogspot.com.br/>. Acesso 24/02/2014.

> beira da estrada, que pegam todos os dias aquela estrada de casa até onde for, para conhecer os moradores daquela cidade você tem que ir a pé, pela rua, pegar carona..., pra mim o "Donde Miras" é o sonho que é verdade, gente humilde e desta humildade podem fazer o que quiserem, só estar junto, se hoje quisermos caminhar até o Peru, juntos conseguimos... o sonho do Binho e do Serginho Poeta, que são os pais da caminhada, é caminhar pela América Latina, se hoje não der... espere... amanhã vai dar!".[79]

Foto: Dani Carbonell, o palhaço Nono, na Aldeia Rio Silveira, Boracéia (SP), 2010 (Michelli Torinelli)

Foto: Dani Carbonell, Praça do Campo Limpo, Dezembro/2013 (Diego Elias)

Essas e outras experiências foram vivenciadas pelo grupo, tratando-se do verão onde a maioria das pessoas estavam no litoral de férias, o calor sufocante, os "Dondemirantes" fizeram várias apresentações à beira-mar, conheceram comunidades caiçaras carentes, discutiram questões relevantes

[79] Ibidem

para o Brasil, em relação ao pré-sal e puderam percorrer e conversar sobre áreas de preservação ambiental com guias locais.

A quarta edição mostrou-se como um encerramento de um pequeno ciclo inicial de parcerias institucionais e colaboração em tais projetos de várias pessoas ligadas ao Sarau do Binho, em conversas informais a cada sarau, as pessoas relembram que esse momento foi uma mistura de descobertas de limites, paisagens, autores, artistas dentre muitas outras oportunidades, que possibilita colocar essas caminhadas como relevante para entender a origem da unidade dos participantes na atualidade.

Outra experiência para relembrar as caminhadas concretizou-se em 24 de julho de 2010, quando as pessoas se encontraram em um posto da BR-116 e caminharam seis quilômetros em direção a um sítio, na cidade de Itapecerica da Serra, onde fizeram uma confraternização das férias do meio do ano, relembrando as caminhadas e outras histórias, esse episódio levou o título de "Donde Miras – Lua Cheia", segundo Suzi Soares[80], "Donde Miras - chuva cheia, pois chovia e fazia muito frio!".

No final de 2011, Binho lança a proposta de fazer uma expedição entre as cidades mineiras de Cordisburgo e Três Marias, numa rota de aproximadamente 200 quilômetros, esse trajeto ficou conhecido como "Donde Miras – Grande Sertão Veredas", pois a cidade de Cordisburgo[81] foi local de nascimento de Guimarães Rosa, além de diferenciar-se pelo fato de ter seus poemas em muros, lojas e casas e o trecho da cidade ser descrito como pano de fundo em seu livro, "Grande Sertão: Veredas"[82]. Todavia, a realização da quinta edição não foi possível devido aos diversos compromissos na agenda que não poderiam ser desmarcados, a empreitada está sendo pensada na atualidade para ocorrer em breve a partir de conversas com ONGs para o auxílio na viabilização da mesma.

---

[80] Entrevista realizada na casa do Binho em 13/01/2014.

[81] Cidade Natal de Guimarães Rosa ganha museu virtual. *In*: http://catracalivre.com.br/geral/dica-digital/indicacao/museu-em-homenagem-a-guimaraes-rosa-ganha-versao-virtual/. Acesso em: 05/01/2014

[82] Rosa, Guimarães (1993): Grande Sertão: Veredas. 3ª Edição, Rio de Janeiro: José Olympio.

Foto: Debate com a presença de Plínio de Arruda Sampaio (2010)

Em 2011, o fortalecimento das atividades deram-se semanalmente nas exibições no “BBinho”, nas apresentações do coletivo do Sarau do Binho em outros saraus da periferia sul paulistana, a participação do anfitrião em escolas, ONGs e universidades para debates, palestras, dentre outros.

Nesta fase, o movimento ganha força e começa ganhar destaque e tornar-se referência na região, não só como ambiente de diversão e entretenimento, mas como espaço político de realização, divulgação e propagação da incipiente chamada cultura periférica paulistana, o Binho passa a dar entrevista a diversos meios de comunicação, o bar ganha notoriedade e os eventos são realizados com profundidade, com direito a distribuição gratuita de livros no bar, lançamento de livros e oficinas culturais,

No auge da efervescência cultural, uma série de denúncias anônimas foi realizada contra o bar pelos vizinhos em detrimento do barulho nas noites de sarau, resultando em diversas multas proferidas pela prefeitura municipal de São Paulo, na gestão do Prefeito Gilberto Kassab, além das negativas da concessão do alvará de funcionamento ao local, culminando com o fechamento definitivo do bar em abril de 2012[83].

[83] Ver: Kassab fecha o cerco sobre saraus da periferia. Disponível em http://www.brasildefato.com.br/node/9808. Acesso em: 05/02/2014. Sobre o fechamento de outros saraus ver: “Por falta de alvará, mais saraus são fechados em SP. Disponível em: < http://www.brasildefato.com.br/node/9810> . Acesso em: 05/02/2014.

Diversas foram as tentativas de reabertura, seja através do pronunciamento de pessoas com destaque na mídia, como o Mano Brown[84], Criolo[85] e Marcelino Freire[86], manifestações e protestos nas redes sociais, encontros promovidos com representantes públicos, como o Deputado Estadual Professor Carlos Giannazi[87], ou a arrecadação on-line[88] do valor total das multas e o seu respectivo pagamento, para que a documentação fosse posta em dia, não adiantaram, a possibilidade de concessão do alvará de funcionamento foi negada pela prefeitura, alegando novamente diversas irregularidades.

> Há oito anos eu tento tirar essa licença de funcionamento, paguei todos os impostos, é sempre colocada alguma dificuldade, é difícil na periferia adequar um bar a todas as exigências necessárias que eles pedem, quando você consegue uma coisa, chega lá e é outra (Binho em entrevista a TVT 01/06/2012[89]).

A notícia que era para ser desanimadora passou a alimentar a luta a favor da resistência da poesia e daqueles que guerreavam por ela e pela inserção de jovens moradores dos extremos da cidade que passaram a ser inseridos socialmente através da literatura, pois, a partir daquele momento, o tão esperado (pelas autoridades) enfraquecimento, passou a transformar-se na diversificação dos projetos, na solidariedade entre todos que participam de movimentos culturais de resistência periférica na cidade, fazendo com que houvesse um engajamento daqueles que conheciam e daqueles que não

---

[84] Pedro Paulo Soares Pereira, integrante dos Racionais MC's, grupo da zona sul de São Paulo precursor do rap e de grande prestígio nacional e internacional. Ver: "Atual e polêmico Mano Brown completa 43 anos de vida". In: < http://www.rapnacional.com.br/portal/atual-e-polemico-mano-brown-completa-43-anos-de-vida/>. Acesso em: 19/12/2013.

[85] Kleber Cavalcante Gomes nasceu em São Amaro e cresceu no Grajaú, ligado ao cenário do Rap Nacional. Ver: Criolo: Biografia". In: < http://blitz.sapo.pt/criolo-biografia=f79497>. Acesso em: 19/12/2013.

[86] Marcelino Juvêncio Freire é poeta, contista e crítico literário, idealizador do "Balada literária", evento que desde 2006 reúne autores e artistas nacionais e internacionais no bairro da Vila Madalena – SP. Disponível em: < https://marcelinofreire.wordpress.com/marcelino-freire/>. Acesso em 19/12/2013.

[87] Ver pronunciamento do Deputado na Plenária da Assembléia Legislativa do Estado de São Paulo, no dia 28/05/2012. In: http://www.carlosgiannazi.com.br/plenario/p06-2012.htm. Acesso em: 20/12/2013.

[88] Campanha realizada pelo coletivo catarse. Ver: http://catarse.me/pt/saraudobinho. Acesso em 19/12/2013.

[89] A TVT, primeira emissora gerida pelo Sindicato de Trabalhadores dos Metalúrgicos do ABCA, sob a concessão da Fundação Sociedade, Comunicação, Cultura e Trabalho, sem fins lucrativos, idealizada e mantida pelo Sindicato. Ver: < http://www.tvt.org.br>. Acesso em 19/12/2013.

conheciam o bar, mas se identificaram com a proposta e passaram a gritar e transmitir frases como **“o sarau do Binho vive!!!”.**

Era um bar

(continuação)

Mas isso tudo teve um preço:
Esse bar não existe mais, eu sei,
fecharam-lhe as portas,
e os olhos de muita gente se abriram
e ele ficou em pé
porque ficar de joelhos,
só se for pra rezar com os camaradas.
Um bar que aceitava moeda comunitária (Sampaios),
em que manu chao e brown nunca estiveram fisicamente,
mas suas canções em nossos corações aqui dentro.
Guimarães Rosa, que volta e meia nos atingia inteiro
com seu Riobaldo que nos dava muita coragem
“A periferia está em toda parte
ou a pereferia é dentro da gente”.
A noite que ofertamos ao poeta Manoel de Barros
e as muitos poetas dessas nossas quebradas e bordas.
Um bar que tinha livros para emprestar,
que ajudou a montar uma biblioteca popular
no jardim rebouças, a brechoteca, e a manteve até então.
Que tirou muita gente da mira dos revólveres.
que não soube esperar,
fez “aconte-seres”.
Um bar que não tinha maquininhas de moedas
no seu interior, nem nos fundos.
Que teve noites e noites de autógrafos.
que viu nascer antre as pernas de suas mesas
uma caminhada cultural pela América Latina,
Salve Donde Miras!

Um bar em que o grafite foi sprayzado.
Onde suas paredes foram palco de telas de artistas locais
e que não aceitou pendurar
o cartaz e a faixinha do vereador de plantão
(aí onde mora o perigo).

Fora isso...
Um bar como outro qualquer.
Que tinha o “pior” pastel de São Paulo. Acreditem!
(Binho)

2.1.3 3ª fase – O Sarau do binho vive! A itinerância da palavra.

Com o fechamento do bar, o seu idealizador passa a investir em projetos destinados à chamada cultura periférica, ou seja, pessoas ou grupos ligados à valorização da produção cultural das periferias da cidade, feita por aqueles que não estão inseridos nas grandes universidades, não estão ligados ao centro do poder e, o principal, são moradores de bairros da periferia, atendidos precariamente pelos aparatos públicos, seja ligados à cultura, educação, transporte, dentre outros, que visam propagar o mundo literário no geral através de palestras, participação em eventos, grupos ligados ao Programa Municipal de Valorização de Iniciativas Culturais (VAI), ao Programa de Ação Cultural (PROAC), parcerias com organizações não governamentais, coletivos, movimentos sociais, escolas, dentre outros.

Diversas são as ações nesta fase, como distribuição gratuita de livros na última semana de cada mês em um dos terminais de ônibus de grande circulação na zona sul, o Terminal Campo Limpo. O sarau passa a ser incentivado em múltiplos locais, bibliotecas, escolas, universidades, cursinhos populares, acampamentos, praças, ônibus-biblioteca[90], participação em diversos movimentos culturais pela cidade, o lançamento do livro "O Sarau do Binho Vive", com a poesia de 148 frequentadores e participantes do sarau, a parceria entre o Espaço Clariô de Teatro, companhia alocada nas margens do rio Pirajussara, na divisa entre a cidade de São Paulo e a de Taboão da Serra e que seu trabalho expressa nitidamente a tendência periférica em suas peças, onde passou a "abrigar" o encontro do Sarau do Binho.

Toda essa movimentação multiplicou o foco, ou pelo menos as consequências dele, atingindo um número considerável de pessoas em todas as faixas etárias, já que não é mais vinculado a um bar e sim a locais onde as

[90] O projeto faz parte do Sistema Municipal de Biblioteca – SMB, é composto por 105 bibliotecas, dentre as quais, prédios, pontos de leitura e a sua extensão pela periferia da cidade com os Ônibus-biblioteca. Ver: <http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/cultura/bibliotecas/smb/index.php?p=1197>. Acesso em: 20/12/2013.

pessoas entram em contato com a produção cultural periférica, em escolas, associações, ONGs, etc.

No começo, entre a transição do encerramento das atividades e a disseminação de eventos para além do espaço, o foco foi posto no resgate de possibilidades da reabertura do “BBinho”, em todos os encontros e atividades envolvendo outros coletivos e os integrantes do Sarau do Binho, estava presente o sentimento de pertencimento, da luta pela cultura popular, da briga de coletivos e de locais que fomentam a cultura popular, principalmente em locais desprovidos de espaços de lazer e entretenimento.

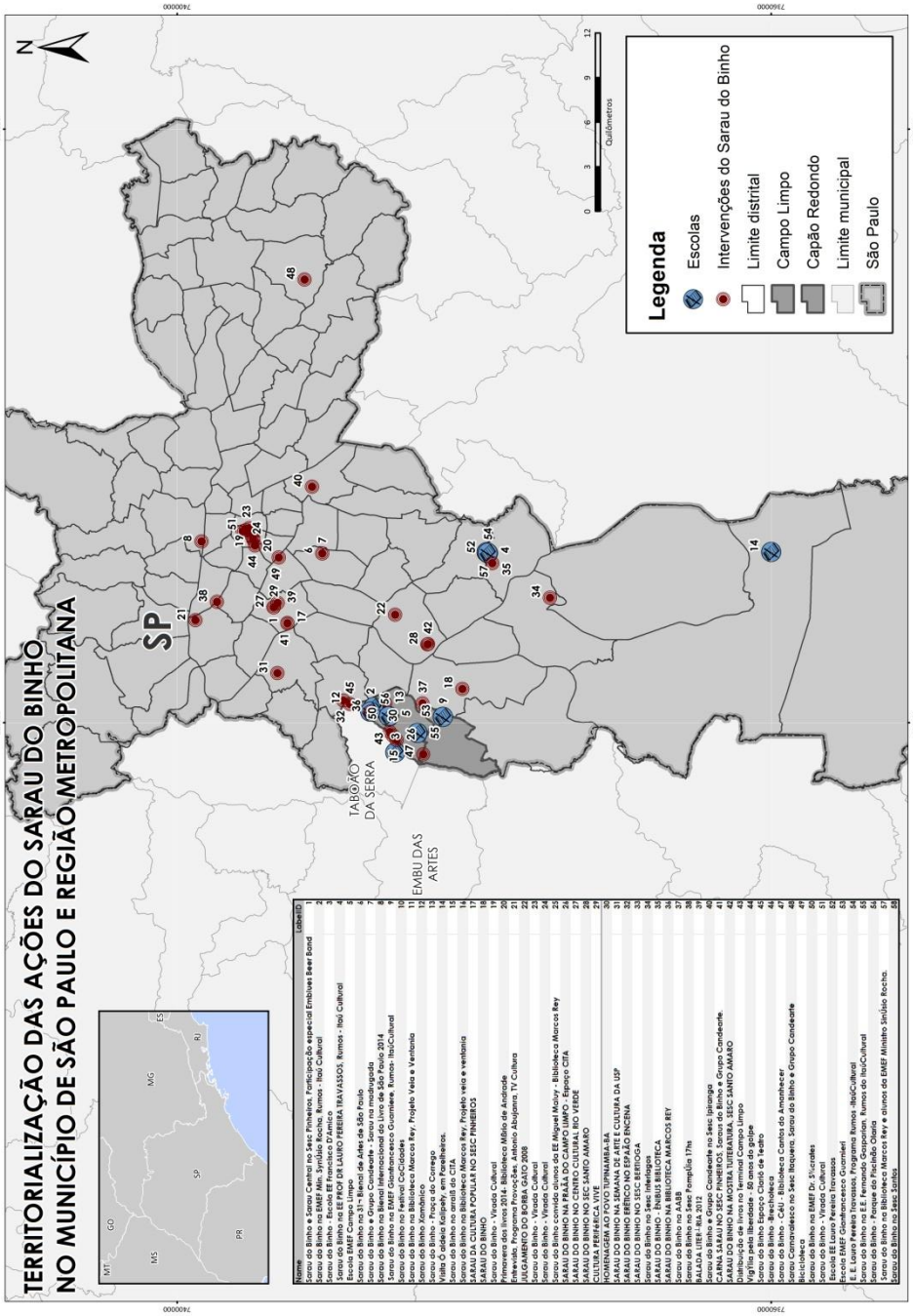
O fator a ser destacado como proeminente neste período foi a possibilidade de financiamento das atividades, seja através das parcerias entre os coletivos ou de patrocínio institucional, já que tanto a família Padial (a do Binho) quanto o próprio Sarau do Binho não tinham fontes de remuneração. Suzi Soares, sobre essa fase, pontua:

> A partir do momento que o bar fechou houve uma comoção das pessoas nas mídias, principalmente na net com o apoio de pessoas famosas... eu comecei a oferecer para diversas instituições as apresentações do Sarau do Binho com a justificativa que estávamos sem local, sem o bar, e o SESC Santo Amaro foi o primeiro a nos ceder um local nos contratando, esse passo foi importante, pois eles têm reuniões entre os gestores culturais da rede SESC e eles trocam informações... daí conseguimos nos apresentar em várias unidades da cidade, do interior e também do litoral, fazendo com que o sarau ganhasse maior visibilidade e também outros lugares nos chamassem (Conversa informal com o pesquisador 05/04/2014).

A divulgação do Sarau do Binho fez com que sua estrutura de apresentações musicais, poéticas, políticas, artísticas no geral, nascida e moldada despretensiosamente nos anos de exibições no bar e nas expedições “Donde Miras”, fossem reformuladas para espaços diferenciados, seja na rede SESC[91], em escolas públicas, bibliotecas ou outros eventos, consolidando o Sarau do Binho como um grupo de artistas da periferia, inovadores, ligados à música, dança, poesia, teatro, e outras formas de participação.

[91] Serviço Social do Comércio, instituição privada mantida pelos empresários do comércio de bens e serviços, com pontos em todo o território brasileiro, com atividades ligadas às áreas de Educação, Saúde, Cultura e Lazer.

No mapa “Territorialização das ações do Sarau do Binho no Município de São Paulo e região metropolitana[92] visualizamos suas ações concentradas na zona sul, entretanto em grande parte espalhada pela cidade.



Organização: Diego Elias/Dora Nascimento. Elaboração: Olga Paz

[92] Esses são alguns lugares que o Sarau do Binho se apresentou, pois não exsite fonte de dados precisa sobre tais apresentações.

Além das apresentações ligadas à rede SESC, o sarau, desde o ano de 2011, passou a ter lugar garantido na Virada Cultural, um dos maiores eventos da cidade de São Paulo, no palco “Santa Ifigênia – Cultura Periférica”, no qual a maratona de 24 horas de poesia através dos saraus de destaque da cidade de São Paulo e a cultura periférica no geral é realizada com apresentações musicais, esquetes, apresentações solo, dentre outras formas de exibições, com a participação garantida dos seus integrantes e do público presente.

Foto: Binho abrindo o Sarau
na Virada Cultural de São Paulo, 2011 (Acervo Suzi Soares)

Foto: A galera do Sarau do Binho nos bastidores,
antes da apresentação, 2011 (Acervo Suzi Soares)

Para melhor exemplificar esta fase, faremos a seguir alguns relatos de campo para que seja possível a visualização das atividades, o comportamento do grupo, assim como os elementos envoltos nas apresentações apreendidos somente pelo acompanhamento próximo. As apresentações escolhidas foram baseadas na riqueza dos fatos, assim como pela preferência do pesquisador na qualidade e acompanhamento de três atividades distintas que elucidam a

diversificação da atuação do Sarau, são elas dois eventos ocorridos em um mesmo dia 28/09/2013, intitulado na pesquisa como “A viagem do Sábado”, a participação no projeto “Literatura Periférica: Veia e Ventanias” na biblioteca Marcos Rey em 27/03/2014, na pesquisa como “A função política da leitura”, a participação no IV Festival da Mantiqueira, em São Francisco Xavier, no distrito de São José dos Campos (SP), no dia 05/04/2014, como “A força das águas”, e por último a parte que dimensiona a importância do projeto Brechoteca na parte “o brincar na palavra... brechoteca – livros, histórias e brincadeiras.

2.1.3.1 A Viagem do Sábado

Esse sábado fez parte do primeiro acompanhamento ao lado do grupo, no qual pude ficar o maior tempo imerso conjuntamente com os participantes do Sarau do Binho, que geralmente participam das atividades externas do sarau, já que até então minha participação era somente como expectador do Sarau no “BBinho”, ou em conversas com o casal Binho e Suzi em sua residência.

No papel de pesquisador, resolvi adotar como estratégia a aproximação vagarosa, desfrutando das informações de acordo com o tempo das apresentações, dos projetos, das pessoas, sem muita pressa de buscá-las, principalmente junto aos participantes, por considerar que a cultura periférica não é para ser “consumida” de forma rápida e passageira, somente para fins de pesquisa, mas como processo de identificação, de reconhecimento, como processo político, já que me incluo em tal cenário e o considero por tais parâmetros.

Ao todo foram duas apresentações em um mesmo dia, são elas a participação do projeto Ônibus-biblioteca, com itinerário na Estrada do Alvarenga, altura n. 1614 (zona sul), e a participação e lançamento do livro no “Sarau dos Mesquiteiros, na E.E. Jornalista Francisco Mesquita, em Ermelino Matarazzo (zona leste).

Chego à casa do Binho e, como sempre, abraços são distribuídos, clima de final de semana, alegria, sarau, o Binho preparando uma vitamina de café da manhã, ao fundo a Suzi, sempre atarefada, mesmo quando não acompanha

o grupo, ela está preocupada se todos comeram se estão levando blusas, tudo o que precisam para as apresentações.

As pessoas chegam e durante a refeição falam sobre diversos assuntos, dentre os quais o rap e a sua trajetória tornam-se motor da prosa, perpassando pela questão do movimento negro, o engajamento do movimento hip-hop, assim como a situação das pessoas que trabalham com cultura na atualidade.

No caminho para a primeira apresentação, o assunto passou para a participação do jovem negro na universidade e como são suas perspectivas atuais no mercado de trabalho, principalmente o cultural, tendo em vista a falta de poder aquisitivo.

Chegamos ao destino, Estrada do Alvarenga, via importante utilizada para chegar ao extremo da zona sul, algumas pessoas vão aos bares ao redor para ir ao banheiro, o Binho aproxima-se do ônibus e conversa com as agentes do ônibus-biblioteca, acertam o início e o grupo começa a se preparar.

Estávamos em dois carros, totalizando oito pessoas, o estandarte[93] do Sarau do Binho foi posto, os livros distribuídos e as apresentações começaram, inicialmente no ponto de ônibus comum para atrair o público e chamar a atenção para o ônibus-biblioteca, algumas pessoas chegaram a contemplar as apresentações e não mais se preocuparem com a condução desejada.

Já nas apresentações dentro do ônibus-biblioteca, os integrantes alternavam-se em recitar poesias, cantos ou com histórias para o público leitor, que no caso variava ao longo das exibições em cerca de vinte pessoas. As exibições estenderam-se novamente para o exterior do ônibus em tom tranquilizador, pois as exibições passaram a ser essencialmente musicais Pensar no tamanho da cidade de São Paulo é também levar em consideração os seus problemas, principalmente tratando-se de aparatos públicos para a leitura, pois ainda em 2014 há a necessidade de ônibus-biblioteca itinerantes para atender os locais distantes do centro.

[93] Bandeira enfeitada com o nome “Sarau do Binho”.

Foto: Estandarte do Sarau do Binho e o ônibus-biblioteca ao fundo, 28/09/2013 (Diego Elias)

Foto: Intervenção no ponto de ônibus na Estrada do Alvarenga, 28/09/2013 (Diego Elias)

Foto: Cantoria ao lado do ônibus-biblioteca,
28/09/2013 (Diego Elias)

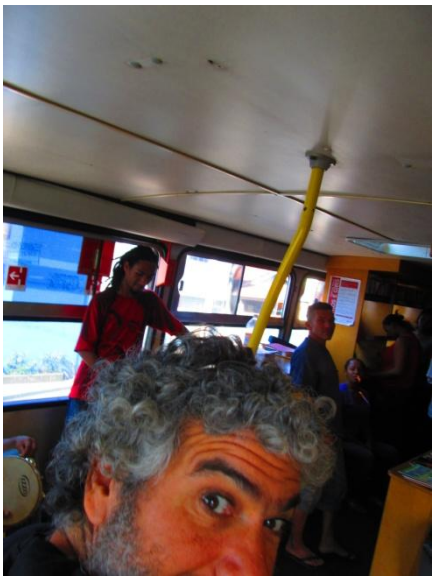


Foto: Intervenção dentro do ônibus-biblioteca,
28/09/2013 (Diego Elias)

As apresentações duraram aproximadamente duas horas e, no final, todos se reuniram e fomos em direção à zona leste, Ermelino Matarazzo, percorrendo uma distância de 60 km até a EE. Jornalista Francisco Mesquita, no Sarau dos Mesquiteiros.

Coordenado pelo professor de história Rodrigo Ciríaco desde 2009, Sarau dos Mesquiteiros é um coletivo artístico cultural começado por iniciativas isoladas dentro de uma escola estadual para hoje tornar-se um grupo de

professores, adolescentes e pessoas preocupadas com a literatura periférica e sua divulgação.

O Sarau dos Mesquiteiros em si ocorre todo último sábado do mês e conta com participações especiais de poetas, escritores, artistas, dentre outras pessoas ligadas à cultura periférica preocupadas em disseminar ao público jovem suas sabedorias.

Neste dia em específico, eram três as atividades especiais: o lançamento do livro “Sarau do Binho VIVE!”, “Ângela: um Jardim no Vermelho”, de José Sarmento, “Dias de inferno na Síria” (prêmio Jabuti 2013), do jornalista Klester Cavalcanti, além de debates com os autores e o relato especial do jornalista Klester Cavalcanti sobre a sua viagem e prisão na Síria.

Estavam presentes aproximadamente 50 pessoas, dentre elas muitos alunos da escola que vêm para prestigiar o projeto no final de semana. Os livros citados e outros títulos da Literatura Marginal foram postos nas mesas para consulta, assim como pendurados para que qualquer um que passasse pudesse consultá-los.

Inicialmente, o Sarau foi aberto e Rodrigo Ciríaco agradeceu a participação de todos, principalmente dos convidados, que foram sem nenhuma remuneração, somente para ajudar o projeto, em seguida o jornalista iniciou a sua fala, contando os motivos da sua ida à Síria, suas dificuldades, assim como o conflito Síria-Líbano e a própria contradição interna do país.

Depois do relato, abriram o bate-papo para perguntas e em seguida o Sarau em si começou, o interessante a ser destacado é que, por falta de tempo os outros autores, Binho e José Sarmento, não falaram para possibilitar a participação de todos.

Cada sarau da periferia de São Paulo tem a sua especificidade e as características marcantes do Sarau dos Mesquiteiros e o comprometimento das pessoas em abrir e se responsabilizar por uma escola pública no final de semana, a participação efetiva dos alunos, que inclusive nesse dia apresentaram poemas, músicas e uma esquete, a contribuição de outras pessoas e artistas ligados à cultura periférica no geral, fazendo com que em uma região como Ermelino Matarazzo, sem aparatos públicos de lazer e cultura, ocorram atividades culturais de qualidade, feitas gratuitamente de forma coletiva.

Foto: Frente da E.E. Jornalista Francisco Mesquita,
28/09/2013 (Diego Elias)

Foto: Início do Sarau dos Mesquiteiros,
28/09/2013 (Diego Elias)

Foto: Bate-papo com o Jornalista Klester Cavalcanti,
28/09/2013 (Diego Elias)

Foto: Oficina artesanal durante o Sarau dos Mesquiteiros, 28/09/2013 (Diego Elias)

2.1.3.2. A função política da leitura.

Mostra-se necessário pontuar que a cidade de São Paulo tem diversos saraus que ocorrem em escolas[94], sejam os feitos pela comunidade escolar, ou aqueles feitos pelos coletivos dentro das escolas com suas intervenções, todavia destaco as ações do Sarau do Binho ao empreender esforços em muitos espaços escolares, desde a educação infantil e ensino médio até nas universidades, ultrapassando a marca de algumas dezenas de apresentações espalhadas pela cidade, principalmente na zona sul de São Paulo.

Para vislumbrar essa esfera do sarau nos espaços escolares, abordaremos o relacionamento do Sarau do Binho com os alunos da EMEF Min. Synésio Rocha, na biblioteca municipal Marcos Reys, através do projeto "Literatura Periférica: Veia e Ventania nas Bibliotecas de São Paulo[95], entre os

[94] Dentre outros eventos, durante a pesquisa tive o contato com os professores de Geografia Luíz Rodrigues (Lula) e Eduardo Quarenta, que desenvolviam o sarau dentro dos seus planejamentos, aplicavam atividades ligadas à escrita e à leitura, com base em problemas urbanos, existenciais, familiares, etc., e os alunos tinham que expor o entendimento através da linguagem poética, teatral, ou de desenho no sarau que era organizado mensalmente, nesta atividade conjunta com outros professores da unidade, convidavam representantes de diversos coletivos.

[95] O projeto foi abordado no item "2.1.3. 3ª fase – O Sarau do Binho VIVE! A itinerância da palavra".

anos de 2011 e 2014, e o sarau enquanto prática educacional através de parcerias com a rede municipal de educação.

Ter o projeto “Literatura Periférica: Veia e Ventanias” na biblioteca municipal Marcos Rey com o Sarau do Binho é uma das experiências ímpares de impacto na população da região, pois aquelas pessoas em contato direto, frequentando o Sarau conjuntamente com outras que o conhecem e buscam visitá-lo, ao entrarem no espaço da biblioteca relembram o tempo de escola, antes da internet, quando para se fazer uma pesquisa escolar os alunos frequentavam as duas únicas bibliotecas da região, a Marcos Rey e a Helena Silveira, na Praça do Campo Limpo.

Localizada na Rua José Viriato de Castro, ao lado da Praça do Campo Limpo e em frente a EMEF Leonardo Vilas Boas, a biblioteca Helena Silveira foi inaugurada em 05 de novembro de 1988, como sendo o primeiro prédio público da região a ser destinado para tal função, diferentemente da biblioteca Marcos Rey, a mais antiga, inaugurada em 18 de julho de 1981, no entanto em um prédio alugado, localizada até 2001 na Estrada do Campo Limpo, altura do número 2.659, para ser alocada em prédio público, a partir de 2002, até hoje, na Avenida Anacê, próximo da divisa de São Paulo com o município de Taboão da Serra, no Jd. Umarizal, ao lado da E.E. Miguel Maluhy.

Escrever sobre essas duas bibliotecas é relembrar toda uma geração de pessoas sem acesso a livros, a locais de cultura, ou outras formas de formação pela literatura exterior ao ambiente escolar que buscavam, nos anos das décadas de 1980 e 1990, contrariar as estatísticas da violência através da busca de conhecimento.

O projeto “Literatura Periférica: Veia e Ventanias[96]” ocorre na biblioteca Marcos Rey desde 2011, através de contrato estabelecido entre o Sarau do Binho, conjuntamente com a Coordenadoria do Sistema Municipal de Bibliotecas da cidade de São Paulo, e desde essa data o projeto foi renovado diversas vezes, tendo em vista que a sua duração é apenas de seis meses.

O Sarau em si *“é sempre uma surpresa”,* segundo o próprio Binho, todavia na biblioteca essa afirmação ganha conteúdo inimaginável, pois acompanho o grupo desde 2013 neste espaço e já presenciei a alternância de

[96] Na biblioteca municipal Helena Silveira, houve as intervenções do Sarau da Vila Fundão.

diversos membros do Sarau, enquanto que para muitos a participação também é uma maneira de remuneração[97], para outros é uma forma de se aproximar do grupo e passar a conviver nessa atmosfera artística; e ainda há aqueles de outros movimentos culturais que vislumbram ali uma forma de aprender a desenvolver projetos parecidos, da mesma forma que o público variado, desde crianças a adolescente, levados por iniciativas de pessoas de algumas instituições, ou mesmo o público em geral, ao visitarem a biblioteca, acabam prestigiando as apresentações.

Marli Fumi, 47 anos, há 12 como bibliotecária na Marcos Rey, moradora e nascida no Jardim Umarizal, em entrevista relata a experiência e aproximação com o Sarau:

> Antes não conhecia o sarau no Bar, somente quando o Binho começou a fazer algumas apresentações em eventos na biblioteca, através do concurso literário, o qual rendeu um livro de poesia, em parceria com o Jornal do Campo Limpo, que nem existe mais, e ele foi homenageado, quando soube que o projeto “Veia e Ventania” e sobre a vinda do Binho, fiquei super contente, pois através das atividades sabia da qualidade, tudo começou com a Rosa Fauzoni, coordenadora das Bibliotecas, através do seu contato com os saraus, a contratação se deu de forma experimental, apenas alguns saraus conhecidos foram chamados em um projeto piloto, em seguida implantaram com mais saraus (Entrevista ao pesquisador em 27/03/2014 na biblioteca Marcos Rey).

Sobre a participação no Sarau:

> A professora do Synésio veio no Sarau conheceu, gostou, para depois trazer os alunos, ela gostou desse envolvimento político do Sarau, do jovem, da periferia, o legal do Binho que ele é muito democrático, todo evento da biblioteca agente faz no salão de cima, ele quando chegou disse não, ele queria fazer no meio dos livros, por que quando o pessoal chegar, mesmo sendo para entregar os livros vai se perguntar o que está acontecendo, não sabem do Sarau e acabam ficando e achando legal, tanto que tem um professor que vem sempre estudar com a filha e hoje ele pegou o Sarau por acaso e gostou... vários adolescentes e crianças depois do Sarau, perguntam sobre o processo de empréstimo de livro, no Sarau eles olham os livros e falam “olha ali eu vi tem um mangá, quadrinhos... fulano falou que aquele livro é bacana” aí eles

[97] Não existe a obrigatoriedade da presença em todos os eventos. Dentro do Sarau do Binho isso é comum, pois a remuneração é vista como uma ajuda àqueles que estão na carreira artística periférica, muitas vezes como gratificação pela presença nos eventos e pela dificuldade em atividades remuneradas neste contexto.

> voltam depois, agente escuta muito isso “o filme eu não gostei, o livro é muito melhor”... o Sarau é bem livre... inclusive quando tem dança percebemos isso...” (Entrevista ao pesquisador em 27/03/2014 na biblioteca Marcos Rey).

Na entrevista, entre outros assuntos, Marli citou o caso emblemático que marcou a sua estima pelo projeto:

> Teve uma senhora que veio com a EJA (educação de jovens e adultos), junto com a sua turma da escola, em horário de aula, durante um tempo, ela gostou tanto, ela tinha uma dificuldade de ler, ela estava na etapa de alfabetização, passou a frequentar o Sarau durante um tempo, ela lia socadinho, mas com aquele interesse com aquela vontade, aquele prazer, os jovens olhavam aquilo com paciência e admiração... foi encantador (Entrevista ao pesquisador em 27/03/2014 na biblioteca Marcos Rey).

Elucidar o texto com esses trechos da entrevista é a forma encontrada para demonstrar o alcance do Sarau do Binho para além das suas apresentações, nos meandros, nas situações que envolvem a leitura, a escrita, a autoestima de todo aquele que participa, seja atrás do microfone ou prestigiando na plateia, a cultura é vista como processo de identificação, as pessoas são vistas como iguais, sem requinte e elitismo da cultura estabelecida, demonstrando a funcionalidade e proporções apreendidas somente pela convivência.

Foto: Apresentação da Dessa do Cita. 27/03/2014. (Diego Elias)

Foto: Apresentação de Pedro Lucas, Luan Luando e Pow Litera-Rua . 27/03/2014. (Diego Elias)

Foto: Baltazar conversando sobre o futuro da população pobre. 27/03/2014. (Diego Elias)

Foto: Binho fazendo a abertura do Sarau. 27/03/2014. (Diego Elias)

O relacionamento do Sarau do Binho com a EMEF Min. Synésio Rocha foi mediado pela Rosimeire Olinda Gonçalves Belchior, 46 anos, conhecida como a Prof.ª Meire, da disciplina de Biologia, e atualmente responsável pela Sala de Leitura[98] daquela escola.

As intervenções ocorreram entre os anos de 2011 a 2014, quando mensalmente Meire levava seus alunos para prestigiarem o Sarau do Binho em suas intervenções na Biblioteca Marcos Rey[99].

Meire aborda como conheceu o Sarau do Binho:

> Esse casamento com a Marcos Rey aconteceu logo em 2011. E, fora o contato, por exemplo, a Suzi estudou com a minha irmã, eu conheci a Suzi no curso do Estado e aí, através da Suzi, acabei indo ao Sarau e decidi que queria levar meus alunos[100]. (Entrevista realizada em 02/09/2015).

E explica sobre como começou a participar do projeto[101]:

> O primeiro sarau foi um evento que não tinha quase ninguém, lá na biblioteca, e eu fiquei me perguntando como é que estava tão fazia. Eu pensei: "Então pronto, vamos fazer um casamento aqui. Traz o evento e eu trago o público". Mas os alunos nem sabiam o que era sarau, quando eu os questionei sobre o que era sarau, eles disseram: "Ah, é coisa de religião", eles achavam que era religioso! Eu sempre levei os nonos anos, porque não tinha vaga, porque quando eles começaram a conhecer o sarau o negócio começou a pipocar... os alunos chegavam lá e o Binho dava aquela liberdade: "quem quer falar?", então o Sarau foi construído assim, com os alunos e com ele. (Entrevista realizada em 02/09/2015).

---

[98] Na PMSP, a maioria das escolas tem salas de leitura, onde um professor da unidade é indicado a "gerenciar" o espaço com o objetivo de fomentar a leitura em uma aula semanal na grade oficial da escola. Sua função passa a ser Professor Orientador de Sala de Leitura. In: http://portalsme.prefeitura.sp.gov.br/Documentos/DOC_NOTICIAS/PORTARIA_899_POLS.pdf. Acesso em 02/08/2015.

[99] http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/cultura/bibliotecas/bibliotecas_bairro/bibliotecas_m_z/marcosrey/. Acesso em 02/08/2015.

[100] A maioria dos saraus acontece dessa forma, o professor fica sabendo da existência do movimento de saraus, passa a frequentá-lo e em seguida faz o convite para os artistas periféricos, através dos coletivos, em seguida, de maneira voluntária, o coletivo marca a intervenção, dentro da agenda do grupo.

[101] O projeto "Literatura Periférica: Veia e Ventania nas Bibliotecas de São Paulo" tem o objetivo de desenvolver os saraus em algumas bibliotecas públicas, fazendo eventos com convidados para divulgar a prática da leitura e o acontecimento de saraus, todavia a participação de escolas é voluntária, ou seja, os professores levam seus alunos durante o horário de aula para interagir com o sarau de acordo com o relacionamento com coletivos.

A parceria funcionava de maneira organizada, dentro do planejamento anual da Prof.ª Meire, no qual estava estipulado desenvolver atividades com os alunos em sala ao longo do mês e no final apresentar no sarau. Esse planejamento era supervisionado e aprovado pela gestão da unidade escolar, o que facilitava as intervenções da professora, oferecendo autonomia e legitimando o sarau na biblioteca como extensão da sala de aula, onde o conteúdo era também discutido.

As atividades ocorriam na última quinta-feira de cada mês dentro do horário de aula dos alunos, com duração de quatro horas, das 14 às 18h.

O percurso da escola até a biblioteca era realizado a pé, pois a distância entre a escola e a biblioteca não ultrapassa 500 metros e a quantidade de alunos, cerca de 100, aceitava satisfatoriamente a caminhada para participar do evento.

Mesmo com a gestão do espaço e das pessoas de forma democrática, alguns participantes, conjuntamente com o Binho, chegam cedo para arrumar as cadeiras, o som, o microfone, os colchões no chão e os livros de poesia infanto-juvenil e clássicos da literatura em cima, com o objetivo de levar algumas sugestões ao público e ajudar a Suzi a preparar a mesa de frutas para o intervalo.

As apresentações são aleatórias, como de costume o Binho explica a origem do Sarau, comenta sobre algumas informações e curiosidades sobre saúde e chama o próximo.

Em 27/03/2014 estavam presentes 40 alunos do 9º ano da EMEF Synésio Rocha, a equipe de filmagem responsável pela divulgação e pela execução de um curta-metragem a ser apresentado na feira de livros em Buenos Aires, no mês de maio, onde o Sarau do Binho é convidado especial, algumas pessoas que foram à biblioteca somente para visitar o acervo, alguns parceiros do Sarau, como o Marco Pezão, o Augusto Cerqueira, além dos integrantes do Sarau do Binho.

Diversas foram às apresentações, músicas, representações, declamações, no entanto o que prendeu a atenção do público foi a conversa proferida pelo Baltazar (membro antigo do Sarau do Binho), na qual alertava o

público para as escolhas da vida, pois quem é preto e pobre não pode errar o caminho, tem que saber desde cedo aonde quer chegar na vida, diferentemente de quem nasceu com dinheiro, que pode se dedicar às artes, às drogas ou aos estudos, pois, mesmo fazendo a escolha errada, lá na frente achará um atalho para ser bem-sucedido.

A participação no sarau era estimulada em sala, todavia, no sarau era optativa. Segundo Meire, a solução era ofertar o conteúdo:

> Pra você ter uma ideia, o Sarau do Binho acontecia dentro da escola, mas juntava gente de fora, novos alunos... e pais que foram também no sarau. A mãe da Gabi falou: "gente, o que é isso? Como você consegue juntar tanta gente aqui?", só que não foi assim, por isso acho que você tem que priorizar o protagonismo juvenil, mas se você não ofertar, ele [o jovem] não sabe o que é. Então, no começo muitos queriam ir, tipo aquela excursão que tem na escola e o aluno prefere faltar, como se tivesse uma carta de alforria naquele momento para faltar na aula. (Entrevista realizada em 02/09/2015).

Podemos perceber o quanto as turmas orientadas pela Meire estavam conectadas ao que estava acontecendo, à exposição de ideias, da arte, de artistas tidos como pessoas "normais" do cotidiano, de faixa etária diferenciada, expondo os mais variados conteúdos. Essa parceria relatada é tida como essencial pela professora:

> Ficção científica é nada perto da literatura da periferia, é nada. Poesia métrica? Nunca! Eles não vão gostar disso. Talvez eles gostem de poesia métrica depois que lerem a poesia que o mano [sic] da comunidade dele fez, falando sobre a necessidade dele, a realidade dele. O Binho tem um apelo por questões sociais, então a poesia dele, o trabalho dele, é todo direcionado a quem está na periferia, mas quer estar no centro. No centro da poesia, no centro da literatura, da cultura. (Entrevista realizada em 02/09/2015).

Outros foram os frutos, ao longo do ano, proporcionados por essa relação, durante o evento Estéticas da Periferia realizado em 2014 pela Ação Educativa, o Sarau do Binho[102] foi convidado a fazer um sarau na Aldeia

[102] Dentro da programação do evento 4ª Estéticas das Periferias, in: http://www.acaoeducativa.org.br/index.php/cultura/57-estetica-da-periferia/10005000-em-sua-4o-edicao-encontro-esteticas-das-periferias-inova-e-valoriza-diversidade-cultural-periferica. Acesso em 11/09/2015.

Tenondé Porã[103], organizando ônibus, e a ser responsável pela atividade. Binho planejou a atividade com os artistas periféricos e reservou alguns lugares para os alunos da Prof.ª Meire, sobre o sarau, os indígenas e os artistas, a professora expõe:

> Assim, o aluno quando não tem acesso a essa cultura periférica, a essa cultura tão própria, ele acha que a cultura é aquela que está nos livros, do amor rimando com flor e com dor, mas não é isso. Isso é chato, isso é engessado. Aí quando a gente chegou lá e viu aquela cultura, aquela união, aquela outra coisa, diferente daquilo que a gente viu o ano todo, os comentários que eles faziam na volta… Eles falavam: "Nossa, eles não têm nada e têm tudo, né?" (Entrevista realizada em 02/09/2015).

Os alunos participantes do projeto eram do nono ano do ensino fundamental. Segundo Meire, a necessidade de levar os alunos era enorme, muitos queriam ir, todavia o espaço da biblioteca não comportava, poderia gerar desconforto e a escola poderia não participar de outras atividades.

Durante a pesquisa, acompanhamos essa parceria entre o Sarau do Binho e a EMEF Min. Synésio Rocha ao longo do ano de 2013 e, em especial no ano de 2014, percebemos tanto a participação dos artistas quanto o envolvimento dos alunos.

Os artistas recebiam uma contribuição por sua participação na atividade, todavia essa participação era vista como colaborativa, ou seja, desde arrumar a biblioteca no começo ou no final, com cadeiras, mesas, auxiliando os alunos nas apresentações, ou na organização do lanche, era vista como contrapartida mínima e uma “força” para o sarau.

Muitas eram as linguagens passadas, assim como os assuntos eram variados, pois o Sarau do Binho tem uma característica marcante, a exposição de ideias, por isso muitas vezes temas como agressões policiais, futuro, estudos, família, sexo, drogas e religião eram abordados, de maneira simples e direta, levando os alunos a refletirem sobre o que estava sendo tratado.

---

[103] Localizada em parelheiros, a Aldeia indígena Tenondé Porã, um dos últimos redutos do universo da cultura guarani na cidade de São Paulo. In: http://campanhaguaranisp.yvyrupa.org.br/?page_id=142. Acesso em 11/09/2015.

Aproximadamente no meio da atividade, o sarau era interrompido para o lanche, mesmo não sendo obrigação do coletivo, o Binho, fazia questão de passar na feira e comprar frutas da época para os 100 alunos, no começo essa oferta objetivava prosseguir aos temas de saúde tratados pelo sarau, principalmente pelo Binho, mostrando a importância de uma alimentação saudável e como ter uma vida saudável. Nas expressões do anfitrião: *"o sarau enquanto alimento para a poesia e para o corpo".*

Na prática, esses objetivos eram expostos de maneira tranquila, com avisos sobre a alimentação feitos entre uma poesia e outra, sobre os transgênicos, os cartéis dos agrotóxicos, ou a prevenção de doenças através da alimentação. Outros alcances dessas pausas eram para os alunos descansarem do "silêncio" das apresentações e, o principal, a troca de ideias e a proximidade com os artistas, contatos, informações, experiências, autores, referências artísticas.

A cada sarau, de forma voluntária alguns alunos preparavam algo, por conta ou conjuntamente com a professora, e expunham para a turma. Conforme as atividades ocorriam, as apresentações eram amadurecidas, aquele aluno que apresentou um poema uma vez, na outra falava de música, ou aquela aluna que tocava violão, ensaiava outras músicas para no mês seguinte fazer sua intervenção. Através de observação, constatamos que em todos os saraus houve a participação de alunos e, através de relatos dos mesmos, todos demonstraram que haviam gostado de suas apresentações ou do que ouviram no sarau.

Os alunos, empolgados com o sarau em si, começaram a procurar informações na internet sobre apresentações do Sarau do Binho em diversos locais e a "segui-lo" nesses espaços:

> E aí os alunos começaram a ficar contaminados com isso, aí eles começaram a seguir o Binho, começavam a falar assim: "hoje eu não venho porque o Binho vai estar no Clariô e eu tenho que ir" ou "Professora, eu faltei ontem porque o Binho estava no Sesc e eu tive que ir lá". (Meire. Entrevista realizada em 02/09/2015).

No ano de 2014, na rede pública de ensino no Município de São Paulo, foi estimulado o Trabalho Colaborativo Autoral – TCA[104], no qual, de maneira colaborativa, os alunos do nono ano do ensino fundamental desenvolvem pesquisas sobre determinados assuntos, estruturam um trabalho em cima desse conteúdo e propõem ações, e, no caso do alunos da Prof.ª Meire, todos resolveram fazer sobre o Sarau do Binho.

Ao longo do ano, tiraram fotos, leram livros dos autores que frequentavam os saraus, pesquisaram informações sobre o Binho, sobre o Sarau do Binho, fizeram entrevistas, sistematizaram essas informações e fizeram uma exposição no dia 29/11/2014.

Sobre o TCA, Meire expõe:

> Eles [os alunos] ficaram donos do que eles querem fazer, então ele se tornaram muito autônomos, protagonistas. E eles melhoraram em tudo, porque o TCA tinha vários professores envolvidos, e os alunos que estavam realmente envolvidos com o Sarau foram os que viraram produto, porque quem não se envolvia, quem nem vinha no dia, acabou nem construindo o TCA... As meninas dos nonos anos, por exemplo, fizeram um livro de poesias femininas e tinha muita crítica ali, de violência, de tudo, mas no final daquele ano elas conseguiriam articular a forma como falar sobre aquela crítica delicadamente, sem falar mal, sabe? E aí foi assim. Eles se envolveram tanto que no final do ano essa turma tinha muita coisa para fazer. Eles dançavam, teve grafite... (Entrevista realizada em 02/09/2015).

No sábado, na apresentação dos TCA's, três salas foram organizadas para expor os resultados dos nonos anos da EMEF Min. Synésio Rocha, alunos, professores, gestão da unidade e os artistas prestigiaram a apresentação dos trabalhos, representando, na época, o fechamento de um ciclo de atividades, temas, saraus, aprendizagens e vínculos entre o Sarau do Binho e os alunos. Meire ressalta:

---

[104] "*O Ciclo Autoral abrange o 7º, 8º e 9º ano do Ensino Fundamental. Nesta etapa, é dada ênfase ao desenvolvimento da construção do conhecimento, considerando o manejo apropriado das diferentes linguagens. Ao final deste ciclo, o educando deve apresentar um Trabalho Colaborativo de Autoria que resulte em uma intervenção social", in: http://portal.sme.prefeitura.sp.gov.br/Main/Video/Visualizar/PortalSMESP/100. Acesso em 11/09/2015*. Acesso em: 11/09/2015.

> Alguns professores não acreditavam nessa coisa de deixar os alunos fazerem o que queriam e depois juntar tudo num TCA. Quando chegou o evento, tinha professor de boca aberta, que nem acreditava. Teve um professor que me disse: "Eu nunca vi um dia de sábado tão produtivo numa escola dessas!". Isso aqui bombou, eu não pude colocar pais para dentro por falta de espaço. Estavam todas as salas lotadas, os artistas, as meninas, a Camila Brasil mal acreditava. Durante um ano o Sarau do Binho arrepiou e encantou a eles... No final do ano... eu me emociono só de falar... eles emocionaram os artistas. Foi um evento show. A Diane, que é irmã do Binho e é psicóloga, ela se emocionava. Ela falava comigo e o olho dela marejava! Isso não pode acabar. (Entrevista realizada em 02/09/2015).

Para melhor vislumbrar o alcance dos saraus e da parceria com a escola, optamos por colocar trechos nos quais os alunos tecem comentários sobre os ganhos e a relevância dessa parceria em 2014.

> O sarau do Binho foi algo que me fez crescer tanto no meu pessoal como no conjunto, porque eu estava já há 7 anos no Synésio e eu não imaginava que na escola poderia ter toda essa estrutura, principalmente por ser uma escola pública, que muita gente critica. Esse ano eu estou na particular e quero muito voltar para a pública. O sarau do Binho foi algo que acolheu a gente de uma forma mágica, eu aprendi a me expressar melhor e a por minha opinião na mesa, a contar para as pessoas o que eu acho sobre elas, falando a verdade, mas sem magoar. Perdi a vergonha totalmente e no sábado do TCA foi o momento em que eu mais me emocionei, porque foi todo um ano bem corrido que eu vi em um sábado, representando tudo, passou um filme. Foram 8 anos de Synésio, o último ano foi um dos melhores, e tudo isso passando por algo que eu não conhecia, já que eu achava que sarau era uma coisa religiosa... Se falasse de sarau antes para mim eu diria: “o que é isso? Não conheço, não quero ir, vou ao shopping”, lá [no sarau] é maravilhoso, as pessoas te acolhem e te deixam falar da forma como você pensa, e foi uma experiência única. (I. L., 14 anos).

O sarau como aprendizagem:

> O sarau para mim foi uma coisa que eu não sabia nem o que era no começo, também achei que fosse algo de religião, e eu não tinha nem muita vontade de ir, e quando fui eu quis ir duas, três, várias vezes, e hoje ainda quero continuar indo. O sarau então foi algo pra mim que, dos anos em que eu tinha estudado aqui no Synésio, nunca tinha acontecido nada parecido, nada fora da escola que trouxesse mais cultura, conhecimento, essas coisas... O sarau me fez aprender muitas coisas mesmo, sobre os índios, os afro, eu nunca tive preconceito mas tinha algo do tipo, que agora não tenho mais. (N. L. V. 14 anos).

A “lições” de respeito:

> O sarau pra mim foi uma coisa muito boa, eu nem sabia o que era sarau, fiquei sabendo pela professora Meire. No começo, eu nem queria ir, queria ficar em casa deitado jogando. Aí ,depois que eu fui pela primeira vez, quis ir todos os dias, tanto é que eu já saí da escola (agora estou em outra, do Estado), e eu sempre vou, falo com a professora, pergunto quando vai ser. Eu fico enchendo o saco dela [sic] pra saber onde é e ela não me fala [risos], mas aí eu tenho amigos que estudam aqui ainda que me falam o dia e eu vou lá, a professora fala: “você aqui?”, e eu falo: “é!”... Só gostei mesmo do sarau, que foi onde eu aprendi a me expressar direito, sem ser xingando pelos outros, querendo bater nas pessoas, agora eu falo com as pessoas normalmente, me expressando melhor. Eu tenho ainda um pouco de vergonha, mas não tanta, quando era sarau eu queria dançar no final, bagunçar junto, mas também queria aprender muita coisa. (L. F. T. S. 15 anos)

Os estímulos artísticos:

> Quando eu cheguei lá eu nem sabia o que era, mas sabia tocar, então eu peguei o violão e comecei a tocar, daí me jogaram lá e falaram: “você vai tocar, não quer? Você vai!” [risos]. Então ela [a Meire] começou a me fazer tocar sempre. O sarau foi uma coisa muito legal que me fez perder totalmente a vergonha. Eu sempre soube desenhar também, mas eu desenhava pra mim, ninguém via meus desenhos. Quando eu comecei a me soltar mais, fui mostrando o que eu sabia fazer, também fui pro livro [II Antologia do Sarau do Binho], mas aí eu fiquei muito tempo fazendo desenho e pouco escrevendo texto, e o meu texto fala muito sobre o grafite também. E o sarau foi uma coisa muito legal, se tiver amanhã eu vou amanhã, eu gosto e já era! [sic]. (M. 15 anos)

Foto: Profª Meire e seus alunos, ao fundo painel feito no pátio da EMEF Min. Synésio Rocha, no dia da apresentação do TCA. 02/09/2015 (Diego Elias).

O Projeto teve fim no segundo semestre de 2014 e, como compromisso, Binho, decidiu continuar até o final daquele ano, de maneira voluntária. De acordo com o fundador do Sarau do Binho, era uma maneira de retribuir os alunos pela parceria e por acreditarem na poesia, na leitura e no sarau.

Durante a pesquisa, conseguimos acompanhar essa parceria entre o Sarau do Binho e a EMEF Min. Synésio Rocha ao longo do ano de 2013 e em especial no ano de 2014. Analisar essa parceria é perceber a importância do ensino formal como o da escola comunicando-se através de projetos na prática do ensino informal dos coletivos, dos saraus, da literatura marginal, periférica, divergente, do universo da cultura periférica e demonstrar que atividades conjuntas entre escolas e outros aparatos públicos é importante para a biblioteca, para apresentação e formação de público, para o espaço e principalmente para os alunos, que na era digital sentem-se desestimulados a frequentar e conhecer tais espaços.

Essas atividades eram de suma importância e foram nelas que, através do olhar científico, apreendemos a importância da linguagem periférica na introdução e valorização da cultura cotidiana, urbana, marginal, assim como do artista periférico, expondo suas esquetes, sua poesia, sua música em construção, trabalhando o medo, a vergonha, a sua experiência em viver da arte, suas maneiras de ver o mundo. Acrescido dessa comunicação com a escola, no depoimento do alunos, percebemos a relevância do sarau na diversificação do conteúdo e na reformulação dos métodos, da trans e da multidisciplinaridades efetivadas na prática e as mesmas sendo tão custosas no ambiente escolar, barradas por empecilhos “burocráticos” e “viciantes” do ensino atual.

O contato com a leitura, a poesia, temas, autores e realidades diversas, problemas sociais sendo discutidos, a participação popular estimulada, os deveres de cidadão, a política na conjuntura atual são alcances do sarau enquanto prática e tendo como consequência a aprendizagem.

Concomitante às ações dos saraus nas escolas e à particularidade do Sarau do Binho em específico, é de extrema valia pontuar as ações da rede Municipal de Ensino através da DOT-P (Diretoria de Orientação Técnica Pedagógica)[105] da Diretoria Regional de Educação – Campo Limpo[106], que desde a composição do grupo em 2013, através de estudos, debates e reflexões, propõe diálogos com os movimentos culturais na região.

Tal parceria, além do comprometimento na compreensão das demandas da região, seus integrantes têm a preocupação nas formações realizadas de dialogarem com os agentes culturais, inclusive os participantes da cultura periférica. A título de exemplo, dois cursos de formação de professores imbricados em atividades dos saraus de destaque da região são através das parcerias feitas com o COOPERIFA em 2014 e com o Sarau do Binho em 2015.

Em 2014[107] foi realizada a 7ª Mostra Cultural do COOPERIFA, com debates sobre cultura como transformação, questões sociais, de gênero e shows. O curso consistiu na participação dos professores[108] nas mesas temáticas e no show de encerramento, possibilitando maior diálogo da rede municipal, através dos professores, e a oportunidade de replicar tal valorizações nas escolas e pensar na produção cultural na periferia.

No ano de 2015, a parceria da DOT-P concretizou-se com o Sarau do Binho, o qual realizou a 1ª FEIRA LITERÁRIA DA ZONA SUL – "FELIZS[109]", entre os dias 14 a 19 de setembro. Assim como na Mostra Cultural do COOPERIFA, os professores participaram das mesas, das atividades culturais e dos shows. Esta parceria contou com aproximadamente 200 professores da rede pública municipal e mais de 100 alunos.

---

[105] Em especial Maria Cecília Carlini (Ciça), Marilú Santos Cardoso, Antônio Cesar Passador (Passaty), Carolina de Paula Teles (Carol) e Robson Martins de Oliveira (Robsoul MC).

[106] A Secretaria Municipal de Educação do Município de São Paulo conta com 13 Diretorias Regionais de Educação. A DRE do Campo Limpo, uma das maiores, abrange 71 Escolas de Ensino Fundamental, 248 de Ensino Infantil, um total de 120.758 alunos e mais de 6 mil professores.

[107] No período do término da pesquisa, a 8ª Mostra estava em discussão, todavia o formato de incluir escolas e a própria DOT-P – CL como parceiros estava concretizada.

[108] Participaram do evento 150 professores da rede pública municipal.

[109] Sobre a "FELIZS", ver item 2.1.3.6.

Tanto a Mostra Cultural do COOPERIFA quanto a “FELIZS” demonstram a preocupação e a importância em colocar em pauta nos espaços escolares a valorização da produção cultural periférica, pois esta, além de ser próxima à realidade do aluno em relação ao conteúdo, as “vivências”, é também porta de entrada para outros conteúdos.

A parceria entre os saraus e as escolas demonstra terreno fértil para auxílio na diversificação dos métodos e dos conteúdos aplicados no ensino formal e abre caminho para outras linguagens artísticas e dos próprios coletivos nos arredores das unidades educacionais na formação de uma rede que possibilite uma troca de experiências entre os envolvidos, compartilhando problemas, soluções, expondo demandas e fazendo com que a escola constitua-se como território das múltiplas aprendizagens e seja um elo auxiliar dessa rede colaborativa, resultando no enriquecimento curricular e na melhoria das aprendizagens dos alunos.

Assim como o sarau “oferta” múltiplas possibilidades de aprendizagens, temos a necessidade de pensarmos, assim como a DOT-P da DRE – CL, na formação de professores em diálogo com tais práticas, no oferecimento desse formato de parceria aos professores, as escolas, diretores e supervisores para subsidiarem o trabalho em sala. Esse panorama é possível ao estendermos essas iniciativas para a Secretaria Municipal de Educação nas suas 13 diretorias regionais de educação, com a necessidade de mapear saraus e coletivos que trabalhem com a cultura local, nas proximidades de cada escola, e estimular esse contato, essa formação em rede, a troca de experiências, na construção e no fortalecimento da cultura periférica como currículo.

2.1.3.3 “A força das águas”

Como forma de atuação para além da cidade de São Paulo, o Sarau do Binho também é requisitado a eventos na região metropolitana de São Paulo, ou em cidades próximas, como a participação na feira do livro no IV Festival da Mantiqueira, em São Francisco Xavier, distrito de São José dos Campos, a 150 km de São Paulo.

Geralmente as apresentações do sarau são solicitadas em eventos sobre a prática da leitura, eventos culturais ou políticos que discutam a inserção do cidadão comum, na vida engajada através da cultura, com o recorte e contribuição da cultura periférica através da experiência dos saraus.

São Francisco Xavier tem a população de aproximadamente 3 mil habitantes, caracteriza-se como polo turístico por situar-se na Serra da Mantiqueira, região de cidades conhecidas, como Monteiro Lobato e Campos do Jordão, assim como por possuir uma imensa área verde e um número acentuado de cachoeiras, atraindo uma quantidades significativa de turistas da região metropolitana de São Paulo com o objetivo de passar o fim de semana com a família em uma cidade calma, com clima serrano e em chalés próximos à natureza. Com programação variada, desde apresentações artísticas, debates sobre obras literárias, agricultura orgânica e preservação da natureza, além da própria feira de livros, o festival configura-se no distrito como responsável a lançar a cidade de São José dos Campos na região como polo turístico.

O Sarau do Binho foi convidado para este evento em fevereiro de 2014, tendo como combinado o pagamento do transporte, alimentação, hospedagem e cachê. Para a apresentação foram uma Van e três carros, totalizando 26 pessoas ligadas ao teatro, música, engajamento político, documentaristas, poetas e aqueles que não necessariamente se apresentam, mas que ajudam na organização, transporte e na solução de algum eventual problema.

Como de costume, o ponto de partida foi a casa da família Padial, as pessoas chegando, trocando ideias com bastante expectativas, Suzi, a centralizadora da organização e da preocupação com o bem-estar do grupo, carinhosamente confere listas, pessoas, malas, liga para um, lembra de outros, passa recomendações sobre a viagem e o comboio parte ansioso.

Nesses eventos em que o grupo passa a maior pargte do tempo junto, devido ao transporte, hospedagem e alimentação, as conversas, as palavras, projetos, desabafos e novidades tornam-se elementos catalisadores da união das pessoas, mesmo não sendo assalariados, no máximo remunerados a cada apresentação, desfrutam tal tempo junto fazendo com que nasçam ideias que contribuam com o coletivo.

Na cidade de destino na hora do almoço, depois de quatro horas de locomoção, as primeiras ações são chegar aos responsáveis pelo evento e pegar as instruções do almoço e da hospedagem.

Resolvidos os problemas de logística, as recomendações ao grupo são se espalharem pela cidade com a responsabilidade de estarem no coreto da praça central um pouco antes das apresentações se iniciarem. Fazer parte do Sarau também é se abrir para novidades, seja em experiências artísticas, culturais, ou na oportunidade de conhecer novos lugares, pois, de todas as pessoas do grupo, poucas conheciam a cidade e nenhuma havia permanecido e desfrutado de estadia na serra.

Depois de caminharem pelos arredores do centro e terem visto as atividades do Festival, próximo ao horário das apresentações, aos poucos os integrantes do Sarau aproximavam-se da praça, Geraldo Magela, fundador do grupo Candearte, passa a testar o som e cantar algumas músicas características das suas apresentações, como o coco, essa atitude parece um sinal, que, mesmo não combinado, atrai as pessoas, em uma espécie de ritual de aproximação dos integrantes do Sarau, pois de todos os lados chegam os integrantes com a camiseta do Sarau do Binho, outra especificidade de grupo, sejam camisetas com a frase “Sarau do Binho VIVE!”, ou a famosa frase “Uma andorinha só não faz verão, mas pode acordar o bando todo!”.

Diferentemente de outros movimentos ou outros saraus, o Sarau do Binho organiza suas apresentações de forma livre, seu anfitrião, o Binho, aproxima-se do palco, testa o microfone, com a sua fala solta, calma, humilde e envolvente, profere: *“Boa noite, este é o Sarau do Binho, movimento cultural que ocorre no bairro de Campo Limpo, zona sul de São Paulo desde 1995/1996 com as noites da vela”*, em seguida discorre sobre assuntos ligados à saúde e principalmente aos alimentos, seja pela manipulação dos oligopólios das multinacionais no ramo de alimentos ou recomendações para tomar muita água, ou informações sobre a vesícula, para depois olhar para a plateia, para os integrantes do Sarau e chamar aleatoriamente, de acordo com o seu conhecimento e experiência de como agradar e impactar o público, iniciando com exibições calmas, poéticas, musicais, para encerrar no ápice da agitação com a dança do coco e com a ciranda dirigida pelo Geraldo Magela do Grupo Candearte, reconhecida como característica marcante do Sarau do Binho,

desde o tempo do reduzido espaço do “BBinho”, a dança sempre é carregada de abraços, sorrisos e o calor humano gerado pela proximidade.

Nessas exibições, com o envolvimento dos aplausos e a contribuição dos artistas, o público fica cativado a participar, neste dia foram três pessoas da plateia que subiram ao palco e recitaram suas poesias e cantaram algumas músicas de domínio popular.

Ao término das apresentações e com a agitação de todos, Binho encerra a participação do Sarau agradecendo o convite feito pelos organizadores do evento, faz o pedido especial da noite: *“olhe para o lado e dê três abraços em pessoas diferentes”*, espontaneamente todos começam a agradecer a participação e energia daquela intervenção.

Depois do agito final, os integrantes do Sarau do Binho reúnem-se e combinam o retorno de Van para a pousada e em seguida se dispersam na multidão para aproveitar o resto da noite, vender CDs, livros, ou tirar alguma dúvida levantada por alguém do público.

As relações no grupo são de convivência e afinidade no geral, e pequenos grupos em específico são formados, seja por grau de parentesco ou pela convivência nas apresentações, fazendo com que, após as apresentações, o destino seja o passeio, a troca de informações, a diversão, pois é comum os seus integrantes levarem instrumentos e tocarem em algum local, reunindo também outras pessoas.

Acompanhei o grupo no retorno à pousada, pois a Suzi havia me convidado, no caminho percebi que a pousada era um pouco longe da praça central, pois voltamos para a estrada e subimos uma parte íngreme da serra durante 16 km.

Na pousada, na madrugada de domingo, comecei a perceber que o local era diferente daquilo que havia imaginado, com o nome de Pousada do Rochedo, a propriedade estendia-se pelos dois lados da pequena estrada de terra, com diversos chalés separados, ouvia-se o barulho de água, mas como estava noite imaginei um pequeno rio próximo. Pela manhã, todos ficaram impressionados com o visual serrano, com a neblina encobrindo o horizonte repleto de araucárias, acompanhado pelo som de cachoeiras ao redor.

Ao decorrer da manhã, as pessoas foram se dirigindo à casa central para o café da manhã, aleatoriamente se aproximando, e o assunto girava em

torno das experiências passadas, saúde, e, ao término da refeição, o destino de todos foi a contemplação da natureza e os atributos da pousada, onde, segundo o dono, há 30 nascente, dois lagos e oito cachoeiras espalhadas pelos 32 hectares.

Em conversa com o grupo, o seu Antônio, proprietário da pousada, relatou sua chegada ao local, na década de 1970, o reflorestamento feito por ele e seus empregados, a reconstituição das nascente, o retorno dos animais, das cachoeiras, pois, quando ele adquiriu o terreno, o mesmo era completamente pasto, com as nascentes secas, neste momento nos aconselhou a pegar a trilha ao lado da casa central e desfrutarmos das cachoeiras próximas, a menos de 500 metros de onde estávamos, alertando que pelo caminho passaríamos por castanheiras raras na região.

Percebi o quanto eram importantes esses momentos de descoberta e aprendizado, principalmente por saber que o grupo em si possuía algumas pessoas que estavam buscando ideias de preservação e contato maior com a natureza, através da espiritualidade e do autoconhecimento, proporcionando que o Sarau do Binho como um todo se fortaleça de forma autônoma, involuntária e tranquila, demonstrando que a cada dia a observação dos pequenos gestos, dos movimentos livres e a apreensão do não dito, a troca de olhares e outras formas gestuais fazem com que os laços entre os integrantes sejam estabelecidos e levados a uma relação duradoura de estima, carinho e amizades entre si, para além do Sarau.

Foto: O momento da Ciranda. 05/04/2014 (Diego Elias)

Foto: Os integrantes do Sarau do Binho no início das apresentações. 05/04/2014 (Diego Elias)

Foto: Momento da história da Pousada Rochedo. Da esquerda para a direita: Binho, Geraldo Magela, Seu Antônio e a Suzi Soares. 06/04/2014. (Diego Elias)

Foto: Som de Geraldo Magela aos pés da Castanheira. 05/06/2014 (Diego Elias)

Foto: Descontração na cachoeira. 06/04/2014.

2.1.3. 4 - A brincadeira da palavra... “Brechoteca” – livros, histórias e brincadeiras como construção popular

> *“Acho que o quintal onde a gente brincou é maior do que a cidade. A gente só descobre isso depois de grande. A gente descobre que o tamanho das coisas há que ser medido pela intimidade que temos com as coisas. Há de ser como acontece com o amor. Assim, as pedrinhas do nosso quintal são sempre maiores do que as outras pedras do mundo. Justo pelo motivo da intimidade.”*
>
> *Manuel de Barros.*

Nesta parte do trabalho, explicitaremos as atividades desenvolvidas pela Brechoteca – Biblioteca Popular do Jd. Rebouças[110] como forma de incentivo à leitura através da participação popular, fortalecida principalmente pelo fechamento do BBinho, pela itinerância do Sarau, pela militância política da cultura periférica e pela sobrevivência de pessoas do coletivo “Sarau do Binho”.

Localizada na Rua Andrea de Firenza, nº 1, no Jd. Rebouças, em um fundo de vale, às margens do córrego Rebouças e entre as favelas Itamarati e Chapenas, a Brechoteca desenvolve ações desde 2010 como sede de atividades de leitura, escrita, contação de histórias e plantio, e também realiza intervenções em praças, auxiliando coletivos, e em escolas municipais da região.

Sua idealização originou-se das inquietações do Binho, através dos saraus e das pessoas que o frequentavam, para trabalhar a disseminação de leitura em locais onde o acesso a livros fosse difícil.

A materialização do projeto ocorreu em 2010, com a proposta de fomentar a leitura por meio de empréstimos de livros através da biblioteca, da venda de roupas e artigos do gênero no brechó, dentro da biblioteca.

---

[110] A Brechoteca é digna de ser analisada à parte no capítulo seguinte, devido aos seus trabalhos representarem grande relevância para temas como brincadeiras, leitura, artes, saraus, mediação, dentre outros, como outra iniciativa de desenvolvimento da rede criada pelo Sarau do Binho. Todavia, seu núcleo é gerido de acordo com as recomendações, conselhos e auxílios estabelecidos pelo Sarau do Binho, em especial pela figura do Binho, da Suzi Soares, da Diane Padial e da Lola Padial, sendo considerado por todos como parte integrante do coletivo, justificativas plausíveis para este assunto estar neste capítulo.

Inicialmente, o projeto foi pensado para ser autossustentável, ou seja, através da venda de roupas e de artigos usados, os gastos como aluguel, manutenção do espaço e a remuneração das pessoas seriam subsidiados.

Em 2010 e 2011, a iniciativa foi contemplada com o VAI[111]. Para a estruturação do projeto, a responsável pelo espaço de 2010 a 2012 era a Lola Padial, irmã do Binho, e nesses anos foram organizadas diversas atividades, como almoços, saraus, contação de histórias, dentre outras.

Constituída gradativamente a referência da "Brechô[112]" como uma extensão do Sarau do Binho, o projeto era divulgado constantemente nos saraus organizados no BBinho, e em outros espaços, como uma das primeiras iniciativas de "espaço" do Sarau do Binho externo ao bar, ligado essencialmente pela leitura e como possibilidade de realização das atividades de quem quisesse desenvolver trabalhos "artísticos" com os moradores das favelas do Jd. Rebouças e Jd. Umarizal, público daquele local.

Como o local é de fácil acesso aos moradores da região, o mesmo ficou conhecido como um "cantinho" para as crianças brincarem no contraturno das aulas.

No decorrer das atividades, a arrecadação de verba estava escassa, pois as vendas dos artigos usados não estavam resultando na sustentabilidade do projeto e, em 2012, a iniciativa passa por uma reformulação necessária para organização e sistematização, objetivando maior alcance das atividades.

Em 2012, uma série de iniciativas propostas é proposta para uma reestruruação das atividades de maneira espontânea. Pessoas que participam do sarau são convidadas a participarem do projeto e fazerem parte da construção de uma nova Brechô. Sobre este momento, Mara Steve[113], uma das atuais responsáveis pelos projetos, expõe:

> Eu já estava bem próxima do Binho e da Suzi e ajudando no Sarau, porque nessa época o Sarau já tinha saído do bar e estava rolando em Sescs, eu fui acompanhando. Na verdade, quando começou a ser itinerante, eu ia como espectadora e aí o Binho começou a me

[111] Programa para a Valorização de Iniciativas Culturais da PMSP.
[112] Nomenclatura como o projeto é conhecido pelos participantes do Sarau do Binho.
[113] Mara Esteves Costa, 31 anos, cursa letras na Universidade Anhanguera.

> chamar para declamar também. Começamos a ficar bem próximos e ele comentou que uma menina tinha escrito para ele, uma amiga da Cris, a Bia, dizendo que queria desenvolver um projeto de incentivo à leitura porque a Cris tinha comentado com ela sobre a Brechoteca. Aí o Binho me contou e eu fiquei interessada, eu também não conhecia a Brechoteca. Isso era um sábado de manhã e a Bia ia vir no mesmo dia para conhecer a Brechoteca, ele me chamou para ir junto e eu fui. Eu já queria conhecer [a Brechoteca] e já pensava em participar do projeto. A Brechoteca já estava há três meses fechada nessa época. Acho que era o lugar em que eu me via, embora não tivesse ido lá ainda. Nem o Binho sabe disso. (Entrevista realizada em 03/08/2015).

Nas entrevistas e nas conversas informais, constatamos que o convite para participação no sarau e das atividades que envolvem os integrantes do Sarau do Binho é feito de maneira espontânea, de acordo com o envolvimento dos integrantes, fato que possibilita a dedicação e o amadurecimento empregados nessas intervenções, ligados necessariamente às experiências dos integrantes e ao seu compromisso com as atividades.

Mara Esteves relata quando conheceu o Brechô:

> Fomos eu e o Binho, chegamos lá e já estava a Bia, a Cris e a Lola. Nos conhecemos, eu nem conhecia a Lola também. Trocamos figurinhas e naquele dia mesmo combinamos de começar... Combinamos de começar a ir de sábado para organizar o espaço para começar. A Lola já tinha decidido que podia tirar o brechó. Eles conversaram antes e o Binho falou que o brechó não dava dinheiro, só ocupava espaço. Tinha que decidir o que ia acontecer com aquele espaço mesmo, senão o Binho ia ter que fechar. Na mesma época, apareceu o Abraão no Sarau. A gente já tinha ido para a Brechoteca umas três ou quatro vezes, aí o Abraão falou com o Binho e eu não sei como o Binho o convidou para conhecer o espaço e ele acabou ajudando nessa organização. Depois de algumas semanas ele levou a Digeane e a Mirela. Foi tudo muito rápido. Nós demos cabo das roupas – mandamos para a Igreja, pro Nordeste, enfim, tirou alguns livros. Esse processo demorou muito, a gente começou em outubro de 2012 e acabamos em abril de 2013. Mas também nós demos um talento no espaço, na medida do possível de grana, claro. O VAI entrou em maio, sendo que a gente reabriu em abril. (Entrevista realizada em 03/08/2015).

No período de outubro de 2012 a abril de 2013, os trabalhos de organização da Brechô eram realizados de forma voluntária e de acordo com a disponibilidade dos participantes, alternando-se durante a semana para essas tarefas e para aos finais de semana organizarem algumas atividades com as crianças.

Desse contato informal, para a reestruturação da Brechoteca, é amadurecida ideias da necessidade de projetos para o pagamento do aluguel e manutenção do espaço, assim como para garantir a remuneração dos envolvidos, já que essas verbas garantiriam as atividades da Brechô durante a maior parte dos dias da semana.

Em 2013 e 2014, a Brechoteca tem o projeto aprovado no VAI, possibilitando, através desse subsídio, colocar em prática a divisão de tarefas, reformular a estrutura do espaço, realizar atividades com maior peridiocidade, deixar o acervo para consulta e instalar a rede Wi-Fi como atrativo do espaço.

Sobre atividade desenvolvida no ano de 2014 em parceria com a Brechoteca, a Prof, ª Meire, da EMEF Min. Synésio Rocha, argumenta e defende:

> Eu cheguei lá e levei eles na brechoteca... então, quando eles viram a situação, assistiram ao filme, e quando chegamos aqui [na escola] e fomos refletir sobre a situação: o que leva uma pessoa a trabalhar o dia todo e, chegando em casa do trabalho, cansado, abrir uma garagem, ficar pedindo livros para os outros e abrir essa porta dessa garagem pra pessoas ficarem lendo aqui. Acho que nesse momento os alunos criam valores muito importantes. Eu lembro deles sentando na bicicleta da bicicloteca e eu falei que eles colocam os livros aqui e vão nos pontos de ônibus, vão ler... por exemplo, quando meu aluno vê que tem cultura na beira do rio, na olaria, que eles chamam pé de lama, e quando você questiona eles respondem que é porque quando chove o barro inunda e vira olaria, então o aluno fica refletindo sobre querer uma mansão, ostentar, um carrão, e veem essas pessoas que já são formadas e têm trabalhos e vêm até aqui abrir uma garagem para alguém que está com um pé de meia ler. Isso explora neles valores que eles não vão esquecer nunca mais, se eu estou aqui querendo um tênis ele vai ver que Misuno [sic] é merda diante do que é ofertado aqui, e essa cultura toda ele não precisa ir na paulista ver aquele molde que a Livraria Saraiva tem, de tapete no chão. Eu não sei se a gente, que é daqui da periferia teria ambiente de ir na Cultura, pelo povo que vai lá, pelas vestimentas, pelo fato do livro mais barato custar pelo menos uns quarenta reais. Só que essa cultura não tá lá só na Paulista, tá aqui também. Na brechoteca, a gente também pode deitar no chão, pegar o livro, ler, também pode estourar pipoca, assistir um filme e discutir sobre ele.
> (Entrevista realizada em 02/08/2015).

Essas e outras situações são presenciadas nas intervenções da Brechoteca no espaço e em locais na comunidade, onde as aprendizagens são proporcionados para aqueles que participam.

Neste momento, além da interação na Brechô, seus integrantes, como sobrevivência, têm outras atividades externas, sejam elas cursos, faculdades, trabalhos, dentre outros, não havendo dedicação exclusiva para as atividades desenvolvidas naquele local.

Com a dificuldade em conseguir fazer com que as pessoas fossem remuneradas somente com a verba do VAI, devido às despesas com aluguel, manutenção do espaço e o pagamento mínimo para a realização de atividades, novamente a brechô passou por reformulação, conseguindo durante a semana o envolvimento da Mara Esteves e da Djeanne Firmino[114], e o restante do grupo aos finais de semana.

No final de 2014 e começo de 2015, o grupo estabeleceu diretrizes e metas de alcance para o desenvolvimento de projetos de acordo com a vontade, formação e interesse das participantes da Brechô, inclusive convidando pessoas de outros coletivos para auxiliar.

Sobre este processo, Mara Esteves elucida:

> Aí a gente começou a brincar na praça da Olaria lá na Brechoteca, que inaugurou no ano passado [2014]. As crianças ficaram loucas, muito ansiosas. Aí começamos a perceber que era interessante um projeto não só para trazer propostas de brincadeiras, mas também escutar e observar como eles brincam, aprender com eles. Aí saiu um edital do Redes e Ruas[115] e a gente animou de tentar e rolou. Misturando internet das praças Wi-Fi ou telecentros e pontos de cultura com as redes. Começamos a brincar de quinze em quinze dias na praça do Campo Limpo, montamos uma rede de educadores brincantes da Zona Sul, mapeamos os espaços de brincar e fazemos encontros de formação dos educadores. Aí juntou Bloco do Beco, educadores, diretores de CEI, então é uma rede bem legal que pensa a cultura. (Entrevista realizada em 03/08/2015).

No ano de 2015, as discussões de projeto, situações e dificuldades em trabalhar fizeram com que as participantes do espaço arquitetassem planos e estratégias para o desenvolvimento de atividades dentro e fora da Brechô,

[114] No mês de julho de 2014, falece Djeanne Firmino, abalando todo o trabalho dentro da Brechoteca, segundo Mara Esteves, devido ao seu envolvimento com o projeto, expressos principalmente pelas homenagens feitas pelas crianças em atividade de "despedida".

[115] Parceria entre as Secretarias Municipais de Cultura, Direitos Humanos e Serviços selecionou 62 projetos em 2014, com investimento total de R$ 3,7 milhões para o desenvolvimento de projetos de inclusão, cidadania e cultura digital na cidade de São Paulo. In: http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/cultura/noticias/?p=15872. Acesso em 18/08/2015.

procurando parcerias com escolas e outros coletivos como maneira de constituir uma rede de atuação de luta para a subsistência desses projetos, de maneira que, com o desenvolvimento dessa rede, a captação de recursos fosse viabilizada, assim como a participação da comunidade:

> Nessa experimentação, nós fizemos um trabalho fixo que está rolando muito bem, tipo as oficinas de teatro que estão rolando toda semana, as oficinas, a rede que se deu com o CCA[116], a EMEF SÓCRATES, mesmo sem estar em projeto nenhum. Esse ano é que essa rede foi incorporada ao projeto. Na verdade, a gente tem o VAI para manter os gastos básicos do espaço e ainda tem as propostas culturais e a rede. Essa rede deveria ter um edital só para ela, sem contar a biblioteca, que merecia um fomento voltado só para esse tipo de projeto, porque são muitos gastos. Para você realmente ter uma biblioteca, você tem que ter um bibliotecário e é justo pagar um salário compatível ao cargo. Agora, estamos na construção dessa rede conforme a gente tem perna e chamando os parceiros para somarem nessa luta. Também estamos num processo de conhecer os gostos do bairro. Na equipe fixa também existe uma equipe de bolsas-auxílio composta por uma mãe e um leitor. A mãe é uma articuladora comunitária que está captando abaixo-assinados pra Rua de Lazer e através disso nós vamos pensando no que fazer depois.
> (Mara Esteves. Entrevista realizada em 03/08/2015).

Sobre as conquistas com a comunidade:

> Ela [a mãe] recebe para fazer uma hora por semana. O leitor é o Cauê, de dez anos. Ele é muito novinho, mas ele era a criança com mais proximidade com a leitura e com interesse de participar da gestão do espaço. Ele é muito participativo, proativo. Ele decidiu que ele ia ser monitor muito antes de saber que ia ter um monitor na Brechoteca. Um dia a gente deixou a câmera filmadora com ele enquanto fazíamos o mutirão do jardim da frente da Brechoteca e ele fez uma filmagem apresentando a biblioteca toda, e no vídeo ele se apresentou falando que ele era um leitor, tipo monitor. Aquilo pegou. Esse vídeo está na rede. O nome do vídeo é “Apresentando a Brecoteca – Bibliotaca Popular e o Jardim cultural das Flores”.
> (Mara Esteves. Entrevista realizada em 03/08/2015).

No contato e na interação com a rede de parceiros, surgem movimentos importantes para a definição dos rumos políticos dos objetivos da Brechoteca, sendo de grande destaque a interação com a EMEF Sócrates[117].

---

[116] Centro para Crianças e Adolescentes da PMSP.

[117] A EMEF Sócrates Brasileiro de Sousa Vieira Oliveira faz parte da DRE-CL e é situada na Rua Professora Nina Stocco, 597 – Jd. Catanduva, Campo Limpo, nas proximidades da Brechoteca.

Escola aberta em 2009, intitulada de EMEF Campo Limpo I, através da participação da comunidade escolar, conseguiu alterar o nome em 2015[118] e neste mesmo ano sua gestão entrou em contato com as integrantes da Brechô para fazerem participação nas suas reuniões de formação e pensarem formas de intervenção dentro do espaço escolar.

Dessas reuniões surgem diversas ideias, desde a leitura para os alunos no intervalo, empréstimos de livros e, a principal, ocupar o terreno da prefeitura ao lado da escola para torná-lo um "anexo" ao espaço escolar e montar um galpão cultural com ações plenas da comunidade, desde o oferecimento de cursos até sediar reuniões.

A construção desse movimento é atual e está no processo de coleta de assinaturas, discussão com a comunidade e o poder público, todavia, como medida prática, a escola, conjuntamente com seus parceiros, conseguiu realizar um mutirão envolvendo a todos, principalmente o Sarau do Binho, desde a limpeza até a organização de um evento, no dia 08/08/2015, um sábado, com atividades diversas, apresentações dos alunos, pintura, capoeira, até a intervenção do Sarau do Binho, efetivando a construção popular pelo Galpão Cultural[119].

Conciliar participação política e aumento dos espaços e das atividades a serem constituídas no território, fazem parte da preocupação cotidiana do Sarau do Binho e da Brechô, sua extensão, confirmando a efetividade da cultura periférica enquanto prática, realização e fomento da cultura nas perifeiras, sobre tal assunto, Mara Esteves afirma:

> Os espaços de encontro da Cultura Periférica são de construção política. Por exemplo, o Espaço Comunidade abriu a porta para o Coletivo Cato dar uma formação de consciência política sobre educação popular. É lindo, eu me emociono porque sou encantada com esse tipo de trabalho. Esse é o momento em que estou nesse movimento, conhecendo coisas que talvez não estejam ligadas à arte, mas que também são cultura, e estão ligados aos espaços culturais e estão formando, batendo de frente com o modelo de educação vigente. Se existem poucos diretores que abrem a escola para nos

[118] Ver reportagem "**Escola municipal em Campo Limpo homenageia Dr. Sócrates**": Em processo democrático, comunidade escolar elegeu jogador de futebol como patrono da escola. Com mobilização, unidade passou a se chamar EMEF Dr. Sócrates Brasileiro Sampaio de Souza Vieira de Oliveira. In: http://www.capital.sp.gov.br/portal/noticia/5545#ad-image-0. Acesso em 18/08/2015.

[119] Neste momento, a iniciativa encontra-se na coleta de assinaturas para a legalização do anexo.

> receber, têm os espaços que abrem para dialogar. (Entrevista realizada em 03/08/2015).

De brincadeiras, contação de histórias, a mediação de leitura e a participação no Sarau do Binho, o grupo atual[120] da Brechô investe maciçamente em pensar o projeto em algumas direções, são elas: a ampliação do acervo e do número de leitores, agregar a participação popular nas decisões das atividades a serem realizadas no espaço, assim como na organização do espaço e sua manutenção, o reconhecimento enquanto biblioteca, atuações nas escolas próximas, dentre outras.

Apreendemos, em contato com a Brechô, que a mesma constitui uma extensão do Sarau do Binho, no sentido de auxílio, todavia, mostra-se autônoma no rumo a ser seguido, fato que contribui para o desenvolvimento de atividades, formação de pessoas, aumento da possibilidade em conseguir verbas para as mesmas e, o principal, a participação na construção de espaços que objetivam o fomento à leitura, à escrita, à imaginação, às brincadeiras, ao aumento das probabilidades reais de crianças de baixa renda terem contato com o universo artístico e terem acesso alternativo, em forma de brincadeiras, ao conhecimento fora do período escolar.

Foto: Sarau do Binho na Brechoteca, 26/06/2015. Acervo Brechoteca

[120] Composto por Mara Esteves, Bianca Pereira, Cristiane Lima e Alessandra Leite.

2.1.3.5 - Plantando e colhendo ideais - A disseminação de ideias através de palestras, eventos e projetos.

Após o fechamento do BBinho, Suzi Soares, a companheira do Binho, de maneira estratégica, vislumbrou o alcance do Sarau do Binho e buscou inseri-lo em programação da rede SESC[121] e outros espaços administrados por pessoas que se comoveram com o ocorrido no bar, fazendo com que, ao mesmo tempo, tais espaços aumentassem o interesse em projetar pela cidade as potencialidades existentes a partir da prática do sarau, em especial as atividades promovidas pelo Sarau do Binho.

Essas contribuições da projeção do coletivo Sarau do Binho e as estratégias políticas, mesmo não sendo vistas como tal por seus integrantes, auxiliaram não só a articulação dos coletivos de saraus pela cidade de São Paulo, em especial da zona sul, mas a contribuição e fortalecimento político estratégico de ajuda mútua nas articulações de projetos entre esses coletivos.

Demonstraremos este panorama através da análise das palestras e dos recursos conquistados por meio dos projetos, assim como a organização da "FELIZS" (1ª Feira Literária da Zona Sul), todos os integrantes do caminho trilhado para a projeção dos saraus da cidade, de maneira geral, e em específico, a busca de parcerias na esfera público-privadas dos coletivos agregados dos saraus como estratégia a ser seguida.

Acompanhamos[122] a maioria dos eventos realizados pelo coletivo Sarau do Binho entre os anos de 2012 e 2015, dentre eles as palestras, não somente

[121] As contratações e a consequente inserção na programação da rede SESC são feitas de maneira autônoma por cada unidade, todavia, se as atividades têm repercussão significativa, as apresentações dessas atividades são sugeridas para outras unidades, fazendo com que, em diversos locais e momentos, o Binho obtivesse remuneração tanto para atividades individuais quanto para atividades do Sarau do Binho, assim como a existência das parcerias para a utilização do espaço e da promoção de eventos, como a relação com o SESC Campo Limpo.

[122] Tivemos a oportunidade de participar da maioria das palestras nas quais o Binho participava, entre os anos de 2013 e 2014. A título de exemplo, citaremos algumas para visualizar a abordagem das mesmas, dentre elas, a palestra com o tema "Comparando acontecimentos no Oriente Médio e da cena periférica dos Saraus de São Paulo", através do Prof. Holandês Peter Demant e o Binho, ocorrida no Centro Cultural da Juventude – Cachoeirinha – SP, em 24/05/2014, pela FLUPP – Festa Literária das Periferias. A mesa "Literatura no tempo da Literatura", com Marcelino Freire, Wilson Freire, Binho e Marcelo Rubens Paiva", dialogando sobre os acontecimentos da ditadura, o genocídio da população periférica e o Sarau

como espectadores, mas fazendo parte do grupo no transporte, seja de micro-ônibus, de carro particular ou ônibus, fato que contribuiu enormemente para a análise feita neste trabalho, devido à preparação dos eventos, as reuniões de encontro, os assuntos comentados durante o percurso.

Em todas as atividades de palestras[123], o Binho ou ia sozinho enquanto poeta, neste caso na maioria das vezes com a sua companheira Suzi Soares, ou tinha o auxílio de alguns poetas para participarem[124] com ele das explanações.

Em todas as vezes que o acompanhamos ao chegarmos em sua casa ou ao nos encontrarmos em algum lugar para ir ao destino do evento, Binho comentava sua preparação para os assuntos a serem tratados na palestra, nas quais, na sua maioria, tinham a temática sobre o histórico do Sarau do Binho, a construção dos saraus na cidade de São Paulo, movimento cultural periférico, ou expor sobre as obras de poetas que o anfitrião tem afinidade.

Nessas preparações, Binho, principalmente entre 2014 e 2015, focava em algum momento de sua fala pontos sobre saúde, a qualidade dos alimentos, o problema dos agrotóxicos, ou algum princípio xamânico ancestral, devido à sua aproximação de longa data com a cultura indígena e o recente contato com metodologias de cura através da alimentação e da limpeza espiritual.

Nas palestras em que algum artista periférico do Sarau do Binho era convidado, as conversas que antecediam o evento geralmente ocorriam na casa do Binho, onde sempre a atmosfera era de assuntos soltos sobre política, religião, saúde, movimento negro, o rap, movimento de mulheres, escola, professores, alunos, dentre muitos outros, até a chegada da palestra.

---

como alternativa ao jovem marginalizado, dentro do evento "Vigília pela Liberdade – 50 anos do Golpe Militar", ocorrida no espaço dos Satyros III; por último a participação no projeto do SESC Belenzinho, "Estante VIVA", onde Binho conversou sobre sua vida dentro da literatura e os seus projetos, mediada por Bruno Zeni. 31/07/2014.

[123] Com o aumento do número de saraus e sua visibilidade enquanto processo político, muitas pessoas passam a ganhar "cachê" para participar de eventos e palestras, em diversos meios, pela cidade de São Paulo e pelo Brasil, e alguns, como Sérgio Vaz, Binho, dentre outros, em outros países. Esse movimento possibilitou que diversos poetas sobrevivessem além da venda dos seus trabalhos, mas auxiliados pelas palestras supracitadas.

[124] Nessas participações, os artistas recebiam remuneração.

Nas ocasiões que os artistas se apresentavam, pudemos perceber ao longo das participações, e da frequência das mesmas, que havia o crescimento individual de cada participante, pois contribuía tanto com o desenvolvimento enquanto artistas, na melhoria do seu repertório, ou das atuações, na divulgação de seus trabalhos, devido ao fato das suas apresentações serem no SESC, em universidades, centros culturais, ou em outros espaços, quanto na legitimação de ser do “Sarau do Binho”, fato importante para atestar a qualidade nesses espaços.

Entre todas as palestras e contribuições realizadas pela figura do Binho, apreendemos que, ao estar sozinho, o histórico do movimento é passado, assim como importantes considerações e estímulos para que todos possam trabalhar com a palavra, com a literatura, com a poesia, assim como o envolvimento com a cultura periférica através das múltiplas linguagens.

Quando acompanhado, Binho, além de fazer as contribuições acima, demonstrava as atividades realizadas no Sarau do Binho, com o exemplo da história do artista e a abertura para a sua apresentação, que geralmente é inserida dentro de sua fala.

Qualquer pessoa que acompanha o coletivo Sarau do Binho, seja em palestras, ou em suas apresentações, é levada frequentemente a refletir sobre as ações feitas pelo coletivo, em relação a algum projeto a ser desenvolvido, ou em andamento, fazendo com que frequentemente as propostas do Binho fossem “analisadas” e discutidas por pessoas próxima das atividades do coletivo, resultando no amadurecimento das relações estabelecidas entre tais pessoas, ou estímulos para que as mesmas investissem nas expressões artísticas de suas afinidades.

Com o aumento da procura pelos “serviços” do Sarau do Binho, consequentemente como da necessidade de recebimento das remunerações, o coletivo procurou formas de obter CNPJ[125], para auxiliar sua representatividade, viabilizar sua entrada nos editais e em outros projetos, que

[125] Cadastro Nacional de Pessoa Jurídica.

até então eram feitos por meio de parcerias com outros coletivos[126], a título de exemplo, o Prêmio Governador do Estado para a Cultura 2013, com o grupo Clariô de Teatro e o Proac[127] 2014, com o CITA[128].

No ano de 2013, após a regularização do CNPJ do BBinho[129], ao pagar as multas estabelecidas para o fechamento do mesmo, Binho soube da possibilidade de transformar a "função" descrita no CNPJ e modificá-la para atividades culturais, estabelecendo o nome de representação para o Sarau do Binho a razão social de "Riobaldo Eventos Culturais & Artísticos Ltda. – ME".

A particularidade do coletivo do Sarau do Binho é estabelecida pelas relações com os participantes, por isso, entre os anos de 2013[130] e 2014, algumas pessoas estavam diretamente ligadas à captação de recursos, vislumbrando a possibilidade de fortalecer o coletivo e auxiliar a remuneração das pessoas envolvidas nos projetos dessas iniciativas.

Neste período, Diane Padial, Mara Esteves e Suzi Soares começam a procurar editais e projetos para as ações do coletivo.

Nessa ocasião, várias pessoas do coletivo estavam sem nenhum projeto ou outra forma de remuneração, somente sendo "auxiliadas" pelas contribuições das apresentações do Sarau do Binho, na biblioteca Marcos Rey, no projeto *"Literatura Periférica: Veia e ventania na biblioteca públicas de São Paulo"*, ou em participação em apresentações do SESC, ou em outros locais.

A incerteza da continuidade dos projetos, ou da quantidade das contratações do Sarau do Binho, fizeram com que o coletivo se inscrevesse no projeto Rumos Itaú Cultural 2013/2014 e no Proac Saraus Culturais 2015[131],

---

[126] Em algumas outras oportunidades, quem auxiliou o Sarau do Binho nesta tarefa foi o "Bloco do Beco".

[127] Programa de Ação Cultural do Estado de São Paulo.

[128] Espaço Cultural Cita – Cantinho Integrado de Todas as Artes, para a realização de saraus na Praça do Campo Limpo.

[129] Neste caso, o CNPJ ficou o mesmo do Bar "Las Tetas", com data de 04/02/1994, onde o Binho já realizava atividades culturais.

[130] É de grande relevância apontar que em 2012, ano do fechamento do BBinho, alguns participantes do Sarau do Binho foram contemplados pelo VAI no projeto "Pra Ti Ler", em conjunto com a Brechoteca, com o objetivo de incluir prateleiras com livros de literatura brasileira, estrangeira, ficção, sociologia, história, entre outros em espaços públicos ou de acesso livre e de grande circulação de pessoas, como: supermercados, bares e comércio em geral, para doação.

[131] Não abordaremos este projeto, pois, ao término da pesquisa, o projeto não havia iniciado.

ambos contemplados sob o nome da “Riobaldo Eventos Culturais & Artísticos Ltda – ME[132]”.

A necessidade de “procurar” recursos para suprir diversas demandas dos artistas envolvidos no coletivo fez com que as possibilidades de atuações do Sarau do Binho fossem sistematizadas e, ao mesmo tempo, fortalecidas por esses projetos.

Para melhor análise, nesta parte explicitaremos o funcionamento do projeto Rumos Itaú Cultural e a consequente “sistematização” das atividades do Sarau dentro desse projeto, assim como os resultados do mesmo.

Desde 1997, o Instituto Itaú Cultural[133] desenvolve o programa Rumos, dedicado à valorização de artistas em diversas linguagens. A iniciativa visa fomentar a cultura através da concessão de verbas para a realização e difusão de projetos artísticos a nível nacional.

No caso específico do edital 2013/14, o projeto Rumos destinou a 101 grupos, espalhados pelas cinco regiões brasileiras, a quantia de até R$ 400.000,00[134] para desenvolverem suas intenções, que variavam de confecção de CD/DVDs, documentários, viagens, exposições fotográficas, turnês, dentre outros[135].

O Projeto do Sarau do Binho estava centrado em cinco eixos: a potencialização das atividades da Brechoteca, o convite de outros artistas para shows no Sarau do Binho mensal, a organização dos saraus nas escolas, a formação de diálogo, a troca em diferentes linguagens com outros saraus (o entre-saraus) e, por último, o lançamento da II Antologia Poética do coletivo.

---

[132] Uma outra proposta para a confecção do CNPJ era o lançamento de um selo editorial, que até o momento não foi concretizado.

[133] É um instituto privado, voltado para a pesquisa e a produção de conteúdo, incentivando os grupos culturais em território nacional. In: http://novo.itaucultural.org.br/conheca/sobre-o-itau-cultural/. Acesso em 22/06/2015.

[134] Esse número está no site de informações do projeto, todavia não podemos afirmar a quantia exata, pois para cada grupo pode ter sido destinada uma quantia, no caso do Sarau do Binho, esta quantia foi de R$ 200.000,00.

[135] Outro projeto desenvolvido por pessoas do ambiente periférico e com grande relevância para o meio é o “Hip-Hop Cozinha: Cartografia para Comer, Ver e Ouvir do Zinho Trindade. Ver lista completa dos ganhadores em: http://novo.itaucultural.org.br/explore/blogs/rumos-2/lista-dos-selecionados-rumos-2013-2014/. Acesso em 22/06/2015.

As atividades desenvolvidas para potencializar a Brechoteca foram no sentido de deixá-la aberta todos os dias, despesas com o aluguel, água e luz, manutenção dos recursos humanos, garantir a circulação da Bicicloteca[136] três vezes por semana durante o período de seis horas, oficinas culturais, vivências para o fomento à leitura, saraus e a realização de brincadeiras em praça pública.

Durante a realização do projeto, o Sarau do Binho convidou para apresentações no seu sarau mensal, no Espaço Clariô de Teatro, nomes como Fabiana Cozza, Paulo Lins, Kiko Dinucci, Marcelo Preto, Crioulo e Banda Preto Soul[137].

O trabalho com as escolas concretizou-se através da parceria com 10 (dez) escolas públicas da região do Campo Limpo e do Capão Redondo, nas quais ocorreram a realização de dois saraus[138] ao longo do semestre, com a participação de 10 (dez) artistas periféricos, visando apresentar o coletivo, fomentar a leitura, demonstrar a valorização da poesia e as diferentes linguagens artísticas do sarau.

O Entre-saraus era a parte do projeto destinada à construção de uma rede para a troca de experiências e reflexões sobre o fazer sarau na periferia, culminando ao final em uma feira literária, a FELIZS, cujo objetivo maior era expor o entrelaçamento dessa rede.

Por último, a organização da II Antologia Poética do Sarau do Binho, na qual haveria a publicação dos poetas do coletivo, assim como da participação de poemas dos alunos das escolas onde ocorreu a aproximação.

Todo o projeto merece destaque, todavia em outras partes do presente trabalho tais considerações foram expostas, ou elucidadas por situações semelhantes, fazendo com que não haja necessidade de descrever tais

[136] Surgida durante a Expedición Donde Miras, o projeto atualmente está incorporado nas atividades do coletivo Sarau do Binho, mas em específico nas intervenções da Brechoteca.

[137] Nessas apresentações, o sarau ganhava aspectos de show acústico, mais intimista, mesmo tendo um público de 200 pessoas, pois todos os artistas convidados contavam suas trajetórias, intercalados pelos poetas do sarau, ou outro visitante, que pegavam o microfone e recitavam poesias, ou suas intervenções artísticas, fazendo com que espectadores e público ficassem próximos.

[138] As escolas eram autônomas para estabelecer o número de alunos participantes no sarau, todavia, em todas as apresentações o número não era inferior a 120 crianças e adolescentes.

intervenções, desde o trabalho com as escolas, ou com a reestruturação da Brechoteca, faltando somente para exposição e análise as contribuições referentes à concretização da FELIZS – 1ª Feira Literária da Zona Sul, entre os dias 14 a 19/09/2015.

Como parte integrante do projeto, a organização da feira foi iniciada ao longo de 2014, mas foi em 2015 que os trabalhos começaram de maneira efetiva. Durante todo o período, algumas pessoas do coletivo foram destacadas para a estrutura e confecção da feira, desde a organização das atividades até os convites, a captação de outros recursos, pois o sonho de seus organizadores estava em marcar as contribuições de todos os saraus e dos coletivos culturais atuantes e que mantêm diálogo constante com o movimento de saraus da cidade de São Paulo.

Segundo Diane Padial, foram várias pessoas que auxiliaram, mas Suzi Soares, Mara Esteves (da Brechoteca), Fabiana Teixeira (frequentadora antiga do Sarau do Binho), Binho e a própria Diane foram os responsáveis pela estrutura heterogênea da feira, com representantes de todas as cinco regiões da cidade[139].

Com apoio[140] e parcerias[141] tanto de instituições públicas como privadas, a programação foi eclética e, durante a semana, ocorreu em diversos espaços.

Na segunda-feira, dia 14/09/2015, houve o lançamento da II Antologia Poética do Sarau do Binho e a apresentação da Banda Veja Luz[142], no sarau mensal, no Espaço Clariô de Teatro, agregando jornalistas, artistas e todos aqueles que quisessem prestigiar o evento.

Com um público ultrapassando o número de 200 pessoas, o sarau foi exaltado, os expectadores, ao se apossarem do microfone destacavam a produção cultural, o encontro, a feira e a oportunidade de participar de tais realizações.

---

[139] Ver programação anexa.
[140] Lei de Incentivo à Cultura, Itaú Cultural, SESC, Fábrica de Cultura, Sistema Municipal de Bibliotecas, POIESIS, DRE Campo Limpo, CET, Secretaria de Turismo PMSP, Secretaria de Cultura PMSP, Ação Educativa, Câmara Municipal e o Ministério do Cultura.
[141] Brechoteca – Biblioteca Popular, CITA e o Espaço Clariô de Teatro.
[142] Essa foi uma das primeiras bandas que surgiram no famoso REGGAE, organizado no Bar do Binho em frente à EE Presidente Kennedy no Campo Limpo, no final dos anos 90, naquela época, Banda Varal.

Na terça-feira, dia 15/09/2015, ocorreram duas atividades, uma contação de histórias na parte da tarde e uma mesa de debate na parte da noite.

A contação de histórias foi realizada no período da tarde, na Brechoteca, com Camila Bueno (atriz e contadora de histórias), com um público de aproximadamente 30 pessoas, em sua maioria crianças, que ouviram histórias da cultura popular e puderam participar de atividades relacionadas ao mundo literário.

Na parte da noite, em parceria com a Fábrica de Cultura do Capão Redondo[143], houve a conversa literária: "Saúde, Filosofia e Cultura", com participação da Maria Vilani (professora e filósofa), Emílio Terron (Professor e Mestre em Filosofia) e do Binho, com mediação da Fabiana Teixeira.

Nesta conversa, foram colocados pontos importantes sobre os conflitos cotidianos, os avanços tecnológicos, o distanciamento das pessoas e, como consequência, o enfraquecimento pessoal, além de concluir que o sarau é uma relevante maneira de fazer com que as pessoas extravasem as suas angústias por meio da linguagem artística e das reflexões sobre a saúde que são feitas nesses espaços.

O público era de aproximadamente 230 pessoas, com a participação dos alunos do CIEJA – Campo Limpo[144] e dos professores da rede municipal[145], motivo de destaque para os responsáveis pela Fábrica de Cultura, já que a maioria dos professores que participavam do curso não conhecia o espaço e as atividades realizadas pela instituição.

Na quarta-feira, dia 16/09/2015, foram organizadas duas atividades, uma na parte da tarde, em parceria com o Bloco do Beco[146], a conversa "Literatura Brasileira Negra", e à noite, na parceria com o SESC Campo Limpo, a conversa literária "Literatura na Cidade: suas Pontes e suas Pontas".

---

[143] R. Algard, 82 - Conj. Hab. Jardim São Bento, São Paulo – SP.
[144] A escola participou com 50 pessoas, dentre alunos e professores.
[145] Como parceria, a DRE Campo Limpo formatou um curso no qual os professores receberiam uma pontuação pela participação em algumas atividades do evento, fato que contribuiu com a presença de 200 professores ao longo da programação.
[146] http://www.blocodobeco.org.br/sobreobloco.html. Acesso em 20/09/2015.

A conversa literária “Literatura Brasileira Negra” contou com a participação do Oswaldo de Camargo (escritor, jornalista e coordenador de literatura do Museu AfroBrasil) e do Marciano Ventura (pesquisador da literatura negro-brasileira e diretor do ciclo Contínuo Editorial).

A conversa na parte da tarde ressaltou a ausência de escritores negros e da escrita negra na literatura atual, reconhecendo no movimento de saraus um auxílio importante na contrapartida das produções atuais da literatura, fortalecendo as questões relacionadas ao movimento negro, todavia a necessidade de prestigiar autores negros do passado, como Luís Gama, um dos primeiros a colocar a temática em questão.

Na parte da noite, no SESC Campo Limpo, a conversa literária “Literatura na Cidade: suas Pontes e suas Pontas, contou com a presença de Marcelino Freire (poeta, escritor e admirador da cultura de saraus), Gil Marçal (Coordenador do Núcleo de Cidadania Cultural da Secretaria Municipal de Cultura da PMSP), Diane Padial (Psicóloga, produtora cultural e idealizadora da FELIZS), com mediação de Helena Silvestre (militante do Luta Popular).

O público nesta atividade foi em torno de 250 pessoas, pois esta conversa fez parte da formação de professores, fazendo com que estivessem professores, representantes da Diretoria Regional de Educação – Campo Limpo, dentre eles, o dirigente regional, resultando, além dos assuntos sobre cultura, a participação em editais, o financiamento e o seu comprometimento político, que também fossem levantadas questões pertinentes às escolas, desde a necessidade de reformulação de currículo, ações conjuntas e a formação de uma rede no território que objetivasse o fortalecimento dos agentes culturais e os professores no geral refletissem no comprometimento com os alunos da região.

No dia 18/09/2015[147], sexta-feira, acontecerem duas atividades no período da tarde: a conversa literária “O Jovem e a Literatura: quais caminhos?” e, à noite o “Sarau Musical” no SESC Campo Limpo.

[147] No dia 17/09/2015, teve o encerramento do Projeto Rumos, no espaço do Itaú Cultural, com apresentação do Sarau do Binho, todavia não acompanhamos essa atividade.

A conversa literária “O Jovem e a Literatura: quais caminhos?” contou com a colaboração do Tony Marlon (Escola de Notícias), Meire Belchior (Prof.ª EMEF Synésio Rocha), Luiza Romão (poeta, atriz e diretora de teatro), mediação de Paula Picarelli (produtora e apresentadora do programa entrelinhas da TV Cultura) e o encerramento a cargo do Gaspar Z’África Brasil.

Esta atividade ocorreu na Biblioteca Municipal Marcos Rey[148] e contou como público, além dos participantes da feira, os alunos da EMEF Synésio Rocha, levados pela Prof.ª Meire.

Neste bate-papo, questões sobre empreendedorismo, o protagonismo juvenil, a responsabilidade da escola, dos familiares, da comunidade, assim como o movimento de cultura periférica na abertura dos caminhos e das possibilidades de atuação dos jovens dentro do mundo artístico foram levantadas e postas para os alunos e participantes da feira refletirem. Ao total, o público da atividade ultrapassava a marca de 100 pessoas.

À noite, a atividade ficou como entretenimento, todavia direcionado, pois se apresentaram no SESC Campo Limpo, no Sarau Musical, Guinão Oliveira, Fernada Coimbra, Geraldo Magela, Camila Brasil, Gunnar Vargas, Paula da Paz e Pow Literarua[149] e as intervenções poéticas de alguns outros poetas do Sarau do Binho.

A atividade foi direcionada no sentido da apresentação, pois, de maneira inédita e experimental, todos os artistas participaram da ação do outro, ou seja, enquanto um fazia a sua apresentação, os outros contribuíam cantando ou interagindo de alguma forma com a exibição. Como público, estavam em média 150 participantes, dentre eles professores e o público da feira.

No sábado, 19/09/2015, às vésperas da primavera e do aniversário de 78 anos[150] do bairro do Campo Limpo, concretizou-se, na praça do Campo Limpo[151], a 1ª Feira Literária da Zona Sul, a FELIZS 2015[152].

---

[148] Avenida Anacé, 92 - Jardim Umarizal, São Paulo – SP.

[149] Todos os artistas que se apresentam frequentemente no Sarau do Binho, inclusive em intervenções em outros lugares.

[150] Acredita-se que o bairro foi fundado em 1937.

Acompanhada pelo dia ensolarado e programação[153] eclética, a feira[154] foi dividida em diversos pontos da praça, interagindo com o público de final de semana, com os vendedores ambulantes e o principal: com os interessados em discutir, interagir e prestigiar a cultura periférica por meio do evento.

Esperada desde o seu anúncio nas redes sociais, a finalização da Feira foi pensada para atrair um público diversificado e que atendesse às expectativas de interlocução dos movimentos de saraus e dos coletivos artísticos da cultura periférica da cidade.

As atividades estavam concentradas em seis[155] pontos diferentes da praça: a Tenda[156] Conversas Literárias, Tenda das Crianças, Tenda Musical Jazz na Kombi, intervenções ao ar livre, a venda de livros e a mostra visual/exposição fotográfica.

A Tenda Conversas Literárias[157] foi pensada para gerar o processo de discussão entre os protagonistas dos saraus, dos coletivos artísticos[158], dos professores, agentes públicos, assim como de todos os interessados na

---

[151] Praça Tadeu João Priolli, uma das principais praças do Campo Limpo, conhecida pelos grandes shows, inclusive os de RAP nos anos 90, passou por diversas reformas e hoje é reduto de diversão e lazer dos moradores.

[152] Para melhor exibição, a organização da Feira criou o site www.felizs.com.br, com informações sobre a programação, o currículo dos participantes, fotos, vídeos, detalhes da organização da feira, dentre outras. Como repercussão, o evento foi divulgado em sites de grande circulação, como o da Secretaria Municipal de Educação: http://portal.sme.prefeitura.sp.gov.br/Main/Noticia/Visualizar/PortalSMESP/FELIZS–Feira-Literaria-da-Zona-Sul, no portal do SESC: http://m.sescsp.org.br/#/programacao/71062. Em site de informações sobre as periferias de São Paulo: http://periferiaemmovimento.com.br/2015/09/feira-literaria-da-zona-sul-reune-dezenas-de-artistas-no-campo-limpo/. Da Ação Educativa: http://www.agendadaperiferia.org.br/index.php/outras-cenas/felizs-festa-literaria-da-zona-sul. Brasil de Fato: http://brasildefato.com.br/node/32916. Catraca Livre: https://catracalivre.com.br/sp/educacao-3/gratis/1a-feira-literaria-da-zona-sul-promove-debates-e-muita-diversao/. E da Folha de São Paulo: http://mural.blogfolha.uol.com.br/2015/09/14/feira-literaria-traz-musica-poesia-e-mais-atracoes-artisticas-para-zona-sul/. Todos os sites acessados em 20/09/2015.

[153] Ver programação anexa.

[154] A decoração da feira foi feita pelo Artista Plástico Marinho Winter, e contou com a reprodução em círculos de pano de 1 m de diâmetro, coloridos e com o logotipo de todos os participantes da feira.

[155] Acrescido a esses pontos, teve a parte de alimentação, destinada àqueles ligados ao movimento que quisessem de antemão vender.

[156] Em parceria com a Secretaria Municipal de Turismo, a feira conseguiu as tendas do evento.

[157] Além de todos os participantes, esta mesa contou na plateia com a participação do Secretário Municipal de Cultura Nabil Bonduki e do Vereador Antônio Donato.

[158] Colocamos coletivos artísticos para delimitar os coletivos que fazem atividades dentro e fora dos saraus, mas não necessariamente ligadas a declamações, variando desde grupos musicais, pequenos grupos de teatros, ou grupos de dança.

construção de políticas públicas no setor da cultura nas periferias de São Paulo.

Para tal, foram pensados temas pertinentes que "alimentassem" os anseios daqueles que sobrevivem com a cultura e, ao mesmo tempo, que divulgassem para o público da feira os trabalhos realizados por cada participante.

As discussões duraram no total seis horas e foram com os temas[159] "Palavra de Mulher", "Um olhar sobre a produção cultural da Zona Sul", "Sarau pra quê?", "Mercado editorial, mídias alternativas e o PNLL[160]" e, por último, "Futebol e Literatura: este lance dá jogo?".

O Tema "Palavra de Mulher" elencou questões essenciais para reflexões do papel da mulher na literatura, desde a sua ausência e as suas dificuldades até as poucas escritoras existentes no mercado editorial, o que é ser mulher negra, mãe de família, assim como a dificuldade em se viver de cultura na atualidade, onde o livro não consegue ser vendido a mais que R$ 20,00.

Na conversa sobre a "Produção cultural da Zona Sul", foram abordadas questões relevantes sobre os dois saraus mais antigos da cidade de São Paulo, o Sarau do Binho e o COOPERIFA, as dificuldades em trabalhar com literatura, principalmente tratando-se da literatura periférica, o movimento de luta por cultura na região, assim como da mudança dos diferentes "perfis" do morador da periferia, fazendo com que os apontamentos finais fossem no sentido de garantir políticas públicas para as periferias de São Paulo[161] para garantir continuidade de trabalho para esta gama de novas pessoas dedicadas às artes periféricas.

No bate-papo "Sarau pra quê?", foram convidados representantes de 25 saraus da cidade de São Paulo, que discutiram sobre quais deveriam ser os

---

[159] Para o texto não ficar confuso com as informações dos nomes dos participantes, considerando o montante de atividades, verificar a programação anexa.

[160] O Plano Nacional do Livro e Leitura *"foi instituído por meio da Portaria Interministerial Nº 1.442, de 10 de agosto de 2006, pelos ministros da Cultura e da Educação. E, em 1º de setembro de 2011, foi instituído por meio do decreto Nº 7.559, firmado pela presidente Dilma Roussef".* In: http://www.cultura.gov.br/pnll. Acesso em 22/09/2015.

[161] Colocamos no plural por contemplar a luta pela Lei de Fomento as Periferias, abordado no início deste trabalho.

objetivos, os alcances, assim como o processo de fortalecimento dos saraus, almejando financiamentos ou alternativas de sobrevivência na conjuntura política.

Provocados pelo Tema “Mercado editorial, mídias alternativas e o PNLL”, editores alternativos, jornalistas e ativistas culturais estabeleceram conversas sobre as dificuldades do mercado editorial, desde a necessidade de autores terem que se “autopublicar”, dificuldades na venda e na distribuição de livros, a luta por financiamento e a “briga” com grandes editoras em editais de publicação.

Por último, a conversa com o tema “Futebol e Literatura: este lance dá jogo?” permeou não só a crescente vertente da literatura periférica destinada às “partidas poéticas”, mas a discussão da comercialização do futebol atual, as amarras dos times com os patrocinadores dos canais de televisão e os vultuosos salários dos jogadores.

Em todas as atividades das conversas literárias, o público variava de 50 a 120 pessoas, desde professores, participantes da feira e a população que frequenta a praça, permanecendo para prestigiar o evento mesmo com a diminuição do número de pessoas entre uma conversa e outra.

Na “Tenda das Crianças”, as atividades variavam desde xilogravura, intervenções circenses, oficina de brincadeiras e de xadrez até a contação de histórias, atraindo as crianças e adolescentes que foram participar da feira[162] e aquelas que frequentam a praça por lazer[163].

As “Intervenções Artísticas ao Ar Livre” reuniram atrações variadas, com teatro, distribuição de livros, cinema e poesia espalhadas pela praça ao longo da feira, interagindo com todos que ali passavam.

No espaço destinado à venda de livros estavam diversos autores das escritas periféricas expondo suas obras, fazendo com que público e autor pudessem dialogar e fossem garantido a circulação de suas obras.

[162] A EMEF Mario Fitipaldi levou um ônibus com 45 crianças.
[163] Em cada atividade, o público atendido girava em torno de 30 crianças e adolescentes.

Na “Mostra Visual/Exposições Fotográficas”, foram fixadas fotos em varais entrelaçados nas árvores da praça, com imagens de vários saraus, da Expedición Donde Miras, da época do BBinho, dos coletivos próximos ao sarau e dos participantes da feira e das muitas pessoas que contribuíam para a projeção da cultura periférica.

Na “Tenda Musical Jazz na Kombi”, foram postos todos os coletivos que são próximos do Sarau do Binho, onde em quase todos os eventos que o coletivo tem oportunidade realiza atividades conjuntamente. Esta tenda foi alvo de grande público, pois dia de sábado, de tarde para a noite, a atividade musical foi considerada show pelo público que frequenta a praça, somado aos participantes da feira, ao anoitecer, reunia mais de 300 pessoas.

Como a atividade é recente, os ganhos serão percebidos futuramente, todavia optamos por colocar a estrutura da feira neste trabalho por entenderemos e apontarmos que a mesma é um divisor de águas para a organização dos coletivos frente à situação política atual, às vésperas de uma possível aprovação da “Lei de Fomento às Periferias”, no rol da luta por políticas públicas e do fortalecimento da cultura periférica.

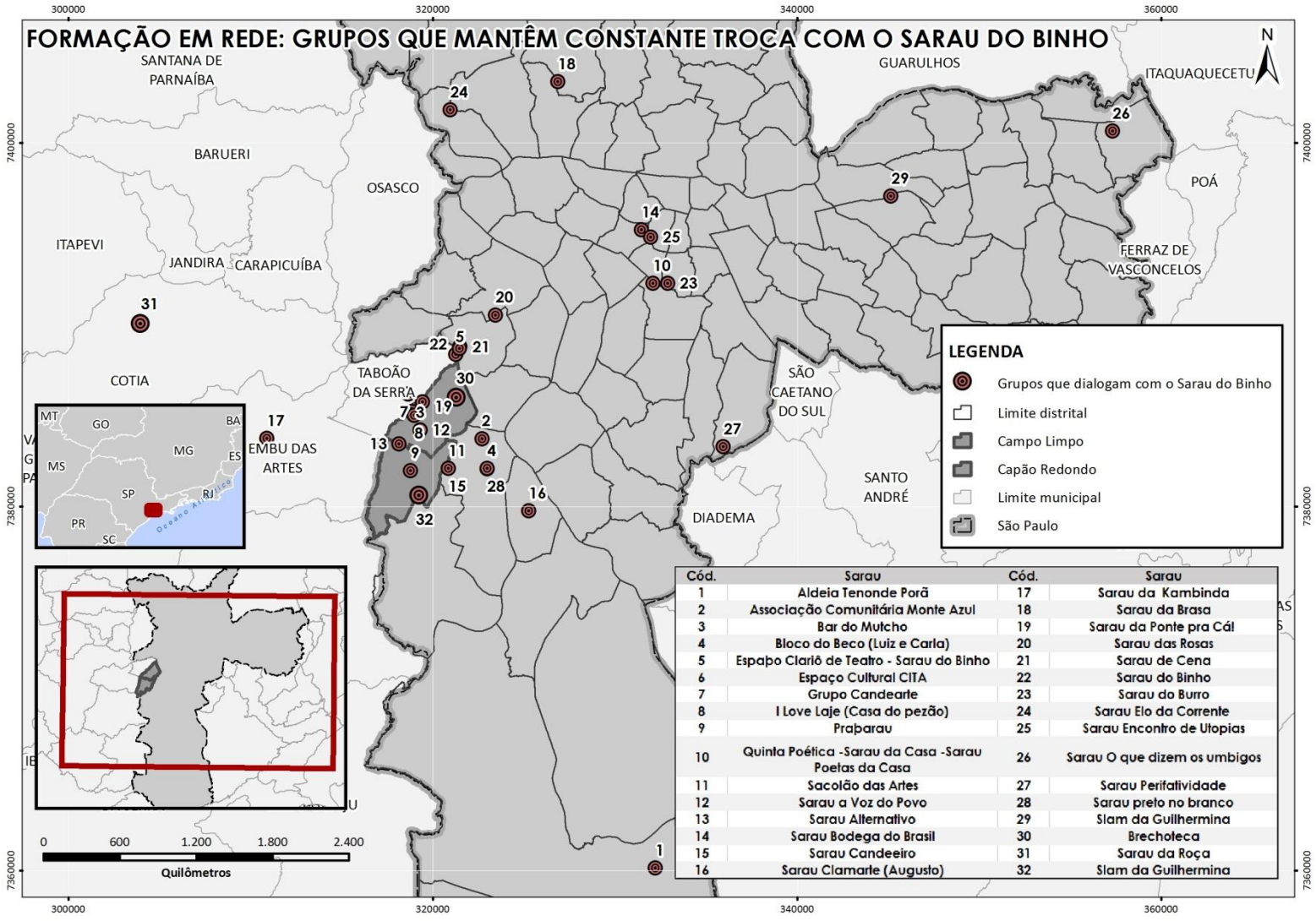
Exemplificar a FELIZS é apontar horizontes de discussão e colocar que mais de mil pessoas tiveram contato com a cultura periférica, é lutar por fomento, estímulo, à racionalização das questões postas e enfrentadas pelos coletivos culturais periféricos na atualidade, em especial da zona sul de São Paulo.

Não só a FELIZS, mas todas as ações do Projeto Rumos 2013/14[164], realizadas pelo Sarau do Binho, promoveram o processo de reflexão para as artes, para a literatura, a luta pela igualdade racial, de gênero, dos investimentos territoriais necessários para fazer com que a histórica desigualdade “cultural” sofrida pelos parcos aparatos públicos existentes nas

[164] O saldo das atividades tenha 20 - 04 exposições de artes visuais, 05 exposições fotográficas, exposição e comercialização de livros, editoras e autores independentes, participação de 80 poetas 53 coletivos, 20 apresentações musicais, 04 oficinas, 02 apresentações teatrais, 02 intervenções circenses, 01 apresentação de dança, 03 saraus, 09 mesas de conversa literária , 06 intervenções literárias, 02 intervenções de grafite. Acredita-se que o público atingido no total do projeto, tenha sido em torno de 5.000

zonas periféricas da cidade seja posta ao fim e o principal: agregar escolas, professores, agentes culturais, poetas, artistas no geral, para conjuntamente chegarem às ações reais e possíveis no território.

Portanto, identificamos que tais estratégias dos projetos nesta parte do trabalho fizeram com que, de maneira coletiva, o Sarau do Binho e todos os seus participantes ganhassem projeção, apontando caminhos para seguirem, e, ao mesmo tempo, o coletivo solidifica-se como modelo para os saraus da cidade, mesmo que todo sarau tenha suas especialidades e caraterísticas onde é realizado e por quem é realizado, de maneira geral, a preocupação de todos é mostrar o seu trabalho e de quem frequenta o espaço, por isso, quando o Sarau do Binho leva sempre uma diversidade de linguagens por meio de uma diversidade de artistas, também constitui-se como elo entre a articulação entre os coletivos, seja nas palestras, em projetos, em intervenções pontuais, ou simplesmente recitando poesia.



Cód.	Sarau	Cód.	Sarau
1	Aldeia Tenonde Porã	17	Sarau da Kambinda
2	Associação Comunitária Monte Azul	18	Sarau da Brasa
3	Bar do Mutcho	19	Sarau da Ponte pra Cá!
4	Bloco do Beco (Luiz e Carla)	20	Sarau das Rosas
5	Espaço Clariô de Teatro - Sarau do Binho	21	Sarau de Cena
6	Espaço Cultural CITA	22	Sarau do Binho
7	Grupo Candearte	23	Sarau do Burro
8	I Love Laje (Casa do pezão)	24	Sarau Elo da Corrente
9	Praparau	25	Sarau Encontro de Utopias
10	Quinta Poética -Sarau da Casa -Sarau Poetas da Casa	26	Sarau O que dizem os umbigos
11	Sacolão das Artes	27	Sarau Perifatividade
12	Sarau a Voz do Povo	28	Sarau preto no branco
13	Sarau Alternativo	29	Slam da Guilhermina
14	Sarau Bodega do Brasil	30	Brechoteca
15	Sarau Candeeiro	31	Sarau da Roça
16	Sarau Clamarte (Augusto)	32	Slam da Guilhermina

Organização: Diego Elias/Dora Nascimento. Elaboração: Olga Paz

Capítulo 03. Tecendo fios: desdobramentos em rede

Este capítulo surgiu da necessidade de explicitar a rede de coletivos formada para ações conjuntas, assim como de coletivos que dão suporte para as atividades do Sarau do Binho.

O objetivo desta parte é identificar e exemplificar a rede de ajuda mútua entre os agentes ativos da cultura periférica, em específico, de grupos que mantêm relações estreitas com o Sarau do Binho, por meio de parcerias, eventos, ou outras formas de proximidades, para isso separamos os acontecimentos e a concretização da *"40ª Feria Internacional del Libro*", em Buenos Aires, Argentina e três grupos presentes em ações conjuntas[165] do Sarau do Binho, são eles o Grupo Clariô de Teatro, o Candearte e o CITA.

3.1 Palavras Periféricas em *"suelo argentino"*...

Este subitem do trabalho está destinado a demonstrar as entrelinhas da primeira grande intervenção da cultura periférica em solo estrangeiro, a participação do Sarau do Binho e mais de 100 artistas periféricos, de vários coletivos na *"40ª Feria Internacional del Libro*", em Buenos Aires, Argentina,

Primeiramente, faz-se necessário abordar acontecimentos anteriores à feira que culminaram no convite e na própria concretização da viagem, fazendo com que as potencialidades do trabalho e alcances da cultura periférica em seguida das relações estabelecidas entre o pesquisador e os representantes do sarau sejam demonstrados como valorosas contribuições para o presente trabalho.

No ano de 2013, a "Fundacíon El libro[166]" estabeleceu que em sua 40ª edição da Feira Internacional em Buenos Aires, no ano de 2014, a cidade de

[165] Vários coletivos são parceiros do Sarau do Binho, todavia escolhemos os coletivos citados por terem desenvolvido atividades remuneradas durante a pesquisa.

[166] Entidade Civil sem fins lucrativos, constituída pela "Sociedad Argentina de Escritores, la Cámara Argentina del Libro, la Cámara Argentina de Publicaciones, el Sector de Libros y Revistas de la Cámara

São Paulo seria homenageada como forma de destacar a produção literária-artística brasileira, principalmente a paulistana.

Alguns representantes da Biblioteca Mario de Andrade ficaram responsáveis, em solo brasileiro, por efetivar tal parceria. Após algumas reuniões, esses representantes estabeleceram que, para representar a cidade, seria necessário colocar os "produtores" atuais da literatura na cidade de São Paulo, sendo o escritor Férrez e os poetas do COOPERIFA, demonstrando a força dos poetas da periferia e a potência dos saraus e o Arnaldo Antunes enquanto músico, poeta e artista conhecido nacional e internacionalmente.

Fernando Ferrari, um dos militantes da cultura periférica e defensor dos saraus, argumenta sobre tais escolhas em uma das reuniões que frequentou sobre o assunto:

> Fomos eu, o Ruivo Lopes e o Jabá[167]. Ela (Tarsila) nos disse que ia o Ferréz, o Arnaldo Antunes e a Cooperifa. Eu desenhei uma cruz na mesa e disse: "Na Norte eu conheço 800 Ferréz, na Leste uns 3.000 Sérgio Vaz, na Noroeste 6.000 Arnaldo Antunes. Tem que levar Norte, Sul, Leste e Oeste", e ela se empolgou. O diretor da biblioteca tinha ido à Cooperifa, e tinha se empolgado e convidado eles. Muitos dos antigos não têm uma solidariedade de classe, essa ideia de abrir para todo mundo. Politica pública não é política de ONG, não é terceiro setor. Aí abriu para todo mundo...[168][169]

A possibilidade de ir somente alguns representantes da literatura periférica e de saraus, na figura do Ferréz e do Sérgio Vaz, já demonstraria o reconhecimento da cultura periférica, todavia, quando começou a existir a

---

Española de Comercio, la Federación Argentina de la Industria Gráfica y Afines, y la Federación Argentina de Librerías, Papelerías y Afines", in: http://www.el-libro.org.ar/fel. Acesso em 08/09/2014.

[167] Rogério Gonzaga, fotógrafo e um dos fundadores do "Praçarau", na COHAB Adventista".

[168] Entrevista concedida em 22/08/2015, no Bar do Mutcho, Rua Bernardo Nunes, 93, Jd. Helga.

[169] Apesar da discussão sobre cultura periférica estar no primeiro capítulo deste trabalho, o depoimento acima é prova concreta da luta por espaços e por recursos que é feita pelos membros dos diversos coletivos da cultura periférica. A partir de uma contestação, houve a possibilidade em se pensar no formato da contribuição paulistana na feira internacional do livro em Buenos Aires, com uma diversidade de artistas e de linguagens periféricas, exemplificando os acontecimentos dos últimos 15 anos nas periferias da cidade de São Paulo.

possibilidade de levar uma série de pessoas de diversos coletivos dentro dos saraus, foi um marco para os saraus na cidade de São Paulo, pois, a partir dessas possibilidades, os coletivos começaram a interessar-se em participar das reuniões, ir atrás de informações sobre a feira, começaram os ensaios de trabalhos novos, dentre outros.

Após a promessa da possibilidade de vários artistas periféricos irem para Buenos Aires, uma série de reuniões foram estipuladas para saber quem iria, quais seriam os critérios, as relevâncias, assim como a organização desse formato, levando em consideração o orçamento e a logística do evento.

No final de 2013 e início do ano de 2014, a biblioteca Mario de Andrade começou a sediar tais reuniões, que foram abertas somente em 2014 para os coletivos de saraus darem suas propostas, já que a intenção era “prestigiar” o movimento de saraus.

Os principais requisitos para o maior número de saraus serem prestigiados com o subsídio para ir à feira era realizar atividades no mínimo há dois anos. Foram mapeados tais saraus em toda a periferia da cidade. Nesse momento, formou-se uma rede de comunicação e auxílio dos coletivos para “garimparem” pela cidade saraus que pudessem entrar com essas características.

Concomitantemente ás discussões feitas em reuniões na Biblioteca Mario de Andrade, houve o contato com a Prof.ª Lucía Tennina, da Universidade de Buenos Aires, pesquisadora da literatura marginal, Lucía estabeleceu-se como mediadora dos poetas em solo argentino, assim como contratada da Biblioteca Mario de Andrade para efetivar o contato com a Feira do Livro, os poetas e estruturar a organização.

Neste ponto do trabalho é de extrema valia demonstrar que a conexão entre a periferia de São Paulo e a cidade de Buenos Aires foi feita anteriormente à feira, para tal temos que exemplificar as relações da literatura marginal em solo argentino através da Prof.ª Lucía Tennina.

A partir do contato com escritos da literatura marginal, com os trabalhos da Érica Peçanha e com a própria Heloísa Buarque de Holanda em 2009, a

Prof.ª Lucía Tennina começa sua pesquisa[170] em 2010, com temporadas em São Paulo frequentando diversos saraus e em debates na Universidade das Quebradas no Rio de Janeiro, passa a pensar temas sobre a produção literária periférica e a ter a vontade de mostrar em seu país como tal movimento manifestava-se no Brasil.

Lucía Tennina, após retornar a Bueno Aires e terminar seu mestrado em antropologia social, sente a necessidade de estabelecer uma ponte entre os escritos periféricos e os seus interlocutores em solo argentino, tornando-se um elo entre os dois países.

Em 2011, organiza a mostra "Do outro lado da Ponte", com exposição de fotos do Guma[171], trabalhos do Correspondência Poética[172], exposição de curtas sobre a temática[173] e duas mesas de discussão. Sobre as mesas, Tennina coloca:

> Eu convidei acadêmicos vinculados à literatura brasileira e fizemos duas mesas de discussão. Uma com o Gonçalo, a Florência e o Mario Camara sobre marginalidade na cultura brasileira; nessa eles falaram de Hélio Oiticica, Jorge Bertonol, Nuno Raros. Depois teve outra mesa falando do hip hop, aí eu falei dos Racionais Mcs e outro amigo compôs a mesa comigo. (Entrevista concedida em 22/06/2014).

Além de realizar a Mostra e divulgar a literatura marginal em Buenos Aires,Tennina passa a fazer traduções dos livros de autores periféricos como divulgação da temática através das obras[174] dos próprios autores periféricos[175].

---

[170] Tennina, Lucia. **Cuidado con los poetas!** Una etnografía sobre El mundo de la Literatura Marginal de la Ciudad de San Pablo. Maestría em Antropologia Social. Universidad Nacional General San Martín. 2011.

[171] Ver in: http://omenelick2ato.com/fotografia/guma/. Acesso em 08/09/2014.

[172] Ver in: www.correspondenciapoetica.com.br. Acesso em 08/09/2014.

[173] Dentre eles estavam "*Panorama Arte na Periferia*, o *Curta Saraus*, O *Grajaú: Onde São Paulo Começa* , *Pelas Marginais, Vaguei nos Livros, Me Sujei Com a Merda Toda*. Também tinha *Zumbi Somos Nós"* . (Entrevista concedida em 22/06/2014.)

[174] Foram traduzidos os livros "Manual Prático do Ódio", do Ferréz, "Contos Negreiros" de Marcelino Freire e um do Alessandro Buzo.

[175] Em uma de suas turmas na UBA, Lucía adotou o livro Manual Prático do Ódio do Ferréz como um dos livros a serem analisados ao longo do semestre.

Cria, promove e realiza o lançamento em solo portenho dos lançamentos de tais livros, conectando-os a espaços da universidade, centros culturais, assim como em programas de rádio local. Fomenta no meio jornalístico o assunto e suas abrangências no Brasil dessa nova seara de escritores e espaços de sarau.

Os ajustes em São Paulo foram feitos ao mesmo tempo em que Tennina elabora uma diversidade de atividades para os poetas na feira e em participações espaciais na cidade de Buenos Aires. Os detalhes da organização eram passados pela internet aos coletivos que informavam a todos os interessados na viagem sobre os novos acontecimentos.

As perspectivas causadas pela notícia da possível apresentação na feira internacional do livro lentamente fomentaram a ansiedade nas pessoas próximas aos saraus, para saberem qual seria a lista completa dos saraus envolvidos e qual seria o orçamento disponibilizado para cada sarau, para os mesmos mensurarem quantos integrantes levar.

Nos meandros desta ansiedade, em visita aos saraus e conversas com os seus frequentadores, demonstrou força e o orgulho em ser reconhecido enquanto cultura por outro país, possibilidade de divulgação de trabalho, melhoria no currículo, contatos e a parte relevante do ponto de vista cultural: o conhecimento da cidade de Buenos Aires, da cultura de outro país e de outro idioma.

A maioria dos poetas não havia saído do Brasil, boa parte não se locomove para outros estados tendo sua arte como mote da viagem e esta oportunidade abria portas para a sobrevivência deste trabalho, o da cultura periférica em formato de saraus.

Após fecharem a lista dos saraus participantes, foi estipulado que cada um poderia levar quatro representantes, que os mesmos teriam “cachê”, passagem e hospedagem pagos e que cada coletivo teria autonomia em indicar os nomes, por isso aqueles que representam o seu sarau teriam liberdade para indicar os respectivos nomes para que fossem contemplados na lista de participantes da feira em Buenos Aires.

Ao mesmo tempo em que a notícia gerava expectativas e “sonhos” nos artistas periféricos em poderem expor sua “arte” em solo argentino, a notícia representava também, em cada coletivo, um momento difícil, no qual teriam que “selecionar” os seus representantes e fazer isso em um grupo de pessoas, que em sua maioria dependem de editais, ou outras formas de “subempregos” é tarefa difícil.

Em conversas informais, a maioria dos coletivos indicaram os nomes das pessoas que participavam ativamente do trabalhado que o grupo desenvolvia, mesmo com possíveis conflitos, já que a quantidade de vagas era reduzida.

No Sarau do Binho, houve todo o processo, desde a euforia até a preocupação em quem levar, mas em conversas com os seus participantes Binho e Suzi, após se depararem com as dificuldades da seleção, propuseram para aqueles que haviam convidado inicialmente a doação do “cachê” para que outras pessoas pudessem participar da viagem, como consequência, 34 (trinta e quatro) pessoas foram representando o Sarau do Binho em Buenos Aires.

3.1.1 – Buenos Aires...

Fomos para o Hostel[176] Alma Bohemia[177], depois da divisão de quartos e de nos acomodarmos, fomos em busca de algo para comer. Neste momento, éramos estranhos no território, por mais que São Paulo fosse grande, no ambiente de sarau, todos acabam conhecendo alguém, que conhece algum lugar, mas desta vez foi uma sensação diferente, cada um que saía do hostel se aventurava por um quarteirão ou dois, fazendo conta dos pesos que podiam

[176] Assim como Albergue, é um local de hospedagem a preços vantajosos, onde pode-se locar quartos, ou camas, tradicional pela socialização e uma boa opção para aqueles que gostam economizar e conhecer pessoas. Neste caso o Hostel que ficamos era semelhante a prédio de 2 andares antigo, sem garagem com três pavimentos, quartos em todos, quatro banheiros no corredor, uma média de sete quartos por andar com capacidade variada entre eles, uma cozinha coletiva, uma área de convivência com tênis de mesa e uma sala com dois sofás, uma pequena mesa para o café da manhã e um computador.

[177] Endereço: Charcas 4250 - Palermo Soho, Buenos Aires Argentina. In www.almabohemiahostel.com.ar.

gastar, se a comida era cara, ou se tinha algo que era familiar, arrumando maneiras de vencer a barreira do idioma e trazendo informações ao grupo.

Os plátanos com suas folhas de outono ao chão, a tarde fresca e o anoitecer frio demonstravam o bairro de Palermo com suas construções antigas, local sociável e com características limítrofes à região central, verticalizado, poucos comércios e, ao anoitecer, poucas pessoas na rua.

Ficamos a três quadras da Avenida Santa Fé, uma importante conexão do centro às regiões ao norte da cidade, avenida larga, com algumas instituições bancárias, comércios, rota de diversos ônibus e, em toda sua extensão, a linha D (verde)[178] fazendo uma importante conexão ao centro da cidade.

No final deste primeiro dia, já havia atividade para os integrantes do sarau na 40ª Feira Internacional do Livro[179], encontrar com Binho e Suzi para mostrar que todos estavam bem e receber as coordenadas dos compromissos a serem realizados no evento.

Como primeira atividade, Binho solicitou, já que estavam em maioria na feira, para que todos os poetas do Sarau do Binho auxiliassem o Sarau do Cooperifa, já que aquela noite era somente o sarau do Cooperifa que iria se apresentar.

Na frente da feira, na hora marcada, no entrocamento da Av. Santa Fé com a Av. Sarmiento, se aproximavam as pessoas do Sarau do Binho, como precisávamos da identificação para entrar, tínhamos que nos concentrar e esperar o maior número de pessoas chegarem para que todos pudessem entrar depois de ouvir as recomendações da Suzi sobre a feira, a hospedagem, horários e responsabilidade em levar o nome do Sarau do Binho. Neste

[178] Esta linha de metrô (SUBTE) percorre 10,41 Km com 16 estações, liga a estação da Catedral, proximidades da "Plaza Del Mayo", ao "Congrezo de Tucumán", fazendo conexão com as linhas B (vermelha).

[179] Entidade Civil sem fins lucrativos que está constituída pela Sociedade Argentina de Escritores, a Câmara Argentina do Libro, a Câmara Argentina de Publicações, o Setor de Livro e Revistas da Câmara Espanhola do Comércio, a Federação Argentina da Indústria Gráfica e Afins e a Federação Argentina de Livrarias, Papelarias e Afins. Disponível in: <http://www.el-libro.org.ar/fel>. Acesso em 18/08/2014.

momento, no meio dos argentinos, barracas de choripan[180] e bebidas, surgem poetas, cantores, poetisas, músicos, que, momentos após trocarem informações das dificuldades passadas, começam a cantar, dançar, uma roda de Capoeira se forma e várias pessoas participam, muita energia junta.

Ao adentrarmos na Sociedade Rural Argentina, percebemos a proporção do evento. O espaço da feira era algo semelhante aos eventos realizados no Anhembi[181], um terreno com 55.000 m² dos quais 45.000 m² destinados a exposição, um ambiente tradicional em organização de eventos da sociedade argentina.

Com um público final de 1.200.000 visitantes, a feira contou com 473 expositores, representando 1.500 editoras, organizadas em seis pavilhões (ocre, amarelo, azul, branco, vermelho e o Hall Central)[182], 25 países presentes e a Cidade de São Paulo como convidada de honra. O evento teve três eixos, a formação profissional, rede de contatos e negócios, os três primeiros dias foram voltados para a indústria editorial e o restante foi aberto ao público. Em todos os dias tinham apresentações culturais, palestras, bate-papos, dentre outras atividades oferecidas pela organização.

A quantidade de estandes, pessoas e informações impressionavam os poetas espalhados pela feira. Ao chegarem ao local reservado para São Paulo, não foi diferente dos Saraus realizados na zona sul de São Paulo, olhares, orgulho, cumprimentos e admiração fizeram com que, ao ligar o microfone e o anúncio no Sarau do Cooperifa, que os poetas do Sarau do Binho vieram para somar, foi uma efervescência, argentinos e brasileiros aplaudiram a cada poesia e cada música ou interpretação eram comemoradas como uma vitória[183].

---

[180] Lanche típico argentino feito de linguiça (chorizo) com tempero forte, dentro de um pão francês, acrescido de chimichurri (espécie de vinagrete).

[181] O Anhembi possui um espaço coberto para exposição de 77 mil m² contra 45 mil m² de espaço para exposição da Sociedade Rural Argentina, todavia no texto tal comparação foi posta para elucidar os acontecimentos que se seguem.

[182] Disponível in: http://www3.icex.es:8080/icex/cma/contentTypes/common/records/mostrarDocumento/?doc=4768277. Acesso em 18/08/2014.

[183] No primeiro dia, às 19h, teve uma atividade externa com Gil Marçal, Coordenador do programa VAI (Programa para Valorização das Iniciativas Culturais), sobre o funcionamento do

Este sarau marcou a viagem por diversos motivos, desde a alegria de estreiar em solo argentino, a empolgação da feira, a empolgação de estar com companheiros que lutam pela cultura e ao fato dos saraus se ajudarem.

Cada sarau em São Paulo tem uma peculiaridade, todavia em todos, na hora das apresentações, têm um público ao lado de fora que troca informações, estreitam laços, apresentações, dicas e na Argentina não foi diferente, desde as dificuldades com o idioma até a interação com o transporte público e alimentação, tudo foi motivo das primeiras conversas, fazendo com que, logo após o Sarau, o encontro com o maior número de pessoas fosse inevitável.

Estávamos com um grupo no bairro de Palermo, o qual tinha sua parte histórica residencial e havia a parte, semelhante à Vila Madalena em Pinheiros, um pouco distante, com bares noturnos, feira de artesanato na praça central[184], restaurantes, lojas de roupas, couro e acessórios, local frequentado pelos poetas periféricos em alguns momentos da feira, todavia os preços eram consideravelmente caros, mesmo o real sendo valorizado[185], devido a Palermo como um todo ser reconhecido como um bairro nobre da cidade de Buenos Aires.

Episódios diversos aconteceram na primeira noite, desde pessoas se perderem até desencontros e muitas trocas de ideias, que se seguiram até altas horas, pois era o primeiro momento de descanso após as preparações, a viagem e a estreia.

No Hostel, ficamos no mesmo quarto Mutcho, Oliveira, Sandro Lima (músico, trabalha na fábrica de cultura do Jd. São Luís), Dêssa (CITA) e Mara Esteves, todos participantes ativos do Sarau do Binho, além de pessoas atuantes na cultura periférica, seja através da arte, seja na estruturação de coletivos, ou em propostas políticas para as intervenções culturais.

---

programa na cidade de São Paulo, na UNTREF – Universidad Nacional Tres de Febrero, onde a comunidade acadêmica pôde conhecer tal iniciativa. Como esta atividade foi optativa e envolvia apenas a palestra, e não o Sarau, foi somente a equipe de filmagem para registrar o evento.

[184] Plaza Serrano, a partir de 1994, renomeada de Julio Cortázar, localizada em Palermo Viejo (ou Soho), tipicamente conhecido pela boêmia, artesanato e por manifestações artísticas.

[185] R$1,00 valia $ 4,00 pesos argentinos.

De todos os dias em Buenos Aires, além das afinidades anteriores à viagem, os laços se estreitaram também por quartos, devido ao fato de haver somente duas chaves, no nosso caso, as preocupações de estar em outra cidade, o cuidado com o outro e pelas informações a serem passadas. Esta oportunidade possibilitou conversar sobre todas as questões pertinentes ao Sarau, as perspectivas culturais da região e os bastidores ao se trabalhar com a cultura[186].

Ao longo dos dias, de maneira voluntária, as pessoas ficavam próximas a um grupo da pousada, aqueles que compravam alimentos no mercado e preparavam as refeições no local, outros saíam em busca do "paladar" argentino. Nestas experiências, percebemos que, a cada momento de encontro, novas lembranças eram feitas, novos laços, eram estreitados, mesmo todos se conhecendo de alguma forma, era nessa interação que um conhecia o outro e tornava-se, de alguma forma, mais próximo.

O Sarau do Binho tem diversas peculiaridades, dentre elas a renovação do pessoal, que se mostra como uma constante pelo seu caráter voluntário, os artistas "tornam-se" do coletivo a partir do momento em que fazem ações com o grupo, quanto mais atividades e empenho com tais atividades, em outras oportunidades serão convidados a participar, todavia isso mostra-se de maneira suave nas relações cotidianas, sem imposições ou autodenominação, por isso essas relações se estabelecem cotidianamente com pessoas novas, outras já experientes no grupo, ou aquelas que foram do Sarau e na atualidade estão afastadas.

No segundo dia, após vislumbrar a noite argentina, os grupos foram feitos na proporção em que as pessoas acordavam e demonstravam interesse em fazer algo, desde pensar em visitar alguma loja, local, ou simplesmente andar pela cidade. O fator das distâncias dos locais da hospedagem foi preponderante para que as pessoas fizessem atividades conjuntas com quem estava no mesmo local, devido à acessibilidade entre as hospedagens.

[186] Meus sinceros agradecimentos a Suzi por ter possibilitado financeiramente a hospedagem no hostel, e aos colegas de quarto. Amadureci e esta experiência fez com que este trabalho pudesse enriquecer enquanto as conversas eram estabelecidas.

Minutos antes das atividades relacionadas ao Sarau, os artistas se encontravam e novamente trocavam informações dos locais visitados, dos caminhos feitos, da utilização do metrô, ônibus ou táxi como forma de locomoção e das opções relevantes da cidade.

Nesta noite, como novidade da Feira, houve o lançamento da Antologia, em espanhol dos autores da periferia e depois o sarau com todos os representantes de saraus/slam[187] de São Paulo que estavam naquela semana.

Organizada por Lucía Tennina, professora da Universidade de Buenos Aires e pesquisadora da cultura periférica de São Paulo, com o título de *"Saraus – Movimiento/Literatura/Periferia/São Paulo*[188]*"*, a obra em espanhol é um apanhado dos principais autores da periferia paulistana e contextualiza, a partir das hipóteses de Érica Peçanha, a trajetória da literatura marginal e o movimento de saraus, acrescido da biografia dos 37 autores periféricos e de texto da autoria da pesquisadora Heloísa Buarque de Holanda fazendo comparações entre a geração "mimiógrafo" dos anos 1970 e a literatura periférica atual.

A pesquisadora abordou em sua divulgação sua experiência em passar alguns meses na capital paulista e os por menores no contato com a esfera dos saraus, agradecendo principalmente a presença de Érica Peçanha, uma das primeiras a estudar a fundo a cultura periférica, e que estava prestigiando a Feira de Livro argentina, além dos autores presentes.

Acrescido ao lançamento do livro foi colocado, por indicação da autora, a apresentação de todos os saraus presentes daquela semana, ou seja, conjuntamente à exposição do livro, havia naquele momento, os representantes de diversos coletivos de saraus paulistanos para mostrar à

---

[187] Basicamente, slams, ou poetry slams, são encontros de poesia falada (spoken word) e performática, geralmente em forma de competição, onde um júri popular, escolhido espontaneamente entre o público, dá nota aos slammers (os poetas), levando em consideração principalmente dois critérios: a poesia e o desempenho. Resumindo: o slam é o "esporte" da poesia falada. *In:* http://omenelick2ato.com/poesia/poetry-slam/. Acesso em 16/08/2014.

[188] Editora Tinta Limón – Buenos Aires – Argentina (2014) – A pesquisadora para compor o livro entrou em contato com os autores periféricos, ou com os saraus dos quais eles fazem parte e solicitou tal contribuição de seus escritos para a versão em espanhol com o objetivo de divulgá-los na capital portenha, assim como a contextualização da literatura periférica.

sociedade argentina o conteúdo da publicação e o motivo pelo qual eles estavam presentes, a exemplificação da cultura periférica.

No dia seguinte, como atividade extra à feira do livro, houve a intervenção no "*Complejo "Penitenciario Federal de la Cidade Autônoma de Buenos Aires – Cárcel de Devoto*", o único estabelecimento penitenciário dentro da cidade de Buenos Aires. Inaugurado em 1927, inicialmente a cargo da Polícia Federal, posteriormente transferido ao serviço Penitenciário Federal, o local é conhecido por tragédia ocorrida na década de 1970, onde 65 internos morreram por asfixia, queimaduras ou foram baleados e outros 85 ficaram feridos, após uma rebelião. Outro ponto a ser destacado desta instituição é o funcionamento interno de um dos campus da Universidade de Buenos Aires[189], atualmente com 43 presos na condição de alunos regulares.

No "Cárcel de Devoto" foram representantes de todos os coletivos na feira. Sobre este momento, Marcos Pezão expressa:

> Falar poesia em presídio é sempre uma dificuldade [...] chegando lá naquele presídio federal, onde estavam os presos políticos ainda da época da ditadura. Uma coisa bacana dos argentinos é que a história toda do período da ditadura argentina, das mortes, esta toda gravada na entrada, para o povo ir saber o que se passou naqueles presídios. Aí, com as liberdades democráticas, fizeram dentro do presídio uma faculdade. Os detentos podem se formar em direito, literatura, uma série de cursos. Aí fomos nós [...] para o salão, estávamos em oito poetas aqui de São Paulo, e passou o vídeo *Curta Sarau,* para eles saberem sobre o que se tratava. Eu fiz parte desse curta também. Tinham oito poetas deles também e nós fomos intercalando. Eu, por ser o mais velho, foi chamado primeiro. Aí eu declamei o *Nóis é ponte e atravessa qualquer rio*. Eles curtiram e pegaram o refrão de um jeito! Todos que foram declamando gritavam o meu refrão. E era muita gente jovem. Foi muito emocionante. E eu pensei "Olha onde me trouxe a poesia!". Nossa poesia daqui, fez efeito lá! E na semana seguinte, em outro sarau, outras pessoas, os alunos ainda repetiam o refrão. (Trecho de entrevista realizada em 04/08/2015).

Discutir e avaliar as atividades não eram possíveis em grupo, devido ao tempo e à dispersão das pessoas, somente havia comentários de alguns

[189] Centro Universitario Devoto, in: http://www.ppn.gov.ar/?q=node/1085.
***La UBA. en Devoto**: cien presos ya hicieron sus carreras en la cárcel, in:* http://edant.clarin.com/diario/2007/10/21/sociedad/s-05215.htm. Acesso em 25/08/2014.

pontos, quando os grupos estavam na feira, nos saraus, por isso os comentários eram breves.

Como era de costume, o reagrupamento constante das pessoas por afinidades e interesse de conhecer a cidade portenha, Mara Esteves, uma das responsáveis atualmente pelo projeto da Brechoteca, procurava por iniciativas de bibliotecas populares na cidade de Buenos Aires, já que havia trocado algumas mensagens com representantes de tais iniciativas antes da viagem. Prestei auxílio em achar as referidas bibliotecas, marcamos os pontos e em seguida saímos em direção às novas experiências da cidade.

Após caminhar pela cidade e conhecê-la, parcialmente, de metrô e ônibus, visitamos duas bibliotecas, a do sindicato de minas e energia e a Biblioteca Popular Cornélio Saavedra[190]. Esta seguida, torna-se relevante neste trabalho a interação feita e a possível influência nas atividades da "Brechoteca".

A Biblioteca Popular Cornélio Saavedra[191] é uma Associação Civil Autônoma, pública, fundada por moradores e sustentada pelos sócios com o objetivo de levar informação e educação ao bairro. Foi fundada em 1918 e passou por diversas dificuldades, desde inundações à baixa participação popular, todavia, na atualidade reformada e com espaços recreativos oferecendo aulas de instrumentos musicais e exercícios para a sua comunidade. Permanecemos um tempo na biblioteca aproveitando ao máximo tais ideias, pois, em pouco tempo antes da viajem Mara estava iniciando sua responsabilidade com a Brechoteca e na visita começou a conversar sobre como havia sido o processo da participação dos moradores, o papel da associação de bairro, os interesses, dentre outros questionamentos, como forma de extrair estratégias para sua empreitada no Jd. Rebouças[192].

O Sarau do Binho cativa todos os envolvidos a serem autônomos em sua busca, Mara Esteve é uma das responsáveis pela "brechoteca" e, mesmo

---

[190] *In*: http://bibliotecacsaavedra.org.ar/. Acesso em 16/08/2014.

[191] Agradecimentos a M. Cristina Canel, uma das da colaboradoras do espaço e que nos auxiliou nas informações necessárias, contagiando-nos com a sua história.

[192] Bairro da Brechoteca em São Paulo.

em terra portenha, sua busca por informações do funcionamento das experiências em bibliotecas populares, tanto para aprender, quanto para estabelecer contato, foram motivos para nesta viagem, fazer uso das inquietações periféricas paulistanas serem comparadas as inovadoras proposta popular de outro país.

À noite, depois de percorrer alguns locais na cidade, chegamos à Feira do Livro para prestigiar a apresentação dos saraus A Plenos Pulmões, Sarau do Povo, Praçarau e do Slam da Guilhermina.

Música, poesia, pensamentos conjuntamente com relatos dos poetas que visitaram a penitenciária e levaram a literatura para a população carcerária, animaram e demonstraram as possibilidades e potencialidades da palavra e do engajamento poético-periférico.

Ao término do sarau, as atividades foram estendidas, em uma programação informal paralela ao evento, a "La Cazona Del Flores", ou simplesmente "La Cazona", segundos seus apoiadores, *"território común y excusa perfecta para ensayar nuevas conexiones."*[193]

A ideia inicial era colocar a parte externa da feira em uma programação "oficial" de troca cultural dos coletivos de São Paulo, com coletivos locais para possibilitar a troca na cidade portenha, todavia, não houve tal oficialidade, fomos com um grupo de aproximadamente 40 pessoas em carreata para pegar o transporte público e chegar ao nosso destino.

Esse contratempo possibilitou a experiência de caminhar pelas ruas portenhas com um grupo grande de pessoas, de diversos saraus, que não tinham a preocupação com horário, somente com os compromissos das apresentações, músicas e histórias que se entrelaçaram no caminho. Diversas experiências foram postas ao grupo, desde a necessidade em dividir as pessoas em dois ônibus até se o local onde iríamos caberia aquele número de pessoas.

Ao chegar ao destino, em um bairro residencial, nos deparamos com uma casa grande, assobradada, antiga, com aspecto de abandonada, mantida

[193] In: http://casonadeflores.blogspot.com.br/p/la-casona.html. Acesso em 18/09/2014.

por um grupo de pessoas em uma mistura de centro cultural e um bar, “La Cazona”, que se constitui para aquele grupo como possibilidade de diálogo com pessoas, conteúdos e culturas diversas, desde a divulgação de livros, bate-papo, até encontros musicais, uma espécie de “sarau” portenho.

Com bebidas e comidas vendidas pelos mantenedores da casa, artistas, convidados e pessoas que ficaram sabendo da visita dos representantes dos saraus, adentraram a noite.

Além das apresentações feitas pelos artistas, os convidados e visitantes sentiram-se à vontade para trocar experiências, um grupo de rap, intitulado de Frente Imigrante, com representantes do Peru e da Bolívia, mostrou suas músicas em defesa da imigração, da população indígena e de baixa renda. Outra apresentação que merece destaque foi a de um casal argentino, contanto a história “As Viajes Del Binho”, um cachorro que se aventura pelo mundo.

O clima de conexão com as outras culturas, de pessoas que se propõem a mudar a realidade de onde vivem na periferia de São Paulo, em contato com pessoas que acreditam que a mudança pode ser feita através de cultura em solo argentino e expressadas através de relatos e de conversas informais, a necessidade da comunicação entre povos do mesmo país e entre os países latino-americanos, fossem a alternativa para as transformações sociais.

Dois outros pontos de parada para os artistas periféricos relacionados à noite em Buenos Aires foram o bar “LO DE BEBE”, em Palermo, nas proximidades do hostel, e o Bar “El Boliche de Roberto[194]”, situado em Almagro, bairro residência de Carlos Gardel quando jovem, local considerado o berço do tango argentino.

O primeiro Bar, segundo as pessoas que ali se encontravam, assim como os garçons, é encontro de artistas e pessoas que trabalham com a cultura em geral na cidade. O segundo local tem frequência constante de

[194] Cujo nome verdadeiro é 12 de outubro “EL Boliche de Roberto” in: http://www.buenosaires.gob.ar/culturadecafe/observacionprofundizada/bolicheroberto. Acesso em 19/08/2014.

turistas mundiais e diferencia-se por sua decoração, vinhos e esfera pitoresca, contribuindo para o resgate do tango enquanto manifestação artística genuína, por meio de apresentações artísticas semanais ao vivo de artistas, com alta qualidade em busca de relembrar, ao som da sensualidade portenha, petiscos e bons vinhos, histórias de amor.

Tais locais foram algumas das diversas formas que os artistas periféricos interagiram com a "noite" argentina, fazendo com que em ambos houvessem intervenções dos artisas, no "Lo de Bebe", com apresentação espontânea de sambas antigos, músicas de MPB, dentre outras. Naquele dia, houve a comoção de um jornalista local que fez questão de conversar com todos do grupo e saber um pouco mais da histórias "periféricas" de São Paulo. Já no "El Boliche de Roberto", a interação ocorreu para conhecer detalhes do famoso tango argentino assim como para desfrutar da apresentação sem nenhuma aparelhagem de som, ao vivo, só no acompanhamento do violão e das expressões dos admiradores presentes.

No dia destinado à apresentação do Sarau do Binho, portanto, teoricamente[195] o único dia de compromisso dos artistas, as expressões estavam diferentes, a preocupação com o horário, com as roupas e a própria apresentação estava maior, o momento que aquele coletivo, com 34 pessoas, representando também outros coletivos da periferia paulistana, tinha para mostrar o que era o Sarau do Binho e com o objetivo de retribuir o convite feito pelo Sarau.

Na feira de livro, no horário marcado, iniciou o Sarau do Binho, com apresentação do próprio Binho sobre o que era sarau, um pouco da sua história e do Sarau do Binho, como era o Bar e como o coletivo estava fazendo para sobreviver, em seguida, esquetes, apresentações solos, em duplas, trios, instrumentais, performáticas, contidas, encantavam os Argentinos, que, ao verem a concentração no estande aumentar conforme as exposições se

[195] Utilizei esta expressão devido ao comprometimento político-solidário estimulado nos representantes do Sarau do Binho, pois o compromisso de todos os coletivos era somente em algumas atividades, todavia os participantes do Sarau do Binho marcaram presença em diversas apresentações de outros grupos, em conversas informais, diziam que era em retribuição à possibilidade de terem ido para outro país, aproveitarem a viagem, através da abdicação do cachê do coletivo.

interpolavam, desde o som até a participação da plateia e a descontração das intervenções, que deram destaque àquela noite especial.

Em seguida a essas apresentações, teve início, sem muita preocupação com a transição, o Sarau Suburbano Convicto[196], fundado por Alessandro Buzo[197], muitas informações e elogios entre os representante dos dois saraus, assim como dos participantes, que, neste momento, além da professora Lucía Tennina, a pesquisadora Érica Peçanha, jornalistas portenhos e colaboradores de outros saraus, acompanharam veemente as performances dos artistas.

No final destas apresentações, como de costume, Binho propõe uma grandiosa ciranda, que, neste caso, teve mais de 60 pessoas rodeando o estande de São Paulo na feira, ao som de Geraldo Magela, do grupo Candeart, brasileiros e portenhos, comungaram a cultura dos povos, as manifestações artísticas, as lembranças das "Expediciones Donde Miras", a cultura e o poder latino-americano. A alegria desta festividade destacou-se na feira, além da aglomeração no local ser grandiosa, os tambores e o coro dos participantes, tiveram como consequência o som desligado, os microfones cortados, assim como os seguranças da feira ficaram próximos ao local. Mesmo com estas consequências, ao término do sarau, os participantes saíram fortalecidos, com sensação de dever e na concretização das junções dos coletivos.

Dentre algumas atividades da feira, em seus intervalos foram propostas atividades diversas extraoficiais ao evento, com o objetivo de demonstrar o potencial da cultura periférica em solo argentino, todavia, por desencontro de informações ou outros problemas, alguma destas atividades não deram certo, como a participação de representantes de cada coletivo em um programa de rádio local, ou a visita à periferia da cidade. Em ambos, dependíamos de contatos na cidade que, por algum motivo, não aconteceram.

---

[196] http://sarausuburbano.blogspot.com.br/. Acesso em 22/08/2014.

[197] Além de suas publicações, "O Trem – Baseado em Fatos Reais" (2000), Suburbano Convicto – O cotidiano do Itaim Paulista" (2004), "Guerreira" (2007), "Toda Brisa tem seu dia de Ventania" (2007) e "Favela Toma Conta" (2008), dentre outros, já dirigiu o filme Profissão MC (2006), faz parte do programa Manos e Minas com o quadro "Buzão" e colabora com o jornal SPTV 1ª Edição, com informações da produção da cultura periférica. "Buzo" teve uma de suas obras traduzidas para o espanhol através da Prof.ª Lucía Tennina (UAB – ARG)

A preocupação em acompanhar[198] algumas pessoas do coletivo era essencial para que pudesse, naquele momento, apreender como funcionava o coletivo do Sarau do Binho em ambiente estrangeiro, como evento inovador, por isso não conseguimos acompanhar todas as atividades da feira, proposta pela semana na feira de livro e em algumas atividades externas, como na visita ao projeto da Eloísa Cartonera[199] e a própria visita à rua de Caminito[200], acompanhados do sarau ao final.

O final da participação dos coletivos da primeira semana foi um processo construtivo. Nos dois últimos dias e em especial no último dia em solo argentino, todos ficaram mais próximos, conversando sobre novos projetos, novas possibilidades de apresentações, o fato de como a viagem para a Argentina auxiliou em acreditar que é possível viver da cultura, melhorar o seu trabalho, estipular outras metas.

Desde conhecer outra cidade, outro país, até cruzar o caminho com outros artistas, aproveitar uma feira de livro internacional, principalmente representando a cidade de São Paulo, foi um acréscimo no currículo de cada artista, assim como nos auxiliou neste trabalho para formular uma das hipóteses pertinentes à seara da cultura na periferia, a cultura como chave de transformação e como resistência nos lugares periféricos que produzem a cultura e a colocam em prática com o espectador, em relatos verídicos, no compartilhamento de sentimentos e realidades, dentro de cada coletivo, muitas vezes na informalidade.

---

[198] A título de exemplo, no dia 1º de maio algumas pessoas foram as manifestações dos trabalhadores argentinos na “Plaza de Mayo”.

[199] Projeto primeiramente feito por Eloísa, posteriormente tornando uma cooperativa do bairro de “La Boca”, em Buenos Aires, que fabrica livros com capas de papelão, comprados dos coletores das ruas. Com mais de 200 livros de literatura latino-americanos, com autores argentinos e dos países vizinhos, o projeto surge da crise financeira em 2003 e solidifica-se na atualidade como alternativa ao mercado editorial e como projeto de promoção da leitura. In: http://www.eloisacartonera.com.ar/historia.html. Acesso em 22/08/2014.

[200] Local onde, no começo do século XX, passava uma linha de trem que em 1928 foi desativada, deixando o terreno abandonado, em 1950, um grupo de moradores, dentre os quais estava o pintor Quinquela, decidiu restaurar o terreno. Nome adquirido devido ao popular tango de 1926, de Peñalosa e Filiberto. Com contribuições de diversos artistas em 1959 “Caminito” foi transformada em um Museu a Céu aberto. In: http://www.buenosairesturismo.com.br/passeios/rua-caminito-la-boca.php. Acesso em 22/08/2014.

Ver em solo argentino artistas periféricos nos principais jornais da cidade, concedendo entrevistas para diversos meios de comunicação, em ambientes de troca com a cultura local, representando coletivamente os saraus de São Paulo, fez com que percebêssemos a união dos grupos, auxiliando desde as necessidades básicas, como a própria locomoção, até as apresentações e formas de agrupamentos, até então não vistas. Esta feira foi a primeira forma de apresentação internacional de valorização da cultura periférica deste porte, com mais de 100 artistas envolvidos em mostrar a produção artística viva e recente da cidade de São Paulo.

Na semana seguinte ao retorno dos artistas periféricos, houve o sarau mensal do Sarau do Binho, no Espaço Clariô de Teatro. Neste encontro, foram lembrados vários momentos da viagem, através de fotos passadas no projetor e falas das pessoas que foram, como tentativa de transmitir para quem não foi a atmosfera e riqueza das apresentações, assim como através das conversas informais ao lado de fora do "Clariô", a noite foi especialmente "Argentina[201]".

Este encontro foi o primeiro após o retorno e nele também foi divulgada a conquista do Projeto Rumos[202], possibilidade de sobrevivência financeira para algumas atividades desenvolvidas pelo Sarau do Binho e foram prestadas homenagens ao Binho e principalmente a Suzi, por terem proposto para todos do Sarau que foram na viagem a abdicação do cachê para que houvesse a participação de mais pessoas.

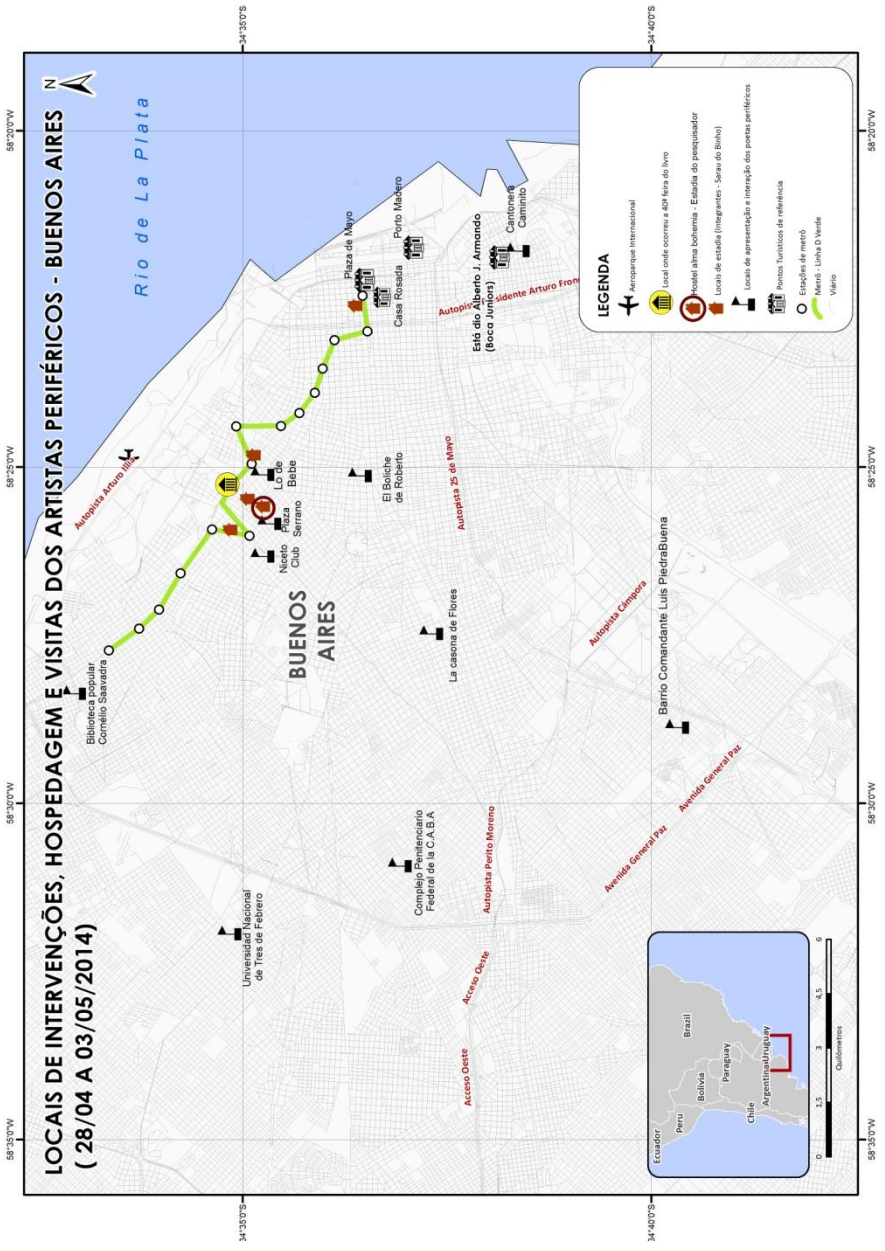
Neste momento, através das conversas e das apresentações costumeiras, foi frisado o potencial dos participantes, a generosidade de todos e a certeza que, ao acreditar na "sua" arte, poderão conquistar outros patamares, outros sonhos e outros espaços dentro da cultura.

Assim sendo, a viagem para a Argentina representou, de maneira parecida com a Expedición Donde Miras, a aproximação do grupo, o processo de afinidade, auxílio, a superação e sobretudo a valorização de um coletivo, de

[201] Meus agradecimentos a Wédson Caruru (o Caruru), Mara Esteves e Dora Nascimento, que, ao saberem que tive minha máquina fotográfica furtada em uma das atividades na Feira Internacional em Buenos Aires, fizeram rifas e campanhas, já no Brasil, para auxiliar na compra de outra, e aos poetas Giovani Bafô e Augusto Cerqueira, que doaram seus livros para as rifas.

[202] Tal projeto foi abordado anteriormente neste trabalho.

todos os participantes que tiveram a oportunidade de ir, a abertura de possibilidades futuras, o acreditar na arte que a periferia está fazendo, ver futuro, a necessidade em investir em formação, em lutar com recursos, em melhorar as formas de atuação.



Organização: Diego Elias/Dora Nascimento. Elaboração: Olga Paz. Fonte: Pontos da Poesia /Poiesis

3.2 – Rede de apoio: Grupo Clariô de Teatro

Como possibilidade de demonstrar suas intenções, práticas e a relevância de suas experiências, salientamos a própria apresentação do grupo:

> O Grupo CLARIÔ DE TEATRO é um coletivo de arte resistente que busca, através da cena e da troca com outros coletivos, discutir a arte produzida PELA periferia, NA periferia e PARA a periferia. É um grupo marcado pela teimosia, que desde 2002 segue com o objetivo de produzir e pensar o teatro e música nas bordas da metrópole. Seu trabalho se concentra em Taboão da Serra, cidade/dormitório, periferia da região metropolitana do Estado de São Paulo, onde se localiza o Espaço Clariô, sede mantida pelo grupo desde 2005, local de formação e produção de pensamento junto à comunidade. E hoje, polo cultural de referência na região. Suas montagens tentam traduzir e questionar as inquietações políticas e artísticas do coletivo, que mescladas a sua condição, precária, propõem um caminho de estética própria, típica da periferia. Os últimos espetáculos de teatro "**H**ospital da **G**ente", de Marcelino Freire e "**U**rubu **C**ome **C**arniça e **V**oa"! de Miró da Muribeca, ambos premiados, tratam exatamente da condição das mulheres **(H.G)** e homens **(U.C.C.V.)** das periferias do Brasil de hoje. População pobre, negra, marginalizada, são contadas e cantadas (como é o caso do projeto musical CLARIANAS) pelo grupo, com elementos populares, de aproximação e contato com o público[203].

Composto em sua maioria por mulheres negras, o grupo em seus anos de trajetória conquistou diversos prêmios, dentre eles o Prêmio de Grupo Revelação (2009) - (I Prêmio CPT[204]), Prêmio "Ocupação de Espaço" (2009), Melhor Espetáculo do Interior e Litoral de São Paulo - CPT (2009), Melhor Elenco de 2011 (Prêmio CPT), considerado um dos melhores espetáculos do ano (Revista Mais Cultura – 2011), eleita uma das melhores peças de teatro no circuito periferia (Prêmio CPT), e na categoria Inclusão Cultural foram vencedores do Prêmio Governador do Estado para a Cultura 2013, conjuntamente com o Sarau do Binho, faturando a quantia de R$ 60.000,00.

---

[203] Texto retirado do blog (www.espacoclario.blogspot.com.br), mantido pelo grupo como plataforma de divulgação de suas peças, atividades políticas e para demonstrar o seu histórico. Acesso em 10/02/2014.

[204] Fundada em 1979, a COOPERATIVA PAULISTA DE TEATRO nasceu da necessidade de organização de artistas a partir da Lei 5.764/74, que define o cooperativismo no Brasil. Hoje com certa de 750 núcleos e 3800 associados, conta com sólida infraestrutura e é responsável pela maior parte da produção artística teatral do Estado. (http://www.cooperativadeteatro.com.br/cooperativa/). Acesso em 11/02/2014.

Não é somente pelos prêmios que o grupo se destaca, mas pela atuação na periferia entre a cidade de Taboão da Serra e São Paulo, com sua sede transformada em espaço cultural e uma sala de teatro (primeira sala de teatro da cidade), com capacidade para 70 pessoas, onde cotidianamente os integrantes e alguns convidados realizam atividades voltadas para a formação artística, seja através de aulas de teatro, dança ou capoeira.

Nestas formações semanais incluem-se as apresentações mensais do projeto "Quintasoito", desde 2008 realizado na última quinta-feira do mês, momento destinado à reflexão sobre a cultura desenvolvida na periferia, seja através de filmes, músicas, ou outras manifestações, com participação de palestrantes envolvidos no universo periférico, além da parceria estabelecida com o Sarau do Binho para a realização de suas apresentações na 2ª segunda-feira de cada mês.

Como atividade externa, o grupo organiza a Mostra Teatro do Gueto desde 2009, através do projeto "Virando o ano no Espaço Clariô", com o objetivo de fomentar um circuito teatral a partir de grupos e coletivos que vivem sua práticas de trabalho fora do eixo cultural estabelecido. Nesta mostra já se apresentaram grupos da cidade de São Paulo, do interior paulista e até de outros estados.

Neste ambiente de formação, discussão e reflexão cultural, criaram-se vínculos para além da atividade artística em si, pois não somente o grupo, mas todas aquelas pessoas que participam das atividades do Espaço Clariô passaram a discutir a cultura como emancipação política e cultural, sendo necessária a transposição dos muros do teatro. Com estes objetivos, formaram um grupo autônomo de discussão para debaterem a cultura no município de Taboão da Serra, formulando uma série de atos na Câmara, seja na eleição de representantes da sociedade civil no Conselho Municipal de Cultura, ou atos que culminaram na histórica vitória na destinação de 1% do orçamento municipal para a cultura (equivalente a aproximadamente R$ 5 milhões), cobrança de promessas eleitorais dos vereadores, instituição de um fórum permanente de cultura do município, conjuntamente com outros artistas e participantes da sociedade civil[205].

[205] Ver carta feita pelo fórum permanente de cultura, entregue em mãos ao secretário de cultura recém-empossado, no dia 18 de dezembro de 2013, in:

Foto. Frente da frente do Espaço Clariô de Teatro,
11/11/2013 (Diego Elias)

Foto. Frente da frente do Espaço Clariô de Teatro,
11/11/2013 (Diego Elias)

Foto. Naloana Lima, integrante do grupo Clariô apresentando o encerramento da
Mostra Teatro do Gueto 2013, Nov/2013 (Diego Elias)

---

http://espacoclario.blogspot.com.br/2014/01/2013-forum-permanente-de-cultura-de.html.
Acesso em 10/02/2014.

Foto: Apresentação da Banda “Preto Véio” com participação
especial de Fernandinho Beat Box e Drica Rizzo no Espaço Clariô de Teatro (Nov/2013)

3.3 – Rede de apoio: CANDEARTE

Formado no final de 2004, o grupo destina-se ao resgate da cultura popular através de pesquisas e das práticas folclóricas, é referência na região por trabalhar com arte e manifestações populares nos arredores de Campo Limpo (SP) e Taboão da Serra, seja em apresentações em espaços de coletivos culturais, nas ruas ou mesmo nos famosos saraus, em especial o Sarau do Binho, onde desenvolve uma função surpreendente efetivando a ciranda em suas exibições.

Seu criador, Geraldo Magela, oriundo de Barra Longa (Minas Gerais), veio para São Paulo e se instalou na periferia de Taboão da Serra, divisa com São Paulo, passou a ser conhecido por seus trabalhos de artesanato e suas brincadeiras com o Bumba Meu Boi na rua, em lembrança à Folia de Reis de sua terra natal, onde seu pai era o responsável por tal festividade. Ele relata o começo do Candearte:

> As pessoas me perguntam por que Candearte? Primeiro porque aos seis anos de idade eu era candeeiro de boi na roça, para ajudar meu pai, para arar a terra você precisava de uma criança, porque o boi para andar precisava de alguém para conduzi-lo, para andar no caminho certo, ele não tem volante... aí quando eu cheguei a São Paulo, bateu a saudade, pensei, caramba, eu continuo sendo o candeeiro de boi, só que cheio de arte, para que a nossa cultura não morra... (Em relato em seu blog[206]).

[206] http://grupocandearte.blogspot.com.br/. Acesso em 15/02/2014.

Com sede na Rua Lauro da Silva, 46 – Pq. Marabá (Taboão da Serra), intitulada de Casa de Cultura Candearte e recentemente com a conquista de um novo espaço, a Associação dos Moradores do Pq. Marabá, na Rua Marcelino Correia, s/n, o grupo com aproximadamente 15 integrantes promove formações artísticas através de aulas de percussão, violão, trabalhos com crianças e principalmente a Cocada, a dança do Coco, realizada no 2º sábado de cada mês, ou o cortejo do Bumba Meu Boi, destacando-se como polo cultural da região.

O grupo participa fortemente das atividades desenvolvidas pelo Sarau do Binho, além de diversos dos seus integrantes compartilharem da formação de ambos os grupos e o fato do Candearte exercer a função (subjetivamente) de levar e divulgar a cultura popular nos saraus e exibições conjuntas.

Segundo entrevista Geraldo Magela, expõe:

> O Candearte começou a aparecer demais no sarau do Binho. Quando o Candearte começou a fazer o sarau do Binho... ia sempre que tinha apresentação fora. Aliás, todas as festas que o Clariô fazia quem era intimado a tocar era o Candearte, então nós começamos a fazer boi em Taboão da Serra e todo mundo que queria alegrar suas festas convidava o Candearte, que era um grupo colorido e tal. O Candearte tocou tanto no Clariô que quando era antes de fazer a hospital da gente, que era aquele barraco de madeira, o candearte fazia as rodas ali. Fui eu que levei os primeiros cacuriás, cirandas e cocos para o Clariô, e daí Binho viu, gostou começou a dançar ciranda e nós começamos a ir para o sarau do Binho, que conheceu o Candearte no clariô. Toda aquela meninada que fazia o sarau do Binho começou a subir para o Marabá... Eu fazia muito isso, quem vinha para o Candearte eu já dava a roupa e a pessoa já vinha tocar com a gente... É isso, a gente começou a tocar, aí começou a vir essa galerinha jovem do sarau do Binho para cá, e aí veio todo mundo, todo mundo subia o morro para cá para os ensaios. A gente fazia os ensaios na rua, o cortejo do Candearte sempre lotou. (Entrevista 31/08/2015).

Foto: Divulgação do grupo

Foto: Apresentação do Grupo Candearte com o Sarau do Binho no SESC Ipiranga. 2013

Foto: Ciranda na apresentação do Geraldo Magela em São Francisco Xavier (SP). Abril 2014. (Diego Elias)

Foto: Apresentação do Geraldo Magela
em São Francisco Xavier (SP). Abril 2014. (Diego Elias)

3.4 – Rede de apoio: CITA

Fundado em 1996 por artistas da região do Campo Limpo, a Trupe Artemanha de Investigação Teatral, vem desde então se consolidando como referência na região no trabalho de formação teatral voltada para a representação das questões de exclusão, sofrimento e alegria, sentimentos vivenciados cotidianamente pela população pobre e periférica.

Ao longo dos anos de trabalho, a trupe fortaleceu o movimento de resistência cultural reunindo pessoas, fazendo espetáculo, promovendo formação e discutindo a ocupação do até então abandonado galpão, na pracinha do Campo Limpo, prédio já ocupado pela subprefeitura do Campo Limpo, na Praça João Tadeu Priolli, no entroncamento de três grandes vias de acentuado fluxo, a Av. Carlos Lacerda, a Estrada do Campo Limpo e a Av Kizaemon Takeuti (Taboão da Serra)

O grupo organiza desde 2006 o "Festical[207]" (Festival Nacional de Teatro do Campo Limpo), com a participação de dezenas de grupos da cidade e do estado de São Paulo, assim como de outras partes do Brasil. Com um público ultrapassando a faixa de 10 mil pessoas, o evento destaca-se na cidade por levar tamanha repercussão e qualidade teatral ao distrito de Campo Limpo, atendido precariamente pelos aparatos públicos de lazer, educação e cultura.

[207] Ver informações no sítio da Prefeitura de São Paulo, in http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/upload/12_festcal_campo_limpo_1259244877.pdf. Acesso em 17/03/2014.

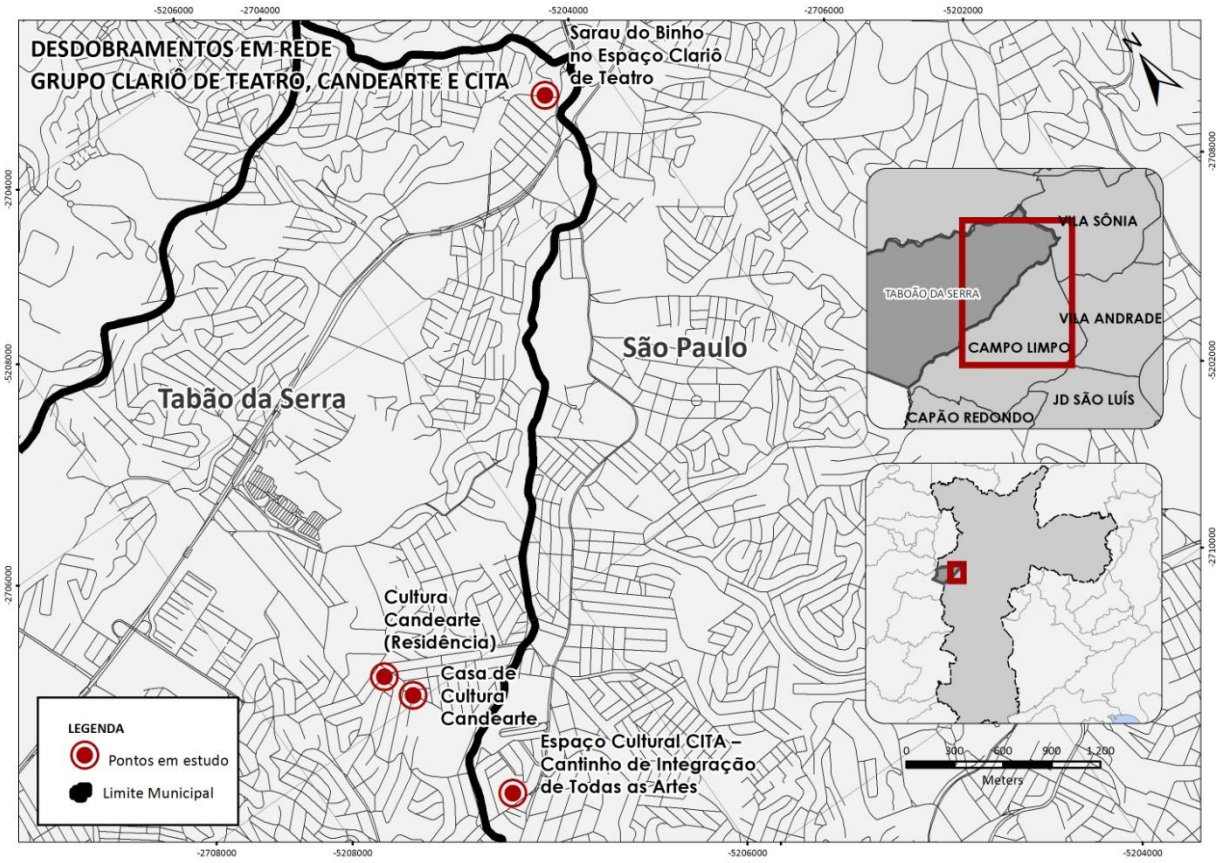
Foto: Trupe Artemanha (Artemanha)

No espaço cultural CITA é desenvolvida uma série de atividades, desde aula de teatro para diversas idades até apresentações musicais. Também ocorre o compartilhamento do espaço por outros coletivos, como a cooperativa de costureiras, aberturas para ensaios livres e mensalmente a realização de sarau ao ar livre na Praça do Campo Limpo, em parceria com o Sarau do Binho, que inclusive foi contemplado para a realização desse sarau ao longo de 2014 pelo "Programa de Ação Cultural" (PROAC)[208].

Foto. Sarau do Binho especial "Povo Guarani Kaiwa" no CITA
Novembro/2013

[208] Maiores explicações do programa na página 50.

Foto: Sarau do Binho em parceria com o CITA
na Praça do Campo Limpo, Fevereiro/2014. (Diego Elias)



Organização: Diego Elias/Dora Nascimento. Elaboração: Olga Paz

Capítulo 04. Territorialidades alteradas pela palavra, vivências e experiências vivas do sarau.

Esta parte do trabalho surgiu da necessidade em exemplificar as ações do coletivo Sarau do Binho, por meio das opiniões de algumas pessoas que fazem parte do coletivo e estão envolvidos cotidianamente nas ações realizadas do mesmo.

Escolhemos para fazer parte destes apontamentos o Luan Luando, Tula Pilar, Pedro Lucas e por último o Marquinhos.

A indicação desses nomes foi através de conversas feitas com o próprio Binho, da percepção de desenvolvimento das atividades, da nossa aproximação durante o desenvolvimento da pesquisa, assim como do entendimento que ao expor parte de suas trajetórias, exemplificaríamos o universo do Sarau do Binho, suas temporalidades e o seu impacto no cotidiano de seus participantes, já que os mesmos contribuem com outros grupos dentro da cultura periférica.

Optamos por colocar trechos extensos dos relatos por acreditar que ao longo do trabalho expomos as ações do coletivo e nesta parte, a partir da “voz” dos pesquisados, apontando possíveis interpretações dos “fios” que tecem as relações cotidianas de tal movimento, possamos identificar as potencialidades do Sarau do Binho.

4.1 *Luan Luando... o Best-seller da periferia.*

Vamos reconstruir palmares
Vamos reconstruir palmares
[...]
Vamos arrombar, porteiras e portões
Tacar fogo nos casarões
Guiado pela lua caminhos vamos seguir
Engenho,latifúndio vamos invadir
Saquear os saqueadores
Colocar no tronco os senhores
Rasgar diploma de doutores
A Senzala recebe nossa visita
Vamos crucificar os jesuítas
No mar ergue nosso levante
Limpar com a cara dos bandeirantes
Recuperar,ocupar,resistir,construir
Ergue nossa bandeira
Bandeira cor vemelha
Recuperar as origens da verdadeira nação brasileira
(Luan Luando)

Luan de Jesus, mais conhecido como Luan Luando, negro, 28 anos, dos quais 27 como morador do Jardim São Judas, bairro periférico no Município de Taboão da Serra, se aproximou da cultura, segundo ele, ganhando R$ 10,00, por final de semana para ser gandula, nas várzeas dos "campinhos" próximos de sua casa, cresceu nas ruas e vielas dos limites de Taboão da Serra, amadureceu com os movimentos sociais, culturais e "evoluiu" com o Sarau do Binho.

Em sua lista de publicações, além de uma infinidade de poemas soltos e participações por diversos saraus de São Paulo, Luan é autor de "Manda Busca", já concretizado e do "Rélo" e o "Tá na Mão", em vias de publicação.

Participa do Sarau do Binho desde 2007, atuou nos projetos "Bicicloteca", "Pra-Ti-Ler", distrituição de livros no terminal Campo Limpo, nos Saraus em escolas, foi na "Expedición Donde Miras", para Buenos Aires e é presença garantida em todas as intervenções do coletivo.

Demonstrando o papel, assim como outros, de ponto de apoio das atividades do coletivo, o Luan é uma pessoa ativa no coletivo, independente da atividade, do horário e do dia, já vimos suas ações pelo Sarau do Binho em muitos locais, assim como "auxiliando" o Binho a limpar livros em sua garagem,

em distribuições, em palestras, ou seja, uma pessoa que vive intensamente as ações do coletivo.

Sobre a sua trajetória com os movimentos culturais, sociais em Taboão da Serra e com o Sarau do Binho:

> O Amauri Alvarez é um teatrólogo. Ele participou de um festival de teatro com Daniel Dias e eles ganharam. O premio foi uma oficina de Teatro. O Daniel Dias resolveu abrir mão da oficina para o Amauri, contando que ele trabalhasse na formação de novos atores. Foi assim que ele formou o Sérgio Carosi, o Luciano Santiago, o Ney Rodrigues. Essa galera virou a UTT, a União Teatral de Taboão. Eu sou da geração que foi formada por essa geração, que foi a primeira geração formada pela UTT. O Sérgio Carosi foi um grande divisor de águas na minha formação. Eu sempre tive uma atuação política, já fiz uma escola de filosofia no Taboão e também fazia ações políticas na região enquanto ativista cultural. O Carosi, lá para 2000, me apresentou os movimentos sociais, o Fórum Social Mundial, um Acampamento Sem Teto no Taboão. Foi por causa dele eu conheci e comecei a ler escritores como o Eduardo Galeano. Nesse Acampamento Sem Teto nós fizemos as *Brigadas de Guerrilha Cultural* - a gente trouxe os movimentos culturais para dentro do acampamento e criamos um setor de cultura dentro do acampamento. Nesse meio eu conheci o Binho, recomendado pelo Professor Henrique que já frequentava o bar e dava aula onde fiz meu Ensino Médio no Jardim Panorama (Entrevista realizada em 22/07/2015).

Luan, já na sua adolescência, torna-se um verdadeiro ativista, fica conhecido no meio das lutas sociais e por onde passa, como aquele que contribui para os movimentos “periféricos”, mas é no Sarau do Binho que empreende sua luta, em partes, na esfera cultural, neste sentido destaca a relevância fundamental do Sarau do Binho:

> Quando falo sobre o Sarau do Binho, eu falo nostalgicamente porque é um movimento que me formou, que me ensinou a viver... O Sarau do Binho é uma célula social encorporadora. Ele incorpora o Candearte, os ativistas negros, indígenas, enfim, vários movimentos. Esta desenhando uma proposta de vida, mesmo. Uma proposta de evolução do ser humano. Eu me vejo antes e depois do Sarau do Binho e eu melhorei muito. Eu acho que eu sou uma demonstração de resultado do Sarau do Binho, eu faço parte disso, sou uma pessoa que se formou pelo Sarau e contribui muito para esse movimento através do Sarau. Quem fez o Luan Luando foi o Sarau do Binho. Por isso eu tenho um respeito muito grande pelo Sarau, pela galera e pela poesia. Eu quero sempre estar junto e fortalecendo a família. (Entrevista realizada em 22/07/2015).

Participar do Sarau do Binho, não é somente recitar poesia, segundo o poeta, é agregar outras lutas por meio da palavra, das junções possíveis dentro do sarau.

Em relação as aprendizagens possíveis, o poeta destaca:

> A história do Sarau é tão longa que é difícil sintetizar o que a gente aprendeu com ele. Além dos projetos, as relações, as pessoas. As pessoas que passaram, as pessoas que ficaram. Hoje a gente olha e vê um panorama com cada um que esteve lá. O Binho foi e é uma escola para muita gente. Mas o Binho é um cara que esta aprendendo com você, ao mesmo tempo que te ensina. O Binho é mestre mesmo, é diferente de um intelectual. É diferente dos títulos, é um mestre que ensina a gente a evoluir e evolui com a gente. Esse é meu sentimento com o Binho, não só como poeta, além da admiração artística, eu admiro ele como pessoa mesmo. O Binho nasceu para ser um poeta. Ele tem a alma, o jeito, a loucura de um poeta. é um cara que faz as loucuras mais belas só para encantar as pessoas, como cortar o cabelo pela metade, como no aniversário dele ... na periferia de São Paulo é um cara que inventa as coisas e inventa encantando. Se ele fosse um Orixá eu diria que ele é o Orixá do Encantamento. (Entrevista realizada em 22/07/2015).

Em todos os momentos de nossas conversas e do posicionamento do poeta em outros lugares, identificamos uma característica geral da exaltação da coletividade, não só posta na formação ou realizações do coletivo, mas principalmente fortalecida pela figura do Binho:

> O Binho é o grande praticador desse conhecimento cultural periférico. Quando ele veio com a história de distribuir livros no terminal é porque ele é um cara que esta empreendendo num povo formado, um povo mais organizado. Esta fazendo a revolução com pequenas ações, mostrando que todo mundo pode contribuir para a nossa revolução encantando, emprestando livros, vendo as pessoas terem mais acesso e interesse, isso tudo nos ajuda a construir o Sarau do Binho. (Luan Luando. Entrevista realizada em 22/07/2015).

A noção do Sarau do Binho enquanto escola é recorrente em todas as opiniões dos participantes, assim como de ser da “família”, pois como o coletivo tem um destaque, tanto na região quanto na cidade, é tido como espaço de “portas abertas”, agrega um número grande de pessoas, independente da época e dos projetos a serem realizados.

Outro ponto importante citado por Luan, é o aprendizado das crianças e as “linhas” de atuação do coletivo:

> Essas crianças que se formam através do Sarau do Binho são um investimento. A ação do Sarau vai desde o ventre até a idade idosa. E todos se respeitam, aprendem uns com os outros. O Sarau do Binho é isso. É o caminho do bem, do sábio e do malandro também. Do nosso bem e não o bem do poder que já está dado. O Binho constrói a cultura do bem e revindica justiça. Assim é o poeta do Sarau do Binho porque a justiça é uma parceira irrefutável do Sarau. O Binho está do lado dos sem terra, os indígenas, os Argentinos, os Peruanos, Mexicanos. O Binho conhece a América Latina inteira. (Entrevista realizada em 22/07/2015).

O Sarau do Binho, segundo o poeta, "encampa" todas as reivindicações que os seus integrantes participam, por isso, constantemente avisos de manifestações, greve, congresso, reuniões ou qualquer outras formas de organizações são tidas como do coletivo no geral, mas são levadas adiante em específicos por alguns, de acordo com as afinidades.

A ideia do Binho estar ao lado *"dos sem terra, dos indígenas, dos Argentinos, dos Peruanos, Mexicanos",* dá-se pelas constantes manifestações e reivindicações postas nos saraus, fazendo com que por meio dos poetas, movimentos históricos latinoamericanos sejam colocados para que todos estudem e possam saber sobre aquele conteúdo.

Participar, ser, ou procurar saber sobre algum movimento reivindicatório, faz com que haja uma contribuição no grupo para uma auto-avaliação das situações vivenciadas cotidianamente, principalmente no que diz respeito às recorrentes análises sobre "ser" da periferia, que a partir das relações com o Sarau do Binho, os seus integrantes estabelecessem.

Com poesias sobre a periferia e sobre as diferentes lutas travadas no cotidiano, Luan destaca:

> [a periferia] tem uma cultura ancestral. A gente é herdeiro de muita coisa, a periferia é a face da ancestralidade. A periferia, pelo menos essa região do Campo Limpo, Taboão, era tudo mato mesmo. Então é uma periferia que surgiu com um aspecto interiorano, eu mesmo cuidei de vaca em Taboão. Eu sofri um acidente em cima de um cavalo, ajudei o seu João a trocar ferradura. Até que virou o que é hoje. A periferia é isso, é os terreiros, a memória indígena, a memória africana, toda essa memória da gente humilde, simples, de fé, do povo mesmo. é uma face dessa questão cultural, especialmente na periferia de São Paulo que é um junção de culturas muito louca. Nós somos filhos dos nordestinos, descendentes do africanos, dos indígenas. Eu mesmo sou filho de nordestino e minha mãe dizia que filho de nordestino, nordestino é. Eu

> comia na cumbuca, pedia bença. Periferia é isso e o movimento cultural vem daí, dos quintais. Os quintais eram os lugares que tinham as plantas para nos curar, a varinha, a espada de São Jorge para educar a gente, o Samba, as festas, as reuniões. Eu falo muito porque na minha casa a conversa era comum. As pessoas se conversavam, serviam café, as crianças não podiam falar enquanto os mais velhos estavam falando. Se atravessasse levava uns tapas da mãe, mas tinha que estar ali para aprender a tradição. A cultura periférica vem dessas tradições ancestrais de vários povos. Quando a gente fala em Aruanda é isso. A periferia é Aruanda ao contrário, tem tudo isso, todo esse povo mas sofre mazelas do Estado, do sistema. A vida mais humanizada se manifesta nas classes mais pobres, a beleza da arte esta com esse povo. Quem refina esta estragando tudo. Refina porque quer que vire produto. (Entrevista realizada em 22/07/2015).

Em uma avaliação sobre o presente e o futuro do coletivo, Luan argumenta:

> Hoje eu posso falar que nós [Sarau do Binho] estamos num processo espiritual que esta interligando todos esses conjuntos, do movimento popular ao de movimento cultural, esse encantamento literário que a gente gosta. A gente gosta de escrever, de literatura. Então hoje nós estamos fechando com um elo espiritual, cuidando da saúde, repensando na comunidade, pensando em formar uma comunidade autogerida, biologicamente correta. Pensando em melhorar nosso potencial, nossa saúde, nossas relações. O Sarau do Binho tende a ficar amplo. Hoje a gente esta buscando a criação de um circuito dentro da comunidade, ligados ao espiritual e a terra. Além da pedagogia a gente esta chegando num modelo de vida. (Entrevista realizada em 22/07/2015).

Constantemente dentro dos saraus e através dos “estudos” informais empreendidos por cada integrante, é comum, na atualidade, citarem formas de organização para além da periferia, para além desta sociedade, fazendo com que todos busquem cada um do seu jeito, alternativas ao modelo vigente da sociedade e possam “investir” em projetos que vislumbrem caminhos nesse sentido.

Na atualidade Luan Luando auxilia atividades do Sarau Candeeiro, no Sacolão das Artes e no Sarau A Voz do Povo, no Bar do Mutcho, integra o Grupo Candearte, além de outras atividades que é solicitado.

4.2 Marquinhos... “*o performático*”

A máscara

Eu sei que há muito pranto na existência,
Dores que ferem corações de pedra,
E onde a vida borbulha e o sangue medra,
Aí existe a mágoa em sua essência.
No delírio, porém, da febre ardente
Da ventura fugaz e transitória
O peito rompe a capa tormentória
Para sorrindo palpitar contente.
Assim a turba inconsciente passa,
Muitos que esgotam do prazer a taça
Sentem no peito a dor indefinida.
E entre a mágoa que masc'ra eterna apouca
A humanidade ri-se e ri-se louca
No carnaval intérmino da vida.
(Augusto dos Anjos)

Marco Antônio Figueiredo de Miranda, Marco Miranda, ou simplesmente Marquinhos, negro, 26 anos, artista independente desde cedo, andarilho pelas ruas de Taboão da Serra e criativo das formas inimagináveis, como por exemplo, interpretações “desvairadas” no Supermercado Extra do Taboão, as 3h da manhã, ao ficar indeciso em comprar algum produto, recitando Drummond, Augusto dos Anjos, dentre outros, encantando os clientes com a sua simplicidade, indumentária e seus trejeitos.

Frequentava shows no parque Ibirapuera já aos 11 anos, e desde os seis gosta de Elis Regina, aos 17 morava sozinho e aos 19 conhece o Sarau do Binho, que a partir do seu depoimento é uma “escola de artistas”.

Sobre a sua chegada no sarau e a mudança em seus textos:

> Aí eu fui, acho que em 2008, pela primeira vez no Sarau do Binho. O pezão saiu do Cepin e veio o Carlos Silva. Aí mudou para o Liceu de Arte e começou a acabar. Em 2010 eu comecei a ir com frequência no Sarau do Binho. Em 2009 eu já ia. Em 2008 teve um fato no Sarau do Binho, eu sempre fui muito tímido, mas na época eu era muito tímido e inseguro. A insegurança eu já deixei mais de lado. Aí eu fiz uma poesia que eu já tinha feito algumas vezes e ouvi os comentários "Essa poesia de novo!", para mim isso foi muito desagradável, aí eu passei um ano sem ir no Sarau do Binho. Eu contei isso pro Binho e ele ficou bravo comigo. Aí eu voltei em 2010 , eu fisiologicamente estou mudando sempre, nessa metamorfose louca, fui mudando e meus textos foram mudando para textos mais críticos, mais concisos, relacionando mais com a periferia, com textos periféricos. E quando eu falo em textos periféricos eu falo em Mahmoud Darwish da Palestina, do cara de Cochabamba, no Peru, na Argentina. Nas quebradas do mundo todo. Eu acho que todo lugar do mundo tem ruas escuras e tem periferia, então eu comecei a aproveitar o Sarau do Binho

> mesmo em 2010 com essa força, e a conhecer essas literaturas e essas periferias, e a me reconhecer nessas literaturas. Aí meus textos começaram a mudar. (Entrevista em 18/08/2015.)

Este depoimento elucida uma visão costumeira para quem frequenta o sarau, a forte influência de conteúdo sociais e o engajamento da arte, fazendo com que aqueles que se apresentem também sejam valorizados por sua contribuição, perfomance, assim como em demonstrar sempre facetas diferentes da leitura cotidiana.

Por não ter emprego fixo, estar passando por dificuldades e estar sempre no sarau a partir de 2010, Marquinhos é convidado para participar de atividades externas ao sarau no BBinho, sobre esta fase, expõe:

> Em 2010 já começa a rolar alguns projetos e o Binho começa a me chamar e eu comecei a ir. Eu já frequentava mais assiduamente e essas coisas me davam cada vez mais animo porque para mim, estar na biblioteca, nas escolas, era uma coisa mais realista. Aí entra 2011, quando eu estava quase no fundo do poço, nas drogas, sem casa, morando na rua, eu arrumei trabalho, aluguei uma casa e comecei a minha carreira de novo. (Entrevista em 18/08/2015.)

Constantemente o casal Binho e Suzi, são reconhecidos por auxiliarem pessoas nas mais diferentes situações e de diferentes jeitos, desde pessoas que tem problemas com drogas, que precisam de auxílio para pagar aluguel, que necessitam de uma estadia provisória, ou mesmo, que necessitam de alguma atividade remunerada para poder sobreviver, recorrem aos anfitriões do sarau e prontamente são acolhidos.

Como Marquinhos acompanha o coletivo desde 2011, o mesmo faz constantemente em nossas conversas, uma análise sobre as potencialidades do Sarau, principalmente no que diz respeito as diferenciações dos projetos após o fechamento do BBinho:

> Mas muita coisa reverberou desses anos de luta, do fechamento do Bar. Quando [o bar] fechou pensamos "é o fim", mas não foi. E só vieram frutos bons. Quando o bar fechou é que começaram a rolar projetos, verba, e além disso, a gente começou a fazer o que a gente queria fazer. [...] Aí começa todos esses projetos, nós fomos para a feira do livro em São Francisco Xavier, distrito de São José do Rio Preto, um dos céus mais lindos que eu já vi na minha vida, do outro lado da montanha de Pindamonhangaba, região do Vale, muito lindo e inspirador; é uma cidade onde tem árvores nas pedras. (Entrevista em 18/08/2015.)

A particularidade do Marquinhos no coletivo é a pretensão real em se trabalhar com a performance artística, como sobrevivência, mas ao mesmo tempo a racionalização neste processo, feito por ele e por alguns que acompanham o coletivo constantemente em sua atividades, encarando as manifestações do Sarau do Binho, como projeção do seu nome e da visibilidade da sua arte, ao mesmo tempo não deixando de lado o caráter coletivo.

Neste ponto, sobre as potencialidades em ser do Sarau do Binho, argumenta:

> Dalí a alguns dias a gente já estava desembarcando em Buenos Aires. Quando é que eu ia imaginar isso na vida? Entrei no Avião, de um lado a Camila Brasil, do outro lado a Fernanda Coimbra, eu e o "Belchior" cantando, com medo do avião, minha mão suando e ela segurando. Porque Belchior segue a trajetória do Binho, é uma coisa forte. Em Buenos Aires fomos na feira do livro, oi notícia no El Clarín, no El País, isso deu projeção para o Sarau e para todos nós. Todos nós mesmo, porque é um coletivo que pulsa e vive em qualquer lugar. Eram para ir cinco pessoas, eu estava nessa lista de cinco pessoas; eu, a Suzy e o Binho e ela queria ajuda para escolher mais duas, eu falei "Mano, como?". A gente pensou, articulamos com outros saraus, agradeço a solidariedade dos outros saraus que repartiram algumas vagas conosco e a gente conseguiu mais dez vagas, totalizando quinze vagas pela Secretaria de Cultura. Não contente, e como somos provocadores, articulamos mais dezenove pessoas... com a nossa persistencia e nossa provocação, acabamos levando 34 pessoas... (Marquinhos. Entrevista em 18/08/2015.)

Em relação aos frutos, tanto da viajem, quanto da articulação com os coletivos que mantém contato direto com o Sarau do Binho, expõe:

> Aí a gente voltou para o Brasil e isso reverberou aqui também. O teatro ainda rolando na minha vida, o espetáculo que a gente resolveu montar - que começou em 2013, é o espetáculo *"Nasce um Sarau, Clariô no verso"*, dramaturgia de Marco Pezão, colaboração no texto e no elenco de criação. Esse espetáculo partiu muito do nosso envolvimento com o Sarau aqui na Zona Sul, na periferia. Muito dessa história nossa, do Binho, do Sérgio Vaz, da Cooperifa. (Marquinhos. Entrevista em 18/08/2015.)

Visando as experiências dentro do coletivo, Marquinhos no ano de 2014, prestou o ENEM[209] no intuito de ter a profissionalização de sua carreira, assim

[209] Exame Nacional do Ensino Médio

como forma alternativa de atuação no futuro, optando através do SISU[210], cursar Letras, Artes e Mediação Cultural (LAMC), na Universidade Federal da Integração Latino-Americana, na cidade de Foz do Iguaçu (PR) no ano de 2015.

Sobre a sua experiência ao escolher este curso e ao chegar na Universidade, aponta:

> Eu nem conhecia a faculdade e cheguei lá sem perspectiva nenhuma, sem me reconhecer enquanto latinoamericano e o sarau do Binho para mim foi essa escola, me mostrou frases, pensamentos e epígrafes de Galeano, Vargas Losa. Me deu uma base, de forma muito simples, pelo Miró, Marcelino Freire, Luan Luando, e o Binho com certeza. Me mostrou muita coisa, sobre mim mesmo e sobre aquilo que eu faço, quando ele [Binho] pede para eu fazer uma música, um canto xamânico, uma cena de teatro, uma poesia, eu brincar e fazer por amor, é o que me dá forças todos os dias para estar na faculdade e pensar que vou me formar dentro desse sistema que ainda é um sistema controlado pelo centro, mas que com a fé em Jesus, como diria Marcelino Freire, grande mestre, um dia nossas universidades (e acho que não estamos longe disso) vão ser livres, livres mesmo, porque todo ser humano tem direito ao estudo. Você vai lá estudar porque você quer. O que eu amo da minha faculdade é que lá tem cinema, tem saúde coletiva, medicina, arquitetura, antropologia, história da América Latina, os melhores professores do mundo, e eu posso escolher a disciplina que eu quiser que ela entra no meu currículo. (Entrevista em 18/08/2015).

Em relação ao cotidiano vivenciado:

> É um curso de Letras, Artes e Mediação Cultural, vulgo LAMC, com ênfase na integração latinoamericana, é um curso bilíngue em português e espanhol, com alunos de todos os lugares da América Latina, inclusive alguns alunos do Haiti. A começar pela professora que dá aula lá, minha grande mestre, a Laide Diniz. Ela foi professora do meu padrinho do sarau, Marco Pezão, e da irmã do Binho, articuladora cultural e idealizadora da FELIZS, Feira Literária da Zona Sul, que é a Diane Padial. Essa professora, que eu já conheci no primeiro dia, fazia mais de 30 anos que ela não via o Pezão, ela foi exilada na ditardura. (Entrevista em 18/08/2015).

Desde 2011 até 2014, Marquinhos participou ativamente do coletivo, tanto em atividades de realização de sarau, quanto nas atividades do cotidiano

[210] O Sistema de Seleção Unificada (Sisu) é o sistema informatizado gerenciado pelo Ministério da Educação (MEC) no qual *instituições públicas de ensino superio, espalhadas pelo Brasil, oferecem vagas* para candidatos participantes do Exame Nacional de Ensino Médio (Enem). In: http://sisu.mec.gov.br/. Acesso em 27/08/2015.

e o mesmo considera este período como “escola” , fornecendo ferramentas que o auxiliou a “encarar” novos desafios no ensino universitário, devido aos conteúdos expostos dentro das apresentações de seus colegas do sarau, sobre a diversidade de conteúdo do Sarau:

> Enfim, isso eu acho que é uma coisa que o Binho tem, a tia Suzy tem e a família Padial tem e que é transmitida pelo Sarau do Binho e quer queira onde esteja um de nós, nunca esta sozinho. Eu estou lá em Fóz mas nunca estou sozinho. A gente sempre encontra os nossos e sempre se sente confortável em qualquer lugar do mundo porque a gente sabe que tem os nossos pensando em nós. O Sarau do Binho antes de mais nada é indígena, ele já é Ianderu, Quechua, Aimar. Isso é uma coisa que o Binho trás, e agora vem a saúde? que a ente começa com o processo com Ayahuasca, e que aí se abrem outros caminhos, outras formas, outras disciplinas, uma maturidade maior em relação a vida, a poesia, a arte e a cultura. (Marquinhos. Entrevista em 18/08/2015).

Ao longo de sua experiência, Marquinhos, expõe seu aprendizado, tanto no sarau, quanto na coletividade expressa nas relações cotidianas dos integrantes, assim como da “atenção” oferecida por seus anfitriões, isso somado ao amadurecimento profissional e da divulgação de seus trabalhos, demonstram caminhos comuns de todos aqueles que tem a oportunidade em acompanhar o coletivo e de enveredar para o mundo artístico.

4.3 Tula Pilar... *“eu sou uma Carolina, Carolina Maria de Jesus”*

Caminho pela cidade
Caminho pelo mundo
Buscando meus desejos...
Estive aqui
Estive lá
Estou junto de mim!
Volto na infância
Onde os pés libertaram-me
Pelos campos de terra vermelha das Minas Gerais
Corri para brincar de pique esconde
Pular corda, amarelinha
...
Pés com eternas marcas de infância
Dorme para descansar...
Acordam cedo para trabalhar
Caminham para o Centro da Cidade
Os pés me lavam para onde quero ir...
Para onde posso sonhar!
(Tula Pilar)

Tula Ferreira Pilar, mineira, negra, mãe de três filhos, Samanta (28), Pedro Lucas (19) e Dandara (10), veio para a cidade de São Paulo em 1989, através de agência de empregos, para buscar alternativas da pobreza e ajudar sua família em Belo Horizonte, já foi empregada doméstica, babá, catadora, moradora de rua, já brigou com os patrões por direitos trabalhistas e teve que terminar seus estudos na educação de jovens e adultos, com sua última filha ainda no colo.

Dentre esses percalços da vida, mora em Taboão da Serra há 16 anos, tem livro e uma série de poemas publicados, em parceria com artistas periféricos, escritos espalhados pelo Japão e EUA, já viajou para a África do Sul, foi entrevistada no programa "Provocações" da TV Cultura e até pousou para foto ao lado do ex-presidente Lula.

Dançarina, cantora, poetiza, diretora teatral, pensadora e vendedora da Revista Ocas[211], Tula Pilar é uma mulher de destaque que criou seus filhos no movimento de saraus, assim como frequentando espaços artísticos periféricos, é um dos nomes presentes nas ações do coletivo Sarau do Binho.

Sobre como conheceu o coletivo e como ganhou "fama" no movimento de saraus, Pilar, explicita:

> Tem uns onze anos. Eu fui no Garajão e na sequência já conheci o Binho... nisso eu já estava meio famosa por causa da poesia da Cachaça e a poesia erótica que eu escrevi, eu já cheguei com essa fama de ousada e com o menino no colo. Essa fama da poesia erótica, mais sensual, mais abusada me deixou muito marcada... eu lembro que eu fiquei muito tímida da primeira vez que eu fui no Binho, e eu tinha um pouco de medo da Suzi porque eu achava que ela estava sempre brava, sempre encarando. Mas aí eu fui me familiarizando, depois a gente começou a ir na casa do Pezão ou ele vinha aqui e dava aula de interpretação de poesia pra gente. Começamos a

[211] "A revista Ocas", publicação bimestral da OCAS – Organização Civil de Ação Social, instituição da sociedade civil sem fins lucrativos, é parte de um projeto social voltado a pessoas adultas sem emprego. Desde 2012, a revista circula pelas ruas de São Paulo e Rio de Janeiro como um instrumento de geração de renda aos vendedores da revista, que a compram por 2 real e a vendem pelo preço de capa, 5 reais. A diferença, 3 reais, fica com o vendedor, sem intermediários." In: http://www.ocas.org.br Acesso em 11/09/2015.

> estudar Solano Trindade… Depois eu me aproximei da Otília e fui me soltando mais. Depois a gente começou a frequentar o Samba da Vela também, e a gente já estava com uma certa fama. O Pedro [na época com 9 anos] já subia na cadeira no Samba da Vela e dava um show e toda vez que a gente ia era assim. E a gente começou a ir em tudo, mesmo os lugares muito longe, em tudo quanto era sarau. As vezes a gente ia de perua. Então a gente é fundador também. E eu sempre com o pedro no colo e a Samanta junto e agente ia para tudo quanto era canto. Depois veio a Dandara, teve até um *Chárau*[212] para a Dandara, e ela ganhou tudo. Só não ganhou o berço. (Entrevista realizada em 22/08/2015).

‘ Elogiada por sua trajetória e por levar sempre sua família nos saraus, Pilar, “crava” seu espaço no coletivo com as participações nas viagens da “Expedición Donde Miras”. Neste sentido, Pilar, ressalta:

> O sarau do Binho contribuiu muito no sentido das viagens, da remuneração, depois veio da Donde miras, em que eu participei da primeira, quase junto da viagem para a África do Sul, foi uma doidera. O Donde Miras foi bem louco, eu fiz todo o trecho de São Paulo até Curitiba, fiquei 30 dias, participei dos programas de rádio, criei uma poesia linda... porque eu me identifiquei muito com aquela roça, e aquele povo de praça. Me destaquei bastante pelas poesias, as pessoas ficam muito embasbacadas com a minha resistência, com minha vontade de fazer as coisas: até cozinhar, limpar, junto com quem estava encarregado, etc. Teve um dia que a gente chegou em André Lopes, andamos 26 quilômetros, tomamos banho de balde, sem estrutura nenhuma, então eu vi que tinha um forró do lado e fui, fiquei tomando cachaça no bar porque parecia Minas, acho que o povo aí começou ‘ a me amar. (Entrevista realizada em 22/08/2015).

Ser do Sarau do Binho, é um processo que tem que ser conquistado, demonstrando envolvimento com o coletivo, com suas ações e com sua participação, todavia não existe “filiação”, ou outra forma de rótulo, é por meio do estreitamento das relações cotidianas, geralmente em alguns momentos, como em viagens, eventos, dentre outros, que se “ganha” a popularidade de ser do Sarau do Binho, de maneira involuntária.

Em conversa, Pilar destaque que ao ser do coletivo, ao mesmo tempo auxiliá-lo, representa tanto o crescimento individual, quanto o profissional, neste sentido:

> Eu sou só poetisa no sarau do Binho, mas de lá carrego o nome e a história, porque é uma história bonita, de projeção,

[212] Chá de bebê em formato de sarau.

> esse grupo tem uma valorização humana, artística, um respeito ao outro, e eu gosto de respeitar a todos que estão ali, para eu ver também o desenvolvimento de cada um, porque tem gente que começa devagar e brilha no palco depois...eu sou muito do Sarau do Binho, é uma base para eu carregar meu nome enquanto poeta, porque as vezes eu vou só com a dança ou só com a música também, e nesse ponto me descoloco para outros lugares, então fico meio dividida. O sarau do Binho me dá projeção, e essa loucura da viagem nem todo mundo sabe, porque eu fiquei famosa, mas entre nós do sarau, e veio essa rotatividade de pessoas que veio de passagem, ou para ficar. Tem um link Taboao da Serra e Campo Limpo na minha vida que veio como uma grande mudança. (Entrevista realizada em 22/08/2015).

Projetar o seu nome e a possibilidade de viajar, inclusive para Argentina, onde a mesma tem uma irmã que não via a 16 anos, são caminhos conquistados dentro do coletivo. Sobre a viajem e o encontro com a irmã, ressalta:

> A mudança maior que aconteceu na minha ida com o Sarau do Binho foi a viagem para Buenos Aires, porque eu falei que ia encontrar a minha irmã, que mora em Buenos Aires, e ninguém acreditou, todo mundo pensou "lá vem a Pilar com as loucuras dela", e então quando eu cheguei viram que de fato eu tinha uma irmã lá, com um sobrinho, e vem a minha irmã toda empoderada, porque devem ter achado que ela era uma coitada. Eu não a via há 16 anos, e a Suzi na hora tirou foto. Quando a gente foi para a feira ela viu o quanto era diferente o que a gente fazia, e aconteceu outro link entre a gente. Ela disse que eu iria morrer no ferro, um dia quando veio em São Paulo e eu estava passando camisa numa lavanderia, exprimida, numa condição de trabalho horrorosa. Quando ela viu meus filhos não acreditou que aqueles fossem eles, sempre bonitos, limpinhos, sempre usando fralda descartável boa, e eu estava feliz porque eu trabalhava. Mas então ela disse que eu iria morrer naquele ferro e eu respondi que não, que aquilo era só um fase da vida, e tem que passar com honra. Eu não quero nada dos outros, quero correr atrás dos meus sonhos, mas sei que são muito grandiosos e que para chegar neles tem que passar por fases, e uma delas foi o ferro. (Entrevista realizada em 22/08/2015).

Ser uma das sete irmãs, ter passado dificuldades financeiras pelo caminho, são elementos marcantes de sua poesia, do seu discurso, assim como da luta em mostrar para os seus familiares que seu sonho era viver do seu talento e não mais de subemprengos, ou sendo humilhada como empregada doméstica.

Nas conversas Pilar aponta que começou somente a viver da arte e das vendas da Revista Ocas, nos últimos 4 anos, momento no qual destaca que o coletivo do Sarau do Binho tem grande influência, desde a projeção do seu nome, onde é chamada hoje em dia para atividades remuneradas em diversos locais da cidade de São Paulo, palestras[213], exibições de suas esquetes, até pela busca de aperfeiçoamento do seu trabalho.

Atualmente, além de ser poetiza, sua ambições vão para o lado teatral e musical resultando em belas perfomances representando a Carolina Maria de Jesus, na qual a poetiza, identifica-se por sua trajetória em barracos, como catadora e principalmente como escritora. Deste contexto elaborou um espetáculo teatral “Eu sou Carolina”, onde explica que:

> “Eu sou uma Carolina” foi um desafio do Marcelino Freire, quando ele fez a balada literária de 2014, em que os homenageados eram Plínio Marcos e Carolina de Jesus. Eu tinha apresentado com o Marciano, que fez uma homenagem a ela na biblioteca, e foi aí, eu já tava com a poesia, mas não com a performance. Então eu perguntei se eu poderia apresentar na Balada Literária, caso criasse uma apresentação sobre a Carolina, e ele falou “você está intimada”. Eu criei o show Eu sou uma Carolina, que é um show de 2 horas, abrimos com uma esquete, eu troco de roupa, volto para cantar. O Pedro fica na parte musical, e a Dandara faz uma parte comigo de poesia. O Balada Literária foi lá no Satyros, foi chique, tivemos bilheteria, um espaço, foi uma coisa muito linda. Isso foi em novembro de 2014, e aí eu me projetei e projetei o processo Eu sou uma Carolina. Ele tem duas horas de música, dança e poesia feitos por mim, que eu pretendo arrumar futuros parceiros para colocar isso no mercado e sobreviver dessa arte que eu faço. (Entrevista realizada em 22/08/2015).

Envolvendo a família seja no coletivo do Sarau do Binho, ou em outros planos, Pilar segue fortalecendo a luta de mulheres negras das periferias, através da poesia, do teatro e de outras ações.

[213] A poetiza recebeu uma medalha em 2014 na Câmara Municipal de São Paulo, em homenagem ao centenário da Carolina Maria de Jesus.

4.4. Pedro Lucas... "*eu conheço ele!*"

Periafricania

Antigamente quilombos, hoje periferia
O esquadrão zumbizando as origens, "z'africania"
Somos filhos de uma terra sagrada
Qualquer periferia, qualquer quebrada é um pedaço d'África
Ideologia quilombola.
Ferve da sul até o nordeste
Z'África, o clã Brasil nordestino espalhando a peste
O som é rap.
[...]
Quebrem as algemas.
Zumbi. É consciência. O terror da tirania.
O inimigo número 1. E segue a profecia.
[...]
A fusão, a toada de uma raça libertária.
Sou Haile Selassie é ou não é djamba sagrada.
Sou Mumia Abu Jamal, destruindo as celas.
Sou James Brown, Berimbrown, Nino Brown.
Sou da favela.
Sou Kingston. Chamo Capão. Sou marrusso.
Sou sucupira, balanço lundu. Sou jongo, sou 1 da Sul.
E nos antigos mistérios da quilombologia,
toda quebrada é quebrada na grande periafricania.
Somos todos Zumbi.
(Gaspar Z'África Brasil)

Pedro Lucas Ferreira Procópio de Lima, negro, 19 anos, um dos filhos de Tula Pilar, jogador de basquete, mergulhado na cultura do samba de coco, integrante do Candearte, nasceu em Taboão da Serra e é "cria" dos saraus.

Seu nome é constantemente citado por Binho, como um dos que cresceram no sarau e todos tiveram a oportunidade de vê-lo desenvolver-se através da poesia, já que sua mãe o levou a primeira vez no sarau quando o mesmo tinha 08 anos e desde então houve o entrosamento com a poesia.

Assim como os outros entrevistados, nos últimos anos é atuante em todas as atividades do coletivo Sarau do Binho, seja em viagens, nas escolas ou em palestras.

Pedro Lucas explica como conheceu a poesia e o Sarau do Binho:

> é aquela história: não dá pra falar de como se chegou no Sarau do Binho sem falar como se chegou no Sarau do Garajão. Mas foi numa época que eu tava na primeira série, no meu ano de alfabetização, nossa, muito animado pra aprender a ler, porque eu sempre via as pessoas lendo, desde de molequinho eu

> sempre via todo mundo lendo. Falava: “por que que eu não consigo?” Eu ficava triste de não conseguir ler. Daí chegou na primeira série, o primeiro ano da escola estadual – porque até então, eu vim da creche, saí do pré e fui pra primeira série. E daí foi o ano que eu comecei aquela [sic] parada do ‘ba, be, bi, bo, bu’, a soletrar. Foi numa época que minha mãe começou a ir no Garajão e lá rolava poesia. Eu via as pessoas lendo poesia e eu adorava. Daí meu primeiro livro de português vinha com muita poesia. A que me marcou foi a poesia do Drummond, tá ligado? Que é A cidadezinha Qualquer. E aí eu gostei tanto que eu falei: “meu eu quero ser isso, eu quero ser poeta também e eu vou ler essa poesia no sarau”. E a primeira coisa que eu li no sarau foi A Cidadezinha Qualquer. Que é esse poema do Carlos Drummond de Andrade. (Entrevista realizada em 22/08/2015).

Ao mesmo tempo como se encantou com o sarau:

> Daí com poucos meses de Garajão, uns oito meses assim, a gente já começou a frequentar o Sarau do Binho. A gente descobriu a Noite da Vela, que era do lado do colégio Kennedy, ali no Campo Limpo, antes de ser o bar. Eu era bem molequinho, lembro que era tudo preto, um palquinho bem apertadinho, onde o poeta falava e tinha uma luz, que não era uma luz normal. Era uma lanterna que iluminava o poeta e eu achava isso o máximo, cheguei a ter muitos sonhos com essa lanterninha. Era uma lanterninha iluminando a cabeça do poeta assim, e as pessoas vendo ele falando e as velas nas mesas. (Entrevista realizada em 22/08/2015).

Esse contato mágico com a poesia, consequentemente com a leitura e com a escrita, fizeram com que, ainda na fase de alfabetização, Pedro Lucas, fosse “encantado” pelos poetas e pela esfera do sarau.

> Aprendi a ler no Sarau, realmente... [a aprendizagem] foi encantada pela poesia, pela literatura, totalmente. O interesse que me deu foi ter a capacidade de ter esse poder, de falar a poesia, de se comunicar. E daí foi esse interesse que me deu, até de tentar escrever, mas eu nunca fui muito íntimo com a escrita. Eu to me redescobrindo agora como escritor. Mas por muito tempo eu só gostava de ler, eu sempre fui muito sensível, sabe? Então assim que eu tive esse jogo de declamar poesia de outros autores porque eu sempre me colocava na poesia, ou a poesia se colocava em mim. (Pedro Lucas. Entrevista em 22/08/2015).

Uma óptica diferente de análise do sarau é o processo de alfabetização e o amadurecimento das crianças que acompanham as atividades, devido à maneira “poética” em expor o conteúdo, ocorre o constante desenvolvimento

de senso crítico, da diversificação de conteúdo e a transição para o mundo adulto.

Em relação à aprendizagem com o sarau, Pedro, avalia:

> Nossa, eu não tinha muita noção, na real. Eu era um moleque bem sem noção assim, mas eu sempre gostei muito de ter esse contato com pessoas que escreviam, né? Que tinham esse trabalho com a literatura, também me deu muita consciência. Uma parada que eu tava discutindo com parceiro Luan Luando, a pouco tempo, a gente tava até indo pra balada. Foi que a gente que cresceu na poesia – porque o Luan também chegou na poesia bem garotinho, bem molecão. A gente que cresceu nesse meio, [e a poesia] deu muito fundamento pra gente. Não só de literatura, de se portar num local público que tem muita gente, que você vai falar no microfone, que você é visto. Mas como pessoa também, de você trocar uma ideia, de você aprender a ouvir, aprender a falar. Então deu muito fundamento nessa questão, e esse contato com a poesia foi me transformando nisso assim. Eu sempre fui um moleque muito maduro pra minha idade, tá ligado. E essa maturidade veio muito da poesia. Veio muito porque eu parava pra ler e não tinha criança no sarau também, então ficava trocando ideia com a galera. Sempre fui um moleque de ouvido muito em pé; às vezes eu não podia entrar na conversa, mas eu ficava ali. (Entrevista em 22/08/2015).

Não existem, por enquanto, trabalhos que discorrem sobre a aprendizagem das crianças que frequentam o sarau, todavia em conversas informais constantemente as mesmas quando indagadas sobre as formas de se aprender no sarau, respondem que não conseguem visualizar que a escola poderia ser diferente, com outros conteúdos e maneiras legais de se aprender, no caso do Pedro Lucas, por ter agora 19 anos, consegue perceber a disparidade entre os dois “universos”, através dos ensinamentos com a poesia, e pontua:

> Essa situação foi que eu pegava poema do Gaspar, Periafricania, que eu já declamo faz um tempo já, mais de dez anos declamando essa poesia. E a primeira vez que eu vi o Gaspar declamando com aquela força, de entender o que ele ta falando e: “nossa ele tá falando de mim, ele tá falando de gente preta, ele tá falando de um negro ali, ele tá falando de um povo negro que luta, que sofreu, que luta até hoje, que se reconhece, que se assume”, sabe? E nesse tempo não tinha tanto essa consciência, mas o sentimento. A consciência nem tanto, mas o sentimento tinha. De tá sendo, quando ele falava Quiloas, Bantos, Monjolos, Cabinda, Mina, Angola, Brasil. Eu falei meu, “é meu povo sabe, minha ascendência, minha herança”. E aí também depois do período Periafricania foi que eu comecei a me interessar por história na escola. Que aí eu comecei a me interessas pela língua portuguesa, pela poesia... mas a parada de eu ter começado a gostar de outras coisas, principalmente da história e da geografia, foi quando eu ouvi o Periafricania e Navio Negreiro. Que daí conta a história do povo negro no Brasil, que até hoje nos nossos livros didáticos não é contada. E eu sempre, desde moleque, tinha essa

> questão: “Professor, por que a gente não fala da escravidão?” Desde as aulas de história da segunda série, a professora: “não, você vai estudar isso aí lá na frente”. E meu, isso daí foi até o primeiro ano da escola, “você vai estudar isso aí lá na frente, você vai estudar isso aí lá na frente”, e aí cara, “eu vou ter que fazer faculdade sobre a minha história?”. Porque esse lá na frente já passou da hora esse foi um dos questionamentos que me fizeram sair da escola, sabe. Que eu vi que não tava no lugar certo e eu precisava de outras fontes de aprendizado. (Entrevista em 22/08/2015).

Pedro Lucas, assim como outras pessoas do Sarau do Binho são conscientes e questionadoras dos seus direitos, sejam eles ligados ao aprendizado, ou mesmo, enquanto cidadão, demonstrando a importância da prática do sarau como formação política cultural, inclusive sobre questionamento das mazelas da periferia:

> A visão de periferia que o Sarau do Binho me deu foi que a periferia é um lugar muito abandonado, muito invisibilizado, um lugar não querido, mas que é maravilhoso que tem muita gente boa, muita gente inteligente, intelectual, gente poderosa dentro desse lugar. Que tá trabalhando pra evolução dele, e eu, graças a deus, posso dizer que sou uma delas. E que tá trabalhando pra essa ascensão, mas a gente não quer ascensão de estar na globo. A gente só quer saber que somos uma força que não tá largada, sabe? Que a gente se conhece como negro. Seja Sul, norte, leste, oeste, é da periferia? É um povo único, um povo brasileiro que tem poder pra falar por si. Que não tão mais aí pra político, que leva enquadro todo dia, mas a gente tem o poder da arte, e a arte dá essa noção do que tá acontecendo, não deixa a gente desarmado. Então se vier um policial agredir você, como já veio. E eu não pude fazer nada, eu nem vi de onde veio na real. Hoje em dia a gente pode falar assim: “como assim senhor, por que você tá me batendo? O que eu fiz pra você? Vamos trocar ideia como gente, porque eu não sou um bicho. Não mereço apanhar pela minha cor, pelo meu cabelo. Calma aí, você tá com a sua farda? Você é autoridade? Eu respeito você como autoridade, você me respeite como ser humano, cidadão”. Sarau do Binho deu esse empoderamento, não só pra mim, mas pra muito moleque aí. Me deu oportunidade de pregar tudo isso também. (Entrevista em 22/08/2015).

O sarau a partir dos seus depoimento, assim como de outros, é tido como “empoderador” daqueles que o frequentam, verdadeiras aulas de história, geografia, biologia, saúde, dentre outros, exemplificando as potencialidades no público que acompanha as suas atividades, ao mesmo tempo, fazendo com que os mesmos sejam também estudiosos e professores, ao mesmo tempo, passo que procuram as informações, estudam e as transmitem em seus discursos.

Participar das intervenções do Sarau do Binho fez com que Pedro "descobrisse" os caminhos que gostaria de seguir:

> Começa o Sarau do Binho na biblioteca, nas escolas públicas. A galera chamava a gente pra fazer e, bora. No começo ligavam, não tinha cachê – o Binho ligava, a gente colava. Aí de repente, um belo dia, a Susi me chega com uma nota de 50 reais na mão. Aí eu falo: "o que que é isso Susi?", – "É do Sarau, vocês participaram" – "Ah, como assim? Eu vou ganhar dinheiro falando poesia, com essa galera da hora? Conhecendo uma par de gente?" Nossa poder cara, daí também tem esse descobrimento. Começa a rolar outras apresentações com o Candearte, porque eu sempre fui uma pessoa que eu nunca fui muito [sic] papa dinheiro. Não sei se é porque eu tenho uma mãe que me sustenta, por enquanto. Aí comecei a ganhar dinheiro, a trabalhar, a ter um ofício. Daí eu falei meu, eu sou músico. A grana começou a me animar, porque daí eu tenho grana pra dar rolê, eu tenho grana pra comprar um tênis – por mais que seja pouco, você vai juntando aqui, ali, aqui; você tem uma grana pra se locomover, pra pegar condução... então também me deu esse sentimento de ser acolhido, esse sentimento de acolhimento de ter outras pessoas que gostam de você, de você gostar de outras pessoas. (Entrevista em 22/08/2015).

Ao ganhar projetos para realização de saraus, ou outras intervenções, estabelecendo também uma relação de remuneração com os poetas, o coletivo possibilita, para jovens como o Pedro, vislumbrar horizontes no mundo artístico, até então não pensado por eles, viver de sua arte, com pessoas que gosta, fazendo atividades legais na periferia e receber para isso é o caminho provável para aqueles que estão com as ações do coletivo, seja recitando, tocando ou simplesmente auxiliando.

Atualmente Pedro Lucas tem 11 anos que acompanha saraus é integrante do grupo Candeart e do grupo "Tropeiros da Arte", extensão do Candeart, no qual seus integrantes pesquisam ritmos de samba de coco, bumba meu boi e o Jongo, através de subsídios do VAI I em 2014 e no ano de 2015 com o VAI II.

5. A festa da palavra na arte do encontro... para além dos Saraus

Fazer reflexões a partir da interação com o coletivo do Sarau do Binho ao longo desses três anos de pesquisa é ao mesmo tempo fazer uma análise de uma série de “fios” invisíveis que constituem uma rede de relações não necessariamente a partir dos saraus da cidade de São Paulo, mas através de movimentos culturais, políticos, sociais, indígenas, dentre outros, que se fortalecem e são alimentados pela prática do sarau. Todavia, a título de apontamentos para o encerramento deste trabalho, a sua utilidade e a sistematização de particularidades do Sarau do Binho, abordaremos suas relevâncias averiguadas pela “leitura” geográfica.

Estudos importantes sobre o processo de metropolização de São Paulo, dentre eles Lemos (1980) e Langenbuch (1971), destacam o adensamento populacional e a complexização das relações econômicas e sociais no espaço urbano paulistano, assim como a multiplicação das periferias, tanto no município de São Paulo quanto nos municípios vizinhos.

Não é diferente entender o processo de saraus na cidade de São Paulo, principalmente em suas “periferias”, como fruto do aprofundamento das relações cotidianas, nas quais a falta de aparatos públicos nas “bordas” da cidade fez com que, não só na atualidade, mas desde o crescente adensamento apontado por tais estudos, a partir da década de 1960, 1970 e, principalmente nos anos 1980, resultassem nas lutas por moradia, escolas, creches, transporte, lazer, cultura, dentre outros.

O movimento vivenciado recentemente pelo crescimento do número de saraus na cidade, em particular na zona sul, é fruto direto dessas lutas por melhores condições de vida das décadas anteriores, em especial dos anos 1990, período que compreende a gestão de Luíza Erundina (1989 a 1993 pelo PT), no qual ações significativas, dentre as quais, construção de COHAB, melhorias viárias, canalização de córregos, escolas e centros poliesportivos, foram as conquistas de tais movimentos.

Binho, Sérgio Vaz, Marcos Pezão, dentre outros são resultados diretos desse período, no qual, nos anos 90, lutavam por cultura na região de maneira diferente, organizando shows, publicando, ou fotografando, eram coadjuvantes de uma geração que pensava em transformar a região do Campo Limpo, Capão Redondo e Taboão da Serra, conheciam muitas pessoas, faziam "articulações", mesmo que não sistematizadas ou conscientes, mas que surtiam efeitos diretos no público, pessoas que contribuíram para a formação de público, de criticidade, ao inovar com proposta de escrever para "nós", escrever sobre "nós", fotografar as várzeas, narrar os jogos, reunir artistas, exaltar a palavra, pensar que todo ser humano tem direito de ser "poeta" e que tem capacidade de se expressar pela arte, sendo o seu resultado digno de contemplação por outros.

O sarau é tão importante quanto qualquer outro movimento, não existe possibilidade de entendê-lo fora da análise da rede de relações estabelecida por seus participantes nos anos 90 e nos anos 2000, essas relações que foram responsáveis, verdadeira base sólida, para o movimento dos saraus assim como são hoje, oferecendo uma particularidade específica dos saraus e uma base marcante do coletivo do Sarau do Binho.

Seja nos acampamentos do MTST (Movimento dos Trabalhadores sem Teto), no Luta Popular[214], nas aldeias indígenas, na luta por cultura, ou nas formações existentes de maneira formal ou informal, houve significativas contribuições para amadurecimento de cada integrante em destacar o quanto a arte é importante tanto para entretenimento quanto para as reflexões possíveis de atuação no cotidiano.

Movimentos de organização como a UTT[215] (União Teatral de Taboão), essenciais para o surgimento de artistas e de grupos de teatros por espalharem a ideia da importância do sarau enquanto arte engajada, deixando pessoas formadas e comprometidas com a arte no local onde moram, ou mesmo a

[214] Movimento iniciado por integrantes do Sarau do Binho.

[215] Desde 1997 foi responsável pelo encontro e por demonstrar a importância da arte para Luan Luando, Naloana Lima, Naruna Costa, João, Mara Esteves, Marcos Miranda através das oficinas de Marcos Pezão, todos envolvidos atualmente com a profissionalização do teatro, dos engajamentos políticos a partir da arte, por auxiliarem a fundar saraus, a produzirem e a se comprometerem com "arte", com a poesia e a leitura todos os dias de suas vidas. Sua extinção ocorreu em 2005.

própria Rede São Luís[216], uma da primeiras formas de organização social e cultural da região estudada, responsável por pensar formas de diálogo e gestão da rede autônoma de atuação no território, são fundamentos para o crescimento de saraus.

Apontar as contribuições do Sarau do Binho é também destacar as ações da família Padial como um todo, seja com as "aspirações" cinematográfica do pai do Binho, o Mestiço, que já nos anos de 1960 empreendia esforços para a empresa cinematográfica Caiobá, seja com as ações da Diane Padial articulando os movimentos culturais, ou ainda com as "loucuras" do Binho nas ruas do Campo Limpo Cada uma destas ações representa verdadeiras manifestações culturais "autônomas", propositivas e exemplos para todos os coletivos.

O Binho com essas influências conjuntamente com a autonomia por ter viajado por alguns países da Europa e em Israel, no Oriente Médio, teve "elementos" importantes para os seus empreendimentos, seja na "Noite da Vela", no BBinho, ou na itinerância do Sarau do Binho, em todos ao lado de sua companheira Suzi Soares, conseguiu delinear sua trajetória através da "arte" do encontro.

No Bar "Las Tetas", desde 1993 até 2003, foi conquistado o seu reconhecimento enquanto organizador de shows de reggae, de viagens, de ações como a *postura*, pinturas "colaborativas", *postesia* poesia em postes espalhadas pela cidade, assim como da própria "Noite da Vela", onde "artistas" do cotidiano tiveram a oportunidade de recitar poesia, conversar sobre música e arte.

Reunir 150 pessoas na região para viajar e fazer show na praia ou 600 pessoas em dia de domingo para ouvir reggae são motivos de sobra para destacar-se para bandas pequenas, ou simplesmente como ponto de encontro e alternativa de lazer, com essas ações que Binho ganha aspectos de

[216] Rede formada no começo dos anos 2000, pelo SENAC, na qual era o princípio de solução dos problemas da região, a partir da troca de experiências por instituições, movimentos sociais, ou qualquer pessoas que quisessem contribuir com propostas de melhoria. Um dos grandes nomes dessa rede foi a Diane Padial, irmã do Binho, pioneira na articulação entre os coletivos "culturais". Fruto dessa rede é a ocupação do Sacolão das Artes, o qual é autogerido por vários coletivos artísticos da região desde 2007 até os dias atuais.

"gestor[217]" cultural e aquele que tem o bar "alternativo" durante 10 anos no Campo Limpo, sendo ponto de encontro, de reuniões, de saber o que acontecia de novo com os artistas locais, já que naquela época a divulgação dos trabalhos era feita somente pelos próprios artistas, frente a frente com o seu público, e o bar cumpria a função de divulgação dos trabalhos.

Na segunda fase analisada, de 2004 a 2012, no BBinho, onde nasceu a nomenclatura "Sarau do Binho", o Binho já carregava a fama de "organizador" de grandes eventos do bar anterior, todavia, neste empreendimento, a ideia de Sarau é propagada e não mais as viagens, os shows, ou as outras ações, o principal fator de conhecimento do "novo" bar passa ser a poesia.

Neste período, com o sarau sendo organizado semanalmente, a popularidade conquistada no antigo bar foi transmitia a este, o que fez com que o público que frequentava o antigo, ao lado da EE Presidente Kennedy, gradativamente migrasse para o ao lado da METAFIL[218], no BBinho.

Com a rotatividade semanal aumentada e a localização privilegiada devido à proximidade da Estrada do Campo Limpo e a conexão com o Município de Taboão da Serra, o BBinho agrega um público diferenciado, estudantes, universitários, poetas de outras regiões da cidade, que de alguma maneira começam a saber da existência de um sarau em um bar.

Este momento foi fundamental para que o Binho e as suas atividades ficassem conhecidos para além da região do Campo Limpo, já que, tanto o desenvolvimento da literatura marginal e o crescente número de poetas e poetizas quanto a multiplicação do número de saraus constituíram uma rede complexa de trocas que uniram interesse da mídia em divulgar quem eram os escritores periféricos, isso somado ao estímulo de novos escritores, à possibilidade de venda de livros e CDs próprios e ao espaço do bar como ponto de encontro de artistas, admiradores e ativistas culturais e sociais, resultando no espaço do bar como um "palco" de contestações sociais.

[217] Este nome é atualmente usado por aqueles que organizam atividades do gênero, todavia o Binho nunca o utilizou, colocamos por fazer essa analogia com a atualidade.
[218] Antiga fábrica existente onde hoje é a Universidade Anhanguera.

Nesta época, dentre outras atividades, a que merece destaque como relevante para a solidificação do Sarau do Binho é as viagens da “Expedicíon Donde Miras”. Mesmo que a ideia inicial de dar a volta pela América Latina não tenha sido atingida, as iniciativas foram de fundamental importância por suas “caminhadas” durarem em torno de um mês, período no qual todos os integrantes caminharam, conversaram, fizeram saraus, dançaram por muitas cidades, pessoas da periferia de São Paulo que tiveram sua primeira oportunidade de viajar para fora da cidade, ou de passar um tempo fora de casa pela “arte”, experimentaram, a título de comparação, a arte do teatro mambembe para “pregar” a poesia pelo caminho.

A Expedición Donde Miras foi responsável por dar unidade ao grupo, na incipiente formação dos saraus por São Paulo, e foi nela onde nasceu a vontade e a visualização da possibilidade de viver da arte, em várias pessoas, assim como a iniciativa de “fundar” saraus pela cidade.

Passar oito[219] anos com atividades semanais e com experiências intensas como a Expedición Donde Miras, estabeleceu o contato direto com uma rede de relações dos movimentos culturais da região e com as pessoas ligadas às artes “periféricas”, fazendo com que ou fossem do Sarau do Binho ou conhecessem alguém que ia ou alguma vez tinha ido ao sarau, momento que proporcionou muitos resultados, desde projetos aprovados pelo VAI[220], ponto de cultura, publicações, protestos, organização de movimentos, dentre outros.

Ter o BBinho fechado em 2012 fez com que a Suzi e o Binho fossem “libertados” do compromisso diário de 19 anos de abrir e fechar o bar, ter que lidar com contas, fornecedores, clientes, “fiado”, e pudessem dedicar-se somente às atividades do sarau, palestras, viagens, feira de livros, debates, etc.

Outro fator importante é a mudança do Sarau do Binho para o Espaço Clariô de Teatro, em um teatro, cenário que compõe uma relação diferente

[219] Nos anos de 2005 e 2006, Binho abriu outro bar, chamado Mestiço, somente para organizar “forrós” e shows de reggae, por causa do receio de arrumar confusão com os vizinhos devido ao número de pessoas.
[220] O VAI foi iniciado a partir de 2004.

daquela estabelecida com o bar, das mesas e cadeiras, das conversas, assim os artistas passam a ter o aperfeiçoamento artístico como meta, grupos de teatro são formados, as pessoas são “levadas” a melhorarem as suas apresentações, outros grupos da cidade estabelecem vínculos de apresentações.

A periodicidade a partir de 2012/2013, com o fechamento do BBinho, passa a ser de uma vez ao mês, diferente do sarau semanal, no qual constantemente as pessoas tinham que ficar “ligadas” às atividades, pois, independente dos seus afazeres pessoais, o sarau continuaria. Todavia, quando o sarau passa a ser organizado fora do bar e a ser mensal, possibilita que os integrantes do coletivo participem de outras atividades ligadas à cultura periférica, seja em formação, através de oficinas, de apresentação nas intervenções do Sarau do Binho, ou em outros saraus, ações em outros coletivos, ou mesmo fazendo articulações entre os coletivos, aumentando o número de possibilidades e resultados dessa rede.

Fora do bar, o Sarau do Binho intensifica uma série de relações que amadurecem o coletivo no sentido de formação, pois neste período a participação em palestras, debates, reuniões, ou mesmo nas articulações para a obtenção de projetos fossem “saídas” para a sobrevivência do coletivo e ao mesmo tempo sua projeção como um todo, possibilitando a sobrevivência e a divulgação de artistas que contribuem com as atividades do coletivo.

A obtenção de projetos seja na Brechoteca ou nos conquistados pelo coletivo, somada às estratégias dos seus anfitriões, Suzi e Binho, propiciou aos seus integrantes maneiras de sobrevivência e divulgação do seu trabalho, seja através da remuneração pelas apresentações, pelas viagens ou na articulação para a publicação dos seus trabalhos, o fortalecimento da rede, a troca de experiências, o amadurecimento, ou com a profissionalização do coletivo, de uma maneira geral, para adentrar em editais.

Os anos de 2014 e 2015 foram de extrema valia para o movimento cultural periférico no geral, em especial ao coletivo do Sarau do Binho, devido tanto à viagem para a argentina, que, de 100 artistas levados à feira, 1/3 era do

coletivo, assim como da FELIZS 2015, enquanto horizonte de articulações e possibilidades de atuação.

Vislumbrar boa parte de um coletivo trocando experiência em solo argentino, efetivando o "sonho" latino-americano de integração dentro da experiência do sarau, fortaleceu não só os integrantes do Sarau do Binho, mas todos os representantes de outros coletivos que tiveram a oportunidade de realizar a viagem, levando os mesmos a buscarem a profissionalização dos seus trabalhos e a sobrevivência pela arte como meta.

As ações realizadas pelo coletivo na 1ª Feira Literária da Zona Sul, a FELIZ, demonstraram para toda a cidade de São Paulo, principalmente para aqueles que participam e estão envolvidos com as manifestações culturais, reflexões através de uma abertura e indicação de possibilidades de atuação no território, colocando no mesmo nível de responsabilidade o poder público, escolas, articuladores, poetas, todos os agentes envolvidos no território como maneira de transformação e de luta por novas formas de atuação.

Tivemos a oportunidade de conversar com alunos que se "encantaram" com o sarau, com os artistas e com a maneira de aprender, tais alunos seguem os integrante do coletivo nas redes sociais, compartilham seus trabalhos, suas poesias, os colocam como admiradores e passaram a se interessarem por essa poesia engajada, tanto na escrita como na leitura.

As entrevistas formais e informais possibilitaram trilhar um caminho na pesquisa que fosse "comum" ao entendimento dos integrantes do sarau e ao mesmo tempo que proporcionasse uma linha de interpretação da abrangência do movimento de saraus e as particularidades do Sarau do Binho, fazendo com que esta pesquisa permeasse, de maneira natural, a construção do sarau e destacasse suas potencialidades enquanto movimento político-cultural, em todas as frentes, seja gênero, da raça/cor[221], opção sexual ou orientação política.

Todavia esta pesquisa não acaba, muito menos o coletivo do Sarau do Binho, apreendido por este trabalho como palco de manifestações artísticas,

[221] No sentido sociológico.

culturais, políticas, de grandiosa contribuição para a região do Campo Limpo, Capão Redondo e Taboão da Serra para o movimento de saraus da cidade, da cultura periférica, abrindo caminhos por meio da ***arte do encontro na festa da palavra.***

Referências

ALBAGLI, Sarita. Território e territorialidade. In: BRAGA, Christiano; LAGES, Vinícius (org.). **Território em movimento:** cultura e identidade como estratégia de inserção competitiva. Rio de Janeiro: Relume Dumará/ Brasília, DF: SEBRAE, 2004, p. 24-70.

ALMEIDA, Renato Souza de. **Juventude e participação**: novas formas de atuação juvenil na cidade de São Paulo. PUC, 2009. Dissertação de mestrado em sociologia.

ALMEIDA, Renato Souza de.**Juventude, direito à cidade e cidadania cultural na periferia de São Paulo**. *Rev. Inst. Estud. Bras.* [online]. 2013, n.56, pp. 151-172. ISSN 0020-3874. http://dx.doi.org/10.11606/issn.2316-901X.v0i56p151-172.

ANDRADE, Elaine Nunes de (org.). **Rap e educação, RAP é educação**. São Paulo: ED. Summus, 1999.

ARAÚJO, Rafael; Branco, P. A. T. **A polêmica sobre a violência em Cidade de Deus e Tropa de Elite**. Revista Aurora (PUC, NEAMP), n.5, Maio/2009. p. 59-75. [on-line] Acesso em 21/01/2014.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Repensando a Pesquisa Participante**. São Paulo: Brasiliense, 1999.

CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. **Cidade de muros:** crime, segregação e cidadania em São Paulo. São Paulo: Edusp/Editora 34, 2000, p.257 -329.

CAMPOS, Andrelino. **Do quilombo à favela:** a produção do "espaço criminalizado" no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005. 208 p.

CARLOS, A. F. A. Espaço - tempo na metrópole Editora Contexto, São Paulo, 2001

_____. **O Lugar no/do Mundo**. São Paulo: HUCITEC, 1996.

_____. **A cidade**. São Paulo: Contexto, 1992.

CARRIL, Lourdes de Fátima Bezerra. **Quilombo, favela e periferia:** a longa busca da cidadania. Tese (Doutorado em Geografia Humana). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003.

CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade**. Trad. Klauss Brandini Gerhardt. 2.ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000 (A Era da Informação: economia, sociedade e cultura).

CASTELLS, Manuel. **A centralidade urbana**. In: A questão urbana. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983, p. 271-284. (Coleção Pensamento Crítico).

CASTRO, Iná Elias de. **Geografia:** Conceitos e Temas. 3. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

CASTRO, Franklin Solan; SALAS, Minor Mora. Segregacion urbana: um acercamiento

conceptual. **Revista de Ciências Sociales**. Universidade de Costa Rica, n° 61, 1993, p. 17- 26.

CLAVAL, Paul. As Abordagens da Geografia Cultural. In: CASTRO, Iná; CORRÊA, Roberto Lobato; GOMES, Paulo C. (Orgs.) **Explorações Geográficas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (Orgs.). **Introdução à geografia cultural**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003. 224 p.

COSGROVE, Denis. E. **Em direção a uma geografia cultural radical**: problema da teoria. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (Orgs.). Introdução à geografia cultural**.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003, p. 103-134.

DAMIANI. A. L. **Espaço e Geografia:** Observações de Método - Elementos da obra de Henri Lefebvre e a Geografia; - Ensaio sobre Geografia Urbana a partir da Metrópole de São Paulo. Livre-docência. Universidade de São Paulo, 2008.

D'ANDREA, Tiaraju Pablo. **A formação dos sujeitos periféricos**: cultura e política na periferia de Säo Paulo. Tese de doutorado, FFLCH-USP, 2013

FERRÉZ. **Capão Pecado**. São Paulo: Labortexto Editorial, 2000.

HAESBAERT, Rogério. **Des-territorialização e Identidade**: a rede "gaúcha" no Nordeste. Niterói: EdUFF, 1997.

_____. **O mito da desterritorialização**: do "fim dos territórios" à multi-territorialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. 2004.

_____. Da Desterritorialização à Multiterritorialidade. In: **Encontro de Geógrafos da América Latina**, X, 2005, São Paulo. **Anais.** USP. p. 6774-6792.

HALL, Stuart. **Quem precisa de identidade?.** In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2003.

HARVEY, David. ***Condição Pós-Moderna*** : uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural . 4 ed. São Paulo: Loyola, 1992.

HOLLANDA, Heloísa B. (org.) **26 poetas hoje.** 6 edição. Rio de janeiro: Aeroplano Editora, 2007.

LANGENBUCH, Juergen Richard. **A estruturação da Grande São Paulo:** estudo de geografia urbana. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Geografia, Departamento de Documentação e Divulgação Geográfica e Cartográfica, 1971.

LEMOS, A. I. G. **A Pesquisa Participante Em Geografia Humana:** O Exemplo de Sao Paulo.. Revista Orientação do Departamento de Geografia da Usp, São Paulo, v. 9, p. 33-36, 1992.

LEMOS, A. I. G. **Cotia e Sua Participação no Conjunto da Faixa Periférica da Metrópole Paulistana**, Mestrado em Geografia (Geografia Humana). Universidade de São Paulo. 1980

LEMOS, A. I. G **Exemplo de processo de metropolização recente na periferia da Grande São Paulo**: Município de Itaquaquecetuba, Doutorado em Geografia (Geografia Humana). Universidade de São Paulo. 1972.

MAGRO, Viviane Melo de Mendonça. **Adolescentes como autores de si próprios**: cotidiano, educação e o hip hop. *Cad. CEDES* [online]. 2002, vol.22, n.57, pp. 63-75. ISSN 0101-3262. Acesso em 20/12/2013.

MARTINS, José de Souza. **Subúrbio**: vida cotidiana e história no subúrbio da cidade de São Paulo, São Caetano do fim do Império ao fim da República velha. São Paulo: Hucitec/ Prefeitura de São Caetano do Sul, 1992.

_____. "Depoimento". **Espaço e Debates**, nº. 42, 2001, p. 73-84.

Monteiro 2002

MORAES, Antonio C. R.. ***Ideologias geográficas***. São Paulo: Hucitec, 1996.

NASCIMENTO, Érica Peçanha do. **É tudo nosso! Produção cultural na periferia paulistana**. 2011. Tese (Doutorado em Antropologia Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

NASCIMENTO, Érica Peçanha do. **'Literatura marginal'**: os escritores da periferia entram em cena. 2006. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

OLIVEIRA, Edílson Luís de. **Projeto Interlagos – "a praia" que faltava a São Paulo:** contradições e significado da inserção de Santo Amaro/Zona Sul na formação sócio-espacial Metropolitana. Dissertação (Mestrado em Geografia Humana). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas - Universidade de São Paulo, São Paulo, 1996.

PATARRA, Ivo. **O governo Luiza Erundina :** cronologia de quatro anos de administração do PT na Cidade de São Paulo, de 1989 a 1992. São Paulo, SP, Brasil : Geração Editorial, 1996.

PIMENTEL, Spency K. **O livro vermelho do HIP-HOP.** São Paulo, 1997. Trabalho de Graduação em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo, ECA/USP.

RAFFESTIN, Claude. **Por uma Geografia do Poder**. São Paulo: Ática, 1993.

REYES, Alejandro. **Vozes dos porões**: a literatura periférica/marginal do Brasil. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2013.

ROLNIK, Raquel. **A cidade e a lei:** legislação, política urbana e territórios na cidade de São Paulo. 3. ed. São Paulo: Studio Nobel/ FAPESP, 2003 (Coleção Cidade Aberta).

SANTOS, Jair Ferreira dos. ***O que é pós-moderno.*** *São Paulo:* Ed. Brasiliense, 1986.

SANTOS, Milton. **A natureza do Espaço**: Técnica e Tempo, Razão e Emoção. 4ª ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

SCARLATO, Francisco Capuano. **Indústria automobilística no capitalismo brasileiro e suas articulações com o crescimento espacial na metrópole paulistana**. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas - Universidade de São Paulo, 1981.

SEABRA, Odette C. L. **São Paulo**: a cidade, os bairros e a periferia. In: CARLOS, Ana Fani Alessandri; OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de (Org.). As Geografias de São Paulo**:** a metrópole do século XXI. São Paulo: Editora Contexto, 2004, p. 271- 291.

_____. **Urbanização e Fragmentação:** Cotidiano e vida de bairro na metamorfose da cidade em metrópole, a partir das transformações do Bairro do Limão. Tese (Livre Docência). FFLCH/USP, 2003 21

_____.**Meandros dos Rios nos Meandros do Poder Tietê e Pinheiros:** Valorização dos Rios e das Várzeas na Cidade de São Paulo. Tese (Doutorado). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas - Universidade de São Paulo, 1987.

SILVA, Rodrigo Lages e & Silva, Rosana Neves da. **Paradigma preventivo e lógica identitária nas abordagens sobre o HIP-HOP**. Fractal Revista de Psicologia, v. 20 – n. 1, p. 135-148, Jan./Jun. 2008.

SILVA, Simone. As **rodas literárias nas décadas de 1920-30**: troca e reciprocidade no mundo do livro. Dissertação em Antropologia Social. Museu Nacional. UFRJ.

SIMOES BORELLI, Silvia Helena; ABOBOREIRA, Ariane. Teorias/metodologias: trajetos de investigação com coletivos juvenis em São Paulo/Brasil. **Rev.latinoam.cienc.soc.niñez juv**, Manizales, v. 9, n. 1, Jan.

2011. . Available from <http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1692-715X2011000100009&lng=en&nrm=iso>. access on 19 Mar. 2014.

SEABRA, Odette C. L. **Meandros dos Rios nos Meandros do Poder Tietê e Pinheiros:** Valorização dos Rios e das Várzeas na Cidade de São Paulo. Tese (Doutorado). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas - Universidade de São Paulo, 1987.

_____. **São Paulo**: a cidade, os bairros e a periferia. In: CARLOS, Ana Fani Alessandri; OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de (Org.). As Geografias de São Paulo**:** a metrópole do século XXI. São Paulo: Editora Contexto, 2004, p. 271- v. 1. 400 p.

SOUZA Maria Adélia Aparecida de. **A identidade da metrópole:** a verticalização em São Paulo. São Paulo: Editora Hucitec: Editora da Universidade de São Paulo, 1994.

SOUZA, Marcelo Lopes de. **O que faz de uma cidade uma cidade**? In:_____. ABC do desenvolvimento urbano. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003, p. 23-47.

SPOSATI, A. **Mapa da exclusão/inclusão social da cidade de São Paulo.** São Paulo: Educ, 1996.

_____. (org.). **Mapa da exclusão-inclusão social da cidade de São Paulo**. Dinâmica social dos anos 90. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo/Polis/Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais, 2000.

SPOSITO, Maria Encarnação B. Reflexões sobre a natureza da segregação espacial nas cidades contemporâneas. **Revista de Geografia**, Dourados, n° 4, 1996, p. 71-86.

TENNINA, Lucía (2011). **¡Cuidado con los poetas!** Una etnografía sobre el mundo de la literatura marginal de la Ciudad de São Paulo. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Instituto de Altos Estudios Sociales, Universidad Nacional de San Martín, Buenos Aires.

VILLAÇA, Flávio. A segregação urbana. In: _____. **Espaço intra-urbano no Brasil.** São Paulo: Studio Nobel, 2001, p. 141 - 156.

WILLIANS, Raymond. **Marxismo e literatura**. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

WILLIANS, Raymond. **Cultura e sociedade**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1ª Edição, 1969.

WOODWRAD, Kathryn. **Identidade e diferença**: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). Identidade e diferença**:** A perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2003.

ZENHA. Edmundo. **A Vila de Santo Amaro**. São Paulo: Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, 1977.